

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A PROVA “ERA UMA VEZ...” — NOVOS DESENVOLVIMENTOS**

**Raíssa Marcelino dos Santos**

**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA**

**Especialidade de Psicologia Clínica**

2013

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A PROVA “ERA UMA VEZ...” — NOVOS DESENVOLVIMENTOS**

**Raíssa Marcelino dos Santos**

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Teresa Fagulha, especialmente elaborada para  
a obtenção do grau de doutor em Psicologia Clínica

2013

Esta dissertação foi financiada com uma bolsa de formação individual pela Fundação para a Ciência e Tecnologia FCT-MEC (SFRH/BD/43557/2008).



Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Nota: esta tese não foi escrita segundo as regras do novo acordo ortográfico.

*Este trabalho é dedicado ao meu filho,  
que cresceu dentro de mim ao mesmo  
tempo que esta tese ia crescendo cá fora.  
“Era uma vez um menino chamado  
Marwan...”*

## AGRADECIMENTOS

*À Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Fagulha por ter acreditado desde o primeiro minuto neste estudo, partilhando o seu saber e exemplo. Pela sua amizade e disponibilidade constantes, sempre a par da exigência que me permitiu ir sempre mais além. Pela paciência e generosidade sempre demonstradas, mesmo nos momentos de desânimo e insegurança.*

*Ao Prof. Doutor Bruno Gonçalves pelo estímulo e colaboração constantes, pela partilha dos seus diversos saberes, pela ajuda valiosa e contributo inestimável.*

*À Prof.<sup>a</sup> Doutora Eugénia Duarte Silva e à Prof.<sup>a</sup> Doutora Rute Pires pela disponibilidade e contribuição ao longo de todo o processo de investigação.*

*Para a realização deste trabalho foi fundamental a colaboração de várias pessoas, às quais expresso a minha gratidão: Doutor José Pestana, pelo empenho e dedicação na elaboração dos desenhos; Fátima Tavares, pela ajuda na tradução e revisão do inglês; Gonçalo Valadas, por toda a disponibilidade e apoio relativamente às questões informáticas; Professora Doutora Sónia Quintão, pelo apoio no tratamento estatístico; Doutora Sónia Alves, pelo apoio no tratamento dos protocolos; Professora Ana Gralheiro, Professor Nuno Leitão, Educadora Dina Florêncio, Doutora Isabel Simões Beja, Doutora Sofia Santos e Doutora Helena Duarte, pela forma como me abriram as portas das escolas que dirigem para poder realizar as aplicações necessárias a este estudo; Doutora Dora Guerreiro de Pina e Doutora Patrícia Oliveira, colegas de profissão, por toda a disponibilidade que tiveram para me receberem nos colégios onde trabalham; restantes professores, que me receberam nas suas salas de aula e me ajudaram a concretizar este trabalho; todos os funcionários das escolas, sempre disponíveis; encarregados de educação, que autorizaram os seus educandos a participar neste estudo.*

*Um especial agradecimento às crianças que tornaram possível este trabalho e que com a sua alegria e sorrisos tornaram a tarefa morosa das aplicações sempre aliciante.*

*A todos os colegas que me encorajaram e apoiaram, interessando-se pelo meu trabalho e contribuindo aqui e ali com a sua disponibilidade e encorajamento, o meu obrigado. Um agradecimento especial ao Isaque Neves e à Ana Mónica Dias, colegas e amigos, que tantas vezes me ouviram e apoiaram, revelando especial interesse pelos meus avanços e partilhando comigo estes trilhos da psicologia.*

*A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes nestes últimos anos.*

*Um agradecimento final mas fundamental, aos meus pais, à minha tia e ao meu marido, que sempre apoiaram o meu percurso académico e profissional e me deram a base sólida e segura necessária para não desistir nos momentos menos fáceis e para acreditar sempre. Um agradecimento muito especial à minha mãe: és o meu suporte, o meu exemplo, e tens uma paciência infinita, que eu muito agradeço embora nem sempre o reconheça.*

RESUMO

*ABSTRACT*

A prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992) é uma situação projectiva que tem como objectivo descrever o modo como as crianças elaboram as emoções, especificamente a ansiedade e o prazer, estados afectivos fundamentais na estruturação da personalidade e na organização de processos mentais ao longo do desenvolvimento. A prova consta de sete Cartões-estímulo, com três Cenas desenhadas que representam situações ansiogéneas do dia-a-dia infantil (estar perdida, doente, testemunhar conflitos parentais, ter pesadelos, ter problemas na aprendizagem escolar) e situações prazerosas (passeio com a mãe encontrando pares, dia do aniversário). A presente investigação teve como primeiro objectivo o desenvolvimento da prova “Era uma vez...” no sentido de englobar novas temáticas que alarguem a compreensão do funcionamento emocional infantil, abrangendo aspectos relacionados com a relação fraterna, e com o confronto com normas parentais e sua interiorização. Teve-se, assim, como objectivo específico a criação de dois novos Cartões e respectivas Cenas, de modo a abranger estes aspectos. Da experiência clínica têm surgido hipóteses de alteração de algumas Cenas dos Cartões existentes, fundamentalmente o IV e o VI, as quais foram também incluídas nesta investigação. Finalmente, procedeu-se ao estudo da prova com as alterações introduzidas, numa metodologia semelhante à dos estudos iniciais. Com o objectivo de estudo da validade da prova, realizou-se ainda a adaptação e estudo do *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992), que avalia a relação fraterna do ponto de vista da criança, e do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995), que avalia a relação fraterna do ponto de vista dos pais.

Palavras-chave: avaliação psicológica da criança, provas temáticas, ansiedade, rivalidade fraterna, interiorização das normas.



"Once upon a time ..." (Fagulha, 1992) is a projective situation that aims to describe how children manage emotions, specifically anxiety and pleasure, which are fundamental affective states in the structuring of personality and in the organization of mental processes throughout the development. The test consists of seven Cards, with three drawn Scenes that represent situations from a child day-to-day: anxious situations (being lost, being sick, witnessing parental conflict, having nightmares, having difficulties in school) and pleasant situations (going to the beach and meeting other children and birthday). This research first objective was the development of "Once upon a time ..." in order to include new themes to expand the understanding of children's emotional functioning, covering aspects related to the fraternal relationship, and the confrontation and internalization of parental rules. It was therefore our specific purpose to create two new cards and their respective scenes, making possible the scope of these aspects. Clinical experience allows also the purpose of changing some Scenes in the existing Cards, fundamentally IV and VI, which has also been covered in this investigation. Finally, it was our goal to study the new "Once upon a time ..." using a methodology similar to the one used in the initial studies. In order to study the validity of the new "Once upon a time ...", we also proceeded to the adaptation and study of the Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992), which assesses the fraternal relationship from the child's point of view, and the Parental Perceptions and Expectations of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995), which assesses the fraternal relationship from the parents point of view.

Keywords: psychological evaluation of the child, thematic tests, anxiety, sibling rivalry, internalization of norms.



## ÍNDICE

RESUMO .....	2
ABSTRACT .....	3
ÍNDICE .....	5
ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS .....	11
INTRODUÇÃO .....	27
Capítulo I - <i>Enquadramento Teórico</i> .....	33
I.1. O Processo de Avaliação Psicológica da Criança.....	34
I.2. As Provas Projectivas na Avaliação Psicológica da Criança .....	38
I.3. A Prova “Era Uma Vez...” .....	48
I.3.1. Material da Prova na sua Forma Original.....	50
I.3.2. Procedimentos de Aplicação.....	55
I.3.3. Procedimentos de Interpretação.....	57
I.3.4. Estudos Realizados com a Prova “Era Uma Vez...” .....	61
I.4. As Temáticas dos Dois Novos Cartões criados no âmbito deste Trabalho .....	79
I.4.1. O Papel da Rivalidade Fraterna no Desenvolvimento Infantil .....	79
I.4.1.1. Principais Teorias acerca da Rivalidade Fraterna .....	79
I.4.1.2. A Rivalidade Fraterna e a Estrutura Familiar .....	90
I.4.1.3. Avaliação da Rivalidade Fraterna através das Provas Projectivas.....	105
I.4.2. Superego e Desenvolvimento Moral na Infância.....	106
I.4.2.1. Principais Teorias acerca do Desenvolvimento Moral.....	106
I.4.2.2. Avaliação do Desenvolvimento Moral.....	118
Capítulo II - <i>Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker &amp; McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)</i> .....	123
II.1. Adaptação e estudo do <i>Sibling Relationship Inventory – SRI</i> (Stocker & McHale, 1992) .....	124
II.1.1. O <i>Sibling Relationship Inventory – SRI</i> (Stocker & McHale, 1992).....	124
II.1.2. Adaptação e estudo da versão portuguesa do <i>Sibling Relationship Inventory – SRI</i> .....	125
II.1.2.1. Tradução e adaptação do <i>Sibling Relationship Inventory – SRI</i> .....	125
II.1.2.2. Estudo do Inventário de Relações Fraternas – IRF.....	125
II.1.2.2.1. Procedimento para recolha da amostra.....	126
II.1.2.2.2. Procedimento.....	127
II.1.2.2.3. Caracterização da amostra .....	128

II.1.2.2.4. Resultados .....	132
II.2. Adaptação e estudo da versão Portuguesa do <i>Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire</i> – PEPC-SRQ (Kramer, 1995).....	138
II.2.1. O <i>Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire</i> – PEPC-SRQ (Kramer, 1995).....	138
II.2.2. Adaptação e estudo da versão portuguesa do <i>Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire</i> – PEPC-SRQ (Kramer, 1995).....	142
II.2.2.1. Tradução e adaptação do <i>Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire</i> – PEPC-SRQ (Kramer, 1995).....	142
II.2.2.2. Estudo do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.....	142
II.2.2.2.1. Procedimento para recolha da amostra.....	142
II.2.2.2.2. Procedimento.....	143
II.2.2.2.3. Caracterização da Amostra .....	143
II.2.2.2.4. Resultados .....	145
II.3. Comparação dos resultados obtidos com o Inventário das Relações Fraternas e com o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos	169
Capítulo III - <i>Criação e estudo do novo material da prova “Era uma vez...”</i> .....	177
III.1. Criação do material dos dois novos Cartões.....	179
III.1.1. Cartão VIII — temática da interiorização das normas parentais.....	180
III.1.2. Cartão IX — temática da rivalidade fraterna .....	182
III.2. Alterações relativas ao material existente.....	184
III.3. Categorização das Cenas após as alterações introduzidas.....	192
III.4. Codificação das Estratégias de Elaboração da Ansiedade no novo material da prova “Era uma vez...” .....	193
III.5. Alterações à Grelha de Análise de Respostas .....	193
III.6. Alterações ao programa informático .....	195
III. 7. Estudo da prova “Era uma vez...” na nova versão .....	197
III.7.1. Metodologia .....	197
III.7.1.1. Instrumentos .....	197
III.7.1.1.1. Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967) .....	198
III.7.1.1.2. Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (1947) .....	199

III.7.1.1.3. Versão portuguesa do <i>Sibling Relationship Inventory</i> — SRI (Stocker & Mchale, 1992) — Inventário de Relações Fraternas – IRF .....	200
III.7.1.1.4. Versão portuguesa do <i>Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire</i> – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos .....	200
III.7.1.2. Procedimento para Recolha da Amostra .....	201
III.7.1.3. Procedimento para Aplicação .....	202
III.7.1.4. Caracterização da Amostra.....	203
III.7.1.5. Resultados .....	205
III.7.1.5.1. Análise dos significados atribuídos às Cenas dos dois novos Cartões e às Cenas alteradas .....	206
III.7.5.1.2. Análise da frequência de escolha das Cenas de cada Cartão por idade	210
III.7.1.5.3. Análise da percentagem de escolha das Cenas em cada Cartão de acordo com a sua categoria (Aflição, Fantasia e Realidade) e sua ordem de colocação nas sequências, por idade .....	218
III.7.1.5.4. Análise das respostas aos itens da Grelha de Análise de Respostas ....	260
III.7.1.5.5. Análise das Estratégias de Elaboração da Ansiedade .....	268
III.7.1.5.6. Análise dos Cartões de que as crianças gostaram mais e menos .....	292
III.7.1.5.7. Análise das respostas dos meninos e das meninas.....	293
III.7.1.5.8. Estudo das respostas nos subgrupos da amostra.....	310
III.7.1.5.8.1. Estudo das respostas das crianças com e sem dificuldades de aprendizagem.....	311
III.7.1.5.8.2. Estudo das respostas das crianças com e sem perturbação emocional.....	324
III.7.1.5.8.3. Estudo das respostas das crianças com comportamentos ansiosos e das crianças com comportamentos agressivos .....	340
III.7.1.5.8.4. Estudo das respostas das crianças de acordo com os resultados do IRF .....	347
III.7.1.5.8.5. Estudo das respostas das crianças de acordo com os resultados do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos .....	368
Capítulo IV - <i>Discussão dos Resultados</i> .....	389
IV.1. O novo material.....	391

IV.1.1. Discussão dos resultados referentes aos dois novos Cartões VIII e IX.....	392
IV.1.2. Discussão dos resultados referentes aos Cartões IV e VI com as alterações realizadas .....	394
IV.2. Discussão dos resultados referentes à globalidade dos Cartões em função da idade no que respeita às respostas “Categoria de Cena”/“Posição na sequência” .....	397
IV.3. Discussão dos resultados referentes às respostas dos meninos e das meninas .....	403
IV.4. Discussão dos resultados referentes aos itens “nunca assinalados” e itens “mais frequentemente assinalados” da Grelha de Análise de Respostas .....	407
IV.5. Discussão dos resultados referentes às Estratégias de Elaboração da Ansiedade ....	412
IV.6. Discussão dos resultados referentes aos Cartões de que as crianças gostaram mais e menos .....	414
IV.7. Discussão dos resultados referentes ao estudo das respostas nos subgrupos da amostra....	415
IV.7.1. Crianças com e sem dificuldades de aprendizagem .....	416
IV.7.2. Crianças com e sem perturbação emocional .....	422
IV.7.3. Crianças com comportamentos agressivos e crianças com comportamentos ansiosos.....	429
IV.7.4. Crianças com valores mais elevados e com valores mais baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto do IRF .....	432
IV.7.5. Crianças percebidas pelos encarregados de educação como tendo valores mais elevados e valores mais baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.....	436
Capítulo V - <i>Conclusões</i> .....	443
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	451





## ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1. Características descritivas da amostra: Idade, Sexo, Escolaridade, Com quem vive (N=258).....	128
Quadro 2. Descrição da amostra relativamente à posição da criança na fratria, sexo dos irmãos, identificação do irmão-alvo e caracterização da situação da fratria relativamente à parentalidade (N=258) .....	129
Quadro 3. Idade da criança, número médio de irmãos, média de idades dos irmãos e diferença média de idades entre a criança e o irmão-alvo (N=258).....	130
Quadro 4. Resposta às questões: “Gostavas de ter um irmão?”; “Menino ou menina?” (N=130) .....	131
Quadro 5. Resultados descritivos para os Itens do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258).....	132
Figura 1. <i>Eigenvalues</i> do IRF.....	134
Quadro 6. Matriz Factorial das Componentes Principais do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258) .....	135
Quadro 7. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Inventário de Relações Fraternas – IRF.....	136
Quadro 8. Correlação entre as dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF .....	137
Quadro 9. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258) .....	138
Quadro 10. Normalidade das Dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258).....	138
Quadro 11. Descrição da amostra por estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258).....	143
Quadro 12. Resultados descritivos para os Itens da Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258).....	145

Quadro 13. Análise factorial de 3 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	147
Quadro 14. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I.....	148
Quadro 15. Correlação entre dimensões — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I.....	150
Quadro 16. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	150
Quadro 17. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	151
Quadro 18. Resultados descritivos para os Itens da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258).....	151
Quadro 19. Análise factorial de 3 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258).....	153
Quadro 20. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II.....	154
Quadro 21. Correlação entre dimensões — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II.....	156
Quadro 22. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)....	156
Quadro 23. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258).....	157

Figura 2. <i>Eigenvalues</i> do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I .....	157
Figura 3. <i>Eigenvalues</i> do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II.....	158
Quadro 24. Análise factorial de 2 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	158
Quadro 25. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I.....	160
Quadro 26. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	161
Quadro 27. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258).....	161
Quadro 28. Análise factorial de 2 factores – Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258).....	162
Quadro 29. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II.....	163
Quadro 30. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258).....	165
Quadro 31. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258).....	165
Quadro 32. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão para o Item 25 do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258).....	165

Quadro 33. Correlação do item 25 com as dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Partes I e II .....	166
Quadro 34. Comparação entre Afecto e Rivalidade/Hostilidade ao nível do problema, facilidade de resolução e necessidade de ajuda (N=258).....	167
Figura 4. Diferenças entre Afecto e Rivalidade/Hostilidade ao nível do problema, para a segunda, terceira e quarta colunas da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos .....	168
Quadro 35. Comparação entre as Partes I e II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258).....	169
Quadro 36. Matriz Factorial das Componentes Principais do Inventário de Relações Fraternas – IRF para 2 factores (N=258).....	170
Quadro 37. Coeficientes de Precisão <i>Alfa de Cronbach</i> e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Inventário de Relações Fraternas – IRF .....	171
Quadro 38. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão para as duas dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258).....	172
Quadro 39. Normalidade das Dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258).....	172
Quadro 40. Correlações entre o Inventário de Relações Fraternas – IRF e o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.....	173
Quadro 41. Comparação entre irmãos que responderam entre si (N=22).....	174
Quadro 42. Descrição da amostra por sexo, idade e escolaridade (N = 219).....	204
Quadro 43. Descrição da amostra por tipo de ensino e com quem vive a criança (N = 219)	204
Quadro 44. Percentis dos resultados das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (N = 219).....	205

Quadro 45. Significados atribuídos mais frequentemente, por Cena e por Cartão (Cenas alteradas e Cenas dos dois novos Cartões) (N = 219).....	206
Quadro 46. Frequência de escolha das Cenas do Cartão I (passeio com a mãe) por idade (N = 219) .....	211
Quadro 47. Frequência de escolha das Cenas do Cartão II (doença) por idade (N = 219)....	212
Quadro 48. Frequência de escolha das Cenas do Cartão III (ida à praia) por idade (N = 219)....	213
Quadro 49. Frequência de escolha das Cenas do Cartão IV (pesadelo) por idade (N = 219)	213
Quadro 50. Frequência de escolha das Cenas do Cartão V (dia de aniversário) por idade (N = 219) .....	215
Quadro 51. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VI (briga dos pais) por idade (N = 219)	215
Quadro 52. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VII (escola) por idade (N = 219) ..	216
Quadro 53. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VIII (quebra da jarra) por idade (N = 219) .....	217
Quadro 54. Frequência de escolha das Cenas do Cartão IX (nascimento de um irmão) por idade (N = 219).....	218
Quadro 55. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 5 anos (N = 35).....	219
Quadro 57. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 7 anos (N = 34).....	222
Quadro 58. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 8 anos (N = 38).....	223
Quadro 59. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 9 anos (N = 43).....	224

Quadro 60. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 10 anos (N = 33).....	225
Quadro 61. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 5 anos (N = 35).....	231
Quadro 62. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 6 anos (N = 36).....	232
Quadro 63. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 7 anos (N = 34).....	233
Quadro 64. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 8 anos (N = 38).....	234
Quadro 65. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 9 anos (N = 43).....	236
Quadro 66. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 10 anos (N = 33).....	237
Quadro 67. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão I (N = 219).....	239
Quadro 68. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão II (N = 219) .....	240
Quadro 69. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão III (N = 219) .....	242

Quadro 70. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IV (N = 219).....	243
Quadro 71. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão V (N = 219) .....	244
Quadro 72. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VI (N = 219).....	245
Quadro 73. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VII (N = 219).....	246
Quadro 74. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VIII (N = 219) .....	247
Quadro 75. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IX (N = 219).....	248
Quadro 76. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão I (N = 219).....	250
Quadro 77. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão II (N = 219).....	251
Quadro 78. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão III (N = 219) .....	252
Quadro 79. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IV (N = 219).....	253
Quadro 80. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão V (N = 219) .....	255



Quadro 81. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VI (N = 219) .....	256
Quadro 82. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VII (N = 219).....	257
Quadro 83. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VIII (N = 219).....	258
Quadro 84. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IX (N = 219) .....	259
Figura 5. Percentagem de ocorrência de cada uma das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (N=219) .....	269
Figura 6. Evolução das estratégias com a idade (N=219).....	270
Quadro 85. Correlações entre as quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade na amostra.....	271
Quadro 86. Frequências das estratégias em cada Cartão — 5 anos (N = 35) .....	272
Quadro 87. Frequências das estratégias em cada Cartão — 6 anos (N = 36) .....	273
Quadro 88. Frequências das estratégias em cada Cartão — 7 anos (N = 34) .....	274
Quadro 89. Frequências das estratégias em cada Cartão — 8 anos (N = 38) .....	274
Quadro 90. Frequências das estratégias em cada Cartão — 9 anos (N = 43) .....	275
Quadro 91. Frequências das estratégias em cada Cartão — 10 anos (N = 33) .....	276
Figura 7. Percentagem de cada estratégia para o Cartão I (passeio com a mãe) (N=219).....	277

Figura 8. Evolução das estratégias do Cartão I (passeio com a mãe), em termos de idades (N=219).....	278
Figura 9. Percentagem de cada estratégia para o Cartão II (doença) (N=219) .....	278
Figura 10. Evolução das estratégias do Cartão II (doença), em termos de idades (N=219) ..	279
Figura 11. Percentagem de cada estratégia para o Cartão III (ida à praia) (N=219) .....	280
Figura 12. Evolução das estratégias do Cartão III (ida à praia), em termos de idades (N=219).....	280
Figura 13. Percentagem de cada estratégia para o Cartão IV (pesadelo) (N=219).....	281
Figura 14. Evolução das estratégias do Cartão IV (pesadelo), em termos de idades (N=219).....	282
Figura 15. Percentagem de cada estratégia para o Cartão V (dia de aniversário) (N=219)...	283
Figura 16. Evolução das estratégias do Cartão V (dia de aniversário), em termos de idades (N=219) .....	283
Figura 17. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VI (briga dos pais) (N=219).....	284
Figura 18. Evolução das estratégias do Cartão VI (briga dos pais), em termos de idades (N=219) .....	285
Figura 19. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VII (escola) (N=219) .....	286
Figura 20. Evolução das estratégias do Cartão VII (escola), em termos de idades (N=219).	287
Figura 21. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VIII (quebra da jarra) (N=219) ...	288
Figura 22. Evolução das estratégias do Cartão VIII (quebra da jarra), em termos de idades (N=219) .....	288
Figura 23. Percentagem de cada estratégia para o Cartão IX (nascimento de um irmão) (N=219) .....	289

Figura 24. Evolução das estratégias do Cartão IX (nascimento de um irmão), em termos de idades (N=219) .....	290
Quadro 92. Cartões de que as crianças gostaram mais e gostaram menos (N=219) .....	292
Quadro 93. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças do sexo feminino e no grupo de crianças do sexo masculino (N = 219) ..	294
Quadro 94. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças do sexo feminino e no grupo de crianças do sexo masculino (N = 219).....	298
Quadro 95. Diferenças estatisticamente significativas entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade das respostas do grupo de crianças do sexo feminino e do grupo de crianças do sexo masculino, em cada Cartão (N = 219) .....	304
Quadro 96. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças do sexo feminino e do grupo de crianças do sexo masculino relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219) .....	305
Quadro 97. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com e sem dificuldades de aprendizagem, segundo o item 27 (O aluno tem dificuldades de aprendizagem) acrescentado ao Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (N = 219).....	311
Quadro 98. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e no grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem (N = 219).....	312
Quadro 99. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e no grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem (N = 219).....	314
Quadro 100. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e do grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219) .....	319

Quadro 101. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com preponderância de comportamentos ansiosos, com preponderância de comportamentos agressivos e sem perturbação (N = 42) .....	324
Quadro 102. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com perturbação emocional e no grupo de crianças sem perturbação identificada (N = 219).....	325
Quadro 103. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com perturbação emocional e no grupo de crianças sem perturbação identificada (N = 219).....	329
Quadro 104. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com perturbação emocional e do grupo de crianças sem perturbação relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219).....	333
Quadro 105. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com comportamentos ansiosos e no grupo de crianças com comportamentos agressivos (N = 37) .....	341
Quadro 106. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com comportamentos ansiosos e no grupo de crianças com comportamentos agressivos (N = 37).....	342
Quadro 107. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com comportamentos ansiosos e do grupo de crianças com comportamentos agressivos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 37) .....	345
Quadro 108. Descrição da amostra em termos de fratria (N = 219).....	347
Quadro 109. Idade da criança, número médio de irmãos, média de idades dos irmãos e diferença média de idades entre a criança e o irmão-alvo (N = 167) .....	348

Quadro 110. Frequências, percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com valores mais baixos e mais elevados de Rivalidade/Hostilidade (N=167).....	349
Quadro 111. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e no grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade no IRF (N = 167) .....	350
Quadro 112. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e no grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade no IRF (N = 167).....	352
Quadro 113. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e do grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 167) .....	355
Quadro 114. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com valores mais baixos e mais elevados de Afecto (N=167) .....	358
Quadro 115. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e no grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N = 167).....	359
Quadro 116. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e no grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N = 167) .....	360
Quadro 117. Diferenças estatisticamente significativas entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade do grupo de crianças com valores baixos de Afecto e do grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N=167).....	363
Quadro 118. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e do grupo de crianças com valores mais altos de Afecto	

no IRF relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 167).....	364
Quadro 119. Descrição da amostra por estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N = 219) .....	368
Quadro 120. Frequências, percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167). .....	370
Quadro 121. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167).....	371
Quadro 122. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores baixos e altos de Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N=167) .....	375
Quadro 123. Frequências, percentagens, média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167).....	378
Quadro 124. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167) .....	379
Quadro 125. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” das crianças que os encarregados de educação percebem	

com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167).....	381
Quadro 126. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N=167) .....	385





## INTRODUÇÃO

A prova “Era uma vez...” foi apresentada inicialmente como dissertação de doutoramento (Fagulha, 1992), tendo o material e manual sido editados em 1993, com 2ª e 3ª edições em 1997 e 2003.

As características do material da prova, bem como a forma de aplicação, baseiam-se em reflexões da autora relativamente à prática clínica inserida no quadro das teorias psicodinâmicas do desenvolvimento infantil, com ênfase na perspectiva da actividade lúdica e criativa como base da constituição do *self* (Winnicott, 1971). Segundo a autora, pretendia-se criar uma prova de fácil utilização e que promovesse a espontaneidade da actividade lúdica (Fagulha, 1992).

Deste modo, constituindo-se como uma situação de avaliação com carácter lúdico, a prova é formada por diversas Cenas que representam episódios comuns na vida das crianças, sendo alguns destes episódios relativos a momentos geradores de ansiedade e outros relativos a momentos agradáveis. A prova não depende apenas da verbalização, já que é pedido à criança que dê continuação à história iniciada pelo psicólogo, escolhendo uma sequência de três Cenas (entre nove) e só depois que verbalize a história que criou. Remetendo para diversas formas de gerir as situações que vão sendo apresentadas e as emoções por elas geradas, as Cenas escolhidas pela criança representam movimentos de elaboração através do recurso à realidade, à fantasia, ou à aflição.

A situação da prova foi pensada para promover uma interacção entre o psicólogo e a criança, criando um espaço de contenção e suporte que facilita a partilha e a comunicação. Pode, assim, adquirir um carácter terapêutico, desejável na avaliação psicológica. O modo de conclusão de cada uma das histórias (o psicólogo termina com a apresentação e descrição duma última Cena) é também uma forma de dar uma resolução factual às mesmas, assegurando que a apresentação do Cartão seguinte se processa quando o episódio anterior está encerrado de forma standardizada, independentemente do final organizado por cada criança.

Ao longo da minha prática clínica, tive oportunidade de utilizar a prova “Era uma vez...” com diferentes crianças, em situação de avaliação psicológica, por motivos diversos e com pedidos vários. Durante o meu contacto com a prova pude constatar a

sua riqueza, fácil administração e a boa aceitação que tem por parte das crianças. Verifiquei também que seria possível desenvolver a prova “Era uma vez...” no sentido de englobar outras dimensões do desenvolvimento infantil. Na prática clínica encontramos frequentemente manifestações sintomáticas relacionadas com a rivalidade fraterna e é também comum encontrarmos na clínica crianças com dificuldades de elaboração de limites e de normas externas e de interiorização de aspectos superegóicos. Estas constatações levaram-me a reflectir acerca da possibilidade de ampliar a prova “Era uma vez...” de modo a tornar possível abranger estes aspectos, de tão grande importância no desenvolvimento infantil e na construção da identidade.

A investigação até hoje desenvolvida com esta prova focou-se sobretudo na validação da mesma e estabelecimento de normas para a população portuguesa de crianças entre os 5 e os 11 anos, na comparação de grupos com características diversas ou em situações muito específicas e na correlação entre os resultados da prova e de outras provas psicológicas. Esta é a primeira proposta de desenvolvimento do material da prova, o que considero poder vir a corresponder ao seu enriquecimento. Apesar da consciência de que alterar a prova corresponderia a uma tarefa longa e trabalhosa, acreditei que as alterações introduzidas só poderiam contribuir para a sua melhoria e para o alargamento da informação que proporciona.

A presente investigação tem, assim, como objectivo geral, o desenvolvimento da prova “Era uma vez...”, no sentido de englobar duas novas temáticas que alarguem a compreensão do funcionamento emocional infantil, abrangendo aspectos relacionados com a relação fraterna e com o confronto com as normas parentais e sua interiorização. Dada a facilidade de utilização da prova “Era uma vez...” e a sua boa aceitação por parte das crianças, tem-se como objectivo adicionar estas temáticas, de modo a poder obter uma análise do modo como as crianças lidam com estas experiências no caminho do desenvolvimento.

Como objectivo específico, tem-se a criação de dois novos Cartões e respectivas Cenas, de modo a tornar viável a abrangência das temáticas da rivalidade fraterna e da interiorização das normas. Particularmente para a temática da rivalidade fraterna serão também adaptados e estudados dois instrumentos: o *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) e o *Parental Expectations and Perceptions of*

*Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995), que avaliam a relação fraterna do ponto de vista da criança (o primeiro) e do ponto de vista dos pais (o segundo).

Os anos de vida da prova “Era uma vez...” e os estudos desenvolvidos, bem como a sua utilização clínica, têm permitido, também, identificar hipóteses de alteração de algumas Cenas, que a autora da prova propôs que fossem contempladas neste trabalho. Algumas dessas alterações respeitavam a pormenores de representação gráfica (como por exemplo substituir uma cabina telefónica dos anos 80 por um telemóvel ou acentuar uma expressão emocional da personagem). Outras, no entanto, correspondiam a uma nova representação das categorias, o que aconteceu nos Cartões IV (pesadelo) e VI (briga dos pais). Deste modo, este estudo abrangerá também essas alterações, tendo como objectivo último o estudo da prova com as alterações introduzidas.

Apresentado o esquema de desenvolvimento do estudo, passar-se a uma breve indicação sobre a forma como se encontra organizado nesta tese.

Este trabalho encontra-se organizado em cinco Capítulos: enquadramento teórico, adaptação e estudo do *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do *Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995), criação e estudo do novo material da prova “Era uma vez...”, discussão dos resultados e conclusões.

O primeiro Capítulo é constituído por quatro pontos, de modo a evidenciar o enquadramento teórico do trabalho realizado, de forma encadeada e lógica. No ponto 1 é abordado o processo de avaliação psicológica da criança. No ponto 2 são focadas as provas projectivas na avaliação psicológica da criança. No ponto 3 é descrita a prova “Era uma vez...” na sua forma original, procedimentos de aplicação e de interpretação e são abordados os estudos até hoje realizados com a prova. No ponto 4 são abordadas as temáticas dos dois novos Cartões.

O segundo Capítulo é constituído por três pontos, referentes aos instrumentos *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) e *Parental*

*Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995). No ponto 1 são descritas a tradução e adaptação do *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) para a versão portuguesa denominada Inventário de Relações Fraternas – IRF, bem como o seu estudo. No ponto 2 são descritas a tradução e adaptação do *Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) para a versão portuguesa denominada Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, bem como o seu estudo. No ponto 3 procede-se à comparação entre os resultados obtidos com o Inventário das Relações Fraternas e os resultados obtidos com o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

O terceiro Capítulo é constituído por sete pontos. No ponto 1 aborda-se a criação do material dos dois novos Cartões (VIII e IX). No ponto 2 descrevem-se as alterações relativas ao material existente. No ponto 3 é realizada a categorização das Cenas de acordo com as alterações realizadas. No ponto 4 é feita a codificação das Estratégias de Elaboração da Ansiedade no novo material da prova “Era uma vez...”. No ponto 5 são abordadas as alterações à Grelha de Análise de Respostas. No ponto 6 são referidas as alterações ao programa informático para tratamento dos protocolos da prova “Era uma vez...”. No ponto 7 é descrito o estudo da prova “Era uma vez...” na nova versão, abordando a metodologia e instrumentos utilizados, procedimento para recolha da amostra, procedimento para aplicação, caracterização da amostra e os resultados obtidos na amostra (significados atribuídos às Cenas dos dois novos Cartões e às Cenas alteradas, frequência de escolha das Cenas de cada Cartão por idade, frequência de escolha das Cenas em cada Cartão de acordo com a sua categoria — Aflição, Fantasia e Realidade — e a sua ordem de colocação nas sequências por idade, respostas aos itens da Grelha de Análise de Respostas, Estratégias de Elaboração da Ansiedade, Cartões mais e menos preferidos e respostas dos meninos e meninas) e nos subgrupos da amostra (crianças com e sem dificuldades de aprendizagem, crianças com e sem perturbação emocional, crianças com comportamentos ansiosos e crianças com comportamentos agressivos, grupos formados de acordo com os resultados do IRF e com os resultados do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos).

O quarto Capítulo é constituído por dois pontos: no primeiro discutem-se os resultados relativos à amostra total e no segundo são discutidos os resultados referentes ao estudo das respostas nos subgrupos da amostra.

Por fim, no quinto Capítulo, apresentam-se as conclusões do trabalho realizado. São evidenciados os aspectos mais salientes do estudo e paralelamente reconhecidas algumas das suas limitações e sugeridos alguns possíveis futuros desenvolvimentos que poderão ajudar a ultrapassar as referidas limitações e continuar a desenvolver a prova “Era uma vez...”.

**Capítulo I**  
*Enquadramento Teórico*

Neste capítulo são abordados os temas mais gerais do processo de avaliação psicológica da criança, em que se enquadra a utilização da prova “Era uma vez...”, enquanto prova projectiva, e em seguida, as provas projectivas na avaliação psicológica da criança. Apresenta-se depois a prova “Era uma vez...” na sua forma actual — material, procedimentos de aplicação e interpretação das respostas, bem como uma síntese dos estudos com ela efectuados. Por último, com base numa revisão de literatura, são abordados os aspectos teóricos relacionados com a temática dos dois novos Cartões — a rivalidade fraterna e o desenvolvimento moral — que constituem o principal objectivo deste trabalho.

### **I.1. O Processo de Avaliação Psicológica da Criança**

A disciplina da avaliação psicológica tem evoluído e progredido até aos nossos dias. Uma das principais modificações de que foi alvo refere-se à alteração do termo “psicodiagnóstico”, que remetia para o âmbito médico-psiquiátrico e para a classificação do sujeito, para o actual “avaliação psicológica”, sustentando fundamentos e técnicas específicas do profissional de psicologia, em que o objectivo não é apenas a classificação (Rosset, 2003). O termo “psicodiagnóstico” poderá ser usado quando o objectivo é o diagnóstico psicopatológico, o que pertence ao campo psiquiátrico, enquanto o termo “avaliação psicológica” pode incluir também este objectivo, mas transcende-o, procurando a integração de um conjunto de procedimentos de recolha de informação com vista ao entendimento do sujeito (Férrandez-Ballesteros, 2006). Assim, a avaliação psicológica, numa visão integradora, pretende algo mais do que a classificação de um sujeito com fins clínicos ou a mera aplicação de testes. Pretende avaliar tanto a conduta patológica como a normal, em âmbitos distintos e com diversos objectivos possíveis: descrever, classificar, prever, intervir e validar a intervenção psicológica (Rosset, 2003).

O processo de avaliação psicológica começa com um pedido do próprio sujeito, da sua família, de uma instituição ou da sociedade e termina com uma conclusão e um plano de actuação que procura dar resposta ao pedido inicial (Barrio, 2002). Na avaliação psicológica da criança o pedido provém dos pais ou de outro adulto significativo. Deste modo, a avaliação psicológica implica um processo de solução de



problemas e de tomada de decisões e implica uma série de actividades científicas, realizadas numa sequência estabelecida, procurando dar resposta ao pedido inicial (Férrandez-Ballesteros, 2006).

A avaliação psicológica é um processo científico e limitado no tempo, que, partindo de um levantamento prévio de hipóteses, procura a sua confirmação ou infirmação através de passos predeterminados, utilizando técnicas e testes psicológicos, aplicados individualmente ou em grupo, tendo como objectivo final a compreensão do sujeito, à luz de determinados modelos teóricos. Avaliação psicológica é um conceito muito amplo, sendo o uso de testes, um dos seus recursos (Cunha, 1993).

A observação, a entrevista e a história clínica, em conjugação com os testes psicológicos, constituem-se como os métodos da avaliação psicológica. Os testes permitem situações estandardizadas, tendo em vista a comparação inter e intrapessoal e ajudando a reduzir a subjectividade da avaliação psicológica (Rapaport, 1976). Segundo Freeman (1976), “um teste psicológico é um instrumento estandardizado que mede objectivamente um ou mais aspectos de uma personalidade total através de amostras de respostas verbais ou não verbais ou outras formas de comportamento” (p. 51).

A prática da avaliação psicológica, sobretudo quando se refere ao uso de testes ou provas psicológicas, desde há muito que envolve polémica. As críticas foram e são muitas vezes o motor do questionamento constante dos próprios psicólogos, que têm enfatizado a necessidade do conhecimento das características psicométricas, nomeadamente a validade e a fidelidade. O método dos testes é uma síntese do método experimental, no que se refere sobretudo à construção da prova, e do método clínico, no que concerne sobretudo à sua aplicação. Um teste define-se pelas suas condições de aplicação e pelo seu modo de análise e interpretação, permitindo situar o sujeito com referência a uma população bem definida, mas também compreender a relatividade de cada sinal ou sintoma (Zazzo, 1968).

Deste modo, a avaliação envolve a comparação do indivíduo com os outros indivíduos anteriormente avaliados pelo mesmo instrumento, sendo essencial que o avaliador possua conhecimentos profundos sobre o instrumento em causa, aquilo que

avalia, as suas limitações e as teorias e investigações que estiveram na base da sua criação. No entanto, apesar de muitas vezes a avaliação poder parecer um procedimento meramente psicométrico, muitos outros factores entram em jogo, sendo feitas inferências a partir dos dados obtidos, relacionando-os com a observação, com os dados anamnésicos e com informação providenciada por outros instrumentos. Muito embora os dados da avaliação possam ser objectivos, o processo de desenvolvimento de hipóteses e de integração de conclusões não o é completamente, estando em grande parte dependente da experiência e do treino do psicólogo, bem como, dos seus conhecimentos sobre desenvolvimento infantil, teorias da personalidade, conceito de normal e patológico, entre outros. Assim, as conclusões retiradas devem ter em conta a especificidade do sujeito, mas também o(s) seu(s) contexto(s), sendo o objectivo final o conhecimento e a compreensão do sujeito, e não apenas a sua classificação ou rotulagem (Tuma & Elbert, 1990), num balanço constante entre a subjectividade e a objectividade. Também os instrumentos seleccionados devem ser os mais adequados para dar resposta às hipóteses levantadas, sendo assim aplicados com um propósito específico e de acordo com as suas características, requisitos metodológicos e limitações (Cunha, 1993).

O entendimento dinâmico como objectivo de uma avaliação psicológica pode ser considerado como uma forma de avaliação compreensiva, que envolve a personalidade de maneira global e em que se procura entender a problemática do sujeito com uma dimensão profunda e com base na perspectiva histórica do desenvolvimento, investigando factores psicodinâmicos e identificando conflitos, mecanismos de defesa, estados emocionais, fantasias, aspectos sadios e patológicos (Cunha, 1993).

A avaliação psicológica da criança possui aspectos comuns à avaliação psicológica do adulto, mas também possui aspectos diferentes e específicos. Apesar da estrutura básica do processo de avaliação ser a mesma, as técnicas, os procedimentos e a sua aplicação diferem. Ao avaliar uma criança, é necessário ter em consideração alguns aspectos que lhe são particulares, nomeadamente o seu rápido carácter desenvolvimental e as características das suas etapas evolutivas, a interpretação diferente da situação por parte dos adultos e da criança, a plasticidade infantil que a torna especialmente sensível ao ambiente que a rodeia, entre muitos outros. Deste modo,

são necessárias alterações relativamente ao processo com adultos. Por exemplo, ao nível da recolha de informação de diversas fontes (própria criança, família, escola), através de diferentes métodos e em momentos diversos, da precisão dos instrumentos relativamente à faixa etária e outras características da criança, das variáveis ambientais, do entendimento do que é esperado ou não esperado para a fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, da avaliação de diversas áreas (dinâmica familiar, desempenho e evolução escolar, aspectos cognitivos, linguagem, socialização, aspectos somáticos, aspectos psicomotores, entre outros) (Barrio, 2002; Moreno, 2003; Santacana, 1993).

Assim, as crianças possuem uma série de características que as tornam sujeitos diferentes dos adultos no que se refere à avaliação psicológica, havendo provas psicológicas específicas para crianças e sendo a própria entrevista clínica e anamnese conduzidas de formas diferentes. O próprio início do processo é diferente, uma vez que a criança não vem sozinha ou por iniciativa própria à consulta de psicologia. Geralmente, os pais ou outros adultos decidem que há necessidade da criança ir à consulta de psicologia, sendo estes intervenientes fundamentais em todo o processo de recolha de dados (Chandler, 1990). Deste modo, haverá durante todo o processo diferentes intervenientes com os quais o psicólogo deverá interagir. Também o final do processo será diferente, no sentido em que os resultados do mesmo serão comunicados aos responsáveis pela criança e não apenas ao próprio sujeito. Todos os aspectos da relação e do contrato terapêutico são particulares no caso das crianças. A criança deve ser informada de que vai ser avaliada por um psicólogo e porquê. No entanto, cada idade possui indicações distintas relativamente à informação que deve ser transmitida à criança, momento adequado e conteúdo da mesma. Em linhas gerais, quanto mais pequena é a criança, menor a informação de que necessita. A informação deve, assim, ser ajustada à sua fase de desenvolvimento e capacidade de compreensão (Barrio, 2002).

Uma outra característica que diferencia a avaliação psicológica de crianças e de adultos é a dificuldade, sobretudo das crianças mais novas, de expressarem os seus sentimentos por palavras, mesmo que possuam um nível relativamente desenvolvido de linguagem. De facto a linguagem não é a forma principal de expressão nas crianças (Chandler, 1990). A actividade lúdica livre de uma criança permite-lhe a projecção de

dimensões íntimas, constituindo-se como uma das principais formas de aceder ao seu mundo interno. Winnicott (1969, 1971) considera que na relação terapêutica se sobrepõem duas áreas criativas, a do terapeuta e a da criança, pelo que o brincar se revela um método diagnóstico e terapêutico valioso.

Tendo sido inicialmente ensaiada como possível substituta da técnica da associação livre, a utilização da actividade lúdica em contexto clínico revelou-se rica no acesso que permite à expressão das necessidades, desejos, anseios e atitudes das crianças, que a sentem como prazerosa e mais livre do receio de censura ou punição. Normalmente, os brinquedos e objectos são seleccionados e a sua utilização permite perceber o seu valor simbólico. Os métodos de análise e interpretação do brincar diferem de acordo com a perspectiva teórica e hipóteses do clínico, sendo um método subjectivo mas que numerosos relatos atestaram como valioso no processo diagnóstico e terapêutico (Freeman, 1976). O Teste do Mundo de Margaret Lowenfeld (1939) constitui-se como uma das primeiras tentativas de standardizar o uso do brincar como prova projectiva. Os materiais eram constituídos por um elevado número de miniaturas, incluindo casas, pessoas, animais, pontes, árvores, carros, entre outras. A instrução indica ao sujeito que construa uma cidade/um mundo, tendo por base uma caixa de areia onde pode dispor os elementos que escolhe. O resultado final é uma representação simbólica do seu mundo interno.

## **I.2. As Provas Projectivas na Avaliação Psicológica da Criança**

No início da década de 30 desenvolveram-se, na psicologia americana, os testes projectivos de personalidade, que apresentando estímulos mais ou menos equívocos e não estruturados, geralmente sob a forma de imagens, manchas de tinta ou frases incompletas, procuravam aceder a dimensões menos conscientes e revelar aspectos latentes da personalidade, não susceptíveis de se manifestarem por meio de testes de personalidade tipo questionário (Freeman, 1976).

Segundo Freud (1920/1989), a projecção constitui-se não apenas como um mecanismo defensivo (projecção no mundo externo de elementos do mundo interno

inaceitáveis para o próprio), mas também está presente na determinação da forma como percebemos e interpretamos o mundo exterior.

As técnicas projectivas têm por base o pressuposto de que toda a nossa percepção é influenciada, em maior ou menor grau, pela nossa própria visão e interpretação, condicionadas pela nossa experiência. Ao dar um significado a um estímulo relativamente ambíguo ou vago, o indivíduo estará a reflectir, através desse significado, aspectos do seu mundo interno, como necessidades, sentimentos, experiências, processos de pensamento, podendo os mesmos surgir de forma distorcida. Tendo em conta estes movimentos, por vezes inconscientes e pouco controláveis, podemos colocar “hipóteses-projectivas” subjacentes ao processo de criação e interpretação dos significados dados pelo indivíduo, que implicam a noção de que todo o indivíduo tem um mundo interno único, resultante da combinação da sua individualidade própria e da influência do meio (Chandler, 1990). Deste modo, através das “hipóteses-projectivas” considera-se que cada indivíduo vive num mundo único que lhe é próprio e que as características desse mundo podem ser conhecidas se usarmos as técnicas adequadas. Quanto menos estereotipado for o material da prova e quanto menor for o entendimento pelo sujeito do significado das suas respostas, maior poder de revelação do mundo interno e expressão das características pessoais terão os resultados (Rapaport, 1976).

Segundo Rapaport (1976), as provas projectivas devem reunir quatro condições principais: estímulo, observação, registo e comunicação. Por estímulo entende-se que a prova projectiva deve ser constituída por material simples e estandardizado, sendo a situação de aplicação também estandardizada e não estimulante da relação transferencial entre sujeito e examinador. A observação deve existir desde a apresentação do material da prova até às respostas e reacções do sujeito. O registo deve ser textual e total, sem qualquer selecção por parte do examinador. A comunicação deve ser facilitada pela existência de sistemas de cotação e interpretação que permitam a comparação intra e interpessoal.

Rabin (1981) caracteriza as técnicas projectivas através de três aspectos: primeiro, a especificidade, ambiguidade e liberdade de resposta que caracterizam a

situação ou estímulo com que o sujeito é confrontado; segundo, a quantidade, variedade e riqueza das respostas do sujeito com base no que a situação ou estímulo significa para ele; terceiro, a complexidade e multidimensionalidade da tarefa do examinador na análise e interpretação das respostas do sujeito.

Segundo Fernández-Ballesteros (1992), as técnicas projectivas têm os seguintes pressupostos:

- cada sujeito possui uma estrutura básica e estável de personalidade, integrada em certas dimensões, organizadas de forma idiossincrática e as suas respostas às técnicas projectivas permitem explorar a sua estrutura;

- a análise da organização da estrutura de personalidade tem diferentes níveis de profundidade, havendo técnicas que permitem conhecer os seus aspectos estruturais mais profundos e outras que analisam aspectos mais superficiais;

- existe uma relação entre a estrutura de personalidade e as manifestações de conduta do sujeito, pelo que a análise projectiva da estrutura permitirá a predição do comportamento;

- toda a resposta perante o material projectivo não é casual, sendo significativa e entendida como um símbolo da personalidade do sujeito;

- quanto mais ambíguas forem as propriedades dos estímulos de uma técnica projectiva mais as respostas do sujeito reflectirão a sua personalidade;

- o sujeito não está consciente da relação entre as suas respostas e o seu mundo interno, sendo difícil falsear as mesmas, pelo que estas técnicas podem ser consideradas simbólicas e involuntárias;

- a análise das respostas do sujeito deve ser fundamentalmente global e qualitativa.

Nas provas projectivas (e.g., Anastasi, 1968; Freeman, 1976) as instruções devem ser gerais e reduzidas ao mínimo, permitindo a diversidade e a flexibilidade das respostas. As respostas não são correctas nem incorrectas e não envolvem apenas factores cognitivos mas também factores afectivos. Por outro lado, os resultados de uma prova projectiva podem ser usados para compreender a personalidade de uma forma holística. Apesar de poderem existir significados atribuídos a cotações parciais, os

componentes da prova global devem ser interpretados nas suas inter-relações, revelando um complexo de aspectos psicológicos do indivíduo.

Segundo Fernández-Ballesteros (1992), o material das provas projectivas pode ser verbal (oral ou escrito), visual ou manipulativo. Também as respostas podem assumir diversas formas: associação, interpretação, manipulação ou eleição. Existem, portanto, inúmeras classificações relativas às técnicas projectivas, que adoptam critérios diversos. Fernández-Ballesteros (1980) classifica as provas projectivas em cinco categorias:

- estruturais — material visual de escassa estruturação, que o sujeito deve estruturar dizendo o que vê ou com o que se pode parecer, como por exemplo o Teste de Rorschach (Rorschach, 1921/1974);
- temáticas — material visual com graus diversos de estruturação formal, de conteúdo humano ou para-humano, relativamente ao qual o sujeito deve narrar uma história, como por exemplo o Teste de Apercepção Temática (Murray, 1943);
- expressivas — instrução verbal ou escrita para o sujeito desenhar uma ou mais figuras, como por exemplo o Desenho da Família (Corman, 1967);
- construtivas — material concreto que o sujeito deve organizar em função de diversas instruções, como por exemplo o Teste do Mundo (Lowenfeld, 1939);
- associativas — instrução verbal ou escrita, em que o sujeito deve associar ou completar verbalmente palavras, frases ou contos, como por exemplo as Fábulas de Düss (Düss, 1950/1971).

As crianças estão na transição entre o pensamento pré-lógico e o pensamento lógico, entre a fantasia e a realidade, entre o pensamento mágico e o pensamento realista, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade e também o facto de a linguagem não ser a sua principal forma de expressão faz com que as provas projectivas sejam, muitas vezes, as provas ideais para aceder ao seu mundo interno (Chandler, 1990).

Desta forma, as técnicas projectivas possuem características especialmente adequadas à expressão da mente infantil, sobretudo quando utilizam estímulos desenhados, facilitadores da adesão por parte das crianças. Estas provas podem assumir características extremamente variadas, tal como referido anteriormente. Nas provas

projectivas temáticas é proposta ao sujeito a criação de uma história, a partir de um estímulo que pode assumir a forma de uma cena desenhada ou de histórias incompletas apresentadas de forma verbal, às quais a criança deve dar um desfecho. Estes estímulos focam, geralmente, temáticas que remetem para as problemáticas e conflitos específicos das diferentes fases de desenvolvimento (Fagulha, 1995).

Ao pedir a uma criança que conte uma história a partir de uma imagem, pede-se-lhe que tenha em conta as limitações da realidade perceptiva e relacional e que, ao mesmo tempo, se deixe levar por uma criação pessoal, duas modalidades que apelam a competências distintas, mas estreitamente articuladas. A realidade externa ganha sentido à luz das experiências e dos acontecimentos anteriormente vividos. A resposta temática situa-se assim entre a realidade externa e o mundo interno, entre o dentro e o fora (Boekholt, 2000).

Ao solicitar à criança uma história a partir de uma imagem, espera-se que a criança integre o estímulo e efectue um movimento projectivo que abarcará as suas experiências passadas e as suas actuais preocupações e vivências. No entanto, a capacidade de se envolver na fantasia a partir do estímulo real, ao invés de dar respostas factuais, irá variar de criança para criança. Uma criança que dá apenas respostas factuais poderá estar a manifestar alguma resistência ou inibição, ao passo que uma criança que desenvolve constantemente temas não relacionados com o estímulo que lhe foi apresentado poderá estar a reagir tentando escapar às ansiedades criadas pelo mesmo (Worchel & Dupree, 1990), traduzindo-se num sobreinvestimento perceptivo, apego ao conteúdo manifesto e, por vezes, às qualidades sensoriais do material (Boekholt, 2000).

As provas temáticas como o *Thematic Apperception Test* (TAT) de Murray (1943), o *Children Apperception Test* (CAT) de Bellak & Bellak (1949) ou o *Patte Noire* (PN) de Louis Corman (1961), solicitam à criança a organização de uma história a partir de desenhos que lhe são apresentados (desenhos esses que possuem alguma ambiguidade) e que representam situações que podem revelar certos aspectos dinâmicos do mundo externo e do mundo interno da criança.



O Teste de Apercepção Temática (TAT), em que “apercepção” se refere ao uso da interpretação perceptiva dos desenhos e “temática” se refere aos temas, foi a primeira destas provas e a base de criação das restantes. Apesar de ser uma prova utilizada maioritariamente com adultos, a sua aplicação, segundo Murray (1943), pode ser feita a crianças entre os 7 e os 14 anos ou mesmo mais novas. Esta prova é constituída por 31 temas, alguns dos quais especificam a faixa etária e o sexo a que se destinam (para mulheres — F, para homens — M, para raparigas — G, ou para rapazes — B). Alguns Cartões apresentam imagens que representam situações que remetem para diversas dimensões de relevo da vida interna do sujeito (relações paterno-filiais, depressão e suicídio, perigo e medo, temáticas sexuais, temáticas agressivas) e outros representam estímulos mais ambíguos ou mesmo bizarros. Um dos Cartões é branco. As imagens são suficientemente estruturadas para permitirem ao sujeito contar facilmente uma história, mas também suficientemente ambíguas para que as histórias difiram bastante de sujeito para sujeito. Apesar do elevado número de Cartões, na prática clínica real, são usados geralmente apenas 8 a 12 Cartões, escolhidos de acordo com as especificidades do caso.

O sujeito é convidado a imaginar uma história que aborde o passado, o presente e o futuro, bem como os sentimentos das personagens. Apesar de existirem diversos sistemas de interpretação das histórias do TAT (e.g., Aron, 1949; Bellak, 1947a; Bellak, 1947b; Henry, 1947; Murray, 1943; Shentoub, 1999; Stein, 1948; Tomkins, 1947; Wyatt, 1947), pode dizer-se que o objectivo de interpretação da prova é estabelecer um quadro dos principais conflitos da pessoa, composto através da interpretação das histórias contadas em relação com a história pessoal do sujeito (Gleitman, 1986). A título de exemplo, a interpretação das respostas ao TAT pode ser feita analisando diversos aspectos, nomeadamente: conteúdo manifesto/conteúdo latente, tema/conflito, motivações/forças, ambiente/situação, herói/estados emocionais, finalização, entre outros.

Algumas destas provas temáticas, nomeadamente o CAT e o PN, apresentam animais em situações humanas, pressupondo que as crianças teriam uma maior facilidade de se identificarem com figuras animais, dados o papel relevante que estes desempenham nas fantasias infantis e a sua ambiguidade em termos de sexo e idade. Por outro lado, os elementos figurativos animais seriam mais acessíveis à projecção,

permitindo mais facilmente à criança a atribuição de sentimentos e impulsos por ela vivenciados como negativos.

O CAT, destinado a crianças dos 3 aos 8-10 anos, é composto por 10 Cartões com imagens que esboçam animais domésticos e selvagens, cuja espécie varia de Cartão para Cartão, em situações que remetem para alguns dos problemas importantes mais comuns à infância, relacionados com a alimentação, a rivalidade fraterna, o desenvolvimento psicosssexual, a agressividade, relações com as figuras parentais, entre outros. É no entanto de referir que foi posteriormente criada uma versão humana do CAT, o CAT-H (Bellak & Bellak, 1965), que pretendia preencher uma lacuna entre o CAT-A e o TAT, prova com características similares mas envolvendo Cenas com figuras humanas e destinada a crianças mais velhas (Cunha, 1993). Em qualquer das versões, a análise do material Cartão a Cartão pode ser feita relativamente ao conteúdo manifesto, ao conteúdo latente, aos fundamentos da identidade, à elaboração da posição depressiva e ao estabelecimento do eixo edipiano.

O PN (Corman, 1961) destina-se a crianças entre os 4 e os 10 anos, sendo constituído por um frontispício (onde a personagem e a sua família são apresentadas), 17 pranchas (cujos desenhos representam a personagem principal e outras personagens em diversas situações) e o Cartão “Fada” (que conclui a prova). Ao contrário do TAT ou do CAT, que possuem personagens diferentes ao longo dos diversos Cartões, no PN todas as situações são referentes à mesma personagem — um porco. Esta prova também difere das restantes, cuja ordem de apresentação das pranchas está pré-definida, na medida em que a criança dispõe da totalidade do material e selecciona-o à sua maneira. Ao fazer essa selecção e ao contar as aventuras de uma mesma personagem e dos que a rodeiam, ligando afecto e representações e as representações entre si, a criança revela os seus movimentos pulsionais e defensivos e a existência, ou não, de uma permanência identitária elementar (Boekholt, 2000). Tal como no CAT, a análise de cada Cartão pode ser feita no que se refere ao conteúdo manifesto e ao conteúdo latente (temas explorados por Corman, 1981), aos fundamentos da identidade, à elaboração da posição depressiva e ao estabelecimento do eixo edipiano. Tanto o CAT como o PN seguem uma linha interpretativa dinâmica, semelhante ao TAT.

Nas provas com histórias incompletas apresentadas de forma verbal à criança, pedindo-lhe que lhes dê um desfecho ou que responda a questões sobre as mesmas, a associação livre feita verbalmente pela criança permite aceder a diversas dimensões do seu mundo interno. Nestas provas, determinados acontecimentos ou situações são contados à criança, perguntando-se-lhe depois o porquê dos mesmos ou o que irá suceder a seguir, procurando aceder à ressonância que o conteúdo latente das situações tem no seu mundo interno. Alguns exemplos são: Fábulas de Düss (1950/1971), *The Madeleine Thomas Completion Stories Test* de Mills (1953) ou *Munstenburg Incomplete Stories* de Koppitz (1982).

As Fábulas de Düss podem ser aplicadas a crianças a partir dos 3 anos de idade. O teste é composto por 10 fábulas, pequenas, de fácil compreensão, finalizadas com uma pergunta, à qual a criança deve responder completando a história. Nas fábulas, o herói, que pode ser uma criança ou um animal, encontra-se em determinada situação representativa de uma fase de desenvolvimento (oral, edipiana, etc.). O examinador conta as fábulas, anota as respostas e faz um inquérito cuidadoso para aprofundar as respostas, quando é necessário.

Existe uma versão pictórica brasileira (Cunha & Nunes, 1993), indicada para crianças entre os 3 e os 8 ou 9 anos de idade, composta por 12 pranchas, com ilustrações adequadas a cada uma das 10 fábulas, que devem ser apresentadas ao sujeito juntamente com a forma verbal. Esta forma apresenta mais duas pranchas, pois há duas alternativas para a fábula 4 (tema da carroça), em função da idade, e duas para a fábula 8 (tema do ganso), em função do sexo. Para facilitar a interpretação, as autoras propõem um sistema de categorização das respostas, descrevem fenómenos específicos que podem aparecer nas mesmas, apresentam as respostas populares para cada uma das fábulas na faixa pré-escolar e na faixa escolar e também apresentam elementos para interpretação psicodinâmica de cada uma das fábulas.

O *The Madeleine Thomas Completion Stories Test*, destina-se a crianças entre os 5 e os 8 anos de idade e consiste em 15 histórias relacionadas com temáticas familiares e escolares de uma personagem da mesma idade e sexo da criança a quem a prova é aplicada. Cada história coloca um problema que a criança deve resolver, finalizando-a.

As 15 histórias possuem sugestões de interpretação dos resultados de acordo com os temas mais comuns.

Da mesma forma e para as mesmas idades, o *Munstenburg Incomplete Stories* é constituído por 12 histórias incompletas, que a criança deve finalizar. As personagens variam conforme o sexo da criança, sendo identificadas por um nome masculino ou feminino. O autor sugere uma análise das respostas relativamente às atitudes e sentimentos positivos e negativos do próprio relativamente a si mesmo e aos outros, bem como dos outros relativamente ao próprio, aos mecanismos de defesa e à qualidade da linguagem.

Das provas de escolha destacam-se o Teste de Szondi (1972) e o Teste das Cores (Lüscher, 1969). O Teste de Szondi (1972) é constituído por 48 fotografias, repartidas por seis séries de oito fotografias cada. Cada grupo possui fotografias de rostos de pessoas portadoras de doença mental: homossexual (ou hermafrodita), sádico, epiléptico, histérico, esquizofrénico catatónico, esquizofrénico paranóide, maníaco-depressivo em fase depressiva, maníaco-depressivo em fase maníaca. Este teste tem por base o esquema dos oito factores pulsionais da teoria Szondiana, segundo a qual são as manifestações patológicas que revelam a estrutura do normal, não por défice mas por acentuação exclusiva de determinadas componentes (Gonçalves, 1996). Cada um dos oito tipos de doente, repetidos por série, corresponde a um factor, reagrupando-se os oito factores em quatro vectores: S — pulsão sexual, P — pulsão de protecção do ego (paroxístico), Sch — pulsão do ego (esquizofrénico) e C — pulsão de contacto (ciclotímico). As séries de fotografias são apresentadas ao sujeito consecutivamente, sendo-lhe proposto que escolha, em cada série, duas fotografias de sujeitos mais simpáticos e duas de sujeitos mais antipáticos. Com as fotografias que sobrarem após a primeira aplicação, faz-se uma segunda aplicação. A prova é, assim, repetida entre 5 a 10 vezes após a primeira aplicação, com um mínimo de 24 horas de intervalo entre aplicações. Cada factor pode ser objecto de uma escolha positiva ou negativa, revelando no sujeito a tendência correspondente (16 tendências).

O Teste das Cores (Lüscher, 1969) tem como objectivo o entendimento do estado psicofisiológico actual do sujeito, nomeadamente a sua capacidade de resistência

ao stresse, de desempenho e de comunicação. O teste é não-verbal e a sua aplicação é muito rápida e simples, consistindo na apresentação de oito Cartões cada um com uma cor, pedindo-lhe que escolha a cor de que mais gosta, retirando-a. De entre os Cartões que sobrem, solicita-se novamente a escolha da cor de que mais gosta e assim sucessivamente até esgotar os Cartões. Este procedimento é depois repetido. São distinguidas as cores básicas (azul, verde, vermelho e amarelo) das cores auxiliares ou acromáticas (cinzento, violeta, castanho e preto), sendo esperado que uma personalidade normal e equilibrada escolha as quatro cores básicas entre os cinco primeiros lugares. A não escolha de uma ou mais das quatro cores básicas nos primeiros cinco lugares dará lugar à interpretação de aspectos conflituosos ou em desequilíbrio na personalidade do sujeito. Por seu lado, a preferência por cores auxiliares ou acromáticas dará lugar à interpretação de aspectos negativos ou ansiosos da personalidade do sujeito. Os Cartões estão numerados de 0 a 7 e organizados em quatro grupos (+, x, =, -) que representam o que a pessoa deseja, a sua condição actual, as qualidades que não utiliza e as características que rejeita activamente. O teste permite, assim, uma análise sistematizada dos resultados. Cada cor tem também o seu significado específico, sendo a sequência escolhida também passível de interpretação.

A prova “Era uma vez...” é também uma prova de escolhas. Neste caso, a solicitação respeita à selecção das Cenas (cujos desenhos são claros na representação da emoção das personagens) e à sua organização em sequência, sendo a verbalização da história um segundo momento da tarefa sugerida à criança. Na prova “Era uma vez...” a criança selecciona e organiza em sequência três das nove Cenas possíveis, em função da continuação que quer dar à história apresentada no Cartão-Estímulo, que só depois é verbalizada. De um modo geral, a verbalização corresponde ao conteúdo das Cenas escolhidas e sequência organizada. No entanto, em alguns casos, a verbalização pode corresponder a uma nova elaboração.

Assim, a prova “Era uma vez...” pertence ao subconjunto de provas projectivas temáticas, caracterizadas por a resposta pedida ser o complemento de uma história. Distingue-se, no entanto, de outras provas temáticas devido ao facto de a resposta depender não apenas da verbalização, mas também da escolha e organização em

sequências de três Cenas que dão continuidade à história já iniciada no Cartão (Fagulha, 1992).

### **I.3. A Prova “Era Uma Vez...”**

A prova “Era uma vez...” foi apresentada em 1992 como dissertação de doutoramento de Teresa Fagulha à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, tendo o material e manual sido editados em 1993, com 2ª e 3ª edições em 1997 e 2003. A apresentação da prova, que se segue, baseou-se fundamentalmente na dissertação de doutoramento (Fagulha, 1992), em que é exposta a fundamentação teórica subjacente à sua criação, a descrição do material e os primeiros estudos efectuados. Para facilidade de leitura, esse texto não foi sistematicamente citado. Textos posteriores foram referidos e identificados.

Esta é uma prova amplamente utilizada em Avaliação Psicológica em Portugal, tendo sido objecto de diversas investigações em Portugal e de uma investigação na Bélgica (Vrebos, 1998).

As características do material da prova, bem como a forma de aplicação, baseiam-se em reflexões da autora relativamente à prática clínica inserida no quadro das teorias psicodinâmicas do desenvolvimento infantil e da actividade lúdica. O próprio nome da prova alude ao paradigma básico que orientou a sua construção – a “área transicional” da experiência (Winnicott, 1969, 1971). As possibilidades de elaboração das experiências emocionais representadas nos conteúdos das Cenas e nas sequências organizadas pela criança podem, tal como no brincar, ser partilhadas com o psicólogo, sem que o recurso à linguagem verbal seja indispensável.

Segundo a autora, pretendia-se encontrar uma situação que se apresentasse padronizada na sua forma de aplicação e interpretação, havendo facilidade na sua utilização e permitindo, ao mesmo tempo, a espontaneidade da actividade lúdica. Através do brincar, a criança elabora as suas ansiedades, expressa os seus desejos, medos e fantasias, procura controlar as experiências do seu dia-a-dia. Esta é uma

actividade espontânea e natural, através da qual a criança procura entender e dominar o mundo, externo e interno.

Constituindo-se, assim, como uma situação projectiva, a prova “Era uma vez...” tem como objectivo descrever o modo como as crianças lidam com a ansiedade e com o prazer, emoções fundamentais no desenvolvimento e estruturação da personalidade, presentes desde o início da vida e que configuram a forma como as crianças se relacionam com o seu mundo de objectos externos e internos.

Tendo a ansiedade uma função fundamental de alerta para eventuais perigos (Freud, 1920/1989), a forma como cada criança pode expressar e elaborar esta emoção permite-nos aceder a um melhor entendimento do seu funcionamento emocional e dos seus recursos internos. Por outro lado, a experiência de prazer é parte integrante do desenvolvimento psicológico normal, possibilitando a organização de uma vida mental equilibrada e saudável (Klein, 1932/1996). São as experiências prazerosas que muitas vezes compensam as inevitáveis vivências dolorosas, sendo, portanto, fundamental conhecer a capacidade de fantasiar e experienciar acontecimentos prazerosos, para entender a possibilidade de ajustamento psicológico e as capacidades adaptativas de uma criança.

Do ponto de vista desenvolvimental, mesmo quando as crianças apresentam um domínio razoável da linguagem, a expressão verbal não se constitui como uma condição determinante ou suficiente para a expressão dos seus sentimentos em palavras. A sua comunicação ganha uma maior riqueza quando se apoia noutras formas expressivas, como o brincar ou o desenhar, através das quais a criança pode expressar significados impossíveis de comunicar a um nível verbal. Não é raro perceber, através da escolha e sequência elaborada pela criança, intensas ansiedades, que não surgem com a mesma intensidade (ou não surgem sequer) nas histórias que posteriormente verbaliza. Por outro lado, a possibilidade de manipular e escolher as Cenas resulta numa fácil aceitação da prova por parte das crianças. Tendo em conta a conceptualização de Winnicott (1971) acerca do brincar, a prova permite à criança a manipulação e escolha das Cenas num contexto lúdico, equiparando-se as Cenas a brinquedos, para que a

criança através delas expresse o seu mundo interno, ao mesmo tempo que o vai integrando, reorganizando e controlando os seus afectos.

Importa salientar que a prova “Era uma vez...” encontra uma mais-valia quando inserida num processo de avaliação psicológica, conjugada e integrada na variedade de dados e elementos obtidos através de diversos meios, desde a observação à entrevista clínica e dados de outras provas, que ajudem a entender o funcionamento e unicidade de cada criança.

### **I.3.1. Material da Prova na sua Forma Original**

Actualmente, a prova é composta por um Cartão-Exemplo, sete Cartões-Estímulo, nove Cenas de escolha para cada Cartão, uma Cena de Finalização para cada Cartão, um Cartão Final, constando os procedimentos de aplicação e interpretação no Manual da Prova. O Manual da Prova inclui ainda dois casos ilustrativos, que exemplificam os diversos passos da interpretação da mesma (Fagulha, 1995, 2003).

Os oito Cartões (um Cartão-Exemplo e sete Cartões-Estímulo) têm formato A4 e uma posição horizontal. Estes Cartões contêm o início de histórias em banda desenhada, sempre acerca da mesma personagem infantil, sendo um menino ou uma menina, de acordo com o sexo da criança. A opção pela representação da mesma personagem em todas as situações prendeu-se com a necessidade de assegurar uma maior identificação da criança, facilitando a sua projecção. As duas versões, segundo o sexo da criança, são idênticas (fala-se posteriormente das suas pequenas diferenças e razões das mesmas) e têm também como objectivo facilitar a identificação e a projecção da criança.

Os Cartões-Estímulo têm três Cenas desenhadas, que ilustram a temática apresentada, dispostas longitudinalmente na metade superior do Cartão, que a criança deve continuar através da escolha de mais três Cenas, das nove disponíveis para cada Cartão. Estas Cenas têm características gráficas semelhantes às dos Cartões-Estímulo e a sua dimensão é também idêntica à das primeiras Cenas que constam nos Cartões. As Cenas estão numeradas no verso. Existe uma décima Cena, de finalização da história,



que não é escolhida pela criança, mas apresentada pelo psicólogo quando a criança finaliza a verbalização.

As nove Cenas disponíveis para continuar a história de cada Cartão agrupam-se em três categorias: Realidade, Fantasia e Aflição.

As três Cenas de Realidade representam formas realisticamente adequadas de resolução da situação. São em todos os Cartões as Cenas 1, 6 e 8. Algumas Cenas de Realidade traduzem o reconhecimento e aceitação da realidade apresentada no Cartão, enquanto outras representam o recurso a estratégias de resolução da situação apresentada.

As três Cenas de Fantasia representam situações agradáveis como fuga aos aspectos críticos da situação. São em todos os Cartões as Cenas 3, 5 e 7. As Cenas de Fantasia subdividem-se em Cenas de Fantasia Viável e Cenas de Fantasia Mágica. Assim, algumas Cenas de Fantasia representam o recurso a mecanismos de onnipotência (“mágicos”) e outras representam acontecimentos viáveis e agradáveis que podem constituir uma resolução da situação apresentada.

As três Cenas de Aflição representam os aspectos críticos acentuados e são em todos os Cartões as Cenas 2, 4 e 9. Por sua vez, as Cenas de Aflição subdividem-se em Cenas de Muita Aflição e Cenas de Aflição, consoante o grau de expressão da emoção ansiosa. Deste modo, algumas Cenas de Aflição retratam uma aflição moderada e adequada ao estímulo do Cartão e outras retratam uma aflição mais intensa e desorganizadora em termos egóicos.

Segundo a autora, esta categorização das Cenas tem por base a conceptualização de Winnicott (1969, 1971) sobre a “área transicional da experiência”, correspondente a um espaço potencial entre a realidade e a fantasia, onde as experiências emocionais podem ser elaboradas de forma criativa. As situações apresentadas nos Cartões da prova pretendem remeter a criança para a elaboração de experiências emocionais de ansiedade e prazer, permitindo aceder às características dessa elaboração em cada criança, o que se constitui como objectivo da avaliação psicológica. Paralelamente, a prova fornece à

criança a possibilidade de vivenciar essa mesma elaboração no contexto da relação com o psicólogo, permitindo a existência de um carácter terapêutico no momento da avaliação psicológica e um melhor controlo dos aspectos críticos das suas experiências (Fagulha, 1992, 2004).

Assim, brincando a criança poderá integrar e elaborar as suas experiências emocionais, recriando e controlando, reexperienciando emoções dolorosas, procurando alívio na fantasia ou ensaiando alternativas na busca de possíveis soluções realistas. Estes foram os aspectos que orientaram a concepção das Cenas que dão continuidade às histórias apresentadas nos Cartões (Fagulha, 1992, 1996).

De facto, a prova “Era uma vez...” não procura a identificação de categorias nosológicas, mas a descrição do funcionamento emocional face a situações da vida quotidiana que suscitam experiências de ansiedade e prazer, que serão elaboradas de acordo com os recursos pessoais de cada criança, no seu percurso de desenvolvimento.

A prova “Era uma vez...” distingue-se da generalidade das provas projectivas por permitir uma participação mais activa do psicólogo, no sentido de promover um espaço relacional facilitador da comunicação e partilha, em que o psicólogo não se limita a apresentar o estímulo e a solicitar a resposta da criança. É o psicólogo que conta o início de cada história, descrevendo a situação apresentada no Cartão-Estímulo. É também o psicólogo que apresenta a 10ª Cena em todos os Cartões, cabendo-lhe assim terminar cada uma das histórias (Fagulha, 1992).

Os temas expressos nos episódios criados foram ponderados e discutidos em grupo com a finalidade de remeterem para experiências críticas presentes na vida quotidiana de qualquer criança. No entanto, cada um dos Cartões foi criado de modo a assegurar o princípio da independência dos episódios, através da 10ª Cena, apresentada pelo psicólogo quando a criança termina a sua história, procurando deste modo garantir que o episódio proposto no Cartão tem um final estandardizado para todas as crianças, independentemente da história que cada criança organiza e conta (Fagulha, 1992, 2004).

As situações de vida para as quais os Cartões remetem subdividem-se em situações essencialmente ansiogêneas (cinco Cartões) ou essencialmente agradáveis

(dois Cartões), tendo em conta que o desenvolvimento emocional se processa não apenas através da elaboração das diversas experiências de ansiedade, mas também através das experiências de momentos agradáveis (Fagulha, 1992), uma vez que a ansiedade e o prazer surgem como duas emoções fundamentais pela sua função adaptativa no desenvolvimento psicológico (George Klein, 1972, cit. por Fagulha, 1992).

Os cinco acontecimentos ansiogéneos, que correspondem a situações comuns da vida infantil, são representados nos Cartões I, II, IV, VI e VII.

Relativamente ao Cartão I, denominado PASSEIO COM A MÃE, este pretende aludir à ansiedade de separação, experiência primeira da vida de qualquer um. O Cartão-Estímulo apresenta uma situação em que a criança passeia na rua com a mãe, distrai-se a cheirar umas flores e perde-se da mãe.

O Cartão II, DOENÇA, remete para a situação de estar doente, que é comum no percurso de qualquer criança. O Cartão-Estímulo representa a criança que se queixa à mãe, que lhe põe a mão na testa verificando que tem febre e chama o médico. Esta situação poderá evocar a ansiedade relacionada com o medo da doença, os aspectos desagradáveis do tratamento e mesmo o medo da morte. Os benefícios secundários que as crianças podem retirar da situação de doença também poderão surgir. Apraz sublinhar que o próprio processo de avaliação psicológica poderá ser ligado pela criança ao “estar doente”.

O Cartão IV, PESADELO, remete para o medo do escuro, os pesadelos e os terrores nocturnos, que se constituem como experiências ansiogéneas comuns no desenvolvimento infantil, mas que, pela sua intensidade, frequência e persistência, podem constituir sinais de perturbação do desenvolvimento. Neste Cartão-Estímulo a criança vai-se deitar, adormece tranquilamente, mas depois acorda com um sonho mau.

O Cartão VI, BRIGA DOS PAIS, poderá despertar ansiedade como resultado do conflito entre o medo e o desejo de separar os pais, desejo este que se constitui como um sentimento natural ao confrontar-se com a ligação do casal, da qual a criança se

sente excluída. No Cartão-Estímulo representa-se uma situação em que os pais, à mesa com a criança, começam a discutir um com o outro na presença dela. Este é o único Cartão cuja característica ansiogénea está directamente ligada ao comportamento dos adultos de quem a criança depende.

O último Cartão, Cartão VII, ESCOLA, criado na expectativa de permitir conhecer o modo como a criança lida com eventuais dificuldades relacionadas com a aprendizagem, em contexto de sala de aula, representa uma situação em que, face a uma pergunta da professora à turma, a criança é a única que não coloca o dedo no ar, por não saber a resposta. Através de um possível ataque à auto-estima da criança (não saber responder a uma pergunta do professor, na presença dos colegas), pode conhecer-se a forma como a criança lida com a situação apresentada neste Cartão (Fagulha, 1992).

Os dois momentos agradáveis são representados pelos Cartões III e V.

O Cartão III, IDA À PRAIA, apresenta uma situação em que a criança vai à praia com os pais e encontra outros meninos que brincam juntos, situação que coloca a criança num contexto na maioria das vezes considerado agradável, de convívio com os pares, mas que pode despertar alguma ansiedade relativamente à aproximação e aceitação pelos mesmos. As Cenas disponíveis para escolha remetem, quer para os aspectos mais prazerosos, quer para os aspectos mais angustiantes desta relação temporária com outras crianças.

O Cartão V, DIA DE ANIVERSÁRIO, representa o dia do aniversário da criança, com os pais e os amigos a darem-lhe os parabéns e um grande bolo de aniversário. Este é um dia muito esperado pela maioria das crianças, podendo, no entanto, conduzir a momentos de maior tensão no convívio com os pares ou de frustração, por exemplo, quando a festa acaba.

O Cartão de Finalização tem um tamanho ligeiramente superior ao das Cenas e apresenta a personagem, de frente e em meio corpo. É apresentado no final da aplicação de todos os Cartões, depois de todo o material retirado.

### I.3.2. Procedimentos de Aplicação

É da responsabilidade do psicólogo a criação de condições relacionais facilitadoras da aplicação da prova. O psicólogo e a criança devem estar sentados lado a lado, frente a uma mesa. A criança deverá ficar à esquerda do psicólogo, ficando o material entre ambos, em frente e à direita da criança. Se a criança for esquerdina inverte-se a posição, ficando à direita do psicólogo.

A prova terá o seu início com um breve diálogo entre o psicólogo e a criança, através do qual se promoverá o desenvolvimento de uma relação tranquila e de confiança entre ambos, tal como é usual na aplicação de provas deste tipo. O psicólogo poderá também optar por sugerir à criança que elabore um desenho, consoante o que lhe parecer mais adequado em função das características da criança. A tarefa é apresentada à criança como uma história “que ainda não está acabada”, uma história aos quadrinhos que está incompleta, solicitando a sua ajuda para a continuar. Assim, pretende-se desencadear um processo associativo semilivre. Apesar de existirem alternativas limitadas para dar continuidade à história (semilivre), não se orienta a decisão da criança (associação livre).

A prova começa pela apresentação do Cartão-Exemplo (Carnaval). São depois apresentados os sete Cartões-Estímulo, pela ordem definida no Manual: I — passeio com a mãe, II — doença, III — ida à praia, IV — pesadelo, V — dia de aniversário, VI — briga dos pais, VII — escola. Como se verifica, há uma alternância entre os Cartões que representam situações ansiogéneas e os Cartões que representam situações prazerosas. Por fim, é apresentado o Cartão de Finalização. Os Cartões apresentados são sempre os correspondentes ao sexo da criança. Antes de iniciar a aplicação o psicólogo deverá certificar-se de que o material está ordenado segundo a sequência de apresentação (Fagulha, 1992).

Após a apresentação de cada Cartão, acompanhada de uma breve descrição do início da história que nele consta (estando esta descrição também definida no Manual, de modo padronizado), o psicólogo dispõe as nove Cenas ao lado do Cartão, pedindo à criança que escolha três para continuar a história e que as disponha por baixo das Cenas

do Cartão-Estímulo (organizando assim uma sequência). Deste modo, o psicólogo apresenta e descreve o estímulo de acordo com as instruções padronizadas, iniciando a história de cada Cartão e dando seguidamente a vez à criança para escolher e organizar as Cenas, completando a história. Quando a criança termina esta tarefa, o psicólogo deve retirar as Cenas que não foram usadas e registar na “Folha de Resposta” os números das Cenas escolhidas pela criança, na sequência em que as dispôs. O tempo de latência deve também ser registado (desde que o psicólogo acabou de colocar as nove Cenas até que a criança coloque a primeira Cena escolhida na posição indicada). Regista-se igualmente qualquer troca de posição ou alteração de colocação que a criança faça, indicando sempre a sequência final.

É então pedido à criança que conte a história completa. Após a verbalização da história por parte da criança e registo da mesma *ipsis verbis* pelo psicólogo, este coloca a Cena-Epílogo (10ª Cena) ao lado da última Cena disposta pela criança, apresentando assim um desfecho resolutivo para o episódio crítico sugerido no Cartão-Estímulo. Deste modo, a história é finalizada pelo psicólogo, de forma padronizada, colocando e descrevendo a última Cena, que representa uma resolução factual da situação apresentada pelo Cartão, no sentido de assegurar que a apresentação do Cartão seguinte não será contaminada pela história anterior.

No final da apresentação dos sete Cartões-Estímulo, e após retirar todo o material da mesa, o psicólogo apresenta o Cartão de Finalização, que apresenta apenas a personagem, referindo “este é o/a menino/a de quem estivemos a falar” e pergunta à criança que nome lhe quer dar. Este último Cartão constitui-se como um momento em que a criança pode reelaborar temáticas que a afectaram de modo particular, ao falar livremente sobre a prova. O psicólogo pergunta também quais as histórias de que mais gostou e de que menos gostou e porquê. É depois pedido à criança para inventar uma nova história que possa ter acontecido à personagem, o que permite ainda uma projecção livre das suas vivências, facilitando muitas vezes o acesso a aspectos significativos (Fagulha, 1997a). Estas informações são registadas na Folha de Resposta (Fagulha, 1992, 1997a).

Durante a aplicação devem ainda ser anotados, na Folha de Resposta, todos os comentários que a criança faça, bem como o seu comportamento durante a aplicação.

Esta é uma prova de fácil aplicação, sendo possível encontrar todos os procedimentos e instruções estandardizadas descritos detalhadamente no Manual, quer no que se refere à aplicação, quer no que se refere à análise. É também uma prova com boa aceitação por parte da maioria das crianças, nomeadamente crianças inibidas que manifestam dificuldade na adesão a outras provas temáticas. Também é de fácil utilização com crianças com dificuldades na expressão verbal, uma vez que não depende apenas da verbalização.

O tempo de aplicação varia de criança para criança, mas na maioria dos casos demora 20 a 30 minutos. Os princípios de aplicação e interpretação da prova constam do Manual da Prova “Era uma vez...”, estando o seu bom uso dependente de uma formação teórica apropriada por parte do psicólogo, bem como da sua prática clínica (Fagulha, 1992, 1997a).

### **I.3.3. Procedimentos de Interpretação**

A primeira referência a ter em conta na análise dos resultados refere-se às normas existentes, que permitem situar as respostas individuais face ao padrão mais comum para a idade em questão. Existem normas no que se refere às Cenas escolhidas e sua colocação em sequência para crianças portuguesas entre os 5 e os 11 anos de idade (Capinha, 2012; Fagulha, 1995, 2004). Em segundo lugar, a história verbalizada pela criança é analisada nos seus aspectos formais e de conteúdo, em ligação com as Cenas por ela escolhidas. Num terceiro momento, é feita uma síntese integrativa de todas as informações, procurando o seu significado em relação com a história de vida da criança e a integração dos dados obtidos com os de outras provas aplicadas.

Como é comum nas provas projectivas temáticas, as respostas da prova “Era uma vez...” não permitem a obtenção de um *score*, reflectindo um processo dinâmico que revelará a elaboração emocional de cada criança e o movimento interno correspondente ao estado afectivo despertado por cada um dos Cartões. Esta elaboração

dos afectos manifesta-se pela forma como a criança escolhe as Cenas e as dispõe numa sequência, bem como pela verbalização que é feita relativamente à mesma, em conjunto com todos os dados de comportamento durante o processo de aplicação (Fagulha, 1995).

Pressupõe-se que a criança organizará a sua história para cada Cartão partindo de posições relacionais, a que todos recorreremos para fazer face a situações de crise ou tensões da vida, denotando assim as suas tendências habituais. As soluções defensivas que a criança encontrará poderão passar pela solução mágica, pela passividade depressiva, pela reacção esquizo-paranóide de destruição ou estrago ou pela actividade resolutiva inserida na realidade possível. Para captar a elaboração emocional importa sobretudo o caminho encontrado pela criança, em alternância ou sequência, entre a aflição, a fuga e a fantasia ou o simples reconhecimento da realidade (Fagulha, 1992).

Através da análise das Cenas escolhidas, da sequência que é organizada e da verbalização que acompanha a história, é possível avaliar as características do funcionamento egóico no equilíbrio entre o confronto com as emoções que os estímulos despertam, a possibilidade de utilizar a fantasia e o recurso a estratégias realistas para lidar com as situações apresentadas, bem como a qualidade das relações objectais. A análise da categoria das Cenas escolhidas e da sua posição na sequência organizada possibilita o entendimento da capacidade do ego tolerar a tensão (realizando compromissos que permitam expressar os impulsos de forma adequada às exigências da realidade), da fantasia ser utilizada como protecção face às emoções dolorosas ou de, ao invés, as emoções despoletadas serem de tão grande intensidade, que destroem as capacidades de adaptação egóica e/ou desencadeiam a fuga à situação pela fantasia. A análise das histórias posteriormente verbalizadas pela criança complementa a informação obtida, uma vez que nas verbalizações a criança pode acrescentar, alterar ou omitir aspectos expressos nas Cenas escolhidas, ou mesmo fazer referências pessoais e comentários reveladores das suas vivências internas (Fagulha, 1995).

Dada a divisão dos Cartões em situações prazerosas e situações ansiogéneas, a escolha de cada categoria de Cenas ganha um significado diferente para cada uma das referidas situações. Se, por um lado, se entende como natural a escolha de Cenas de Aflição em Cartões que representam situações ansiogéneas, tal escolha não será tão



natural em Cartões que representam situações prazerosas. Esta dificuldade assumirá um importante valor diagnóstico, na medida em que revela um conflito interno não expresso no estímulo (e tendo sempre em conta a especificidade do Cartão em causa). Sendo compreensível que as situações agradáveis poderão também envolver aspectos conflituosos, a sua intensidade poderá condicionar a vivência do prazer, experiência essencial para a organização da vida mental. Deste modo, uma reacção negativa face à expectativa de prazer poderá apontar para a possibilidade de um desenvolvimento psicológico desajustado. A forma menos activa ou confiante de lidar com as dificuldades ou uma inibição parcial ou total da fantasia e do brincar, permitem distinguir crianças perturbadas de crianças que apresentam um nível de medo e ansiedade adaptados e correspondentes a um desenvolvimento normal (Melanie Klein, 1932, cit. por Fagulha, 1992, 1995, 2004). Também a dificuldade em utilizar Cenas de Fantasia como recurso adaptativo para lidar com situações ansiogéneas poderá apontar para uma possível inibição patológica (Fagulha, 2004).

Deste modo, apesar de serem geralmente experienciadas com prazer, as situações que apresentam momentos prazerosos podem despoletar conflito e/ou ansiedade se a culpabilidade e a insegurança emocionais forem intensas. Se assim for, surge a hipótese de que estas vivências internas poderão desencadear associações de frustração ou de perigo na criança, ou mesmo a supressão do desejo e a renúncia ao prazer. Tal é extremamente importante em termos diagnósticos, uma vez que a possibilidade de experimentar o prazer sustenta o desenvolvimento de sentimentos de confiança e competência, essenciais para a maturação identitária e para a capacidade de tolerar o conflito e a frustração (Klein, 1972, cit. por Fagulha, 1992, 1995, 2004). Também os aspectos de reacção emocional da criança perante o convívio com os pares são elementos de grande relevância para a compreensão da sua personalidade. Nessas interacções ela pode encontrar prazer e possibilidade de partilha ou, contrariamente, a expectativa de tal convívio pode despertar ansiedade e inibição (Fagulha, 1992).

Após a aplicação, a análise das respostas é feita com recurso a uma grelha – “Grelha de Análise de Respostas”, na qual devem ser registadas as Cenas que a criança escolheu para cada Cartão, as respectivas categorias e a sequência em que as dispôs, e

devem ser assinalados, de 87 possíveis, os itens presentes em cada uma das respostas da criança aos Cartões apresentados. Estes 87 itens dividem-se em quatro grupos:

- Atitude da criança durante a prova (itens 1 a 6)
- Sequência das Cenas (itens 7 a 27)
- Sequência da História verbalizada pela criança (itens 28 a 41)
- Aspectos Formais e de Conteúdo das histórias verbalizadas (itens 42 a 87).

Cada item patente na “Grelha de Análise” é formulado de forma descritiva, acompanhado por uma “frase-lembrete” que alude ao seu conteúdo e a sua análise traduz a forma como a criança se posiciona internamente na relação com outros significativos. Alguns itens assinalam sentimentos que podem inferir-se da verbalização da criança ou serem expressos de forma directa. Aquando da análise, é indispensável o estudo prévio e atento das definições correspondentes a cada item. Durante o processo de análise das respostas, os itens são assinalados na Grelha com uma cruz na quadrícula correspondente ao Cartão em causa, quando se verifica a sua presença no referido Cartão. O psicólogo deve ler todo o protocolo, incluindo as observações finais, antes de proceder a qualquer registo na Grelha (Fagulha, 1992, 1997a).

Após a análise das respostas Cartão a Cartão de acordo com os itens da “Grelha de Análise”, deve ser feita uma análise global das respostas a todos os Cartões, com o objectivo de identificar características comuns às respostas aos vários Cartões, que poderão revelar irregularidades no funcionamento emocional, bem como reacções específicas a determinadas temáticas (Fagulha, 1992, 1997a).

Recentemente foi criado um programa informático que possibilita, a partir da informação sobre as Cenas escolhidas em 1º, 2º e 3º lugares, o preenchimento automático dos 20 primeiros itens da Grelha de Análise (correspondentes à escolha e disposição das referidas Cenas em sequência).

No que concerne à interpretação da prova, existem duas dimensões fundamentais a ser analisadas: as estratégias de elaboração emocional (Pires, 2001), descritas em pormenor no ponto seguinte onde são abordados os estudos realizados com a prova, e as características do esquema relacional da criança. As primeiras traduzem-se nas

categorias de Cenas escolhidas e na respectiva associação em sequência. As segundas traduzem-se nas relações que ocorrem entre a personagem e outros representados nas Cenas (adultos, pares) e pela coloração dada por elementos da verbalização da criança (Fagulha, 1992).

A tarefa de interpretação da prova “Era uma vez...” é condicionada pela experiência e conhecimentos do intérprete, apesar da existência de alguns critérios objectivos, sobretudo porque exige uma síntese integrativa dos diversos aspectos das respostas. Está em estudo a sistematização dos 60 itens correspondentes à análise da verbalização, que conduzirá à publicação de normas para as crianças entre os 5 e os 11 anos, tal como já existe para as Cenas escolhidas e sua colocação em sequência (Fagulha, 1995, 2004).

É também de sublinhar, como atrás foi referido, que os dados obtidos através da prova ganham maior dimensão e significado quando integrados com outros elementos da avaliação, da observação e da história e circunstâncias de vida da criança.

### **I.3.4. Estudos Realizados com a Prova “Era Uma Vez...”**

Na fase de criação da prova foi realizado um estudo prévio com quatro Cartões — actuais Cartões I (passeio com a mãe), IV (pesadelo), V (dia de aniversário) e VII (escola), aplicados a um total de 79 crianças, que iniciavam a escolaridade obrigatória, no ano lectivo de 1983/1984, na zona escolar dos Olivais em Lisboa (Fagulha, 1985). Nesta fase um dos principais objectivos do estudo era analisar a forma como as crianças descreviam as Cenas que escolhiam para dar continuação aos episódios apresentados em cada Cartão, para perceber se o significado por elas atribuído a cada Cena correspondia, ou não, à intenção que presidira à sua concepção e desenho. As histórias contadas pelas crianças foram transcritas e segmentadas, de acordo com as verbalizações correspondentes a cada Cena. A análise das transcrições relativas a cada uma das Cenas revelou que elas eram percebidas pela maioria das crianças de acordo com a intenção da autora.

Por outro lado, pretendia-se analisar a frequência das Cenas escolhidas e das sequências com elas organizadas, para verificar se existia variabilidade na escolha de Cenas e na organização de sequências, ou se, pelo contrário, surgia alguma tendência sistemática de escolha. Verificou-se que todas as Cenas foram escolhidas, não havendo uma tendência sistemática de escolha de qualquer uma delas ou de organização das sequências.

Pretendia-se ainda avaliar a capacidade discriminativa da prova. Para tal, constituíram-se dois grupos de crianças a partir dos resultados da Prova de Prontidão Habilitação-Reabilitação – PP H/R (Leal, 1983/1987), que foi aplicada a todas as crianças que iniciaram a escolaridade obrigatória nesse ano lectivo de 1983/1984, nessas mesmas escolas da zona dos Olivais em Lisboa: um grupo de 33 crianças com um valor baixo nos itens da PP H/R, considerados indicadores de adaptação sócio-emocional, e um grupo de 32 crianças com um valor alto nos referidos itens. Na análise das respostas, verificaram-se diferenças na frequência de algumas sequências organizadas pelos dois grupos. Estas diferenças, apesar de não atingirem um valor com significado estatístico, apontaram indícios de um modo menos adequado para lidar com as situações críticas apresentadas no grupo de crianças com menor nível de adaptação sócio-emocional, evidenciando a capacidade da prova para distinguir os grupos no sentido previsto.

Era também uma meta avaliar a pertinência das respostas no âmbito do estudo de casos. Para tal, a prova foi utilizada no contexto da avaliação psicológica de 14 crianças, para as quais as respectivas professoras fizeram o pedido de avaliação. As respostas obtidas proporcionaram informação pertinente que enriqueceu a compreensão do funcionamento psicodinâmico das crianças e as questões apresentadas pelas professoras.

Apesar destes resultados encorajadores, percebeu-se a necessidade de algumas alterações à prova e ao próprio processo de aplicação. Assim, e em relação ao material, verificou-se que algumas crianças necessitavam de um melhor esclarecimento da tarefa proposta, o que levou a que fosse criado um Cartão-Exemplo, com características formais semelhantes aos Cartões-Estímulo, mas apresentando um episódio que não fosse especialmente crítico. Optou-se por uma situação lúdica: comprar brinquedos para brincar ao Carnaval, que parece representar, para a maioria das crianças em idade

escolar, um momento de festa e convívio (Fagulha, 1992). Considerou-se também a necessidade de criar novos Cartões-Estímulo — dois apresentando situações ansiogêneas (os Cartões II e VI), e um apresentando uma situação prazerosa (o Cartão III), qualquer delas comum no quotidiano infantil. Os novos Cartões mantiveram a estrutura e características dos anteriores, representando situações comuns na vida das crianças. Estes novos Cartões são os Cartões II (doença), III (ida à praia) e VI (briga dos pais), atrás descritos, e para cada um deles foram criadas as nove Cenas para dar continuação à história e a Cena 10 para finalização. Introduziu-se ainda o Cartão de Finalização da prova (retrato do menino/a) por se perceber que a própria situação da prova, ao abordar questões ansiogêneas, poderia dar lugar a uma emoção ansiosa, pelo que seria importante criar um espaço de elaboração da situação vivida. Assim, criou-se esse momento de “saída” que permitia à criança falar da prova e elaborar emoções evocadas pela mesma (Fagulha, 1992, 1995, 1996a, 2004).

Em relação às condições de aplicação, inicialmente previu-se que seriam as crianças a descrever o episódio apresentado no Cartão-Estímulo. Verificou-se que, pontualmente, surgiram algumas distorções, no sentido de eliminar o aspecto crítico nele apresentado. Assim, decidiu-se que deveria ser o psicólogo a descrever as Cenas do Cartão-Estímulo para garantir uma padronização na apresentação (Fagulha, 1992).

Terminadas estas reformulações, a prova ficou concluída e procedeu-se ao seu estudo. Assim, em 1992, após a reformulação do material e das condições de aplicação, foi realizado o estudo experimental da prova criada, que resultou na tese de doutoramento da autora e na prova como até hoje é utilizada. Neste estudo pretendia-se avaliar a reacção das crianças à prova na sua versão actual, verificar se o interesse e capacidade de colaboração das crianças evidenciado no estudo piloto com quatro Cartões se mantinha agora com oito Cartões e se as respostas continuavam a apresentar variação. Era também necessário conhecer o modo como as crianças descreviam as Cenas escolhidas e se o seu significado ia ao encontro do pretendido. Por fim, pretendia-se elaborar uma forma de análise das respostas, abrangendo também as histórias verbalizadas e o comportamento das crianças face à prova, visto que no estudo-piloto se tinham apenas analisado as Cenas escolhidas e a sua posição na sequência, (Fagulha, 1992).

Desta forma, um primeiro estudo (estudo exploratório) foi realizado com uma amostra de 162 crianças (79 raparigas e 83 rapazes), com idades compreendidas entre os 5 e os 9 anos. A prova foi aplicada no ano lectivo de 1985/1986 a crianças que frequentavam o ensino oficial ou particular em Lisboa. Todas as aplicações foram feitas individualmente, nos estabelecimentos de ensino frequentados pelas crianças. Na aplicação colaboraram psicólogas e alunas finalistas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, todas com formação e treino, supervisionados pela autora da prova.

Como resultados deste estudo, verificou-se uma boa aceitação e colaboração por parte da maioria das crianças, tendo todas as Cenas sido escolhidas e havendo uma grande variabilidade nas escolhas. Não surgiu nenhuma tendência sistemática de escolha ou de organização de sequências, o que reforçou os dados já recolhidos no estudo-piloto (Fagulha, 1992). Foi efectuada a análise exaustiva das verbalizações referentes a cada Cena, no sentido de identificar o modo como as crianças descreviam o seu significado, nos moldes já anteriormente descritos para os quatro Cartões: após a transcrição integral de todas as histórias contadas pelas crianças, estas foram segmentadas, discriminando-se assim os conjuntos de verbalizações correspondentes a cada uma das nove Cenas. A partir desta análise foram identificadas acções e significados mais frequentemente atribuídos pelas crianças a cada Cena. Esta análise permitiu perceber a existência de graduações de intensidade relativamente ao entendimento das diferentes Cenas de Aflição, o que conduziu ao desdobramento da categoria em duas: Cenas de Aflição e Cenas de Muitas Aflição. O mesmo ocorreu com a categoria Cenas de Fantasia, por se perceber que, apesar de todas evocarem fantasias agradáveis, algumas correspondiam a acontecimentos passíveis de se concretizarem (Cenas de Fantasia Viável) e outras correspondiam à realização de desejos de onnipotência e de concretização difícil ou mesmo impossível (Cenas de Fantasia Mágica) (Fagulha, 1992).

Para além das Cenas escolhidas, a análise das respostas deveria contemplar os aspectos formais das histórias verbalizadas — grau de elaboração das histórias e a sua adequação ou não às Cenas escolhidas e à sua posição na sequência organizada — bem como os aspectos de conteúdo das mesmas. Em relação ao conteúdo, a opção foi seguir

o critério já existente de Aflição, Realidade e Fantasia. Assim, a cada segmento de verbalização identificado, seria atribuída uma das três categorias. Procurou-se ainda identificar aspectos referentes à forma como as relações com os pares e com as figuras parentais eram vivenciadas, e a expressão ou não dos sentimentos e emoções. Quanto aos aspectos formais, foram contemplados os referentes ao grau de elaboração da história verbalizada e a articulação entre esta e a história representada pelas Cenas que a criança escolheu, também de acordo com as três categorias de Aflição, Realidade e Fantasia (Fagulha, 1992).

Em relação à atitude face à situação de prova, procedeu-se também a um exame exaustivo das reacções e comportamentos das crianças durante as aplicações efectuadas, no sentido de ajudar a identificar os itens que descrevessem modos de reacção encontrados. Entre outros aspectos, observou-se que algumas crianças necessitavam de algum encorajamento para participar, o que foi relacionado com as suas características pessoais, tais como timidez. Em alguns Cartões algumas crianças manifestaram sinais de desconforto, como agitação, suspiros, havendo mesmo situações de interrupção da situação, por exemplo, pedindo para ir à casa de banho (Fagulha, 1992).

Deste modo e com base em todas estas observações, foi elaborada uma Grelha de Análise de Respostas. Os itens desta primeira grelha foram revistos exaustivamente, de modo a serem explícitos e claros para os psicólogos potenciais utilizadores. O tratamento estatístico posterior permitiu avaliar o interesse discriminativo dos diversos itens, dando origem à “Grelha de Análise de Respostas” até hoje utilizada e já descrita anteriormente (Fagulha, 1992).

Os resultados deste estudo experimental abriram a possibilidade de utilizar a prova “Era uma vez...” para enriquecer a compreensão da elaboração das emoções em crianças. Considerou-se importante retomar a investigação da prova, estreitando a faixa etária e aumentando o número de sujeitos da amostra. Assim, constituiu-se uma amostra de 245 crianças (130 raparigas e 115 rapazes) com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos, que frequentavam a primeira fase do primeiro ciclo do ensino básico em estabelecimentos de ensino, público e privado, na zona urbana da cidade de Lisboa. Nesta fase pretendia-se estudar quais as Cenas escolhidas e sua disposição em sequência

(estudo de normas, por ano de idade, deste aspecto das respostas), mas também avaliar a eficácia da prova na discriminação entre grupos de crianças com diferentes características. Pretendia-se ainda avaliar o procedimento para análise das respostas elaborado no estudo experimental anterior, através da identificação de aglomerados estatísticos dos diferentes itens e a sua contribuição individual para a informação total fornecida (Fagulha, 1992).

A aplicação da prova para este estudo decorreu em dois anos lectivos: 1986/1987 e 1987/1988. A aplicação foi feita individualmente, por várias psicólogas, nas instalações do estabelecimento de ensino frequentado por cada criança, sendo sempre organizado um tempo prévio de diálogo, onde a criança poderia também desenhar. Todo o processo foi orientado pela autora, seguindo os moldes já patentes no estudo experimental anterior, no que se refere ao treino das aplicadoras. No entanto, neste estudo procurou-se identificar previamente o nível intelectual de cada criança, por se considerar importante para a compreensão das características da tarefa proposta na prova. Utilizaram-se a Escala Colectiva de Nível Intelectual – E.C.N.I. (Miranda, 1983) ou a Escala de Inteligência de Weschler para Crianças – WISC (Ferreira-Marques, 1970). Recolheram-se também informações anamnésicas e de características sócio-familiares de cada criança, junto dos Gabinetes de Psicologia ou em entrevista marcada com os pais, e informações sobre o comportamento das crianças, através da aplicação aos professores do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967).

Verificou-se que todas as Cenas foram escolhidas e que houve uma grande diversidade nas escolhas, tal como nos estudos anteriores. Foi efectuada uma análise estatística descritiva multidimensional, no sentido de conhecer a frequência total de escolha de cada uma das categorias de Cenas em cada Cartão, bem como a frequência de colocação das referidas categorias em cada uma das três posições possíveis nas sequências organizadas pelas crianças. Esta análise permitiu perceber que cada um dos Cartões apresenta uma configuração de respostas específica, havendo uma grande diversidade, quer em relação ao total das escolhas, quer em relação a cada uma das três posições da sequência (Fagulha, 1992).



Considerou-se então pertinente realizar uma análise qualitativa das respostas em causa — frequência de escolha das Cenas de acordo com a sua categoria e posição na sequência, para cada um dos Cartões. Este estudo permitiu estabelecer um padrão comum de respostas em termos de categorias de Cenas e colocação na sequência para cada um dos Cartões. Este padrão confirmou as características ansiogêneas dos Cartões I, II, IV, VI e VII, uma vez que estes foram os Cartões em que foram escolhidas mais Cenas de Aflição. Confirmou também o carácter prazeroso dos Cartões III e V, evidenciado pela predominância de escolhas de Cenas de Fantasia e de Realidade nestes Cartões (Fagulha, 1992).

A informação recolhida permitiu conhecer as respostas “Categoria de Cena/Colocação na Sequência” mais comuns nas crianças da amostra, para cada um dos Cartões. Foi efectuada uma Análise de Correspondências Múltiplas das crianças e das respostas “Categoria de Cena/Colocação na Sequência”, que permitiu individualizar 20 classes de sujeitos, caracterizadas pela ocorrência simultânea de respostas mais frequentes. Apesar de terem sido evidenciadas diversas limitações (nomeadamente o elevado número de classes, sendo algumas delas constituídas por poucos sujeitos), do ponto de vista descritivo consideraram-se algumas classes com características interessantes. No entanto, a análise feita não permitiu esclarecer a possibilidade de discriminar padrões de resposta característicos, que ajudassem a diferenciar grupos de crianças, uma vez que as crianças dos diferentes subgrupos que haviam sido formados a partir dos resultados do Questionário de Rutter, se repartiam por diferentes classes (Fagulha, 1992).

Foi ainda realizado o estudo estatístico (“Método dos *Clusters* Hierárquicos”) das “Grelhas de Análise de Respostas”, preenchidas para cada protocolo. Através desta análise, obtiveram-se sete “*clusters*” de itens claramente diferenciados, que por sua vez se distribuíram em dois subgrupos. O primeiro subgrupo era constituído por três “*clusters*”: o primeiro “*cluster*” referente à atitude da criança face à prova e à situação de teste; o segundo “*cluster*” que se relacionava com a história verbalizada pela criança, segundo os critérios de realismo, fantasia e aflição; o terceiro “*cluster*” referente às características das Cenas escolhidas e à forma como a criança as dispunha em sequência. O segundo subgrupo era constituído por quatro “*clusters*” seguintes: o quarto “*cluster*”

referente aos aspectos formais da história contada pela criança; o quinto “*cluster*” referente ao modo como a personagem se situava na relação com as outras figuras (pares e adultos); o sexto “*cluster*” que descrevia a forma como as figuras adultas masculinas e femininas se relacionavam com a personagem; o sétimo “*cluster*” referente aos aspectos emocionais expressos acerca da personagem no contexto da história verbalizada pela criança. Este procedimento permitiu verificar a relevância de cerca de dois terços dos itens presentes na “Grelha de Análise de Respostas”. Os restantes itens (28), que não apresentavam peso relevante para a constituição dos “*clusters*”, foram retirados e o “Método dos *Clusters* Hierárquicos” foi repetido, no sentido de comprovar o acerto desta medida. Verificou-se que os sete “*clusters*” anteriormente apurados se mantinham coesos e com a mesma constituição, simplificando-se assim o procedimento a adoptar na Grelha de Análise das Respostas, que ficou constituída por 87 itens. Através deste procedimento, foi também evidenciada a consistência das hipóteses que estão na base da construção da prova “Era uma vez...” e, posteriormente, da construção do procedimento de análise dos protocolos (Fagulha, 1992).

Para facilidade de exposição segue-se, a partir de agora, o critério adoptado na apresentação da prova (Fagulha, 2004), e que contempla seis linhas gerais no desenvolvimento da investigação: (I) Estabelecimento de normas relativas à “categoria de Cenas escolhidas” e sua colocação em cada uma das três posições da sequência, por nível etário; (II) Comparação das respostas de grupos com características específicas, com o objectivo de avaliar a capacidade discriminativa da prova e de identificar padrões de resposta em grupos clínicos; (III) Estudos de correlação entre as respostas à prova “Era uma vez...” e as respostas a outras provas psicológicas, com o objectivo de validação da prova; (IV) Estudos exploratórios da possibilidade de utilização da prova em condições que inviabilizam a utilização doutras provas temáticas, nomeadamente por dificuldades de expressão verbal; (V) Estudos que utilizam a prova para promover a compreensão da elaboração emocional em grupos afectados por circunstâncias críticas; (VI) Uma nova linha de estudos (Pires, 2001) com o objectivo de facilitar a análise e interpretação dos resultados, pela identificação de quatro modalidades de Estratégias de Elaboração da Ansiedade reflectidas nas respostas “Sequência de Cenas”.

(I) Estabelecimento de normas relativas à “categoria de Cenas escolhidas” e sua colocação em cada uma das três posições da sequência, por nível etário, em crianças dos 6 aos 8 anos (Fagulha, 1992, 1994a) e em crianças de 5 anos e de 9 a 11 anos (Fagulha, 1997a).

Uma primeira amostra de 245 crianças, entre os 6 e os 8 anos de idade, frequentando o ensino básico, em estabelecimentos de ensino, público e privado, da região de Lisboa, foi estudada ainda no âmbito do projecto de doutoramento da autora (Fagulha, 1992). Este estudo já foi descrito anteriormente.

Em 1997, as normas foram alargadas para a faixa etária entre os 5 e os 11 anos de idade (Fagulha, 1997a), num estudo com amostras de: 70 crianças de 5 anos que frequentavam a pré-primária em estabelecimentos de ensino privado, 70 crianças de 9 anos de idade e 70 crianças de 10/11 anos de idade que frequentavam o ensino básico em estabelecimentos de ensino, público e privado, na região de Lisboa. Tal como o estudo anterior (Fagulha, 1992), este analisou as frequências e percentagens das respostas “Cenas escolhidas”, a respectiva categoria (Realidade, Fantasia ou Aflição) e a sua “posição na sequência” (1º, 2º ou 3º lugar). Verificou-se que o padrão de resposta “Categoria de Cenas/Posição na Sequência” diferencia os diversos grupos etários e que, de forma geral, as crianças mais velhas lidam mais activamente com a emoção ansiosa, o que lhes permite uma melhor adaptação às exigências da realidade exterior. Esta crescente maturidade emocional reflecte-se na capacidade de reconhecer os aspectos críticos das situações ansiogéneas, escolhendo mais Cenas de Realidade e de Fantasia (e menos de Aflição) para terminar as histórias, bem como na diminuição das escolhas de Cenas de Fantasia nas primeiras posições das sequências (Fagulha, 1997a).

Capinha (2012), na sua tese de mestrado, estuda a evolução das respostas à prova “Era uma vez...” em função da idade, numa base de dados fornecida pela autora da prova, constituída por crianças que frequentam a escola do ensino público e privado de vários locais do país com idades entre os 5 e os 11 anos, do sexo feminino e do sexo masculino. A base de dados foi formada ao longo dos últimos 10 anos por diversos psicólogos. Capinha (2012) estudou a amostra relativamente à colocação das Cenas por categoria e à sua posição na sequência, em função da idade, bem como às Estratégias de

Elaboração da Ansiedade e sua evolução por idade (este aspecto insere-se no âmbito do ponto VI, abordado mais à frente). De forma geral, o estudo de Capinha revelou resultados semelhantes aos anteriormente encontrados, mostrando que existe uma tendência das crianças mais velhas para darem respostas que revelam uma maior capacidade de lidar de forma adaptativa com a ansiedade, quer nas situações ansiogêneas, quer nas situações prazerosas apresentadas na prova, através do aumento na escolha de Cenas de Aflição e de Realidade na primeira posição das sequências, e de um aumento na escolha de Cenas de Realidade e Fantasia para terminar as histórias.

(II) Comparação das respostas de grupos com características específicas, com o objectivo de avaliar a capacidade discriminativa da prova e de identificar padrões de resposta em grupos clínicos.

O primeiro estudo (Fagulha, 1992, 1994a) corresponde ainda ao trabalho de doutoramento da autora, já descrito. A partir dos resultados do “Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores” (Rutter, 1967), formaram-se quatro grupos de crianças com diferentes características de comportamento sócio-emocional: grupo de controlo, com ausência de perturbação emocional (N=81), crianças agressivas (N=21), crianças ansiosas (N=21) e crianças isoladas (N=12). A amostra total era composta por 135 crianças, entre os 6 e os 8 anos. Como referido anteriormente, outro objectivo do estudo era estudar a possibilidade da prova poder diferenciar as respostas das crianças com diferentes características de perturbação de comportamento psicossocial. Foram comparados protocolos das crianças pertencentes aos diferentes grupos com os protocolos das crianças do grupo de controlo. Procedeu-se à análise de “*clusters*” das respostas dos diferentes grupos, tendo-se obtido uma distribuição equivalente à que se obtivera para o conjunto da amostra. Submeteu-se também a matriz de dados obtidos através da análise de “*clusters*” a uma análise global, através do “Método de Discriminação Canónica”, que evidenciou uma diferenciação entre os cinco grupos. Deste modo, estabeleceu-se a capacidade discriminativa global da prova “Era uma vez...”, podendo assim confirmar-se o potencial da prova para a categorização das reacções emocionais das crianças das idades consideradas no estudo (Fagulha, 1992).

Neste estudo foram ainda estudadas as frequências de escolha de cada Cena, em cada Cartão, nos cinco grupos, independentemente do lugar ocupado na sequência. O objectivo era verificar diferenças significativas entre os grupos, relativamente à frequência de escolha das Cenas ao longo dos sete Cartões da prova. Verificou-se que, em geral, as escolhas das crianças agressivas recaiam menos em Cenas que exprimem directamente Aflição e/ou interacção ou pedido de apoio a figuras parentais. Escolhiam preferencialmente Cenas que representam fuga ou afastamento das figuras adultas e convívio com os pares ou que expressam recurso a fantasias de onnipotência. Relativamente ao grupo de crianças hiperactivas, não se observaram diferenças significativas em relação aos outros grupos com perturbação. No grupo das crianças isoladas as Cenas em que a personagem aparece sozinha eram as preferencialmente escolhidas, evidenciando-se também alguma recusa da ajuda das figuras parentais. O grupo de crianças ansiosas distinguia-se num pequeno número de Cenas, o que não permitiu avançar com hipóteses interpretativas de especial relevância. Estes resultados permitiram concluir que é essencial a conjugação da história organizada pela sequência de Cenas escolhidas com a verbalização correspondente, bem como com a atitude da criança face à prova e à situação de teste. Só assim podem ser abrangidos de forma completa, todos os aspectos informativos da prova (Fagulha, 1992).

Verificou-se ainda que as crianças agressivas escolhem menos Cenas que retratam Aflição (à excepção da Cena 2 do Cartão V), menos Cenas em que a personagem surge numa relação de proximidade com os pais e mais Cenas em que a personagem resolve sozinha a situação crítica. Estas crianças também tendem a apresentar uma reacção intensa à temática do Cartão VII (escola), em que escolhem com frequência as Cenas 3 e 9, ambas representativas de um desejo de fuga à situação. Por outro lado, verificou-se que as crianças isoladas escolhem preferencialmente a Cena 2 do Cartão III (ida à praia), representativa de isolamento face ao grupo de pares, e a Cena 2 do Cartão II (doença), em que há rejeição da ajuda materna (Fagulha, 1992).

Apesar do tempo de latência não ter sido analisado neste estudo, o seu significado revela-se de grande interesse no estudo de casos individuais. O nome dado à personagem parece também ser um dado importante, na medida em que o estudo permitiu perceber que todas as crianças que atribuíram o seu próprio nome à

personagem apresentavam um valor correspondente a perturbação emocional no Questionário de Rutter (1967) preenchido pelos professores. Apesar de também não terem sido analisadas neste estudo, considerou-se importante relacionar as preferências da criança relativamente aos diferentes Cartões da prova com as respectivas respostas dadas, procurando entender o significado da preferência e da “rejeição” na análise de casos individuais (Fagulha, 1992).

Um estudo longitudinal (Fagulha & Duarte Silva, 1996) com a duração de três anos, comparou a evolução das respostas ao Cartão VII (cujo tema remete para dificuldades no contexto da situação de aprendizagem escolar) entre um grupo de 40 crianças com dificuldades de aprendizagem e um grupo de 41 crianças sem dificuldades de aprendizagem, tendo os grupos sido constituídos a partir de informação dos professores.

Os grupos foram emparelhados relativamente ao sexo, ano de escolaridade (1º ou 2º) e nível de escolaridade do pai, tendo as variáveis idade, frequência anterior do jardim infantil e Q.I. (obtido através da WISC) sido controladas nos dois grupos. As crianças foram submetidas a avaliações psicológicas completas com uma frequência anual, ao longo de três anos. Os pais e os professores foram também entrevistados anualmente, no sentido de recolher informação relativa ao processo de aprendizagem e acontecimentos de vida.

Verificou-se que as crianças com dificuldades de aprendizagem escolar apresentam uma reacção predominantemente ansiosa e alguma inibição da fantasia como reacção imediata à situação crítica apresentada (não saber responder ao professor na presença dos colegas). As crianças sem dificuldades de aprendizagem organizaram histórias em que está patente o reconhecimento dos aspectos críticos e ansiogéneos do estímulo, mas em que é possível um maior recurso à capacidade lúdica para os enfrentar. No grupo com dificuldades de aprendizagem, as respostas traduzem o maior peso da vivência dessa realidade e os aspectos críticos associados. No entanto, estas diferenças sofreram um esbatimento ao longo dos três anos de estudo, sendo possível afirmar que o percurso normal de desenvolvimento conduz a uma maior aceitação e adaptação à

realidade, havendo um maior predomínio de estratégias de acção para enfrentar os seus desafios e aspectos penosos.

As autoras referem ainda a possibilidade de ter existido algum efeito “terapêutico” na forma como o estudo foi conduzido, envolvendo ao longo dos três anos os pais e os professores das crianças, podendo este ser responsável, em parte, pela aproximação dos dois grupos no que se refere aos resultados neste Cartão da prova (Fagulha & Duarte Silva, 1996).

Ana Partidário (1996) comparou as respostas “Cenas escolhidas” (Realidade, Fantasia e Aflição) e sua “posição na sequência” (1º, 2º, 3º lugar) dum grupo de seis crianças de 6 anos que sofreram queimaduras graves quando tinham entre 15 e 30 meses de idade, e as respostas de um grupo de controlo. As respostas do grupo experimental foram recolhidas no Hospital D. Estefânia, em Lisboa. O aspecto mais saliente dos resultados foi a escolha sistemática da Cena de Fantasia Mágica no Cartão II (doença) e o predomínio de Cenas de Muita Aflição no Cartão IV (pesadelo). A experiência de intenso sofrimento exprime-se, assim, nestas escolhas, desencadeando a necessidade duma defesa pela onipotência (Cena de Fantasia Mágica no Cartão II) e revelando-se equivalente a um pesadelo (Cena de Muita Aflição no Cartão IV)

Brito (2000) comparou as respostas “Cenas escolhidas” e “histórias verbalizadas” de um grupo de crianças “com comportamentos de inibição e vergonha” (N=5) e de um grupo controlo (N=5), entre os 7 e os 9 anos. As amostras foram recolhidas num ATL, em Lisboa e os grupos foram constituídos a partir dos resultados de uma entrevista semiestruturada aos professores e aos pais. Os resultados obtidos revelaram um predomínio de escolha de Cenas de Aflição no grupo de crianças com comportamentos de inibição e vergonha, e a análise das verbalizações sugeriu características diferentes da organização defensiva neste grupo de crianças, a confirmar em estudos com amostras de maior dimensão.

Batista (2002) procedeu à comparação das respostas à prova de acordo com o “Sistema de Análise das Respostas” de dois grupos de crianças, entre os 8 e os 10 anos, com “muita solidão” (N=23) e com “pouca solidão” (N=22). Os grupos foram

constituídos a partir dos resultados do *Illinois Loneliness and Social Dissatisfaction Questionnaire* de Asher, Hymel e Renshaw (1984, cit. Por Batista, 2002). Verificou-se que 22 itens diferenciavam as respostas dos dois grupos, nomeadamente os itens 43, 44, 51 e 66 no Cartão I (passeio com a mãe), o item 20 no Cartão II (doença), os itens 48, 56, 65 e 66 no Cartão III (ida à praia), os itens 43 e 44 no Cartão IV (pesadelo), os itens 7, 11, 32 e 33 no Cartão V (dia de aniversário), os itens 6 e 35 no Cartão VI (briga dos pais) e os itens 12, 35, 37, 43 e 44 no Cartão VII (escola).

(III) Estudos de correlação entre as respostas à prova “Era uma vez...” e as respostas a outras provas psicológicas, com o objectivo de validação da prova.

Em 1997 foi feito um estudo de correlação entre as respostas à prova “Era uma vez...” e o perfil de auto-percepção e valor de auto-estima, avaliados através da Escala de Auto-conceito para crianças de Susan Harter (1982), numa amostra de 60 crianças entre os 9 e os 11 anos de idade (Fagulha, 1997b).

No mesmo ano, foi realizado um estudo da correlação entre as respostas à prova e as respostas ao teste de Szondi, numa amostra de 28 crianças entre os 7 e os 11 anos (Gonçalves, 1997).

Um outro estudo foi realizado em 1999, procurando estabelecer a correlação entre os estilos de vinculação avaliados através do *Attachment Style Classification Questionnaire for Latency Age Children* (Finzi, Har-Even, Weizman, Tyano & Shnit, 1996) e as respostas “Cenas escolhidas” e sua “posição na sequência” (1º, 2º e 3º lugar) ao Cartão I da prova “Era uma vez...”. Este estudo foi realizado com uma amostra de 40 crianças de 8 e 9 anos de idade. Os autores encontraram diferenças com valor estatístico para a maior frequência de escolha da categoria Muita Aflição na 3ª posição da sequência nas crianças com pontuação alta na subescala evitante da escala de vinculação (Rogério, Raposo & Carvalho, 1999).

(IV) Estudos exploratórios da possibilidade de utilização da prova em condições que inviabilizam a utilização de outras provas temáticas, nomeadamente, por dificuldades na comunicação oral.



Foram conduzidos dois estudos com vista à análise das respostas “categorias de Cenas escolhidas” e sua colocação na sequência (1º, 2º e 3º lugar) de um grupo de 10 crianças, entre os 6 e os 10 anos, com deficiência auditiva, frequentando o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa (Fagulha, Amaral & Gama, 1994) e de um grupo de 6 crianças de 7 anos com Paralisia Cerebral, frequentando o Instituto de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian, em Lisboa (Fagulha, 1994b).

(V) Estudos que utilizam a prova para promover a compreensão da elaboração emocional em grupos afectados por circunstâncias críticas.

Um estudo realizado pela autora analisou e descreveu as respostas “Cenas escolhidas” (sua categoria: Realidade, Fantasia e Aflição), sua “posição na sequência” (1º, 2º, 3º lugar) e as características das “histórias verbalizadas”, numa amostra de 10 jovens adultos, entre os 18 e os 24 anos, com deficiência mental, cujo Q.I. se encontrava entre 60 e 74, e que frequentavam uma escola de formação profissional em Lisboa (CRINABEL) (Fagulha, 1997c).

Um outro estudo analisou e descreveu as características das respostas que exprimiam ideias de morte e defesas contra a ansiedade inerente às mesmas, numa amostra de 4 crianças, entre os 6 e os 9 anos de idade, infectadas pelo VIH, que frequentavam a Associação SOL em Lisboa (Simões, 1998).

Foi também publicado um estudo de caso sobre um menino de 7 anos infectado com VIH por transmissão vertical, em que é feita uma reflexão sobre a necessidade de apoio psicológico às crianças e famílias que se confrontam com a morte neste contexto (Fagulha, 1999).

Em 2001 foi também realizado um estudo que analisou as respostas de dois casos de crianças com doença oncológica, observadas no Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil em Lisboa, no sentido de descrever a ansiedade decorrente do medo da morte e respectivas defesas (Tavares, 2001).

Santos (2006) utilizou a prova “Era uma vez...” para testar os efeitos da participação em grupos de leitura com uma periodicidade semanal, num estudo longitudinal com a duração de três anos (desde o último ano do ensino pré-escolar ao 2º ano do Ensino Básico). As respostas à prova “Era uma vez...” analisadas de acordo com as quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Pires, 2001, estudo descrito em seguida no ponto VI) revelaram que estas crianças, em comparação com um grupo normativo, apresentavam um predomínio de Estratégias Adaptativas com Equilíbrio Emocional, reveladoras de uma elaboração emocional enriquecida pelo uso adaptativo da fantasia.

(VI) Uma nova linha de estudos (Pires, 2001) com o objectivo de facilitar a análise e interpretação dos resultados, pela identificação de quatro modalidades de Estratégias de Elaboração da Ansiedade reflectidas nas respostas “Sequência de Cenas” (tendo em conta as nove Cenas possíveis para cada Cartão, e não apenas as três categorias Realidade, Fantasia e Aflição).

Foram identificadas quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas sequências possíveis de organizar com as nove Cenas disponíveis (totalizando 504 sequências por Cartão, 3528 sequências no total da prova): Negação, Estratégia Adaptativa Operacional, Estratégia com Equilíbrio Emocional e Impossibilidade.

Cada sequência foi atribuída a uma das quatro modalidades de estratégias, procedendo-se à comparação das estratégias mais frequentemente utilizadas numa amostra de 100 crianças sem problemas psicológicos, entre os 6 e os 10 anos de idade, e numa amostra de 30 crianças da mesma faixa etária, com problemática psicológica (que as conduziu a um atendimento no Serviço de Psicologia da Comissão de Protecção de Menores de Cascais). Analisou-se também a evolução da utilização das quatro estratégias nos diversos níveis etários.

A Negação refere-se ao não reconhecimento do afecto doloroso, traduzindo um movimento interno que tem como finalidade impedir a consciencialização dos aspectos perturbadores da situação apresentada, defendendo o ego da ansiedade e evitando a dor psíquica que a mesma despoletaria. Apesar de poderem ser incluídas nesta modalidade

de escolha sequências que incluem Cenas de Aflição ou de Realidade, o que distingue a Negação das outras modalidades de elaboração da ansiedade, é a forma como as Cenas de Fantasia são utilizadas para evitar o reconhecimento da experiência emocional dolorosa. Deste modo, todas as sequências de Cenas em que a Fantasia é utilizada como fuga, não permitindo o reconhecimento do afecto perturbador, são incluídas na modalidade Negação. Também a escolha sistemática de Cenas de Fantasia nos Cartões que representam situações ansiogêneas, não havendo qualquer reconhecimento do conflito associado à situação, representa o uso da Negação, aproximando-se, neste caso, do recurso à fuga maníaca. De forma geral, esta modalidade inclui as sequências que terminam com Cenas de Fantasia (Pires, 2001).

A Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) refere-se a um movimento de reconhecimento da ansiedade despoletada pela situação-estímulo, procurando uma resolução lógica e eficaz da mesma, através do recurso a estratégias de acção adaptativas. A expressão de afectos é possível mas controlada pela razão, de modo a conduzir a uma solução eficaz da situação. Esta modalidade inclui sequências que resultam de uma combinação de Cenas de Realidade correspondentes ao reconhecimento dos aspectos perturbadores e ao uso de estratégias adequadas para a sua resolução, podendo ser também escolhidas Cenas de Aflição, desde que dentro deste quadro de elaboração e resolução da ansiedade. De forma geral, esta modalidade inclui as sequências que terminam com Cenas de Realidade (Pires, 2001).

A Estratégia com Equilibração Emocional (EEE) traduz também um movimento interno de reconhecimento da ansiedade, mas difere da Estratégia Adaptativa Operacional na medida em que a Fantasia é utilizada para equilibrar, de modo flexível e criativo, a experiência de ansiedade. Esta modalidade corresponde, assim, a sequências que resultam de combinações variadas de Cenas de Aflição, Fantasia e Realidade (Pires, 2001).

A Impossibilidade corresponde à elaboração de sequências que traduzem um confronto sem saída com a experiência de ansiedade, havendo uma falha na possibilidade de resolução adaptativa da situação. Engloba sequências compostas pelas três Cenas de Aflição, mas também sequências em que as Cenas de Aflição e Fantasia

alternam, mesmo quando a fantasia possa representar uma Negação da situação ansiogénea, desde que terminem em Aflição, representando assim uma falha da estratégia defensiva inicial. A Impossibilidade engloba ainda sequências de Cenas de Realidade, Fantasia e Aflição, organizadas de diversas formas, mas cujo desfecho revela a Impossibilidade de encontrar uma forma adequada e eficaz de resolução da situação, através da escolha na terceira posição de uma Cena de Aflição ou de Realidade, representante dos aspectos dolorosos da mesma (Pires, 2001).

A utilização da Impossibilidade e da Negação revela, assim, dificuldades na elaboração do afecto doloroso, embora de formas diferentes, enquanto a utilização das Estratégias Adaptativa Operacional e com Equilibração Emocional reflecte a existência de recursos pessoais que permitem a gestão adequada de situações ansiogéneas, o que se considera fundamental identificar em processos de avaliação psicológica (Pires, 2001).

De modo geral, os resultados deste estudo apontaram para uma diminuição do uso da Negação e da Impossibilidade com a maturidade, ao mesmo tempo que aumenta a utilização das Estratégias com Equilibração Emocional e Adaptativa Operacional, o que parece relacionar-se com o facto de as crianças mais novas terem maior dificuldade na elaboração das situações críticas apresentadas nos Cartões-Estímulo, ao passo que as crianças mais velhas adquirem mecanismos mais eficazes de elaboração da ansiedade suscitada pelas situações apresentadas.

Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas a nível estatístico entre os dois grupos, foi possível identificar uma tendência de diferenciação entre os grupos, para as idades de 9 e 10 anos, no que concerne à utilização da Negação e da Impossibilidade. Tal poderá reflectir um aumento, com a idade, das dificuldades emocionais das crianças vítimas de negligência física e psicológica.

Pires (2001) verificou ainda que nos Cartões II (doença), III (ida à praia), IV (pesadelo), V (dia de aniversário) e VI (briga dos pais) havia um predomínio do uso da Estratégia com Equilibração Emocional e da Impossibilidade, enquanto nos Cartões I (passeio com a mãe) e VII (escola) predomina a Estratégia Adaptativa Operacional.

Em termos de investigação tem-se revelado difícil a utilização de um método eficiente no tratamento das respostas, uma vez que estas apresentam uma grande variabilidade (é possível organizar em cada Cartão 27 sequências com base nas três categorias e 504 se se considerar cada Cena como item independente), aumentando ainda o número de variáveis quando se tentam introduzir os elementos referentes à verbalização (Fagulha, 1992, 1995).

Capinha (2012), tal como referido anteriormente, na sua tese de mestrado estuda a evolução das respostas à prova “Era uma vez...” em função da idade, numa base de dados fornecida pela autora da prova, constituída por crianças que frequentam escolas do ensino público e privado de vários locais do país com idades entre os 5 e os 11 anos, do sexo feminino e do sexo masculino. A autora estudou a amostra relativamente à colocação das Cenas por categoria e à sua posição na sequência, em função da idade (já referido), bem como as Estratégias de Elaboração da Ansiedade e sua evolução por idade. Verificou que existe uma prevalência do uso da Estratégia com Equilíbrio Emocional nas crianças mais velhas, a partir dos 9 anos de idade, e da Impossibilidade nas crianças mais novas, até aos 8 anos de idade. A Negação é frequente somente nas crianças de 5 anos e a Estratégia Adaptativa Operacional é pouco frequente nas crianças mais novas, sendo usada de forma crescente a partir dos 6 anos de idade. Estes dados vão ao encontro do que já havia sido referido por Pires (2001).

#### **I.4. As Temáticas dos Dois Novos Cartões criados no âmbito deste Trabalho**

##### **I.4.1. O Papel da Rivalidade Fraterna no Desenvolvimento Infantil**

###### **I.4.1.1. Principais Teorias acerca da Rivalidade Fraterna**

Na prática clínica, no domínio da compreensão psicológica do sujeito, a referência às relações fraternas é bastante frequente. No entanto, não é acompanhada no campo teórico bibliográfico, havendo raras e sucintas referências ao longo dos anos, nomeadamente na literatura psicanalítica (Marcelli, 1993). A prevalência do conflito edipiano na psicanálise parece ter conduzido à pouca importância dada à fratria (Coles, 2003; Kehl, 2000).

Na teoria freudiana (Freud, 1917/1974), o irmão é mencionado como intruso e como rival na disputa pelo seio materno, que cada filho tem que abandonar com a chegada de um mais novo. Para Freud, os ciúmes fraternos são gerados, sobretudo, pela disputa pelo amor materno (e mais tarde paterno).

Os irmãos são também focados por Freud como despoletadores da angústia de castração, por colocarem a criança mais facilmente face às diferenças de sexo. No seu estudo do caso do pequeno Hans (1909/1974), Freud relatou vários exemplos de como o menino sentiu a divisão das atenções com a sua irmã. Por outro lado, na sua descrição do caso da jovem homossexual (1920/1989), que havia sido relegada para segundo plano pela sua mãe em relação aos seus irmãos, Freud ressaltou a importância que a rivalidade fraterna tem na escolha de um objecto sexual. A rivalidade fraterna parece desempenhar, para Freud, um papel quase traumático, organizador de um tipo de relação com os outros que se repetirá na vida futura, por exemplo, nas relações de amizade. A relação com a fratria não pode, deste modo, reduzir-se a um papel acessório na infância e na vida.

Uma outra linha de pensamento freudiana, coloca a relação fraterna como possível de reeditar, na adolescência, o complexo edipiano, anteriormente mal resolvido e recalcado (Freud, 1920/1989). A forma como Freud formulou as relações entre irmãos torna difícil a análise dos seus possíveis aspectos positivos, uma vez que considera que estes seriam apenas uma formação reactiva relativamente à relação desejada com o pai ou a mãe. Alguns autores referem que neste aspecto Freud terá, consciente ou inconscientemente, sido influenciado negativamente pelas suas próprias vivências fraternas, tendo dificuldade em postular o papel positivo que as relações fraternas podem desempenhar na construção da psique, ao mesmo tempo que estava centrado na formulação da teoria edipiana (Coles, 2003; Ferrari, 2000). Não é, no entanto, propósito deste trabalho analisar os aspectos biográficos da vida de Freud.

Melanie Klein (1926/1996, 1927/1996, 1932/1996, 1933/1996), por sua vez, desenvolveu algumas teorias nos seus primeiros escritos relativamente às relações fraternas, considerando-as de grande importância no desenvolvimento psíquico e emocional, ao mesmo tempo que evidenciou a sua relevância ao permitirem à criança

uma distanciação dos pais. A autora não nega a rivalidade fraterna, mas, segundo a mesma, esta é apenas uma das partes da experiência relacional entre irmãos, e não é a sua base. O amor fraterno é, para Klein, de extrema importância, sendo que falhas relacionais nesse amor poderão distorcer emocionalmente futuras relações. Deste modo, Klein considera as relações fraternas como tendo um papel essencial nas subsequentes relações de vida.

Klein aponta ainda como muito frequente a existência de relações erotizadas (agidas ou não) mutuamente consentidas entre irmãos, sobretudo de sexos diferentes, em fases precoces do desenvolvimento, não considerando as mesmas como obrigatoriamente destrutivas. A autora distingue as fantasias erotizadas nas relações fraternas, das fantasias relativas às relações edipianas, considerando que as primeiras têm por base o amor, enquanto as segundas têm por base a raiva. Conclui mesmo que as primeiras podem reparar as segundas e amenizar a insuportável exclusão do casal parental, satisfazendo a libido infantil, e constituindo-se como base para a capacidade adulta de amar. Segundo Klein, o incesto fraterno pode ocorrer sobretudo se existir um medo excessivo dos filhos em relação às figuras parentais, ou quando os filhos são, de algum modo, negligenciados, ligando-se assim a uma falha dos cuidados parentais, compensada por uma cumplicidade fraterna secreta erotizada.

Neubauer (1983) define rivalidade fraterna como a competição entre irmãos pelo cuidado e atenção exclusivos ou preferenciais por parte da pessoa que compartilham. Assim, para este autor, a rivalidade envolve luta pela posse exclusiva do objecto e traduz-se em actos, não se limitando a ser uma intenção ou desejo.

Já segundo Rabain (1995), quando uma pequena criança vê surgir na sua família um bebé que exige dos pais tanta atenção, tal nascimento provocará uma série de reacções psicológicas particulares e ambivalentes, como resultado das alterações ambientais e relacionais que se produzirão. Haverá, assim, lugar a um duplo traumatismo — objectal e narcísico. Haverá momentos em que se sentirá excluído da díade mãe-bebé recém-formada, deixando de ser o objecto primário da preocupação materna. Tal despertará sentimentos de inveja ou de ciúme pelo amor dos pais, podendo colocar em acção uma complexidade de mecanismos defensivos. Deixou de ser o único

filho, o centro do mundo dos seus pais. Será necessário renunciar aos seus sentimentos de ilusão e onipotência infantil e elaborar a ambivalência sentida face aos seus objectos significativos.

A necessidade de reconhecer e aceitar a existência do outro, do rival, de partilhar com ele os seus objectos relacionais, é-lhe agora imposta pela realidade exterior. Rabain (1995) refere que a tensão produzida pela rivalidade fraterna, a luta do sujeito pela apropriação dos objectos, une-o à imagem do seu semelhante, desempenhando, ao mesmo tempo, um papel fundamental no processo de identificação. Este permite-lhe construir-se e organizar-se narcisicamente, introjectando a imagem de si a partir de um outro, numa relação particular, num jogo de espelhos recíproco. O outro, o rival, está na posição ideal pois possui aquilo que o próprio não pode ter. Para obter o objecto desejado o sujeito identifica-se com o rival. Também na rivalidade edipiana a criança tem que rivalizar e ao mesmo tempo identificar-se com o pai do mesmo sexo. Assim, uma vez mais a criança é colocada face a uma ambivalência: identificar-se por rever no outro semelhanças, mas também por perceber as suas diferenças. Identificar-se e rivalizar serão assim “sinónimos”, num dualismo pulsional por vezes difícil de gerir.

Paralelamente, e ainda segundo Rabain (1995), o nascimento de outra criança permite triangular as relações diádicas mãe-filho e obriga à reavaliação dos fantasmas ligados à perda do objecto. Quando coincidente com a fase edipiana, obriga à elaboração de uma dupla rivalidade: a que se refere ao recém-nascido e a que se refere ao rival parental. Assim, a rivalidade fraterna, estreitamente ligada à rivalidade edipiana, obriga à elaboração de novas incitações pulsionais, libidinais e destrutivas, ligadas à frustração sentida, ao mesmo tempo que organiza a entrada no mundo socializado da competição com o outro.

Também segundo Marcelli (1993), a relação fraterna poderá, deste modo, constituir-se como um instrumento clínico revelador do conflito edipiano. Por outro lado, um olhar sobre as relações com os pares poderá trazer luz à compreensão das relações fraternas (e edipianas), visto que a transferência para outros contextos dos fantasmas vividos na família é um mecanismo comum. Também não é raro que a rivalidade fraterna conduza a um deslocamento dos sentimentos de inveja para os



amigos dos irmãos. Assim, a avaliação dos investimentos relacionais, nomeadamente na adolescência, pode ser um bom caminho para a compreensão dos aspectos fraternos e edipianos.

Segundo Bourguignon (2000), poderíamos falar num “Complexo Fraterno” em paralelo com o “Complexo de Édipo”. A elaboração do “Complexo Fraterno”, entendido como um momento de crise, mas também de integração pulsional e de elaboração psíquica, conduz à distinção entre o mundo interno do sujeito (reforçando a sua diferenciação e a sua identidade individual) e o mundo externo ao qual pertence, favorecendo a coexistência social. Na mesma linha de pensamento, Coles (2003) refere que as relações fraternas parecem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de um “ego colectivo”, no sentido do “nós”, possibilitando a partilha de significados comuns, o que permite aceder à noção de grupo, essencial à vida em sociedade.

Corman (1970) faz também referência à relação entre a rivalidade fraterna e o complexo edipiano, referindo que a rivalidade fraterna pode ser reforçada pela rivalidade edipiana, mas o contrário não acontece, pois a criança desloca a agressividade do plano parental para o plano da fratria, onde a sua exteriorização é mais fácil.

Corman (1970) descreve nos seus trabalhos sobre esta temática as alterações que podem ser observadas quando nasce um irmão. Segundo o autor, é raro que as disputas fraternas causem danos físicos graves, podendo, no entanto, ter consequências psicológicas complexas. O autor distingue três tipos de manifestações de rivalidade fraterna: a rivalidade corpo a corpo, a rivalidade verbalizada e a rivalidade de rejeição.

O primeiro tipo é mais comum antes dos 3 anos de idade, quando a diferença de idades entre irmãos não é grande, sendo caracterizada pela exteriorização das pulsões agressivas directamente em relação ao rival. Surgem, assim, comportamentos como morder o irmão, empurrá-lo, puxar-lhe os cabelos, entre outras manifestações observáveis de agressividade. Podem observar-se condutas agressivas dirigidas ao recém-nascido ou aos pais, com origem nos desejos inconscientes de morte do recém-nascido. Por outro lado, é possível que haja um deslocamento do conflito para o meio

escolar ou outro meio extrafamiliar em que a criança esteja inserida, através da desmotivação ou mesmo repressão total do investimento nos mesmos, bem como do aparecimento de condutas agressivas para com os pares e/ou adultos presentes. Com o crescimento do irmão, este começará a reagir, transformando estes comportamentos em lutas de equilíbrio de poder (Corman, 1970).

O segundo tipo de manifestação de rivalidade fraterna, é mais comum a partir dos 2/3 anos de idade, pois com o desenvolvimento da linguagem, as manifestações de agressividade através da verbalização tornam-se possíveis, constituindo-se assim, em relação ao primeiro tipo, como uma forma atenuada de agressividade (Corman, 1970).

O terceiro tipo corresponde à negação da existência do rival, evitando contacto com ele, rejeitando-o e podendo mesmo haver um rompimento (ou não construção) dos laços afectivos com o irmão. Este tipo de manifestação é mais comum quando a diferença de idades entre irmãos é maior. Esta situação é considerada mais grave e difícil de ultrapassar que as outras. Nas situações mais patológicas pode mesmo ocorrer isolamento ou inibição pulsional massiva.

Ainda segundo Corman (1970), a sublimação permite transformar os impulsos agressivos em espírito de competição. No entanto, este mecanismo de sublimação só poderá existir quando há um ego bem adaptado, capaz de tolerar uma certa frustração e de conduzir a energia libidinal para objectivos mais elevados. Se tal não for possível, verificar-se-ão mecanismos de defesa mais rígidos e um conflito permanente entre o ego e o superego. Entre estes mecanismos, o autor salienta o deslocamento (da agressividade para outros objectos que não aquele a que é de facto dirigida, podendo mesmo ser deslocada para o próprio), a repressão (das pulsões para o inconsciente, em menor ou maior grau, e com uma constante vigilância do eu no sentido de as manter interditas) e as formações reactivas (transformação das pulsões agressivas reprimidas para o inconsciente no seu contrário, em termos de comportamentos conscientes e observáveis, mecanismo característico do desenvolvimento de um superego severo).

Corman (1970) aborda também a regressão como sendo um mecanismo de defesa comum quando nasce um irmão, e característico de um ego pouco maduro.

Sendo a situação real actual demasiado angustiante, a criança retorna, de forma inconsciente, a estádios anteriores do desenvolvimento em que o conflito actual não existia, reduzindo assim a angústia vivida. O autor distingue dois tipos de movimentos regressivos, sendo o primeiro bastante mais grave que o segundo: a regressão total, em que a criança deseja voltar a ser bebé e comporta-se como tal, e a regressão parcial, em que apenas alguns aspectos da personalidade acedem ao princípio do prazer, mantendo-se a generalidade do comportamento da criança de acordo com a sua idade real. Como exemplos de regressões deste tipo temos as regressões ao nível do controlo dos esfíncteres, a reutilização do biberão, as regressões na fala, entre outras. A regressão é frequentemente acompanhada pela identificação com o rival. Torna-se patológica quando perdura bastante tempo, condicionando a formação da personalidade da criança e o seu desenvolvimento normal.

Também Gayet (1993) aborda as diversas formas defensivas que podem ser adoptadas aquando da rivalidade fraterna. Segundo este autor, não são raros os casos de regressões desenvolvimentais, como se a criança dissesse aos seus pais que não precisam de outro bebé porque a têm a ela própria bebé. Estas identificações regressivas são limitadas no tempo, prolongando-se por alguns meses, até a criança perceber a sua ineficácia.

Segundo Gayet (1993), é comum que as condutas agressivas da criança para com o irmão sejam criticadas e reprimidas pelos pais. Segundo o autor, é obviamente importante que assim seja, mas podemos pensar que a criança se vê de algum modo impossibilitada de exprimir a angústia e a agressividade que esta situação difícil lhe causa. Muitas vezes encontra forma de as manifestar de um modo mascarado, nomeadamente através de carinhos e abraços mais brutos para com o recém-nascido. Estas manifestações permitem-lhe alguma descarga e são também uma forma de seduzir os pais, correspondendo aos seus desejos de aceitação do irmão. Voltar a agressividade contra si própria pode também surgir como única forma de a libertar. Procurar deliberadamente a repressão dos pais poderá ser a sua maneira de conseguir que concentrem nela a sua atenção, ao mesmo tempo que se caracteriza como uma conduta regressiva de aproximação a um bebé que lhe parece ser mais amado pelos pais.

A culpabilidade da criança, resultante desta agressividade mais ou menos agida e dos desejos de morte do irmão, poderá existir quando já há alguma formação moral, um superego constituído. Será talvez mais comum uma lenta interiorização de um sentimento de culpabilidade, resultante da introjecção dos valores parentais, que substituem progressivamente os seus desejos de morte, inconscientes, relativos ao irmão. É esta culpabilidade que acaba por relegar definitivamente o complexo fraterno (tal como o complexo edipiano) para o inconsciente, podendo deixar réstias da sua manifestação, por exemplo, através duma superprotecção do irmão (Gayet, 1993).

Nalguns casos as crianças mostram indiferença perante o rival, ignorando-o e não falando dele. Segundo Gayet (1993), esta indiferença constitui-se mais como uma conduta de evitamento da ansiedade causada pela situação, do que como uma forma equilibrada de lidar com a mudança necessária. Deste modo, o complexo fraterno pode não surgir directa e imediatamente e será de suspeitar se a criança não apresentar qualquer reacção ao rival.

Já para Fernandes (2005), apesar do sentimento mais comum, ao perder o lugar de único, ser o ciúme, também a inveja, o medo, a raiva, a tristeza e a dúvida estão frequentemente presentes. A autora refere também os comportamentos reactivos mais comuns nesta situação: agressão (sobre o bebé, sobre a mãe ou sobre si própria), regressão ou paragem no desenvolvimento, problemas de sono, problemas de alimentação, doenças imaginárias (procurando centrar a atenção dos pais em si própria), isolamento e formação reactiva. Apesar destes comportamentos serem mais característicos e mais intensos no caso do filho mais velho quando nasce um irmão, também podem ser observados em outros filhos, quando nasce o bebé seguinte.

O termo “função fraterna”, referido por Maria Rita Kehl (2000), surge procurando abarcar o carácter necessário da participação do semelhante na estruturação do ser humano e, especificamente, o papel da fratria nessa mesma estruturação. Segundo a autora, a convivência fraterna coloca o sujeito perante a ambivalência da semelhança na diferença. É igual enquanto se mantém no estatuto de filho e em submissão aos pais, mas surge como diferente na discriminação dos lugares segundo a ordem de nascimento, as características próprias, as tarefas que lhe são colocadas, etc..

Deste modo, a constatação da diferença entre os irmãos permite a quebra da ilusão identitária do sujeito e que cada filho se aproprie à sua maneira do legado familiar. As identificações fraternas, secundárias relativamente ao eu ideal e horizontais em contraposição às identificações com os ideais paternos (verticais), permitem substituir a ilusão identitária (geradora de um fantasma de duplo perseguidor), por um campo identificatório diversificado, no qual o sujeito pode movimentar-se livre da exigência narcísica. É nessa circulação horizontal que é criada a possibilidade de desenvolvimento de traços identitários secundários, que a linguagem se modifica e se actualiza, que se confessam ou produzem as noções de transgressão face às normas parentais. Assim, a função do semelhante, deve ser considerada em três planos ou níveis de abstracção: a constatação da semelhança na diferença, que força à reelaboração da relação com o eu ideal no campo narcísico; as experiências compartilhadas, que permitem reconhecer e confirmar, mas também relativizar o poder da verdade absoluta da palavra parental; a abertura de um campo mais vasto de circulação e transmissão de saberes.

Kehl (2000) chama, no entanto, a atenção para a necessidade de ter em conta que o papel psíquico do irmão que surge dependerá sempre do momento em que tal acontece. Quando ocorre numa fase muito precoce, por exemplo, durante o desmame, é mais provável que a sua intrusão conduza a impulsos de destruição imaginária do outro, ou regressões. Quando surge numa fase mais tardia, é mais provável a “adopção” do irmão, colocando o sujeito no plano das identificações parentais e mobilizando sentimentos protectores. No período pré-edipiano, o rival coloca à criança questões essenciais relativas à sua sexualidade, precipitando a sua entrada no Édipo. Surgem questões relativas ao nascimento dos bebés, à Cena primitiva, à diferença entre sexos. Os irmãos poderão constituir-se como alvo de brincadeiras sexuais, permitindo o deslocamento e a projecção libidinal fora do triângulo edipiano. Neste aspecto, Coles (2003) refere que será mais fácil passar ao acto (agressivo ou libidinal) numa relação fraterna do que numa relação edipiana com as figuras parentais.

Em suma, a importância da fratria não se poderá reduzir a um papel acessório na vida e na constituição da personalidade dos indivíduos, sendo as imagos fraternas, tal como as imagos parentais, as primeiras identificações da criança. Esta sucessão de identificações, que implicam rivalidade, permite a constituição de uma imagem de si

diferenciada e sólida (Rabain, 1995). Assim, o outro, o semelhante, contribui decisivamente para nos estruturar.

No mundo fraterno, a criança desenvolve a sua capacidade comunicacional de várias formas. Muito cedo os irmãos descobrem diferenças nas suas personalidades, o que favorece um aprendizado mútuo de como agir numa gama variada de situações. Os irmãos são vistos uns pelos outros tanto nas suas qualidades como nos seus defeitos, numa relação que tanto pode envolver disputas como apoio e solidariedade. Esta aprendizagem não se restringe ao ambiente familiar, uma vez que cada irmão tem um contacto individual com o mundo exterior e, através dessa experiência, a criança contacta com outros sistemas, adquirindo novos conhecimentos e formas de se relacionar. O intercâmbio de experiências dá-se, assim, tanto de fora para dentro como de dentro para fora do universo fraternal. Também as disputas entre irmãos são importantes. Treinam a criança para gerir sentimentos relacionados com ganhar e perder, identificar limitações e superá-las, promovem alianças e entreaajuda, ensinam a dividir e a partilhar (Britto, 2002).

Mas a rivalidade fraterna poderá constituir-se como um potencial traumático, podendo ter um papel determinante na vida posterior do sujeito, organizando um tipo relacional que se repetirá com outros objectos. A “patologia da rivalidade” surge quando a rivalidade põe em causa a imagem de si próprio, sendo a frustração insuportável para o narcisismo primitivo. O outro aparece então como um receptor das projecções negativas do sujeito, que coloca no outro as partes de si próprio que rejeita (Rabain, 1995). Mas nem sempre assim é e, em última análise, os gémeos serão a prova real de como é possível a coexistência com um duplo sem que haja fusão identitária (Bourguignon, 2000).

Segundo Britto (2002), a rivalidade fraterna crónica e patológica assenta em três pilares: inveja, ciúme e competição. A provocação mútua constante na infância, a par com um desinteresse pelas dificuldades ou interesses um do outro, num exercício permanente do egocentrismo, constituem o estágio embrionário destas situações. Estes elementos formadores de desafectos entre irmãos estão interligados entre si e a existência de um desencadeia automaticamente o aparecimento do outro. Quando estes

elementos se estabelecem como o padrão de relacionamento, tornam-se poderosos instrumentos de uma guerra interminável. A inveja nasce da tomada de consciência de que nos encontramos numa condição de desigualdade, em que sentimos que não possuímos os atributos necessários para pertencer a determinada categoria e obter uma posição de destaque. Existe um outro, pertencente à mesma categoria, que se sobrepõe a nós em relação a esses atributos, o que gera sofrimento emocional e desperta a inveja. Por seu turno, o ciúme tem origem na necessidade psicológica de exclusividade, aliada ao egoísmo infantil, e leva ao desenvolvimento de comportamentos de competição, com a finalidade de assegurar a posse exclusiva.

Tal como referido anteriormente, a emergência da consciência moral, do superego, relegará o complexo fraterno, e a rivalidade a ele associada, para o inconsciente (Gayet, 1993). Quando a rivalidade fraterna permanece no tempo, até à vida adulta, poderemos pensar no papel por parte dos pais e educadores, de forma consciente ou não, na manutenção da fantasia infantil de só haver lugar para um no amor parental. Surgem muitas vezes na clínica as consequências devastadoras produzidas pela falta de lugar na família para a diversidade, quer nos casos do suposto “vencedor” do lugar único, como nos casos do suposto “perdedor” do mesmo (Kehl, 2000).

Segundo Britto (2002), independentemente do curso em que o vínculo entre irmãos se tenha desenvolvido e da natureza que tenha adquirido durante a infância, é somente na adolescência que ele irá ganhar uma forma mais definida e ditar as bases da relação daí em diante.

É certo que há uma parte da nossa aprendizagem que se prende com a nossa fratria, e que se reflecte na nossa vida adulta e na forma como nos relacionamos com os outros. No contexto terapêutico, a evolução do paciente passa, muitas vezes, pela compreensão das suas questões fraternas. Reconhecer a transferência “fraterna” no contexto terapêutico é reconhecer a possibilidade de “ocuparmos” a posição de irmão ou irmã do paciente. Paralelamente, as nossas próprias vivências nesta área (tenhamos ou não irmãos) podem reflectir-se na nossa contra-transferência, sendo importante a sua análise.

#### **I.4.1.2. A Rivalidade Fraterna e a Estrutura Familiar**

Marcelli (1993) chama a atenção para a necessidade de considerar as particularidades de cada fratria, nomeadamente: as fratrias numerosas, as fratrias unissexuais, as fratrias com gémeos, as fratrias com crianças com deficiência, as fratrias formadas depois de divórcios e novas uniões, as fratrias com crianças adoptadas, o filho único, famílias com filhos falecidos, entre outras.

Também Coles (2003) sublinha que podem ser organizadas muitas formas diferentes de rivalidade fraterna, consoante a estrutura familiar em questão. A título de exemplo, em famílias com vários filhos, podem organizar-se triangulações entre três filhos, ou entre dois filhos e um dos pais. Por outro lado, ser filho único pode representar a condição de realização edipiana, no sentido em que se é o único a rivalizar com o pai (ou com a mãe).

Kreppner, Paulsen e Schuetze (1982) propuseram um sistema de conceptualização das mudanças que ocorrem numa família quando nasce um segundo filho, envolvendo três fases: dos 0 aos 8 meses decorre a integração inicial da nova criança na família, sendo o problema central a reestruturação familiar e a gestão da casa; entre os 9 e os 16 meses, quando o segundo filho começa a gatinhar e a andar, tornando-se mais autónomo e interagindo mais com os outros, as interacções entre as crianças começam a ser o foco de atenção principal; dos 17 aos 24 meses, a família começa a estabelecer uma verdadeira diferenciação geracional e consolidação das interacções, pois são agora pais de duas crianças mais crescidas e não de uma criança e de um bebé.

Kreppner et al. (1982) referem também que as famílias adoptam três tipos diferentes de estratégias para integrar uma nova criança: o pai passa a ter maior responsabilidade nos cuidados ao mais velho, permitindo à mãe focar-se mais no mais novo; o pai passa a ter maior responsabilidade nas tarefas domésticas, deixando à mãe maior responsabilidade relativamente às duas crianças; ou ambos os pais partilham todas as tarefas, quer domésticas, quer respeitantes a ambos os filhos.



Segundo estudos realizados por Smalley e por Sewall nos anos 30 (cit. por Rabain, 1995), se um irmão nasce quando o primeiro filho tem menos de 2 anos de idade, é provável que se estabeleça entre ambos uma relação de companheirismo e mesmo de alguma dependência, sendo mais provável que ocorram comportamentos hostis quando o primeiro filho tem entre 2 e 4 anos de idade quando o irmão nasce. Outro aspecto de relevância corresponde ao facto dessa hostilidade ser mais marcada quando os irmãos são do mesmo sexo.

Almodovar (1981, cit por Rabain, 1995) refere que a rivalidade fraterna antes dos 2 anos de idade, terá um efeito sobretudo organizador, permitindo ao sujeito diferenciar melhor e mais facilmente o “eu” do “outro”. A rivalidade será, assim, organizadora da diferença. Quando este aparecimento se dá entre os 2 e os 4 anos, durante o período em que o sujeito se define como distinto dos outros, introduzirá um efeito perturbador nessa distinção entre o “eu” e o “outro”, obrigando a mecanismos de regressão e/ou de agressividade. Deste modo, e conforme a idade do sujeito, a rivalidade fraterna pode ter uma função de ajuda à maturação e individuação ou uma função angustiante e geradora de confusão identitária.

Para Corman (1970), a reacção de uma criança ao rival dependerá de diversos factores: do seu carácter, da educação mais ou menos gratificante que teve até então, da sua capacidade de resistência à frustração, da atitude dos pais perante a situação, mas sobretudo da diferença de idades entre ambas as crianças. Se a diferença de idades for inferior a 18 meses, será mais provável que haja exteriorização de agressividade relativamente ao irmão, mas a mesma não impedirá que se formem laços de afecto e interesses comuns. Se a diferença for de três ou quatro anos a adaptação ao irmão mais novo será mais difícil, podendo surgir movimentos regressivos. Quando a diferença é de cerca de sete anos, o irmão mais velho provavelmente não se sentirá posto em causa, adoptando uma atitude protectora e responsável em relação ao mais novo, mais ou menos autoritária, consoante a sua maturidade. Também segundo Gayet (1993) uma diferença de idades igual ou superior a sete anos corresponderá a uma diferença de mundos (entre o mundo da criança e o mundo dos adultos) tal, que a rivalidade fraterna será praticamente inexistente. Nestes casos os irmãos mais velhos tenderão a ter um

comportamento similar ao parental para com o irmão mais novo, e o irmão mais novo sentir-se-á, em grande parte, como um filho único.

Ainda sobre esta questão, Fernandes (2005) refere que as idades em que o abalo será menor serão antes dos 2/3 anos e depois dos 6/7 anos. Justifica-se que assim seja porque, para a criança sentir ciúmes do irmão, terá que ter um grau de desenvolvimento afectivo e cognitivo que lhe permita conceber o outro como rival. Antes dos 2/3 anos a criança é um ser ainda pouco separado das outras pessoas, não tendo ainda ocorrido o processo de separação/individuação em que faz o reconhecimento de si e, consequentemente, dos outros. Entre os 2/3 anos e os 6/7 anos, a criança procura perceber qual é o seu lugar no núcleo familiar, o que, em conjunto com o Complexo de Édipo, traz alguma ebulição afectiva. Será neste período que a criança poderá manifestar mais intensamente condutas ciumentas relativamente a um bebé. Por volta dos 6/7 anos a criança terá aprendido a tolerar frustrações diversas e a sua identidade e moralidade estão mais desenvolvidas, o que facilitará a aceitação do rival.

A autora (Fernandes, 2005) refere também alguns aspectos que poderão adicionalmente condicionar a intensidade e a manifestação de ciúmes face ao rival. Se a diferença de idades não for muito grande, será mais fácil que se tornem rapidamente companheiros de brincadeiras. Os afectos negativos e a competição não desaparecem, mas surgem também afectos positivos de cumplicidade e companheirismo. Se a diferença de idades for grande, a rivalidade será tendencialmente menor pois o mais velho já terá a sua identidade familiar mais sólida, apesar do desconforto que o nascimento do irmão possa suscitar. Neste caso a relação será mais vertical que horizontal. Também o facto de serem do mesmo sexo ou não poderá condicionar a rivalidade e competição. Sexos diferentes poderão competir menos, porque encontram mais facilmente diferentes lugares na família e terão mais facilmente interesses distintos que não os colocam permanentemente em conflito. Paralelamente, outras mudanças associadas ao nascimento do irmão (mudança de quarto, de horários, de escola), como a relação com o pai (se já existe uma boa relação com o pai, os ciúmes podem ser minorados se o pai, mais liberto dos cuidados ao bebé, aumentar as suas interacções com a criança), a atenção que os pais dedicam ao bebé (em comparação com a que dão à criança), o papel que os pais dão à criança nos cuidados ao bebé (demasiadas

responsabilidades poderão conduzir a inseguranças, ao invés do sentimento de utilidade e competência que pretendem induzir), são também factores importantes a considerar.

Para Gayet (1993) a atitude do irmão mais velho quando nasce um irmão mais novo dependerá da sua maturidade, mas também do seu sexo, referindo que se for uma filha mais velha, esta tenderá a reproduzir as leis maternas e a impô-las ao irmão mais novo, sobretudo por uma identificação com a figura materna, mas também por uma tentativa de domínio do mais novo de modo a não se deixar dominar. Se for um filho mais velho, tenderá a adoptar uma posição de continuidade da figura paterna, numa perspectiva de obediência viril. No entanto, o autor salienta que estas são descrições gerais e que o que acabará por ter maior peso será o modelo maternal e paternal com o qual a criança se identifica. Em qualquer dos casos, o primeiro filho será tendencialmente mais autónomo e responsável.

Este autor aborda no seu livro *Les relations fraternelles* (Gayet, 1993) os vários aspectos que poderão condicionar a existência da rivalidade fraterna e o desenrolar da relação de irmãos e da constituição da personalidade de cada criança. Vários estudos foram conduzidos no sentido de perceber de que modo a ordem do nascimento pode influenciar a personalidade de cada filho. A maioria considera que o primeiro filho é normalmente objecto de mais expectativas e de mais angústias por parte dos pais, do que os seguintes. Quando têm o primeiro filho os pais não sabem se ele será o seu único filho ou não. Existe o peso inconsciente de poder ser a sua única hipótese de realizar os seus desejos, o que os torna muitas vezes mais exigentes. Num primeiro nascimento, os fantasmas infantis dos pais são revividos e reactualizados, mas nos nascimentos seguintes, também as recordações dos anteriores reaparecerão.

Quando há mais do que dois filhos, o filho do meio encontra-se quase sempre numa situação pouco definida, pois apesar de desempenhar por vezes o papel de mais velho e, outras vezes, o papel de mais novo, ele não é verdadeiramente nem o mais novo nem o mais velho. O autor refere mesmo que os filhos do meio têm mais probabilidade de desenvolver problemas psicológicos, devido à crise afectiva que viverão na procura do seu lugar na família. Se o filho do meio for de sexo diferente dos outros dois, então a sua situação será facilitada.

Já segundo Fernandes (2005), o filho do meio, ao ser destronado, passa por um reacender do ressentimento advindo aquando da descoberta de ter nascido depois do mais velho, de nunca poder ser o primeiro, levando assim a dois traumatismos: o de não ter sido o primeiro mas também o de não ser o último. A autora também refere que os casos mais difíceis serão os de um rapaz entre dois rapazes ou de uma rapariga entre duas raparigas, por o sexo não poder servir nestas situações como factor diferenciador/privilegiado. Se houver mais do que três filhos, a identidade hierárquica parece, segundo a autora, ser menos problemática, pelas possibilidades de emparelhamento que uma fratria maior permite. Formar-se-ão, muito provavelmente, subgrupos, normalmente dos mais velhos com os do meio mais velhos e dos mais novos com os do meio mais novos. Se houver somente um filho do meio, este também poderá emparelhar com o irmão mais velho ou com o irmão mais novo, tudo dependerá das diferenças de idades. Paralelamente, o estatuto sexual das crianças do meio dependerá tanto da configuração fraterna como das expectativas dos pais sobre a identidade sexual dos filhos, já que muitas vezes se deseja que um segundo filho seja de sexo diferente do primeiro. Esta autora chama ainda a atenção para o facto de que não ser nem o mais velho nem o mais novo, mas às vezes adoptar o papel de mais velho e às vezes adoptar o papel de mais novo, pode ser uma mais-valia no futuro, por desenvolver mais flexibilidade para se adaptar a diferentes tipos de relações, podendo tirar partido das suas diversificadas experiências.

Britto (2002) refere que a dificuldade dos pais em lidar com os sentimentos de raiva, medo e ciúme do primogénito pode aprisioná-los à recorrente manipulação do filho mais velho, criando um afastamento relativamente ao filho mais novo. E se por acaso surgir um terceiro filho, o segundo ficará ainda mais afastado dos pais.

Tendencialmente pensa-se sobretudo na forma como o irmão mais velho gere o nascimento do mais novo, mas será também importante reflectir sobre o ponto de vista do irmão mais novo. Este ignora a frustração vivida pelo irmão mais velho, o amor exclusivo dos pais, porque sempre o partilhou. Não tem um sentimento nostálgico duma época em que foi o único. A sua agressividade em relação ao irmão é muitas vezes reactiva e virada contra a força que lhe reconhece, pois reconhece-o como um modelo de identificação mais próximo que o pai ou que a mãe. Para o mais novo, o mais velho é,

muitas vezes, um intermediário entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos (Gayet, 1993).

Por outro lado, se a diferença de idades for grande, o mais novo poderá ficar envolto na atmosfera de protecção que o rodeia, ou ficar numa situação de isolamento, procurando entrar no “mundo dos grandes” do qual é frequentemente excluído, podendo, para tal, submeter-se às suas exigências tirânicas e desenvolver uma atitude masoquista (Corman, 1970).

Fernandes (2005) acrescenta que o irmão mais novo também poderá sentir algum ressentimento ao perceber que antes dele já existia uma outra criança na família, que é um rival mais forte e que, muitas vezes, lhe dificulta a vida. Este ressentimento será sentido não só contra o irmão que lhe contraria o desejo de ser o objecto exclusivo do amor dos pais, mas também para com os pais, que tiveram outro filho antes dele. Tal como nas outras posições na fratria, as generalizações são perigosas e difíceis, sendo fundamental ter-se em conta os principais descritores da situação de cada filho, nomeadamente o tamanho da fratria, o sexo de cada um, as diferenças de idades, etc.. No entanto, geralmente e segundo a autora, fala-se do mais novo como sendo o “bebé” da família, o mais mimado, o irresponsável. Será tendencialmente muito diferente do primeiro. Numa fratria de dois, a sua inferioridade físico-mental durante os primeiros anos de vida, comparativamente com o mais velho, pode dificultar-lhe a formação de uma identidade segura, sentindo que não está a corresponder às expectativas dos pais. Isto será mais frequente no caso de um irmão mais novo e uma irmã mais velha. Também frequentemente, e talvez na sequência do que foi dito anteriormente, procurará afirmar-se em áreas diversas das dos irmãos mais velhos, numa tentativa de se diferenciar. Seja a fratria que for, os mais novos partilham com os filhos únicos uma característica: nunca são destronados. Podem, no entanto, sempre temer sê-lo...

Adler (1931/2009) postulou que a posição da criança na fratria tem uma elevada influência na sua experiência de desenvolvimento e, conseqüentemente, na formação da sua personalidade. Segundo este autor, o irmão mais velho, com o nascimento de uma segunda criança, é “destronado”, perdendo alguma da atenção que recebia como filho único, partilhando-a agora com o rival. Tipicamente, segundo Adler, a criança tende a

lutar pelo amor materno, podendo também resultar numa preferência pelo pai. No entanto, se a relação precoce foi securizante e se a transição for correctamente preparada pelos pais, poderá adoptar uma postura cuidadora e protectora em relação ao irmão mais novo, imitando os seus pais. O irmão que nasce vive sempre com outro irmão, pelo que sempre partilhou e partilhará os seus pais, sendo esperado que seja mais cooperante. Se nasce uma terceira criança, a sua perda de atenção não é tão significativa como no caso do irmão mais velho. Ainda segundo Adler, o filho mais novo numa família, porque nunca é “destronado”, tende a ser o eterno “bebé”.

Apesar da rivalidade fraterna, são muitas as crianças que exprimem o seu desejo de ter irmãos. Pode mesmo ser esse o factor precipitante do nascimento de um segundo filho. Este desejo das crianças liga-se muito à vontade de ter um companheiro para as suas brincadeiras. É também por isso que, quando realmente surge um irmão, pode haver alguma desilusão, por um bebé não corresponder às suas expectativas do que é um irmão. Mas há um outro desejo que pode estar subjacente ao pedido de um irmão: a diluição da autoridade parental, um relaxamento na sua vigilância. Assim, o irmão poderá servir de protecção contra a onnipresença dos pais. Esta é também uma expectativa que rapidamente se desfaz, no sentido em que os pais continuam vigilantes e mesmo mais críticos (Adler, 1931/2009).

E como pensar o caso do filho único? Para Adler, a ausência de fratria não exclui o complexo fraterno. O filho único encontra substitutos de irmãos e irmãs, tal como o órfão encontra substitutos paternos e maternos. No caso do filho único as relações fraternas são fantasiadas, de forma mais ou menos consciente, quer pela criança, quer pelos pais. Também as razões pelas quais a criança permanece filha única desempenham um papel importante na formação da sua personalidade. Estaremos, no caso do filho único, perante a situação edipiana pura, sendo também a sua dissolução mais difícil nestes casos, uma vez que não existe um irmão ou uma irmã que possa servir de intermediário entre o mundo infantil e o mundo adulto.

Também segundo Fernandes (2005), a personalidade dos filhos únicos dependerá, em grande medida, das circunstâncias que levaram a que fosse filho único, que podem ser muito diversas: casamentos e maternidades tardias, divórcio ou ruptura

precoce do casal, opção deliberada de ter apenas um filho, problemas de saúde da mãe, doença ou deficiência do filho, entre outras. De forma geral, se ter um só filho corresponde ao desejado pelos pais, a sua relação com esse filho será menos ambivalente do que nos casos em que existe o desejo de ter tido mais filhos. Em qualquer dos casos, o senso comum tende a descrever o filho único como autoritário, pouco sociável, solitário, egoísta, etc.. A superprotecção parental poderá explicar em parte a tendência à presença destas características. A hiperatenção dos pais poderá dificultar o processo de individuação-separação. Também a existência de menos oportunidades de desenvolvimento de competências sociais, como a negociação e tolerância poderão ajudar a explicar estas características.

No entanto, segundo a autora (Fernandes, 2005), a sua exclusividade, com pais que educam os filhos em ambientes sociáveis, poderá ser benéfica e propiciar o desenvolvimento de bons índices de auto-estima. Por outro lado, ter só para si o amor e a atenção dos pais pode ser um fardo demasiado pesado. Talvez isso explique o desejo da maioria dos filhos únicos de ter irmãos, companheiros para as suas brincadeiras (mas também alvos de competição e rivalidade), que os ajudem a desligar-se da relação triangular mãe-pai-filho (e consequentemente na resolução do Édipo).

Britto (2002) refere que, por não sofrer o processo de comparação existente em famílias mais numerosas, a aceitação e o sentimento de pertença ao meio familiar são mais facilmente obtidos pelo filho único do que pelos outros, contudo, no meio social, ele terá provavelmente que se empenhar mais do que os outros. Apesar disto, esta autora diz-nos que atitudes socialmente “desagradáveis” não são exclusivas dos filhos únicos, mas de toda a criança que vive num meio familiar promotor de tais comportamentos.

Gayet (1993) aborda também a situação dos irmãos gémeos, que nunca conheceram uma situação de unicidade, pelo que também não poderão experienciar a ruptura dessa unicidade. Dependendo da forma como os pais lidam com o facto de terem filhos fisicamente muito parecidos, os filhos gémeos (idênticos) poderão encontrar mais ou menos dificuldade na formação de uma identidade separada e única. Nestes casos, a criança toma consciência do seu corpo, da sua identidade, também na imagem de duplo que o irmão lhe devolve. Para Fernandes (2005), atribuindo papéis

fraternais diferentes ou respondendo apenas às diferenças (pequenas, no caso dos monozigóticos) iniciais entre os gémeos, os pais lidam diferentemente com os filhos. Mesmo que o tratamento parental fosse o mesmo, os gémeos percebem o comportamento dos pais de forma distinta. As suas diferenças acentuam-se progressivamente, assim como o tratamento diferencial dos pais se vai acentuando. Segundo a autora, quando os gémeos são monozigóticos, a atribuição do papel fraternal pode, por exemplo, relacionar-se com a ordem de nascimento. Quando os gémeos são heterozigóticos do mesmo sexo, são muitas vezes as suas características físicas ou psicológicas que os diferenciam. Quando são de sexo diferente, não se coloca muito esta questão, dado que os papéis masculino e feminino são muito distintos socialmente. Quando os gémeos fazem parte de uma fratria, geralmente é-lhes atribuído um papel correspondente ao lugar que ocupam nessa fratria, como se fossem um só. Quando são mais do que dois, essa hierarquização é mais difícil, pelo que muitas vezes é a ordem de nascimento que nomeia o lugar de cada um na fratria (primeiro, segundo e... último).

De acordo com Britto (2002), alguns gémeos reproduzem entre si o vínculo intra-uterino durante os primeiros anos de vida, criando uma ligação simbiótica como se um fosse a extensão do outro, com um código particular de comunicação. Quando isto se prolonga para além dos três primeiros anos de vida, sem uma intervenção parental adequada no sentido de romper esse vínculo simbiótico, será mais difícil o desenvolvimento adequado da individualidade de cada um, conduzindo-os ao isolamento familiar e social.

Não poderíamos deixar de abordar também os casos dos meios-irmãos e dos irmãos por parentesco ou aliança, situações frequentes e que se relacionam muitas vezes com separações e divórcios. Após uma situação de separação/divórcio, vivida sempre de forma diferente por cada um dos membros da fratria, com maior ou menor perturbação, dependendo de inúmeros factores (desde o temperamento e personalidade, até ao nível de desenvolvimento e relação particular com cada um dos pais, passando por muitos outros aspectos) e, normalmente, após um período de monoparentalidade, em que um dos progenitores está mais presente do que o outro, é comum surgirem novas uniões e, por vezes, novas crianças. É usual que a fratria original passe a conviver com outros adultos e com outras crianças, sejam meios-irmãos, sejam irmãos por parentesco,



trazidos pelos novos parceiros dos pais biológicos. As variações destas situações são inúmeras e complexas, existindo um espaço físico-material de partilha com estas novas crianças, mas sobretudo um espaço psicológico em que se constrói esta nova fraternidade (Fernandes, 2005). Segundo Britto (2002), a relação entre meios-irmãos ou irmãos por parentesco irá depender do grau de convivência e de intimidade que desenvolverem, mas principalmente da aprovação parental em relação a eles.

Também o caso dos irmãos adoptados se assemelha a estas situações. Para Britto (2002), quando o novo irmão que chega ao grupo fraternal possui uma procedência familiar diferentes da dos demais, as reacções dependerão em grande medida da idade de cada um. Pequenas diferenças de idade podem inicialmente suscitar algum estranhar, mas tenderão a promover uma maior aceitação da situação do que as grandes diferenças etárias. No entanto, o factor mais importante será a intenção verdadeira dos pais na escolha de um filho/irmão adoptivo e a apresentação da situação à fratria original. Para a autora, razões como pena, vontade de fazer caridade, ajudar nas tarefas domésticas e no cuidado aos filhos mais pequenos, serão sempre razões de difícil gestão. Também o facto da criança adoptada ter família biológica parece complicar a sua adaptação, podendo provocar um comprometimento da sua identidade.

Segundo Fernandes (2005), para uma criança mais pequena, estas mudanças poderão constituir-se como uma aventura e novas crianças para brincar, o que, apesar da partilha do pai/mãe e dos espaços, poderá ser uma realidade muito apelativa. Mas para uma criança mais velha poderá tornar-se uma situação mais difícil, uma perda de referências e um incómodo. Em qualquer dos casos, ocorrem perdas, e uma das perdas possível é a da posição fraternal original. Esta mudança nos papéis fraternais, apesar de poder conduzir a uma maior flexibilidade do comportamento relacional, pode ser um factor de perturbação, sobretudo quando existe uma mudança drástica na hierarquia (por exemplo, um irmão que está habituado a ser o mais velho passa a ser mais novo relativamente ao irmão por parentesco). Também quando a rivalidade fraterna já estava exacerbada na fratria original, será mais provável que exista também na nova fratria, sendo o factor de partilha do pai/mãe o mais crítico, até porque muitas vezes não estarão com o pai/mãe a tempo inteiro como os novos irmãos.

Em qualquer das situações de fratria, para além da carga genética e da hereditariedade, o meio, em geral, e o comportamento parental, em particular, revelam-se os mais poderosos factores diferenciadores. Mesmo quando as suas atitudes são muito semelhantes relativamente a todos os filhos, elas são sempre percebidas de forma diferente por cada um deles. Assim, na fratria, a subjectividade ocorre, primeiro porque as crianças têm idades e níveis de desenvolvimento diferentes e, depois, porque têm personalidades diferentes. Por isso, interpretam os comportamentos parentais de formas diferentes e o mesmo acontece relativamente a qualquer acontecimento da vida familiar, mesmo aquilo que é aparentemente objectivo e partilhado por todos os membros da fratria. Em suma, a percepção/interpretação dos acontecimentos é mais importante do que os acontecimentos em si, o que torna a família um contexto de desenvolvimento diferenciado para cada um dos filhos. Mas também as relações entre os irmãos são fundamentais na formação da personalidade de cada um. No preponderante contexto vivencial que é a família, as relações entre os irmãos têm um impacto importante sobretudo nos aspectos relacionados com o comportamento social. Essas primeiras experiências relacionais determinarão, em grande parte, as nossas relações sociais posteriores, nomeadamente com os pares, amigos, companheiros, colegas de trabalho, cônjuges, filhos, etc. (Fernandes, 2005).

Os conflitos entre filhos podem conduzi-los à zanga com os pais. Também os pais serão influenciados pelos conflitos entre os filhos, podendo condicionar a sua relação com eles, a forma como lhes transmitem o seu afecto e as suas estratégias educativas. Se houver discrepâncias na forma como se relacionam com os vários filhos e os disciplinam, o ressentimento dos filhos poderá surgir, conduzindo a maior rivalidade e conflito. Assim, a relação entre os filhos condiciona a relação pais-filhos e vice-versa (Furman, 2002).

A ideia de permitir e incentivar a diferença entre irmãos constitui-se como paradoxal se pensarmos na dificuldade que muitas vezes existe em admitir e aceitar essas diferenças, nomeadamente por parte dos pais. Remetendo sobretudo para diferenças intelectuais e de personalidade, podemos pensar na identificação dos próprios pais com os diversos filhos, e mesmo em questões das suas próprias preferências. Como admitir diferenças intelectuais entre os filhos? Como aceitar diferentes condutas,

opiniões, formas de estar e de ser? Como aceitar a rivalidade quando o amor que se dá a cada um é “obrigatoriamente igual”? Tendo em conta a responsabilidade e a culpabilidade que estas questões levantam e sendo esta uma área moralmente complexa, muitas vezes o único caminho possível corresponde à negação das mesmas (Gayet, 1993).

Fernandes (2005) considera o tratamento diferenciado por parte dos pais um factor importante no entendimento da rivalidade fraterna. Segundo a autora, existe uma relação estreita entre a negatividade das relações fraternas e o comportamento parental diferenciado. Embora quase todos os pais tenham a pretensão, de forma mais ou menos consciente, de tratar de forma idêntica todos os filhos, na realidade eles tratam-nos de modo bastante diverso. Começando nas expectativas diferenciadas dos pais relativamente a cada um dos seus filhos, que lhes criam contextos de desenvolvimento distintos, passando pelo temperamento diferente dos próprios filhos e mesmo pelo fenótipo, são despertados nos pais fantasmas e projecções inconscientes que se reflectem no modo como interagem com eles. E, mesmo que o comportamento dos pais fosse muito idêntico em relação a todos os filhos, seria sempre visto por cada um dos filhos como sendo diferente porque estarão em estádios de desenvolvimento diferentes. Uma vez que a percepção/interpretação dos acontecimentos é mais importante do que os acontecimentos em si, acabará sempre por ser isso que pesa mais.

Também Britto (2002) nos diz que as famílias que tendem a tratar os filhos de forma globalizada, não valorizando a importância das suas diferenças individuais, como se todos existissem da mesma maneira, tornam as coisas mais difíceis para os irmãos. Pelo contrário, famílias que permitem aos filhos expressarem-se como realmente são, que respeitam e valorizam a maneira própria de cada um pensar, sentir e agir, que reconhecem diferentes talentos, exercem mais justiça e não deixam tanto espaço para o desenvolvimento do ciúme e da inveja. Segundo esta autora, a influência parental mais desastrosa é a que se pauta por condutas privilegiadas em relação a um dos filhos, em detrimento dos outros. Apesar do sentimento de preferência afectiva por um dos filhos poder estar presente, ele não é por si só negativo. Preferir um filho pode mesmo ser importante, desde que os pais o saibam dosear e agir com justiça. Assim, é possível, em dado momento, preferir um filho em razão de determinada situação e, noutro momento,

preferir outro. Deste modo, todos os filhos poderão passar pela experiência de ser o mais importante, em algum momento, em alguma situação. Também é possível preferir todos ao mesmo tempo, cada um em determinada categoria. A preferência perniciosa é a que é cega, rígida e imutável, que não distingue contextos, situações e mudanças; a que compara constantemente, de forma subliminar ou explícita, colocando sempre um numa posição inferior, abalando o seu sentimento de pertença, de segurança.

Cabe ainda aqui abordar sucintamente os casos extremos de morte de um irmão e de doença de um irmão, por serem das situações mais dolorosas e complexas que um sistema familiar tem de enfrentar e, provavelmente, as que mais perturbam o subsistema fraternal. Sendo os pais, durante a infância dos filhos, a parte mais relevante e vital do sistema familiar, compreende-se que é a forma como estes vivenciam estes acontecimentos que determina, em grande parte, a maneira como os filhos lidam com a situação e se estruturam perante ela (Fernandes, 2005).

O desaparecimento físico de um filho, actualmente, corresponde muitas vezes a que os pais fiquem sozinhos, por terem tido somente um filho ou, se a fratria é de dois, a que o irmão que sobrevive se transforme em filho único. O trabalho de luto dos pais será doloroso e moroso e o primeiro impacto deste acontecimento trágico na fratria dependerá em muito da forma como os pais elaboram o luto pelo filho perdido. Por isso, muitas vezes, a seguir à perda de um irmão, vem a perda (emocional) de um dos pais ou dos dois. Se os pais desenvolverem um luto patológico, se não se resignam com a perda do filho ou demoram muito a fazê-lo, os restantes filhos poderão sentir-se abandonados e frustrados, sentindo que não conseguem ser tão bons ou competentes quanto o irmão falecido, que nunca conseguirão substituí-lo no coração dos pais (Fernandes, 2005).

Paralelamente, o trabalho de luto do irmão que sobrevive será possível na medida em que a criança já está individualizada, reconhecendo-se como autónoma e separada dos outros, tendo uma representação interna estável e diferenciada e percebendo a morte como uma separação definitiva. Tal dependerá da idade e maturidade da criança. Sendo assim, a perda não é sentida da mesma maneira por todos os elementos da fratria. Geralmente, os irmãos têm idades diferentes e estão a atravessar etapas de desenvolvimento diferentes quando a morte acontece. A excepção ocorre

quando são gémeos, situação em que, quanto mais tempo tenham vivido juntos, mais difícil será a desidentificação do irmão que sobrevive com o irmão falecido, dada a identificação narcísica muitas vezes presente nestes casos (Fernandes, 2005).

Obviamente as circunstâncias em que a morte ocorreu, a personalidade do irmão sobrevivente, a sua maior ou menor vulnerabilidade às perdas e a relação particular com o irmão falecido, também influenciarão a forma como este acontecimento é vivido. A culpabilidade e os remorsos são comuns em irmãos sobreviventes, como se se convencessem de que o seu desejo infantil de eliminarem o rival se realizou (Fernandes, 2005).

Qualquer mudança de lugar na fratria obriga a modificações e rearranjos na estrutura familiar. A redistribuição dos papéis na nova família, reconstituída após a perda de um elemento, pode beneficiar um ou outro elemento e conduzir à perda de privilégios de outro(s). Por exemplo, o segundo filho terá de assumir o papel de mais velho, com as consequentes responsabilidades a que não estava habituado. Ou o irmão que até então era o irresponsável da família pode tornar-se responsável porque o seu papel deixa de ter lugar na família ou porque se inibe de tal comportamento, para não sobrecarregar os pais e tentar compensar a sua perda (Fernandes, 2005).

Mesmo que a morte ocorra antes do nascimento do outro irmão, não havendo um sofrimento directo, o impacto deste acontecimento trágico será sempre inextinguível através do sofrimento dos pais. Apesar de não se ter memória do irmão falecido e, sobretudo, se a morte ocorreu pouco tempo antes de se nascer, poder-se-á carregar a missão (impossível) de filho de substituição. Este desejo parental é mais evidente quando se dá o mesmo nome ao filho que nasce após a morte do outro. Esta missão, mais ou menos consciente, pode perturbar gravemente a formação da identidade. A dificuldade maior será edificar a sua própria identidade no seio da família, diferente da do irmão falecido, ser amado por si mesmo, ter o seu lugar no coração dos pais (Fernandes, 2005).

A doença ou deficiência de um dos membros da família será provavelmente tão perturbadora como a morte, na medida em que implica igualmente uma perda e o luto

pelo irmão são ou normal. A criança doente ou deficiente, apesar de não desaparecer fisicamente, é sentida como perdida pela família. Tal como a morte, uma criança doente ou deficiente perturba a dinâmica da família, afectando todos os seus membros, de modo diverso (Fernandes, 2005).

A situação depende de diversos factores: como e quando a situação surge, idade e sexo da criança doente/deficiente, idade e sexo da restante fratria, personalidade e relação particular de cada um com a criança, gravidade e tipo de doença ou de deficiência, prognóstico e evolução, grau de incapacidade e de cuidados médicos e familiares necessários, entre outros. Tal como numa situação de morte de um dos irmãos, também neste caso a forma como os outros irmãos vivem esta situação dependerá em muito dos pais, sendo mais complicado quando os filhos são muito pequenos, por estarem mais vulneráveis ao estado emocional dos pais (Fernandes, 2005).

A partir do momento em que o problema surge, a criança em questão passa a ter apenas direitos (ganhos secundários) e poucos ou nenhuns deveres, ficando, quase sempre, numa completa dependência de todos os familiares. Torna-se, mesmo não o sendo, na mais nova da família, exigindo reestruturações nas posições fraternais. Os outros irmãos perdem privilégios e ganham mais responsabilidades. As reestruturações não serão sempre iguais e dependerão de vários aspectos, sobretudo do sexo, do tamanho da fratria e da diferença de idades, mas implicarão quase sempre um decréscimo da atenção dos pais. Os ressentimentos e ciúmes surgem sobretudo por isso. A agressividade que seria uma forma natural de gerir tais sentimentos, não pode nestes casos ser dirigida ao rival, sendo recalcada e deslocada, muitas vezes para o exterior da família, surgindo sob a forma de pequenas dificuldades ou de sintomas mais graves. Os remorsos e a culpabilidade associados ao desejo de morte do irmão estão também presentes. Em casos mais graves, pode surgir uma espécie de lealdade fraternal com o irmão doente/deficiente, em que os irmãos são anulam a sua própria identidade para viverem a identidade do irmão doente/deficiente, privando-se de fazerem o que ele não pode fazer e vivendo em falso *self* (Fernandes, 2005).

#### **I.4.1.3. Avaliação da Rivalidade Fraterna através das Provas Projectivas**

Dado o que foi dito anteriormente, parece-nos essencial que na entrevista clínica, com os pais e com a criança, sejam recolhidos e compreendidos dados relativos a esta temática. Segundo Corman (1970) será essencial recolher informação referente ao número de crianças que constituem a fratria, suas idades, ordem de nascimento, relação entre as diversas crianças e de cada uma com os pais, métodos educativos utilizados, clima familiar, expectativas parentais relativamente a cada um dos nascimentos e forma como ocorreram, entre outros. Em certos casos, tal será suficiente para identificar e compreender a rivalidade fraterna. No entanto, será conveniente completar essa informação com dados da avaliação psicológica que poderão confirmar ou infirmar as hipóteses colocadas, mas também identificar rivalidades fraternas “mascaradas” por defesas elaboradas.

Segundo Corman (1970), dado o clima de permissividade e a baixa dos mecanismos defensivos criados no contexto das provas projectivas e as outras características, especificamente na clínica infantil, que já abordámos anteriormente, estas serão as mais adequadas para identificar e caracterizar esta temática. O autor refere que para uma avaliação mais célere, as provas mais adequadas serão as Fábulas de Düss (1950/1971) e o Teste do Desenho da Família (Corman, 1967). Para uma análise mais profunda, o autor indica o *Patte Noire* (Corman, 1961) como uma das provas mais adequadas.

Nas Fábulas de Düss, salienta-se a fábula do cordeiro, em que a mãe ovelha diz ao filho cordeiro mais velho que não tem leite suficiente para os dois filhos e que, por ele já ser mais crescido deve ir comer erva, enquanto o leite que tem ficará para o cordeiro bebé. Esta fábula aborda claramente a temática da rivalidade fraterna. No Teste do Desenho da Família, sendo esta uma prova que analisa as relações familiares, a temática da rivalidade fraterna poderá surgir, directa ou indirectamente. No PN a rivalidade fraterna é apresentada directamente em diversas imagens, nomeadamente nas pranchas da Batalha, Hesitação, Ninhada e Mamada II. Tal não significa que não possa surgir de forma mais “mascarada” noutras pranchas (Corman, 1970).

Corman (1970) refere que nas Fábulas de Düss e no Teste do Desenho da Família, solicita-se um pensamento elaborado e próximo do consciente, sendo que as defesas do eu estarão já bastante presentes e as temáticas agressivas serão mais moderadas ou mesmo mascaradas, por exemplo, deslocando a agressividade para uma outra personagem, desvalorizando ou suprimindo a personagem do irmão. Por outro lado, no PN, o clima mais permissivo permitirá, além destas, temáticas de maior agressividade. Após uma descarga agressiva, será natural o retorno da agressividade sobre si mesmo, procurando fazer face à culpabilidade sentida. Esta punição poderá surgir, por exemplo, através do castigo aplicado pelas figuras adultas/parentais. Também pode ocorrer, tal como foi referido anteriormente, uma inibição total ou parcial da rivalidade fraterna, podendo haver uma recusa face às provas ou a partes das provas que abordam esta temática, uma negação dos aspectos agressivos manifestos ou uma inversão das tendências agressivas no seu contrário através de formações reactivas. Nestes casos, a inibição superegórica não permite ao sujeito a projecção das suas angústias fraternas.

Acrescenta-se ainda o CAT (Bellak & Bellak, 1949) como relevante na avaliação desta temática. O Cartão 1 coloca uma fratria perante a imagem materna da ordem da oralidade. As respostas a este cartão remetem assim para a oralidade – gratificação ou frustração, em relação à qual pode surgir a rivalidade fraterna. Por sua vez, o Cartão 4 remete para a relação com a imagem materna num contexto de rivalidade fraterna e de autonomização/dependência (Boekholt, 2000).

#### **I.4.2. Superego e Desenvolvimento Moral na Infância**

##### **I.4.2.1. Principais Teorias acerca do Desenvolvimento Moral**

O tema da moralidade e do desenvolvimento moral tem sido abordado segundo diversas perspectivas teóricas, das quais se salientam três: a perspectiva psicanalítica, que considera as condutas morais como a expressão de uma instância psíquica específica — o Supereu, realçando a componente emocional da moralidade; a perspectiva da aprendizagem social, que considera as condutas morais como resultado dos padrões normativos vigentes, salientando a componente comportamental da



moralidade; e a perspectiva cognitivo-desenvolvimentista, também chamada estrutural-construtivista, em que os princípios morais são compreendidos como construções racionais do sujeito em interacção social, salientando a componente cognitiva da moralidade. Deste modo, estas perspectivas diferem no modo como concebem a noção de moralidade e os processos psicológicos que estão na base do desenvolvimento moral.

Dentro do campo teórico psicanalítico distinguem-se as considerações de Freud (1923/1974) referentes ao conflito gerado pelos impulsos sexuais e agressivos *versus* normas sociais, cabendo aos pais e a outros significativos impor limites e regras que permitam o refrear dos impulsos primitivos e a adequada socialização da criança. As crianças identificam-se com os valores parentais, internalizando-os e introjectando-os, formando-se assim um superego interno que regula o comportamento de acordo com o que é adequado, em termos sociais. Deste modo, a criança aprende a regular a sua conduta pelo princípio da realidade, que se mantém em conflito com o princípio do prazer. Como consequência, a criança desenvolve também sentimentos de culpa pelos seus desejos e impulsos sexuais e/ou agressivos, nomeadamente no que se refere aos pais (referente ao Complexo de Édipo). Assim, a culpa sentida e demonstrada após uma transgressão é considerada um bom indicador do desenvolvimento moral da criança.

A principal implicação clínica das reflexões de Freud sobre a ética e a consciência moral é o desenvolvimento do conceito de superego como produto da renúncia pulsional. O superego é formado tanto pela introjecção do amor sexual que não pode ser realizado em relação aos pais, como pelos impulsos agressivos que não podem ser realizados na realidade externa. Deste modo, enquanto o amor dessexualizado se transforma na parte ideal do superego e no laço emocional que une as famílias e os grupos, o controlo da agressividade, através da introjecção, é o responsável pela severidade do superego. Freud considera que quanto mais é controlada a agressividade para com o exterior, mais severo se torna o superego. Sendo assim, a severidade do superego está muito mais relacionada com a intensidade de agressividade introjectada do que com a severidade com que o indivíduo foi criado (Freud, 1923/1974).

Freud (1914/1974, 1917/1974) começou por fazer referência a uma instância na mente, pertencente ao ego, que compara com um padrão ideal, ideal esse que derivaria

dos padrões de comportamento estabelecidos pelas figuras parentais no processo educativo. Esta instância seria uma condição essencial para a existência de repressão, ou recalçamento, correspondendo a um afastamento do narcisismo infantil. A conformidade com os padrões do ego ideal daria lugar a uma gratificação narcísica, numa tentativa de recuperar o estado narcísico primário. A sua função seria comparável à de um juiz, sendo a consciência moral, a auto-observação e a formação de ideais partes dessa função (Laplanche & Pontalis, 1967).

Posteriormente, Freud desenvolve o termo ego ideal, usando por vezes, o termo superego como sinónimo. Em “O Ego e o Id” (1923/1974), Freud identifica o ideal do ego com o superego, confundindo em certos períodos a especificidade de cada um. Parece, no entanto, existir a compreensão generalizada de que o ideal do ego é a instância pela qual o ego se guia e cria o seu modelo e ideal de perfeição, sendo que o superego propriamente dito aparece num momento mais tardio, sendo com certeza o herdeiro do complexo de Édipo. Cada um possui especificidades próprias e maneiras de formação diferentes, que, articulando-se, produzem os sentimentos de culpa, moralidade, deveres e ideais.

A noção de superego faz parte da segunda tópica freudiana, constituindo-se como uma função do ego, regulando-o através da autocritica constante que muitas vezes conduz a sentimentos de culpa que correspondem à existência de tensão entre o ego e o superego. O superego forma-se aquando da resolução do Complexo Edipiano, trazendo uma solução para o conflito até então existente, e sendo um prolongamento da angústia de castração e da perda do amor do objecto. A renúncia aos desejos edipianos amorosos e hostis encontra-se na origem da formação do superego, sendo a sua constituição enriquecida pelas exigências sociais e culturais (educação e religião, por exemplo) (Laplanche & Pontalis, 1967). Quanto mais intenso e mais rapidamente reprimido for o conflito edipiano, mais rígido é o superego. O superego é, na sua quase totalidade, inconsciente e a sua análise é muitas vezes difícil devido à resistência que se levanta quando procuramos abordar as suas funções críticas. Pode mesmo ser tirânico, no sentido da rigidez total. No entanto, é mais do que a soma das identificações parentais, havendo “outros” significativos que podem contribuir para a sua formação.

O termo ego ideal tem suscitado alguma confusão e interpretações com sentidos muito distintos. A imprecisão poderá ter origem nos próprios escritos de Freud, uma vez que a sua teoria acerca do ego ideal foi sofrendo diversas mudanças, acabando por abarcar num mesmo conceito uma grande amplitude de ideias. Freud considerou o ego ideal e o superego como referentes à mesma estrutura, tendo adoptado primeiramente o primeiro termo, que depois substituiu pelo segundo, a par com algumas evoluções do conceito. Se inicialmente Freud considerava o ego ideal uma construção do próprio relativamente ao seu ideal, derivada do narcisismo primário, distinta da consciência (auto-observadora), ulteriormente acaba por fundir estes dois aspectos no mesmo conceito de ego ideal, e mais tarde de superego, salientando cada vez mais a preponderância das imagos parentais na sua construção (Sandler, 1989).

Posteriormente, alguns autores apontaram para uma distinção entre duas entidades diferentes, uma de carácter libidinal — ego ideal, e outra de carácter agressivo — superego, ou para uma distinção do ego ideal como uma parte, e não a totalidade, do superego. Outros autores referiram a culpa como sendo o resultado de uma tensão entre o ego e o superego (que coloca limites ao ego) e a vergonha como resultado de tensão entre o ego e o ego ideal (que coloca objectivos ao ego). Algumas teorias apontaram o ego ideal como sendo a estrutura mais primitiva e arcaica, ligada ao narcisismo primário e às identificações com as figuras parentais (o que se deseja ser), e o superego como sendo a evolução dessa mesma estrutura, que surge com a resolução do Complexo Edipiano (o que se deve ser). Algumas das últimas formulações a este respeito procuram distinguir os aspectos críticos dos aspectos benevolentes do superego, defendendo a ideia de que o superego será uma parte inconsciente do ego ideal, ligada aos seus aspectos mais severos. Apesar das diversas opiniões, os trabalhos posteriores a Freud sobre os conceitos de superego e de ego ideal são contribuições importantes para a compreensão dos mesmos (Sandler, 1989).

O que fica bem marcado na obra de Freud é a formação do superego dividida em duas fases. A primeira, a fase identificatória primária objectal, em que o ego se apodera dos investimentos do id, para depois projectá-los nos objectos e, em seguida, introjectá-los pela identificação. A segunda fase compreende a resolução do complexo de Édipo, quando surge a instância superegógica propriamente dita, com a internalização da lei

paterna e o aparecimento do sentimento inconsciente de culpa, gerado pelo masoquismo moral, que representa uma força poderosa para a submissão do ego.

Posteriormente, no campo psicanalítico, Melanie Klein (1933/1996) considera que as relações éticas e a consciência moral surgem de uma necessidade muito mais interna e pulsional, com uma componente inata muito forte. O seu modo peculiar de conceber a agressividade, a origem da ansiedade e mesmo o complexo de Édipo e o superego, resultou numa teoria própria a respeito da génese dos comportamentos éticos e da consciência moral.

A partir da observação de ansiedades intensas em crianças muito pequenas, Klein começa a desenvolver a ideia de um superego precoce, que se forma a partir das identificações com os objectos através dos processos de projecção e introjecção. No entanto, para Klein há uma diferença grande entre o objecto externo e real e aquele que é introjectado, sendo essa diferença explicada pela acção do sadismo, que resulta da luta entre as pulsões de vida e de morte que o bebé experimenta desde o seu nascimento. (Klein, 1926/1996, 1932/1996, 1933/1996). Deste modo, nos momentos iniciais do desenvolvimento, por mais que os objectos reais (em geral os pais) se apresentem de forma gentil e acolhedora, as suas imagos estarão tão contaminadas pela projecção dos impulsos sádicos, que aparecerão, necessariamente, como figuras assustadoras. Assim, Klein pretende explicar porque é que o superego primitivo, que se irá formar a partir dessas imagos, será sempre cruel e severo. Klein afirma, portanto, que a severidade do superego primitivo se deve a um factor constitucional. Ela será proporcional ao sadismo, ou, ainda, à quantidade de pulsão de vida e de morte que estiver em jogo, e não poderá ser atribuída, pelo menos nos momentos iniciais do desenvolvimento, às experiências reais, nem a como o indivíduo foi criado. A agressividade do superego deve-se então, sobretudo, à quantidade de pulsão de morte, que é inata.

A quebra do ciclo sadismo-ansiedade que alimenta a severidade do superego pode ocorrer na fase genital, devido ao aumento natural da libido. Quando Klein se refere a um aumento “natural”, está, uma vez mais, a valorizar o que é inato e constitucional. Quando esse aumento decorre normalmente, os objectos formam imagos mais benignas, que diminuem a severidade do superego, tornando-o, tal como Klein

denomina, a consciência propriamente dita. Essa transformação ocorre porque a diminuição do sadismo possibilita a diminuição da clivagem e, conseqüentemente, o aumento da integração dos objectos bons e maus, originando a ansiedade depressiva (medo de destruir o objecto bom ou sentimento de culpa por o ter danificado) que será a grande motivação para as acções reparadoras, base dos comportamentos éticos. Mas nesse momento, além desse aumento natural da libido, é também muito importante para a passagem para a posição depressiva, a sobrevivência concreta do objecto externo (geralmente a mãe), que demonstra à criança que pode sobreviver aos seus ataques e aceitar as suas tentativas de reparação.

Posteriormente, no período de latência, o ego irá substituir esses objectos e experiências reais por objectos abstractos, tais como valores, ideais e princípios, havendo uma consolidação do superego que se torna, novamente, independente dos objectos reais. Porém, a qualidade dos objectos internos será outra, menos influenciada pelo sadismo. Deste modo, o superego para Klein é formado não apenas pela introjecção dos objectos maus, sendo sádico e severo, mas também pela introjecção dos objectos bons, responsáveis pelas acções reparadoras, base dos comportamentos éticos e morais.

Por seu lado, Anna Freud (1926/1971) salientou a importância que as figuras parentais reais continuam a ter para a consolidação do superego, que, embora formado após o complexo edipiano, é ainda muito imaturo e dependente dos objectos externos, podendo ser facilmente mutável, positiva ou negativamente. Klein (1927/1996) contraria estas ideias de Anna Freud, sendo de opinião que o superego da criança é já muito semelhante ao do adulto, sendo dificilmente mutável durante as restantes etapas do desenvolvimento, e salientando que os objectos internalizados na entidade superegógica (imagos parentais) podem ser muito diferentes das figuras parentais reais. Klein sustenta também a tese de que o complexo edipiano ocorre precocemente (com cerca de 1 ano de idade) e que a formação do superego é anterior à resolução do mesmo, precipitando-a e transformando ansiedade em culpa.

Independentemente dos autores, o que parece ser consensual na perspectiva psicanalítica, é que um dos melhores indicadores da internalização moral é a

experiência de culpa após uma transgressão, por vezes acompanhada pelo desejo de reparação. A culpa é conceptualmente diferente do medo de punição, sendo uma experiência pessoal, que se relaciona com os padrões morais internos. Importa também distinguir culpa de vergonha, sendo que a primeira é circunscrita a uma parte do *self* e a segunda mais abrangente e devastadora, envolvendo autocritica e avaliação negativa do *self* total. Estes são conceitos muitas vezes difíceis de destringir na realidade clínica (Eisenberg & Murphy, 1995).

Das teorias comportamentalistas sobre a socialização, importa referir a teoria da aprendizagem social de Bandura (1986). O autor refere a imitação como sendo central na aprendizagem e interiorização de novos comportamentos, para além do reforço, castigo ou condicionamento. De facto, o conceito de imitação abordado pelo autor, em muito se assemelha ao conceito psicanalítico de identificação, ou seja, um processo selectivo através do qual a criança adquire um repertório de comportamentos idêntico ao dos pais, sobretudo ao pai do mesmo sexo, nomeadamente relacionado com valores morais, atitudes e normas. Não sendo os pais os únicos modelos, são talvez os mais relevantes. Também segundo Bandura, o afecto representa um papel vital na regulação do comportamento moral, uma vez que as transgressões são controladas por dois tipos de sanções: sanções sociais (como a reprovação) e sanções internas (como a culpa). Deste modo, a criança torna-se moral à medida que cresce e, no contacto com os outros, aprende que há comportamentos que são aprovados e outros reprovados ou punidos. Os aprovados tornam-se mais provavelmente repetidos e os punidos menos frequentes. A antecipação destas sanções e consequências origina a força motivacional necessária para regular o comportamento de acordo com os padrões morais.

Assim, e de acordo com a teoria da aprendizagem social de Bandura, os pais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento moral dos filhos. Fornecem-lhes informação sobre as diferentes alternativas de comportamento, expectativas e possíveis contingências dos diversos cursos de acção, são modelos de comportamento, reforçam ou punem os comportamentos dos filhos e desempenham um papel essencial no desenvolvimento da capacidade de auto-avaliação e controlo das crianças (Eisenberg & Murphy, 1995).

A abordagem cognitiva Piagetiana (1932/1994) do desenvolvimento moral, é sem dúvida um marco na história da psicologia moral, pelo que se afigura fundamental sintetizá-la. Na sua teoria está presente a ideia de que a criança começa desde muito cedo a aceitar do adulto as normas morais, às quais se submete por aquele ser mais sábio e poderoso, numa mistura de medo, afecto e admiração, bases da sua motivação para a moralidade, sendo assim que aprende o que é certo e o que é errado.

Piaget concebeu a sua teoria com base num paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento sócio-moral. No final do estágio sensório-motor as acções da criança são já coordenadas e com objectivos, estando presente a reversibilidade e a dedução. As suas acções em relação aos outros possuem em si julgamentos primitivos de bem e de mal, estando presente a obrigação moral, embora de forma pouco consciente. A criança desenvolve sistemas de relações caracterizados por maior ou menor grau de cooperação e respeito mútuo, mas não está consciente dos julgamentos e obrigações morais implícitos nas suas interacções.

A transição para o estágio das operações concretas torna possível à criança aplicar conscientemente as estruturas de pensamento que estavam previamente implícitas nas suas acções. Começa a ter alguma noção do porquê e aplica conscientemente julgamentos de bem e de mal às suas acções e às dos outros, experimentando a dedução e a reversibilidade. Começa também a tomar consciência das regras do respeito mútuo nas relações, embora de forma concreta e específica, focada somente nas suas relações.

Ao passar para as operações formais, é possível uma maior abstracção e generalização, bem como dedução a partir de proposições e ampliação do raciocínio ao possível e ao real. Surge uma compreensão mais profunda das regras constitutivas das relações, do respeito multilateral e a extensão da obrigação e da compreensão morais à sociedade em termos gerais.

Verifica-se, assim, que ao longo dos estádios a criança vai passando de um estado de heteronomia moral (antes dos 9/10 anos), isto é, de uma moral de obediência,

coerção e respeito unilateral, para um estado de autonomia moral, ou seja, de uma moral de cooperação, igualdade e respeito mútuo.

No que se refere às perspectivas cognitivas, importa também referir a teoria de Kohlberg (1984), que desenvolveu alguns dos aspectos inicialmente abordados por Piaget, apesar de existirem diferenças acentuadas entre as teorias dos dois autores. Se até então as teorias da aprendizagem social ligavam o desenvolvimento moral aos processos gerais de socialização, centrando-se nos conceitos de reforço positivo e negativo, imitação, interiorização e identificação, Kohlberg traz-nos uma premissa bastante diferente, postulando que as crianças interpretam activamente o ambiente em que estão inseridas e constroem a sua própria compreensão de moralidade. Para Kohlberg, a noção de justiça é a essência da moralidade, sendo um princípio moral, uma construção racional do sujeito em interacção social, que funciona como razão para a acção moral. Mais do que o cumprimento ou não de certas normas, a moralidade tem a ver com considerações de igualdade, equidade e reciprocidade nas relações humanas.

Segundo Kohlberg (1984), as crianças inseridas em ambientes normais passam por três níveis de desenvolvimento moral (podendo ficar mais ou menos tempo em cada um deles), progredindo de uma moralidade heterónoma ou pré-convencional (antes dos 9/10 anos), ou seja, orientada pelo exterior, para uma moralidade convencional e, mais tarde, para uma moralidade pós-convencional. Cada nível comporta dois estádios de raciocínio moral e representa uma forma de pensamento organizada, sendo a evolução para o nível seguinte dependente de uma reorganização dos padrões do indivíduo e não apenas da aprendizagem.

O primeiro nível é o pré-convencional, sendo o nível da maioria das crianças com menos de 9 anos, mas também de alguns adolescentes e mesmo adultos. A moralidade pré-convencional corresponde, de forma geral, à moralidade heterónoma descrita por Piaget. Comporta o primeiro e segundo estádios do raciocínio moral: regula-se sobretudo pelo evitamento do castigo e pela aceitação do poder autoritário do outro; e pelo individualismo, em que as normas são seguidas com base no interesse e/ou necessidade pessoal imediata. O ponto de vista é, no primeiro estádio, o da autoridade e,



no segundo estágio, o egocêntrico, não tendo em consideração os interesses do outro, apesar da diferença ser percebida (Kohlberg, 1984).

O segundo nível é o nível convencional e é alcançado pela maioria dos adolescentes e adultos. Envolve os dois estágios seguintes: expectativas interpessoais mútuas, sobretudo no que se refere a pessoas próximas e relevantes, procurando corresponder às expectativas e procurando aprovação; e a consciência e o dever para o sistema social como um todo, orientando-se para a manutenção da lei e da ordem social. No terceiro estágio há distinção de diferentes perspectivas, coordenando-as e hierarquizando-as do ponto de vista de uma terceira pessoa, afectiva e relacional, estereotipada. No quarto estágio, diferentes perspectivas são percebidas, coordenadas e hierarquizadas, do ponto de vista de uma terceira pessoa imparcial e institucional, generalizada (Kohlberg, 1984).

O terceiro nível é o nível pós-convencional e é alcançado apenas por uma minoria de adultos, geralmente após os 20-25 anos. Integra os dois últimos estágios: preocupação com contratos sociais e direitos individuais, no sentido da obrigação em relação à lei que vigora, mas também da lealdade e respeito pelo outro; e princípios éticos pessoais e universais, como os direitos humanos. No quinto estágio, diferentes perspectivas são distinguidas, coordenadas e hierarquizadas do ponto de vista de uma terceira pessoa moral e racional. No sexto e último estágio, é finalmente possível fazê-lo do ponto de vista moral, racional e universal, numa tentativa de atingir o ideal sob o controlo da universalidade e da reversibilidade (Kohlberg, 1984).

Desta forma, à medida que cresce, a criança constrói noções de bem e de mal, de justo e de injusto e de direitos e deveres cada vez mais avançadas em termos de conjugação e hierarquização de pontos de vista diferentes. Em cada nível evolutivo a criança abarca mais pontos de vista e tem em conta mais variáveis situacionais na sua análise, passando progressivamente para uma regulação moral interna. Segundo esta teoria, para haver avanços ao nível do raciocínio moral, é necessária evolução cognitiva, que depende do próprio desenvolvimento infantil e também da existência de informação moral relevante no ambiente em que a criança cresce. Experiências de negociação e reflexão, oportunidades de participação em processos de tomada de decisão, partilha de

perspectivas, são vistas como promotoras do desenvolvimento moral, sendo os pais vistos como importantes, mas não fundamentais, na criação dessas oportunidades (Kohlberg, 1984).

Outro aspecto a ter em conta é a consistência entre a cognição moral e a acção moral, dado que as pessoas podem não viver de acordo com os seus princípios morais. Esta consistência aumenta à medida que aumenta o desenvolvimento moral. Os estádios de desenvolvimento moral mais elevados são os que permitem que os juízos deonticos, ou seja, juízos de dever sem assunção de responsabilidade, sejam transformados em juízos de responsabilidade, com compromisso interior de fazer. Com base nesta constatação, e também na possibilidade de não expressarmos exactamente a mesma forma de pensamento moral em dilemas morais diversos, ou mesmo em várias questões respeitantes a um mesmo dilema, Kohlberg (1984) considera a possibilidade de existência de estádios mistos, em que existe um estágio dominante e estádios adjacentes.

Segundo Lourenço (2002), a teoria de Kohlberg é desenvolvimentista (as nossas concepções morais são hierarquizáveis numa sequência integrada, das menos para as mais avançadas), estruturalista (as nossas concepções morais reflectem uma compreensão básica e organizada de pensar sobre questões relativas ao que é justo ou injusto, ao que são os nossos direitos e deveres, nas diferentes situações de conflito que enfrentamos) e construtivista (as nossas concepções morais resultam da nossa interacção diária com o meio social, da coordenação de diversos pontos de vista, não sendo redutíveis à influência do social e do biológico).

Ainda segundo Lourenço (2002), a teoria de Kohlberg dá especial relevância ao princípio da justiça e enfatiza o papel da cognição no desenvolvimento moral, e não tanto o papel das emoções morais, como acontece na abordagem psicanalítica, ou das acções morais observáveis, como sucede na teoria da aprendizagem social.

Para Lourenço (2006), uma vez que o nível de desenvolvimento moral não é um traço estável e consistente, podendo ser estimulado e promovido, podemos identificar os factores que lhe estão associados, nomeadamente a sua relação com o desenvolvimento cognitivo (de um ponto de vista estrutural) e com o desenvolvimento interpessoal.

Segundo o autor, é óbvia a existência de um paralelismo permanente entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral, já afirmado por Piaget e por Kohlberg. Tendo por base esta constatação, Lourenço defende que a educação para o pensamento, e não somente para o conhecimento, é preponderante para o desenvolvimento moral. No entanto, o desenvolvimento cognitivo é uma condição necessária mas não suficiente, dependendo o desenvolvimento moral de outras dimensões, como o desenvolvimento interpessoal. A tomada de perspectiva social, que se traduz na capacidade de distinguir e compreender os pontos de vista dos outros e os pontos de vista sociais tem que ser alcançada para que o desenvolvimento moral possa decorrer de forma satisfatória. Assim, considera que quando propiciamos às crianças oportunidades de descentração social, em que se tenham que colocar em pensamento e acção no lugar de outro, estamos a estimular o desenvolvimento moral através do desenvolvimento interpessoal.

Lourenço (2006) distingue três formas de educação moral, consoante as perspectivas teóricas de base: identificação com os valores parentais (perspectiva psicanalítica), educação para o carácter (aprendizagem social) e educação para a justiça (teoria de Kohlberg).

Para a perspectiva psicanalítica, o nível de desenvolvimento moral depende sobretudo da sua maior ou menor identificação na infância com os valores e padrões de outros significativos, especialmente dos pais. Quanto mais forte for esta identificação, maior a interiorização desses valores e maior a capacidade de resistência ao princípio do prazer e sujeição ao princípio da realidade. Deste modo, as experiências dos primeiros anos de vida têm uma importância fulcral para o desenvolvimento moral (Lourenço, 2006).

A perspectiva da aprendizagem social e da educação para o carácter coloca a tónica no desenvolvimento na criança, através da influência de modelos importantes ou de determinadas práticas educativas, de um conjunto de comportamentos que estariam de acordo com o que se consideraria serem virtudes de alguém com carácter, consoante a sociedade em que está inserida (Lourenço, 2006).

A teoria de Kohlberg e a educação para a justiça apelam a uma perspectiva construtivista e desenvolvimentista, assumindo que o desenvolvimento do pensamento e da acção moral resultam sobretudo de interações constantes entre pessoas e não somente da sua acomodação, mais ou menos passiva, às normas vigentes. A educação para a justiça pretende estimular o desenvolvimento do pensamento moral, em que a pessoa participa activamente, atingindo a capacidade de pensar em termos de moralidade pós-convencional e agindo de acordo com esse nível de pensamento. Valoriza, assim o confronto com pontos de vista mais avançados (sendo que a disparidade ideal seria de um estágio), procurando reestruturações e progresso sócio-moral, nomeadamente através de: discussão de dilemas morais, quer da vida real, quer hipotéticos, por exemplo, através do recurso às histórias de vida e narrativas; oportunidades de descentração social, vestindo a pele do outro e expressando o que veria, sentiria ou faria nessa situação; conflito sócio-cognitivo, por exemplo, quando duas ou mais pessoas com pontos de vista diferentes tentam chegar a uma solução comum para um certo problema; vivência em comunidades justas, em que a acção está de acordo com os valores apregoados e existe estrutura democrática, sentido de comunidade e ênfase na justiça e igualdade (Lourenço, 2006).

De forma geral e apesar das discrepâncias teóricas existentes, parecem existir evidências de que as práticas parentais promotoras de autonomia, sobretudo num ambiente de suporte e orientação, estão associadas a níveis mais elevados de raciocínio moral nas crianças (Eisenberg & Murphy, 1995). Segundo Lourenço (2006), por mais diversas que sejam as concepções sobre o que é ou não moral, parece haver consonância relativamente a dois aspectos: a ideia de correcto e incorrecto, de bem e de mal, emerge muito cedo no desenvolvimento infantil; a preocupação com a justiça é central no conjunto das preocupações do ser humano.<sup>6</sup>

### **I.4.2.2. Avaliação do Desenvolvimento Moral**

As formas de avaliação da maturidade moral de uma pessoa variam consoante a perspectiva teórica adoptada relativamente ao desenvolvimento psicológico em geral e ao desenvolvimento moral em particular. As perspectivas psicanalítica, da

aprendizagem social e cognitivo-desenvolvimentista, apelam a critérios diferentes de desenvolvimento moral e, conseqüentemente, avaliam-no também de formas diferentes.

A perspectiva psicanalítica tende a avaliar o desenvolvimento moral em termos de emoção, nomeadamente através do registo de sentimentos de medo, culpa, remorso, tristeza ou vergonha, após a ocorrência de determinada transgressão. O Cartão 10 do CAT (Bellak & Bellak, 1949) é disso exemplo, remetendo para a dialéctica disparate/punição num contexto de analidade, superegótico e/ou transgressivo (Boekholt, 2000). Também a avaliação da maior ou menor empatia relativamente a outrem em dificuldades, a presença ou ausência de altruísmo, de reparação da falta cometida, a maior ou menor confissão da mesma, são indicadores do nível de desenvolvimento moral. Quanto mais internalizados forem os padrões morais, maior será a culpa sentida, mais facilmente a falta será confessada e maior será a tendência para a reparar. Este tipo de avaliação tem a mais-valia de permitir perceber a articulação entre desenvolvimento moral e desenvolvimento emocional, mas não é isenta de alguns riscos, uma vez que uma mesma emoção pode ter significados diversos, por ter por detrás razões cognitivas diferentes (Lourenço, 2006).

Cita-se aqui, a título de exemplo, a prova do vitimizador feliz/infeliz (Lourenço, 1997), que pode ser utilizada para avaliar o desenvolvimento moral de crianças entre os 4 e os 5 e entre os 10 e os 11 anos de idade, particularmente a sua maior ou menor integração entre compreensão moral e emoção moral. Tal como o nome indica, a prova pretende saber se as crianças esperam que um determinado transgressor se sinta bem, feliz e contente (transgressor feliz), ou mal, triste e infeliz (transgressor infeliz). Atribuir emoções negativas ao transgressor (estando ele infeliz) é tido como mais moral do que atribuir-lhe emoções positivas (estando ele feliz). A prova é constituída por três cartões/histórias de transgressão (empurrar um colega de um baloiço, roubar-lhe um chocolate, não ajudar um colega que se magoa e ir antes a uma festa de anos), apresentadas à criança com verificação de que as compreendeu (pedindo-lhe que conte a história) e sendo-lhe depois colocadas diversas questões possíveis, como por exemplo: “Este menino portou-se bem ou mal? Porquê?”, “No fim da história o menino sente-se bem ou mal? Porquê?”, “Achas que é correcto ele sentir-se assim?”, “Se fosses tu esse menino, como te sentirias no fim da história? Porquê?”, “Achas que é possível alguém

sentir-se contente e triste ao mesmo tempo? Porquê? És capaz de dar um exemplo?”. A análise das respostas da criança permite perceber se atribui emoções positivas ou negativas ao transgressor, se julga essas emoções atribuídas como correctas ou incorrectas, se aceita ou não a possibilidade de emoções ambivalentes, se dá justificações orientadas para o resultado obtido, para as sanções externas ou orientadas moralmente.

A avaliação do desenvolvimento moral através da ocorrência e frequência de comportamentos morais ou imorais é consistente com a teoria da aprendizagem social de Bandura (1986), descrita anteriormente. Esta avaliação pode ser feita de três formas diferentes: medida de observação directa (por exemplo, registando quantas vezes a criança cumpre/viola determinada norma moral), medida de reputação (questionando pessoas que lidam directamente com a criança, como os pais ou professores) e medida laboratorial (colocando a criança em situações de resistência à tentação de violar determinada norma moral). Segundo Lourenço (2002), o maior risco inerente a este tipo de avaliação é desconhecer as razões que motivaram o comportamento, o que poderá conduzir a classificar como moral algo imoral e vice-versa.

A avaliação do desenvolvimento moral em termos de cognição é particularmente consistente com as teorias cognitivo-comportamentalistas, também abordadas anteriormente. Existem diversas metodologias que permitem avaliar o pensamento, juízo ou raciocínio moral da criança. A avaliação pode, por exemplo, ter em conta as diversas dimensões da moralidade heterónoma ou autónoma de Piaget (1932/1994). As histórias de tipo Piagetiano, destinadas a crianças entre os 4 e os 11 anos de idade, podem ser utilizadas para perceber se a criança se encontra numa fase de moralidade heterónoma, autónoma ou de transição. Através de perguntas, pedidos de justificação das suas respostas, análise da sua reacção face a contra-sugestões, este método permite saber: se a criança avalia as transgressões em termos de responsabilidade objectiva ou subjectiva; se propõe sanções expiatórias e arbitrárias ou sanções por reciprocidade; quais as sanções que considera mais eficazes e justas; se avalia a justiça em termos de obediência à autoridade, em termos de igualdade ou em termos de equidade.

Outros autores desenvolveram formas semelhantes de avaliação do raciocínio moral em termos de cognição, centrando-se quer na sua globalidade, quer em apenas alguma das dimensões do raciocínio moral, como por exemplo: Damon (1981), que através da indagação clínica de crianças a propósito de histórias sobre justiça distributiva, propôs uma sequência desenvolvimentista de raciocínio neste âmbito; Kurtines e Pimm (1983), que construíram e validaram uma escala de desenvolvimento moral, já validada também para a população portuguesa por Fonseca (1987); Eisenberg (1982), que utilizou dilemas pró-sociais para definir estádios de raciocínio pró-social; Bar-Tal (1982), que através de situações que apelavam ao comportamento altruísta, descreveu fases no desenvolvimento das motivações altruístas da criança; Lourenço (1990), que desenvolveu a prova de percepção de custos/benefícios que, através da apresentação de dilemas pró-sociais a crianças e de as indagar sobre possíveis ganhos de uma personagem altruísta, demonstrou que a capacidade de construção de ganho nos actos pró-sociais aumenta substancialmente com a idade das crianças.

Segundo Lourenço (2002), avaliar o desenvolvimento moral não deve ser visto como forma de avaliar o valor moral de alguém, mas somente do seu pensar e agir morais, entendendo estes não como traços definitivos e irreversíveis da sua personalidade, mas sim como momentos de um processo sujeito a mudança, articulado com a qualidade e quantidade de um conjunto amplo de interacções sociais. Ainda segundo o autor, provavelmente a avaliação mais completa do desenvolvimento moral será a que avalia a acção moral, a cognição moral e as emoções morais.

Apresentou-se uma revisão de literatura das temáticas que estão na base da construção dos dois novos Cartões da prova “Era uma vez...” — a rivalidade fraterna e o desenvolvimento moral, após uma abordagem geral do processo de avaliação psicológica da criança, das provas projectivas na avaliação psicológica da criança e da forma actual da prova “Era uma vez...” (material, procedimentos de aplicação e interpretação das respostas, estudos com ela realizados).

Para procurar validar a inclusão dos dois novos Cartões — rivalidade fraterna e desenvolvimento moral — relacionaram-se os resultados com eles obtidos com outros instrumentos de avaliação destas dimensões psicológicas, nomeadamente medidas

indirectas, de observação de professores e de pais. No que respeita ao desenvolvimento moral, optou-se pelo Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967), de muito fácil aplicação, e já utilizado no estudo da prova “Era uma vez...”, o qual permite distinguir crianças com perturbação referente a comportamentos ansiosos e crianças com perturbação referente a comportamentos agressivos.

Quanto à rivalidade fraterna, e de acordo com a revisão de literatura, optou-se por um questionário que avaliasse esta dimensão, não só no que às crianças se refere, mas também no que diz respeito às expectativas e percepções dos pais (encarregados de educação) face a esta dimensão. Com este objectivo, adaptaram-se e estudaram-se o *Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) e o *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992), trabalho que se apresenta no capítulo seguinte.



## **Capítulo II**

*Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)*

Neste capítulo apresenta-se a adaptação do *Sibling Relationship Inventory – SRI* (Stocker & McHale, 1992), que resultou na criação do Inventário de Relações Fraternas, o estudo realizado com o mesmo e os resultados obtidos. É também apresentada a adaptação do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ* (Kramer, 1995), que resultou na criação do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, bem como o seu estudo e resultados obtidos. Aborda-se ainda a comparação dos resultados obtidos com os dois instrumentos.

## **II.1. Adaptação e estudo do *Sibling Relationship Inventory – SRI* (Stocker & McHale, 1992)**

### **II.1.1. O *Sibling Relationship Inventory – SRI* (Stocker & McHale, 1992)**

O *Sibling Relationship Inventory – SRI* (Stocker & McHale, 1992) é composto por 17 itens que avaliam três dimensões presentes na relação entre dois irmãos: Afecto (itens 1, 4, 7, 9, 10, 13, 14 e 15), Hostilidade (itens 2, 3, 5, 6 e 8) e Rivalidade (itens 11, 12, 16 e 17). As respostas da criança relativamente às perguntas sobre a sua relação com o irmão em questão (irmão-alvo – IA) são dadas segundo uma escala de tipo Likert com 5 valores (“quase nunca” a “sempre”).

Este Inventário foi desenvolvido para uma investigação (Stocker & McHale, 1992) sobre a percepção que os pré-adolescentes têm da sua relação com irmãos mais novos e vice-versa, procurando identificar semelhanças e diferenças nestas percepções. O estudo pretendia ainda conhecer associações entre as características do comportamento de pré-adolescentes com os seus irmãos mais novos e as características das suas relações com o pai e com a mãe, bem como com o tempo de convívio com ambos os pais. Foi realizado com uma amostra de 103 famílias de classe média, em que o filho mais velho frequentava o 4º ou 5º ano e o segundo filho tinha pelo menos 6 anos de idade (independentemente do sexo). Ambos os irmãos foram entrevistados usando o SRI. A análise estatística dos resultados permitiu verificar que as três dimensões

possuíam uma elevada consistência interna (Afecto:  $\alpha=0,77$ ; Rivalidade:  $\alpha=0,86$ ; Hostilidade:  $\alpha=0,71$ ). As aplicações foram repetidas um ano depois, revelando a estabilidade dos resultados obtidos anteriormente.

Foi também conduzido um outro estudo (McHale & Gamble, 1989) com o intuito de medir a satisfação das crianças com a sua relação fraterna, incluindo um único item a ser respondido através de uma escala de tipo Likert de 1 a 9 valores. As correlações entre estes resultados e os obtidos nas 3 dimensões do SRI revelaram uma associação positiva entre os resultados e a dimensão Afecto do SRI e uma associação negativa entre os mesmos e as dimensões Hostilidade e Rivalidade do SRI, contribuindo para validar o Inventário.

O SRI mostrou a sua validade no que se refere a outras populações e contextos culturais, para além dos Estados Unidos da América, nomeadamente em Inglaterra (Dunn, Slomkowski & Beardsall, 1994). Foi adaptado e estudado na Holanda (Boer, Westenberg, McHale, Updegraff & Stocker, 1997) e em Itália (Lecce, Primi, Pinto & Bernart, 2005).

### **II.1.2. Adaptação e estudo da versão portuguesa do *Sibling Relationship Inventory* – SRI**

#### **II.1.2.1. Tradução e adaptação do *Sibling Relationship Inventory* – SRI**

Foi solicitada a tradução do *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) a uma tradutora bilingue e a revisão da tradução a três psicólogos clínicos, chegando-se à versão final do Inventário de Relações Fraternas – IRF.

#### **II.1.2.2. Estudo do Inventário de Relações Fraternas – IRF**

#### **II.1.2.2.1. Procedimento para recolha da amostra**

A amostra foi recolhida em estabelecimentos de ensino público e privado da área da Grande Lisboa, nos anos lectivos de 2008/2009 a 2011/2012, sendo constituída por 258 crianças entre os 5 e os 10 anos de idade. No ano lectivo de 2008/2009 foram seleccionadas 66 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade, das quais 43 frequentavam uma escola pública (Rainha Santa) e 23 um colégio privado (Torre). No ano lectivo de 2009/2010 foram seleccionadas 130 crianças de todas as faixas etárias, das quais 121 frequentavam duas escolas públicas (Rainha Santa e Maria Lamas) e 9 frequentavam dois colégios privados (Escolinha dos Anjos e Piloto Diese). No ano lectivo de 2010/2011 foram seleccionadas 41 crianças, de todas as faixas etárias, que frequentavam escolas privadas (Escolinha dos Anjos, Luísa Sigea e Catarina de Bragança). No ano lectivo de 2011/2012 foram seleccionadas 21 crianças, todas frequentando escolas privadas (Escolinha dos Anjos e Vasco da Gama).

Existem escolas onde só foram seleccionadas crianças com 5 anos (Piloto Diese) ou apenas com 10 anos (Vasco da Gama), mas na maioria das escolas foram seleccionadas crianças dos 6 aos 9 anos, sendo que somente em três escolas foram seleccionadas crianças de todas as idades (Maria Lamas, Luísa Sigea e Catarina de Bragança). A maior parte das crianças de 5 e de 10 anos foram seleccionadas em escolas privadas e as crianças das restantes idades em escolas públicas (Anexo 1).

Os contactos com as escolas foram feitos pessoalmente e por carta junto da Direcção de cada instituição. Foi depois estabelecido contacto pessoal e por carta com os Professores e, através destes, com os Encarregados de Educação, com o envio de carta explicando o âmbito da investigação e solicitando a autorização de participação dos seus educandos no estudo, bem como o preenchimento de alguns dados familiares, úteis para a investigação, nomeadamente a situação familiar em termos de agregado familiar e estado civil dos pais e a fratria da criança, entre outros. Exemplos das cartas enviadas podem ser consultados em anexo (Anexo 2).

#### **II.1.2.2.2. Procedimento**

As aplicações decorreram individualmente, em salas preparadas para o efeito. Em todos os casos foram proporcionadas condições de aplicação muito satisfatórias, no que se refere a conforto, ventilação, iluminação, silêncio, e sem interrupção por parte de terceiros.

As aplicações demoraram em média 15 minutos, iniciando-se sempre após ser assegurada a necessária colaboração por parte das crianças e de ser criado um ambiente de descontração e confiança suficientes para que a tarefa proposta fosse realizada de forma adequada. Também no final de cada aplicação se estabeleceram uns minutos de conversa com cada criança sobre a experiência vivida e outros assuntos da sua escolha.

A aplicação do inventário foi complementada com a colocação de duas questões finais, no caso das crianças filhas únicas e das crianças que possuíam somente irmãos mais velhos. Nos casos em que as crianças eram filhas únicas era apenas colocada a questão: “Alguns(umas) meninos(as) gostavam de ter irmãos. Uma vez ter irmãos pode ser divertido, outras vezes pode ser menos divertido. E tu, gostavas de ter um irmão?”; e depois, em caso afirmativo: “E preferias que fosse um menino ou uma menina?”. Nos casos em que as crianças só tinham irmãos mais velhos a questão era colocada da seguinte forma: “Alguns(umas) meninos(as) gostavam de ter irmãos. Uma vez ter irmãos pode ser divertido, outras vezes pode ser menos divertido. E tu, gostavas de ter mais um irmão?”; e depois, em caso afirmativo: “E preferias que fosse um menino ou uma menina?”. Às crianças que tinham irmãos mais novos não era posta esta questão.

Verificou-se em todas as faixas etárias uma boa aceitação e compreensão da tarefa proposta.

### II.1.2.2.3. Caracterização da amostra

O Inventário de Relações Fraternas – IRF — foi aplicado a uma amostra de 258 crianças, com idades compreendidas entre 5 e 10 anos e uma média etária de 7.65 anos (DP = 1.63), sendo 133 do sexo feminino e 125 do sexo masculino. As crianças de 5 anos e algumas de 6 anos frequentavam o ensino pré-escolar. Algumas crianças de 10 anos frequentavam o 5º ano (2º ciclo do ensino básico). As crianças das restantes faixas etárias frequentavam os diversos anos do 1º ciclo do ensino básico.

Apresentam-se no Quadro 1 as características descritivas da amostra no que se refere à idade, sexo, escolaridade e com quem vive a criança.

Quadro 1. Características descritivas da amostra: Idade, Sexo, Escolaridade, Com quem vive (N=258)

	N	%
Idade		
5	34	13.2
6	40	15.5
7	40	15.5
8	49	19.0
9	58	22.5
10	37	14.3
Sexo		
Feminino	133	51.6
Masculino	125	48.4
Escolaridade		
Pré-primária	42	16.3
1º ano	47	18.2
2º ano	45	17.4
3º ano	52	20.2
4º ano	52	20.2
5º ano	20	7.8

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Vive com

Pais	3	1.2
Pais + irmã(o)(s)	194	75.2
Avós	3	1.2
Um dos pais	2	.8
Um dos pais + irmã(o)(s)	16	6.2
Outros	40	15.5

---

As crianças da amostra distribuem-se pelas diversas faixas etárias e anos de escolaridade de forma semelhante, apesar de haver menos crianças de 10 anos e que frequentam o 5º ano. A maioria das crianças vive com os pais e com um ou mais irmãos.

No Quadro 2 caracteriza-se a fratria relativamente à posição da criança na mesma, sexo dos irmãos, identificação do irmão-alvo (sobre o qual foi realizado o IRF) e caracterização da situação da fratria relativamente à parentalidade (se os irmãos são todos filhos dos mesmos pais ou se têm diferentes progenitores).

Quadro 2. Descrição da amostra relativamente à posição da criança na fratria, sexo dos irmãos, identificação do irmão-alvo e caracterização da situação da fratria relativamente à parentalidade (N=258)

	N	%
<hr/> Posição na fratria		
Filho mais velho	106	41.9
2º filho	18	7.1
3 º filho	4	1.6
4 º filho	2	.8
Filho mais novo	120	47.4
Gémeo (gémeos únicos)	3	1.2
Gémeo (gémeos mais velhos)	5	1.9

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Sexo irmão 1		
Feminino	129	50.0
Masculino	129	50.0
Irmão-alvo		
Irmão 1	255	98.8
Irmão 2	2	.38
Irmão 3	1	.4
Parentalidade do Irmão 1		
Mesmos pais	237	91.9
Pai diferente	16	6.2
Mãe diferente	5	1.9

---

Verifica-se que a maior parte das crianças da amostra são ou o irmão mais novo ou o irmão mais velho e têm os mesmos progenitores que os restantes irmãos. O irmão-alvo foi em 98,8% dos casos o Irmão 1, em dois casos o Irmão 2 e num caso o Irmão 3.

No Quadro 3 descreve-se a amostra relativamente à idade da criança, ao número médio de irmãos e média de idades dos irmãos. No referido quadro consta também a diferença média de idades entre a criança e o irmão-alvo.

Quadro 3. Idade da criança, número médio de irmãos, média de idades dos irmãos e diferença média de idades entre a criança e o irmão-alvo (N=258)

	Min	Max	M	DP
Idade	5	10	7.65	1.63
Número de irmãos	1	5	1.37	.69
Idade do irmão 1	0	26	8.11	5.51
Idade do irmão 2	0	27	11.89	7.15
Idade do irmão 3	0	32	10.85	9.72
Diferença de idades (Criança – Irmão-alvo)	-17	10	-.41	5.34

---



A diferença de idades entre a criança participante e o irmão-alvo variou entre - 17 anos e + 10 anos. Em média, a criança é mais nova que o irmão-alvo (-.41).

Entre os participantes, 44 (17.1%) são irmãos de crianças que também constam da amostra. Temos portanto 22 pares de irmãos.

No Quadro 4 apresentam-se os resultados referentes às perguntas “Alguns(umas) meninos(as) gostavam de ter irmãos. Uma vez ter irmãos pode ser divertido, outras vezes pode ser menos divertido. E tu, gostavas de ter um irmão?”; e caso a resposta seja afirmativa: “E preferias que fosse um menino ou uma menina?”. Estas questões foram colocadas no final do IRF a todos os filhos únicos e a todas as crianças que somente possuíam irmãos mais velhos, tal como referido anteriormente. No total foram questionadas 130 crianças, das quais 87 crianças responderam afirmativamente.

Quadro 4. Resposta às questões: “Gostavas de ter um irmão?”; “Menino ou menina?” (N=130)

	Sexo feminino (N=70)		Sexo masculino (N=60)		$\chi^2$
	N	%	N	%	
Gostavas de ter um irmão					.186
Sim	48	68.6	39	65.0	
Não	22	31.4	21	35.0	
Menino ou menina					10.675**
Menino	19	39.6	29	74.4	
Menina	26	54.2	9	23.1	
Gêmeos	1	2.1			
Não respondeu	2	4.1	1	2.5	

\*\*  $p \leq .01$

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos relativamente à preferência por ter um irmão menina ou menino, com  $\chi^2 (2) = 10.675$ ;  $p$

= .005. Os resultados mostraram que as participantes do sexo feminino preferiam maioritariamente ter uma irmã e os participantes do sexo masculino preferiam maioritariamente ter um irmão, ou seja, em ambos os sexos, as crianças preferiam ter irmãos do mesmo sexo. Há uma menina que gostava de ter irmãos gémeos, apesar de não ter especificado o seu sexo.

#### **II.1.2.2.4. Resultados**

No Quadro 5 encontram-se descritos os valores mínimo e máximo, média e desvio-padrão dos Itens do Inventário de Relações Fraternas – IRF.

Quadro 5. Resultados descritivos para os Itens do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	Min	Max	M	DP
1. Quantas vezes tomas conta do(a) irmão-alvo (IA) ou olhas por ele(a) quando os adultos não estão presentes?	1	5	2.91	1.41
2. Às vezes os irmãos e as irmãs causam problemas ou começam brigas ou discussões, mesmo que gostem muito uns dos outros. Quantas vezes achas que comes brigas ou causas problemas ao(à) IA?	1	5	2.82	1.27
3. Quantas vezes te sentes furioso(a) ou zangado(a) com o(a) IA?	1	5	2.70	1.29
4. Algumas crianças partilham segredos com os seus irmãos e irmãs. Outras não. Quantas vezes partilhas segredos com o(a) IA?	1	5	2.87	1.52
5. Por vezes as crianças magoam os seus irmãos ou irmãs, empurram-nos ou batem-lhes de propósito. Quantas vezes fazes este tipo de coisas ao(à) IA?	1	5	1.97	1.14
6. Algumas crianças, às vezes, são más para os seus irmãos ou irmãs, mesmo que gostem muito deles. Quantas vezes achas que fazes coisas como provocares	1	5	2.00	1.21

ou meteres-te com o(a) IA, gozares com ele(ela), ou chamares-lhe nomes?				
7. E fazer coisas boas, como ajudar ou fazer favores ao(à) IA? Quantas vezes fazes esse tipo de coisas?	1	5	3.91	1.07
8. As crianças por vezes vão ao quarto dos seus irmãos ou irmãs, ou tiram as coisas deles sem autorização. Quantas vezes achas que fazes essas coisas ao(à) IA?	1	5	1.74	1.08
9. Quantas vezes é que ensinas coisas ao(à) IA ou o(a) ajudas a perceber alguma coisa?	1	5	3.16	1.46
10. A maior parte das crianças são carinhosas com os seus irmãos e irmãs mesmo que outras vezes briguem. Quantas vezes és carinhoso(a) com o(a) IA (como por exemplo abraçar, beijar ou dar as mãos)?	1	5	3.82	1.04
11. Muitas crianças queixam-se que as suas mães não são justas na forma como as tratam em comparação com a maneira como tratam os seus irmãos ou irmãs. Como é contigo? Quantas vezes sentes que a tua mãe trata o(a) IA melhor do que a ti?	1	5	2.08	1.31
12. E o teu pai? Quantas vezes sentes que trata o(a) IA melhor do que a ti?	1	5	1.94	1.23
13. Quantas vezes admiras o(a) IA, isto é, achas que ele(a) é especial ou muito bom(a)?	1	5	3.79	1.21
14. Por vezes as crianças sentem vontade de partilhar as suas coisas e outras vezes não. Quantas vezes partilhas coisas com o(a) IA quando ele(a) quer brincar com elas ou quer pedi-las emprestadas?	1	5	3.84	1.15
15. E quando o(a) IA está magoado(a) ou chateado(a), quantas vezes tentas fazê-lo(a) sentir-se melhor?	1	5	4.03	1.06

16. Algumas crianças sentem, por vezes, ciúmes ou ficam aborrecidas com a atenção ou carinho que o seu pai dá aos seus irmãos ou irmãs. Quantas vezes sentes ciúmes em relação à maneira como o teu pai trata o(a) IA?	1	5	2.17	1.30
17. E com a tua mãe? Quantas vezes sentes ciúmes da atenção ou carinho que ela dá ao(a) IA?	1	5	2.22	1.32

---

Foi feita a análise factorial exploratória do conjunto dos 17 itens do Inventário IRF pelo método de extracção por análise das componentes principais, seguida de rotação *Varimax*. Foram retidos os factores que apresentam valores próprios (*Eigenvalues*) superiores a 1 e um peso superior a .40. Os dados mostraram-se adequados para a realização da análise factorial apresentando um valor KMO de .726 ( $> .500$ ) e uma esfericidade significativa ( $< .001$ ) pelo teste de Bartlett.

Inicialmente foi obtida uma estrutura com 5 factores, em função dos valores próprios, explicando 53.63% da variância. Posteriormente foi realizada a mesma análise forçando uma estrutura de 3 factores, tal como na versão original e de acordo com o *Scree Plot* (Figura 1).

*Scree Plot*

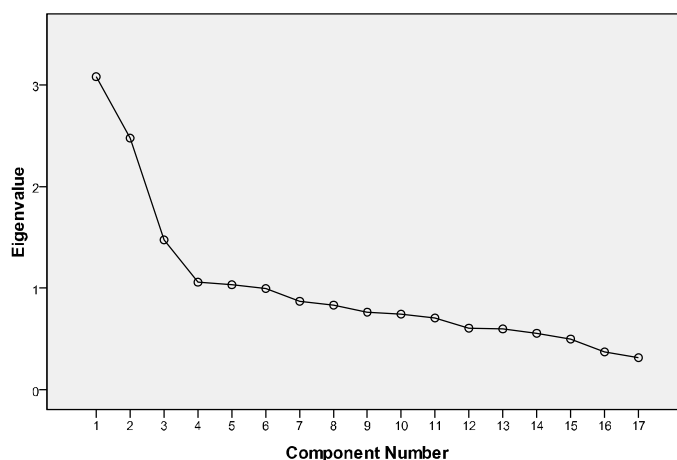


Figura 1. *Eigenvalues* do IRF

O Quadro 6 mostra os pesos de cada item na estrutura de três factores.

Quadro 6. Matriz Factorial das Componentes Principais do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	Factor		
	Afecto	Rivalidade	Hostilidade
Item 10	<b>.72</b>	-,03	-,19
Item 7	<b>.66</b>	,16	-,23
Item 15	<b>.65</b>	-,24	-,13
Item 13	<b>.59</b>	-,01	-,14
Item 9	<b>.57</b>	,15	-,01
Item 4	<b>.48</b>	-,03	-,16
Item 14	<b>.43</b>	-,09	-,10
Item 1	<b>.28</b>	,02	-,17
Item 16	-,01	<b>.80</b>	,15
Item 17	,09	<b>.80</b>	,12
Item 11	-,04	<b>.74</b>	,25
Item 12	-,09	<b>.72</b>	,16
Item 6	-,18	,18	<b>.70</b>
Item 5	-,21	,13	<b>.70</b>
Item 2	-,14	,10	<b>.62</b>
Item 3	-,20	,20	<b>.60</b>
Item 8	-,04	,08	<b>.47</b>

Os 3 factores encontrados correspondem às três dimensões que presidiram à criação do IRF, que explicam 41.33% da variância total, as quais se designaram, de acordo com a versão original (Stocker & McHale, 1992), Afecto (compreendendo os itens 1, 4, 7, 9, 10, 13, 14 e 15) com uma variância explicada de 18.10%, Rivalidade (compreendendo os itens 11, 12, 16 e 17) com uma variância explicada de 14.56% e Hostilidade (compreendendo os itens 2, 3, 5, 6 e 8) com uma variância explicada de 8.67%.

O item 1 tem um peso reduzido, mas optou-se por mantê-lo na dimensão Afecto por ser aquela em que apresenta maior saturação e, desta forma, a estrutura fica igual à da versão original. A eliminação deste item não melhora significativamente o nível de consistência interna da dimensão, tal como se pode verificar no Quadro 7.

O Quadro 7 mostra os resultados obtidos no que se refere à precisão das dimensões e consistência interna de cada dimensão, através do coeficiente *Alfa de Cronbach*.

Quadro 7. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Inventário de Relações Fraternas – IRF

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.66	.21		
1			.18	.68
4			.32	.64
7			.48	.60
9			.34	.64
10			.52	.60
13			.38	.62
14			.28	.65
15			.44	.61
Hostilidade	.60	.23		
2			.34	.56
3			.35	.55
5			.43	.51
6			.44	.51
8			.24	.61
Rivalidade	.77	.46		

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

11	.54	.73
12	.53	.74
16	.61	.70
17	.60	.70

Todas as dimensões apresentam razoável consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* a variar entre .60 (Hostilidade) e .77 (Rivalidade). Apesar das dimensões Afecto e Hostilidade apresentarem valores inferiores a .70, estes são considerados aceitáveis tendo em conta o número de itens que as compõem (Nunnally, 1978). As dimensões Afecto, Hostilidade e Rivalidade apresentam, respectivamente, .18-.52, .24-.44 e .53-.61 de amplitude da correlação item total.

Apresenta-se no Quadro 8 a correlação entre as dimensões do IRF.

Quadro 8. Correlação entre as dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF

	Afecto	Hostilidade
Hostilidade	-.24***	
Rivalidade	-.01	.23***

\*\*\*  $p \leq .001$

A dimensão Afecto correlacionou-se de forma negativa, fraca e estatisticamente significativa com a Hostilidade. A dimensão Hostilidade correlacionou-se de forma positiva e fraca, estatisticamente significativa, com a Rivalidade. Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Hostilidade e que quanto maior é a Hostilidade maior é a Rivalidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 9.

Quadro 9. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	9	40	28.31	5.46
Hostilidade	5	23	11.22	3.73
Rivalidade	4	20	8.1	3.97

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 10 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 10. Normalidade das Dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.03	.244
Hostilidade	1.37	.047
Rivalidade	2.23	< .001

A dimensão Afecto é a única que não se afasta significativamente da distribuição normal ( $p = .244$ ).

## **II.2. Adaptação e estudo da versão Portuguesa do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

### **II.2.1. O *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

O *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* (Kramer, 1995) avalia a percepção dos pais relativamente às relações



entre os seus filhos. O questionário original é composto por duas partes e destina-se a pais de crianças entre os 14 meses e os 8 anos de idade.

São usadas duas abordagens complementares: uma primeira abordagem (Parte I), denominada “de discrepância”, avalia a consistência da percepção que os pais têm da relação entre os filhos com aquilo que consideram ideal numa relação fraterna, ou seja, “o que é” *versus* “o que deveria ser”; uma segunda abordagem (Parte II), denominada “directa”, questiona directamente os pais relativamente à sua preocupação no que concerne a aspectos específicos da relação entre os filhos, tais como a frequência com que brincam juntos ou a frequência com que brigam. Cada uma destas abordagens corresponde a uma parte do questionário.

A autora acredita que a associação destas duas abordagens fornecerá uma maior riqueza de informação e que a mesma será menos condicionada por estereótipos sociais do que se fosse utilizada unicamente uma das abordagens. Por outro lado, esta análise permitirá um maior conhecimento e compreensão das áreas específicas em que o comportamento real difere do ideal, o que é fundamental quando se procura delinear uma estratégia de intervenção.

Na abordagem “de discrepância” (Parte I) os pais são questionados relativamente à ocorrência de 24 comportamentos numa relação ideal (mas real) entre irmãos. A instrução é a seguinte: “Imagine uma família – não necessariamente a sua – na qual duas crianças, que são irmãs, se dão muito bem. As outras pessoas descrevem-nas como tendo uma relação entre irmãos muito boa. Estas crianças são da mesma idade e sexo que os seus filhos. Com que frequência pensa que cada uma das seguintes situações ocorre neste tipo de relação? Assinale, com um círculo, a sua resposta.” Os pais devem classificar os 24 itens através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos (“nunca” a “sempre”).

Na abordagem “directa” (Parte II) os pais são questionados relativamente à frequência da ocorrência dos mesmos 24 comportamentos na relação entre os filhos. A

resposta será dada através duma escala de tipo *Likert* de 5 pontos (“nunca” a “sempre”). É também pedido aos pais que, caso o comportamento ocorra, classifiquem: até que ponto o consideram um problema, respondendo através de uma escala de tipo *Likert* de 4 pontos (“não é um problema” a “é um problema enorme”); e a facilidade que pensam ter relativamente à melhoria da situação, uma vez mais através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos (“muita facilidade” a “muita dificuldade”). É ainda pedido que classifiquem a necessidade que têm de ser ajudados relativamente a cada um dos 24 comportamentos, respondendo através de uma escala de tipo *Likert* de 3 pontos (“não preciso de ajuda” a “preciso de muita ajuda”).

Estes 24 itens, que envolvem dimensões positivas e negativas da relação fraterna, tal como na versão original (Kramer, 1995), foram classificados em três dimensões: Afecto (itens 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 24), Hostilidade (itens 1, 9, 11, 13, 16, 18, 20 e 23) e Rivalidade (3, 5 e 7).

No final, existe uma 25ª questão em que se pede aos pais que classifiquem, de forma geral, “o modo como os seus filhos se dão um com o outro”. Para responderem a esta última questão, é-lhes apresentada uma escala de tipo *Likert* de 7 pontos, que vai de “muito mal” a “muito bem”, correspondendo o 4 a “neutro”.

Este questionário foi desenvolvido para uma investigação (Kramer & Baron, 1995) que procurava conhecer quais os comportamentos fraternos que eram percepcionados pelos pais como mais problemáticos, bem como, desses comportamentos problemáticos, quais os que eram percepcionados pelos pais como os mais fáceis de melhorar sem ajuda e aqueles em que necessitariam de mais ajuda. Estas questões eram respondidas através das respostas à parte de abordagem “directa” do questionário. Através da abordagem “de discrepância”, as autoras pretendiam conhecer que comportamentos os pais considerariam ideais numa relação fraterna e, posteriormente, quais as diferenças entre a percepção que os pais tinham da relação real entre os seus filhos e aquela que consideravam ideal. Por fim, o estudo pretendia perceber até que ponto a relação fraterna ideal iria ao encontro da classificação dos

comportamentos reais dos seus filhos como sendo problemáticos ou não e das necessidades de ajuda evidenciadas pelos pais relativamente a esses mesmos comportamentos. As autoras avaliaram ainda a variação dos resultados relativamente ao sexo dos progenitores, ao sexo da díade de irmãos e ao nível de desenvolvimento das crianças.

O questionário foi enviado por correio a 220 casais parentais (separadamente para o pai e para a mãe) com 2 filhos, tendo o filho mais novo entre 14 meses e 5 anos de idade e o mais velho mais 1,5 a 4 anos. A percentagem de retorno de resposta foi de 36%, correspondendo a 94 mães e a 65 pais. No todo da amostra 57 casais parentais responderam ao questionário.

A maioria dos pais participantes no estudo manifestou uma visão positiva da relação entre os seus filhos, não revelando grande preocupação com a mesma. Verificou-se que a dimensão considerada pelos pais como mais problemática é a Hostilidade. A dimensão com maior discrepância entre o que é considerado ideal pelos pais e aquilo que percebem relativamente à relação entre os seus filhos foi a dimensão Afecto, em que a maioria dos pais considerou que existiam menos comportamentos de afecto entre os seus filhos do que o que seria desejável numa relação fraterna. Ao contrário do que se poderia pensar, foi a dimensão Afecto e não a dimensão Hostilidade que foi considerada pelos pais como mais difícil de melhorar. Não se verificaram diferenças significativas entre as respostas das mães e dos pais, bem como no que se refere à idade ou sexo dos filhos, apesar de tendencialmente os pais das crianças mais novas referirem observar menos Afecto e Rivalidade do que os pais das crianças mais velhas.

A análise estatística dos resultados permitiu ainda verificar que as três dimensões possuíam uma elevada consistência interna. A similitude de conceitos entre o *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* (PEPC-SRQ) e o *Sibling Relationship Inventory* (SRI), foi já nessa altura referida pelas autoras como um dos factores que contribui para a sua validade e

utilização em conjunto com este ou com outros instrumentos semelhantes, como o *Sibling Relationship Questionnaire* (Furman & Buhrmester, 1985).

Em 2010, Howe, Karos & Aquan-Assee levaram a cabo uma investigação em que verificaram a correlação entre os dados obtidos no *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* (PEPC-SRQ), preenchido pelas mães (N=32), e os dados obtidos no *Sibling Relationship Questionnaire* (Furman & Buhrmester, 1985), preenchido pelos seus filhos adolescentes (N=40, idade média 11 anos e meio). Os resultados mostraram correspondência entre as percepções dos filhos e das mães relativamente à dimensão Afecto, mas não relativamente às dimensões Rivalidade e Hostilidade.

### **II.2.2. Adaptação e estudo da versão portuguesa do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

#### **II.2.2.1. Tradução e adaptação do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

Foi solicitada a tradução do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) a uma tradutora bilingue e a revisão da tradução a três psicólogos clínicos, chegando-se à versão final do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

#### **II.2.2.2. Estudo do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos**

##### **II.2.2.2.1. Procedimento para recolha da amostra**

A amostra é constituída por 258 pais (pai ou mãe das crianças que participaram no estudo do Inventário das Relações Fraternas – IRF). Esta amostra foi recolhida nos

anos lectivos de 2008/2009 a 2011/2012, em estabelecimentos de ensino público e privado da área da Grande Lisboa.

#### **II.2.2.2.2. Procedimento**

Este Questionário foi enviado para os encarregados de educação juntamente com o pedido de autorização de participação dos seus educandos no estudo (tal como descrito no ponto II.1.2.2.1.), solicitando-lhes o preenchimento e devolução do mesmo, em conjunto com a autorização de participação da criança, através dos professores, em carta fechada.

#### **II.2.2.2.3. Caracterização da Amostra**

As características da amostra, no que se refere ao estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, são descritas no Quadro 11.

Quadro 11. Descrição da amostra por estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258)

	N	%
Estado Civil dos Pais		
Casados	178	69.0
Vivem juntos/união de facto	35	13.6
Separados	22	8.5
Divorciados	14	5.4
Não refere	2	.8
Pai ou mãe falecidos		
Mãe falecida	2	.8
Pai falecido	5	1.9

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Escolaridade pai

1º ciclo	21	8.1
2º ciclo	33	12.8
3º ciclo	55	21.3
Secundário	59	22.9
Ensino Superior	72	27.9
Não refere	18	7.0

Escolaridade mãe

Nenhuma	2	.8
1º ciclo	11	4.3
2º ciclo	25	9.7
3º ciclo	68	26.4
Secundário	48	18.6
Ensino Superior	100	38.8
Não refere	4	1.6

Profissão pai

Trabalhadores indiferenciados	82	31.8
Trabalhadores especializados	115	44.6
Trabalhadores altamente especializados	44	17.1
Estudantes	1	.4
Outros inactivos	4	1.6
Não refere	12	4.7

Profissão mãe

Trabalhadores indiferenciados	73	28.3
Trabalhadores especializados	74	28.7
Trabalhadores altamente especializados	67	26.0
Estudantes	3	1.2
Outros inactivos	31	12.0
Não refere	10	3.9

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Quem respondeu ao questionário

Mãe	193	74.8
Pai	26	10.1
Indeterminado	39	15.1

---

A maioria dos questionários foi preenchida pelas mães (74.8%), 10.1% foram preenchidos pelos pais e em 15.1% dos casos não foi possível determinar quem preencheu o questionário.

#### **II.2.2.2.4. Resultados**

No Quadro 12 encontram-se descritos os valores mínimo e máximo, média e desvio-padrão dos Itens da Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

Quadro 12. Resultados descritivos para os Itens da Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258)

	Min	Max	M	DP
1. Agressão física (bater, empurrar, etc.)	1	4	2.17	.80
2. Partilha	1	5	4.10	.73
3. Ciúme	1	5	2.76	.86
4. Brincarem juntos à mesma coisa	1	5	3.69	.78
5. Competição	1	5	2.74	1.01
6. Respeitarem os pertences um do outro	1	5	3.81	1.01
7. Rivalidade	1	5	2.29	.95
8. Partilharem preocupações	1	5	3.53	1.01
9. Raiva ou hostilidade	1	5	1.88	.99
10. Lealdade ou defesa um do outro	1	5	4.24	.84
11. Discussões	1	5	2.95	.86
12. Confortarem-se um ao outro	1	5	3.64	1.13
13. Luta por território ou espaço	1	5	2.54	1.04

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

14. Protecção e zelo pelo bem-estar do outro	1	5	4.03	.85
15. Orgulho um do outro	1	5	4.03	.94
16. Conflitos sem solução	1	5	1.95	1.03
17. Conversarem um com o outro	1	5	4.17	.81
18. Lutarem pela posse de objectos	1	5	2.64	1.02
19. Ajudarem-se um ao outro	1	5	4.02	.95
20. Ameaças	1	5	2.03	1.08
21. Ensinares (como jogar um jogo, a ler, etc.)	1	5	4.03	.84
22. Afecto (abraços, beijos, dizerem “gosto de ti”, etc.)	1	5	3.97	.94
23. Tentativa de controlarem o comportamento um do outro, usando frases como “não faças isso”, “para” ou “deixa-me sozinho”	1	5	3.09	.93
24. Amabilidade	2	5	3.98	.75

---

Foi feita a análise factorial exploratória pelo método de extracção por análise das componentes principais, seguida de rotação *Varimax* para a Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (“O que eu acho que é uma boa relação entre irmãos”). Foram retidos os factores que apresentam valores próprios (*Eigenvalues*) superiores a 1 e um peso superior a .40. Os dados mostraram-se adequados para a realização da análise factorial apresentando um valor KMO de .895 (> .500) e uma esfericidade significativa (< .001) pelo teste de Bartlett.

Inicialmente os dados obtidos em função dos valores próprios sugeriram uma estrutura com 5 factores, explicando 56.89% da variância. Posteriormente foi realizada a mesma análise forçando uma estrutura de 3 factores de acordo com a versão original. Os resultados são apresentados no Quadro 13.



**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

Quadro 13. Análise factorial de 3 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	Factor		
	1	2	3
Item 7	<b>.66</b>	-.14	.17
Item 3	<b>.66</b>	-.10	.07
Item 5	<b>.66</b>	-.12	-.04
Item 18	<b>.62</b>	.02	.55
Item 1	<b>.61</b>	-.25	.24
Item 11	<b>.60</b>	-.22	.30
Item 13	<b>.59</b>	-.01	.48
Item 6	<b>-.49</b>	.37	-.21
Item 9	<b>.49</b>	-.16	.32
Item 22	-.26	<b>.62</b>	-.11
Item 24	-.37	<b>.59</b>	-.15
Item 14	-.08	<b>.59</b>	-.20
Item 8	-.11	<b>.58</b>	-.25
Item 2	-.49	<b>.58</b>	-.03
Item 10	-.19	<b>.56</b>	-.37
Item 21	-.09	<b>.52</b>	-.10
Item 12	.10	<b>.49</b>	-.07
Item 4	-.12	<b>.44</b>	.17
Item 16	.19	-.14	<b>.71</b>
Item 20	.45	-.12	<b>.65</b>
Item 19	-.12	.45	<b>-.64</b>
Item 17	-.10	.42	<b>-.55</b>
Item 15	-.13	.46	<b>-.54</b>
Item 23	.39	.21	<b>.41</b>

A versão original (Kramer, 1995) corresponde a uma estrutura com 3 factores: Afecto (compreendendo os itens 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 24), Rivalidade (compreendendo os itens 3, 5 e 7) e Hostilidade (compreendendo os itens 1, 9, 11, 13, 16, 18, 20 e 23). Apesar da maioria dos itens que originalmente pertencem à dimensão Afecto saturarem no factor 2, o facto de o item 6 saturar no factor 1 e os itens 15, 17 e 19 no factor 3 não respeita a organização original. No factor 1 saturam todos os itens da dimensão original Rivalidade, mas não estão sozinhos, pois outros itens também saturam no factor 1, nomeadamente a maioria dos itens que originalmente pertencem à dimensão Hostilidade (excepto os itens 16, 20 e 23 que saturam no factor 3). Deste modo, a estrutura encontrada não coincide com a estrutura da versão original do questionário.

Assumindo-se a forma como os itens estão originalmente distribuídos pelas três dimensões, foi analisada a sua precisão e consistência interna, através do coeficiente *Alfa de Cronbach*. O Quadro 14 mostra os resultados obtidos.

Quadro 14. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.85	.30		
2			.58	.83
4			.27	.85
6			.49	.84
8			.56	.83
10			.60	.83
12			.30	.85
14			.50	.83
15			.56	.83

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

17			.53	.83
19			.61	.83
21			.40	.84
22			.56	.83
24			.60	.83
Hostilidade	.85	.40		
1			.56	.83
9			.50	.84
11			.61	.82
13			.66	.82
16			.51	.84
18			.72	.81
20			.70	.81
23			.41	.85
Rivalidade	.66	.40		
3			.42	.64
5			.49	.54
7			.52	.51

Todas as dimensões apresentam razoável consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* a variar entre .66 (Rivalidade) e .85 (Afecto e Hostilidade). Apesar da dimensão Rivalidade apresentar um valor inferior a .70, este é considerado aceitável tendo em conta o número de itens que a compõem (Nunnally, 1978). As dimensões Afecto, Hostilidade e Rivalidade apresentam, respectivamente, .27-.61, .41-.72 e .42-.52 de amplitude da correlação item total.

Apresentam-se no Quadro 15 as relações entre as três dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I.

Quadro 15. Correlação entre dimensões — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I

	Afecto	Hostilidade
Hostilidade	-.58***	
Rivalidade	-.43***	.60***

\*\*\*  $p \leq .001$

A dimensão Afecto correlaciona-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a Hostilidade e com a Rivalidade. A dimensão Hostilidade correlaciona-se de forma positiva, moderada e estatisticamente significativa com a Rivalidade. Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Hostilidade e a Rivalidade e que quanto maior é a Hostilidade maior é a Rivalidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 16.

Quadro 16. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	25	65	51.26	6.89
Hostilidade	8	34	19.27	5.38
Rivalidade	3	14	7.79	2.16

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 17 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 17. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.30	.068
Hostilidade	1.31	.063
Rivalidade	1.82	.003

A dimensão Rivalidade é a única que não segue a distribuição normal ( $p = .003 < .05$ ).

No Quadro 18 encontram-se descritos os valores mínimo e máximo, média e desvio-padrão dos Itens da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

Quadro 18. Resultados descritivos para os Itens da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258)

	Min	Max	M	DP
1. Agressão física (bater, empurrar, etc.)	1	4	2.32	.93
2. Partilha	1	5	3.80	.80
3. Ciúme	1	33	2.84	2.07
4. Brincarem juntos à mesma coisa	1	5	3.44	.86
5. Competição	1	5	2.56	1.02
6. Respeitarem os pertences um do outro	1	5	3.64	.90
7. Rivalidade	1	5	2.21	.94
8. Partilharem preocupações	1	8	3.11	1.17
9. Raiva ou hostilidade	1	9	1.86	.92
10. Lealdade ou defesa um do outro	1	5	3.96	.87
11. Discussões	1	5	3.00	.89
12. Confortarem-se um ao outro	1	5	3.34	1.09
13. Luta por território ou espaço	1	5	2.47	.91

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

14. Protecção e zelo pelo bem-estar do outro	1	5	3.81	.88
15. Orgulho um do outro	1	5	3.76	.97
16. Conflitos sem solução	1	5	1.67	.82
17. Conversarem um com o outro	1	5	3.95	.84
18. Lutarem pela posse de objectos	1	5	2.74	.94
19. Ajudarem-se um ao outro	1	5	3.86	.86
20. Ameaças	1	5	2.05	.96
21. Ensinares (como jogar um jogo, a ler, etc.)	1	5	3.75	.88
22. Afecto (abraços, beijos, dizerem “gosto de ti”, etc.)	1	5	3.68	1.03
23. Tentativa de controlarem o comportamento um do outro, usando frases como “não faças isso”, “para” ou “deixa-me sozinho”	1	5	3.14	.81
24. Amabilidade	1	5	3.74	.84

---

Foi feita a análise factorial exploratória pelo método das componentes principais, seguida de rotação *Varimax* para a segunda parte do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (“Com que frequência diria que cada uma das seguintes situações ocorre na relação dos seus filhos”). Foram retidos os factores que apresentam valores próprios (*Eigenvalues*) superiores a 1 e um peso superior a .40. Os dados mostraram-se adequados para a realização da análise factorial, apresentando um valor KMO de .892 (> .500) e uma esfericidade significativa (< .001) pelo teste de Bartlett.

Considerando os valores de *Eigenvalues* superiores a 1, foi obtida inicialmente uma estrutura com 5 factores, explicando 60.95% da variância. Posteriormente foi realizada a mesma análise forçando uma estrutura de 3 factores, de acordo com a versão original. Os resultados são apresentados no Quadro 19.

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

Quadro 19. Análise factorial de 3 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	Factor		
	1	2	3
Item 18	<b>.72</b>	-.11	-.16
Item 20	<b>.72</b>	-.17	-.10
Item 11	<b>.71</b>	-.24	-.15
Item 1	<b>.70</b>	-.19	-.10
Item 13	<b>.69</b>	-.02	-.17
Item 7	<b>.68</b>	-.17	-.04
Item 5	<b>.66</b>	-.22	.17
Item 16	<b>.57</b>	-.18	-.14
Item 9	<b>.56</b>	-.19	.04
Item 23	<b>.55</b>	.17	-.05
Item 6	<b>-.43</b>	.34	.23
Item 3	<b>.26</b>	.13	-.23
Item 14	-.18	<b>.85</b>	.09
Item 15	-.16	<b>.78</b>	-.00
Item 10	-.19	<b>.76</b>	.18
Item 22	-.32	<b>.65</b>	.13
Item 12	.13	<b>.60</b>	.11
Item 2	-.25	<b>.60</b>	.33
Item 19	-.24	<b>.58</b>	.47
Item 24	-.36	<b>.55</b>	.36
Item 4	.12	.04	<b>.80</b>
Item 17	-.22	.37	<b>.64</b>
Item 8	-.00	.39	<b>.62</b>
Item 21	-.05	.44	<b>.55</b>

Na versão original (Kramer, 1995) foi encontrada uma estrutura com 3 factores, Afecto (compreendendo os itens 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 15, 17, 19, 21, 22 e 24), Rivalidade (compreendendo os itens 3, 5 e 7) e Hostilidade (compreendendo os itens 1, 9, 11, 13, 16, 18, 20 e 23). A estrutura encontrada não coincide com a estrutura da versão original do questionário. Apesar da maioria dos itens que originalmente pertencem à dimensão Afecto saturarem no factor 2, o facto dos itens 4, 8, 17 e 21 saturarem no factor 3 e o item 6 saturar no factor 1, não respeita a organização inicial. Todos os itens originalmente pertencentes à dimensão Rivalidade saturam no factor 1, mas também saturam no factor 1 todos itens que originalmente pertencem à dimensão Hostilidade.

Desta forma, foi analisada a precisão e a consistência interna, através do *Alfa de Cronbach* com a distribuição original pelas três dimensões. O Quadro 20 mostra os resultados obtidos.

Quadro 20. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto, Hostilidade e Rivalidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.89	.39		
2			.67	.88
4			.33	.89
6			.44	.89
8			.55	.88
10			.69	.87
12			.44	.89
14			.73	.87
15			.60	.89
17			.61	.89



**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

19			.71	.87
21			.58	.88
22			.60	.88
24			.67	.88
Hostilidade	.84	.39		
1			.63	.81
9			.47	.83
11			.66	.81
13			.57	.82
16			.52	.83
18			.65	.81
20			.67	.81
23			.39	.84
Rivalidade	.44	.32		
3			.21	.73
5			.33	.31
7			.44	.20

---

As dimensões Afecto e Hostilidade apresentam boa consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* .89 e .84, respectivamente. A dimensão Rivalidade apresenta um valor muito inferior a .70, mostrando que o item 3 está a prejudicar gravemente a medida. As dimensões Afecto, Hostilidade e Rivalidade apresentam, respectivamente, .33-.73, .39-.67 e .21-.44 de amplitude da correlação item total.

Apresentam-se no Quadro 21 as relações entre as três dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II.

Quadro 21. Correlação entre dimensões — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II

	Afecto	Hostilidade
Hostilidade	-.42***	
Rivalidade	-.24***	.49***

\*\*\*  $p \leq .001$

A dimensão Afecto correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a Hostilidade e com a Rivalidade. A dimensão Hostilidade correlacionou-se de forma positiva, moderada e estatisticamente significativa com a Rivalidade. Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Hostilidade e a Rivalidade e que quanto maior é a Hostilidade maior é a Rivalidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 22.

Quadro 22. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	13	64	47.79	7.86
Hostilidade	8	34	19.25	4.93
Rivalidade	3	38	7.60	2.97

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 23 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 23. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.23	.095
Hostilidade	1.21	.110
Rivalidade	2.26	< .001

A dimensão Rivalidade é a única que não segue a distribuição normal ( $p < .001 < .05$ ).

Como a solução a 3 factores não se aproximou à versão original, mostrando na Parte II um *Alfa de Cronbach* bastante inferior a 0.70 da dimensão Rivalidade, e pela análise dos *Scree Plots*, tanto na Parte I como na Parte II, foi decidido optar por uma solução a 2 factores (Figuras 2 e 3), verificando-se que as dimensões Rivalidade e Hostilidade se agrupam. Também a análise do Quadro 18 (análise factorial de 3 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II) permitiu perceber que alguns itens saturavam em mais do que um factor.

*Scree Plot*

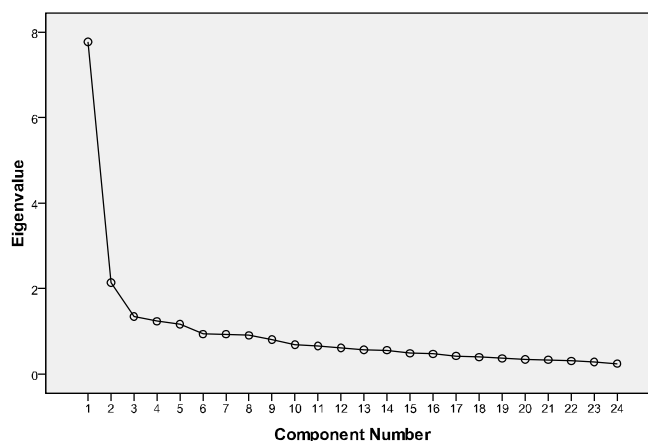


Figura 2. *Eigenvalues* do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I

*Scree Plot*

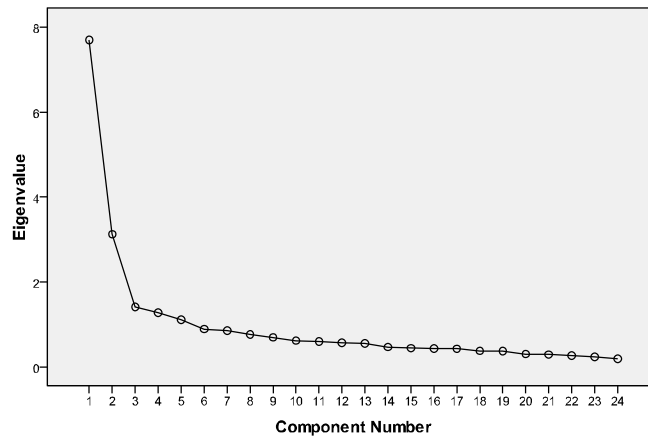


Figura 3. *Eigenvalues* do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II

Os resultados da análise factorial com 2 factores para a Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, são apresentados no Quadro 24.

Quadro 24. Análise factorial de 2 factores — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	Factor	
	Rivalidade/Hostilidade	Afecto
Item 18	<b>.81</b>	-,10
Item 13	<b>.75</b>	-,10
Item 20	<b>.71</b>	-,25
Item 11	<b>.65</b>	-,27
Item 7	<b>.63</b>	-,17
Item 1	<b>.61</b>	-,29
Item 3	<b>.58</b>	-,10
Item 23	<b>.57</b>	,12
Item 9	<b>.56</b>	-,22

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Item 16	<b>.52</b>	-,29
Item 5	<b>.51</b>	-,10
Item 6	-,49	<b>.40</b>
Item 10	-,30	<b>.63</b>
Item 22	-,21	<b>.63</b>
Item 8	-,17	<b>.62</b>
Item 14	-,11	<b>.61</b>
Item 24	-,33	<b>.61</b>
Item 19	-,39	<b>.58</b>
Item 2	-,36	<b>.56</b>
Item 15	-,35	<b>.56</b>
Item 17	-,33	<b>.53</b>
Item 21	-,07	<b>.52</b>
Item 12	,11	<b>.50</b>
Item 4	,03	<b>.39</b>

---

A estrutura obtida com 2 factores, explicando 41.28% da variância é composta pelo factor Afecto (com os mesmos itens da versão original), explicando 32.38% da variância total, e pelo factor Rivalidade/Hostilidade (que compreende os itens destas duas dimensões na versão original), explicando 8.90% da variância.

Para analisar a precisão das duas dimensões foi analisada a consistência interna, através do *Alfa de Cronbach*. O Quadro 25 mostra os resultados obtidos.

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Quadro 25. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.85	.30		
2			.58	.83
4			.27	.85
6			.49	.84
8			.56	.83
10			.60	.83
12			.30	.85
14			.50	.83
15			.56	.83
17			.53	.83
19			.61	.83
21			.40	.84
22			.56	.83
24			.60	.83
Rivalidade/ Hostilidade	.87	.37		
1			.58	.85
3			.51	.86
5			.43	.86
7			.59	.85
9			.53	.86
11			.61	.85
13			.66	.85
16			.49	.86
18			.72	.84

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

20	.67	.85
23	.41	.87

As duas dimensões apresentam boa consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* de .85 (Afecto) e .87 (Rivalidade/Hostilidade). As dimensões Afecto e Rivalidade/Hostilidade apresentam, respectivamente, .27-.61 e .41-.72 de amplitude da correlação item total. A dimensão Afecto correlacionou-se de forma negativa e moderada, estatisticamente significativa, com a Rivalidade/Hostilidade, com um  $r = -.58$ ;  $p < .001$ . Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Rivalidade/Hostilidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 26.

Quadro 26. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	25	65	51.26	6.89
Rivalidade/Hostilidade	12	43	27.06	6.90

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 27 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 27. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.30	.068
Rivalidade/Hostilidade	.93	.348

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Ambas as dimensões não se afastam significativamente da distribuição normal ( $p > .05$ ).

Tal como referido anteriormente, foi realizada a análise factorial forçando uma estrutura de 2 factores, também na Parte II. Os resultados da análise factorial com 2 factores para a Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, são apresentados no Quadro 28.

Quadro 28. Análise factorial de 2 factores – Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	Factor	
	Afecto	Rivalidade/Hostilidade
Item 14	<b>.75</b>	-,24
Item 19	<b>.74</b>	-,24
Item 10	<b>.72</b>	-,23
Item 2	<b>.68</b>	-,26
Item 21	<b>.68</b>	-,04
Item 8	<b>.67</b>	,02
Item 17	<b>.66</b>	-,19
Item 24	<b>.66</b>	-,37
Item 15	<b>.65</b>	-,22
Item 22	<b>.61</b>	-,36
Item 12	<b>.56</b>	,10
Item 4	<b>.48</b>	,19
Item 6	<b>.41</b>	-,43
Item 11	-,11	<b>.74</b>
Item 20	-,18	<b>.72</b>
Item 18	-,17	<b>.71</b>
Item 1	-,18	<b>.71</b>
Item 5	-,08	<b>.69</b>
Item 7	-,15	<b>.68</b>



**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

Item 13	-,11	<b>.67</b>
Item 9	-,13	<b>.57</b>
Item 16	-,22	<b>.56</b>
Item 23	,12	<b>.53</b>
Item 3	-,02	<b>.22</b>

A estrutura obtida com 2 factores, explicando 45.10% da variância, é composta pelo factor Afecto (com os mesmos itens da versão original), explicando 32.08% da variância total, e pelo factor Rivalidade/Hostilidade (que compreende os itens destas 2 dimensões na versão original, explicando 13.02% da variância. Apesar do item 3 ter um peso inferior a .40, foi mantido para se manter fiel à versão original.

Para analisar a precisão das duas dimensões foi analisada a consistência interna, através do *Alfa de Cronbach*. O Quadro 29 mostra os resultados obtidos.

Quadro 29. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.89	.39		
2			.67	.88
4			.33	.89
6			.44	.89
8			.55	.88
10			.69	.87
12			.44	.89
14			.73	.87
15			.60	.88
17			.61	.88

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

19			.71	.87
21			.58	.88
22			.60	.88
24			.67	.88
Rivalidade/	.81	.37		
Hostilidade				
1			.62	.78
3			.19	.87
5			.58	.78
7			.63	.78
9			.49	.79
11			.58	.78
13			.56	.78
16			.48	.79
18			.63	.78
20			.62	.78
23			.40	.80

---

As dimensões Afecto e Rivalidade/Hostilidade apresentam boa consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* .89 e .81, respectivamente. As dimensões Afecto e Rivalidade/Hostilidade apresentam, respectivamente, .33-.73 e .19-.63 de amplitude da correlação item total.

A dimensão Afecto correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a Rivalidade/Hostilidade, com um  $r = -.40$ ;  $p < .001$ . Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Rivalidade/Hostilidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 30.

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Quadro 30. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão das dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	13	64	47.79	7.86
Rivalidade/Hostilidade	8	34	19.25	4.93

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 31 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 31. Normalidade das Dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.23	.095
Rivalidade/Hostilidade	1.21	.110

Ambas as dimensões não se afastam significativamente da distribuição normal ( $p > .05$ ).

No Quadro 32 encontram-se descritos os valores mínimo e máximo, média e desvio-padrão do Item 25 do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (“Em geral, de que forma diria que os seus filhos se dão um com o outro?”).

Quadro 32. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão para o Item 25 do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258)

	Min	Max	M	DP
Item 25	1	7	5.64	1.31

Para verificar a existência de relação entre o item 25 do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos e as suas dimensões foi utilizado o coeficiente de *Pearson*. O Quadro 33 mostra os resultados obtidos.

Quadro 33. Correlação do item 25 com as dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Partes I e II

	Item 25
<b>Parte I</b>	
Afecto	.33***
Rivalidade/Hostilidade	-.15*
<b>Parte II</b>	
Afecto	.64***
Rivalidade/Hostilidade	-.52***

\*  $p \leq .05$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

O item 25 correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com o Afecto referente a ambas as partes da medida. Correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a Rivalidade/Hostilidade referente a ambas as partes da medida. Deste modo e tal como esperado, os resultados mostram que quanto melhor os pais consideram que os filhos se dão, maiores são os resultados da dimensão Afecto e menores são os resultados da dimensão Rivalidade/Hostilidade na Partes I e II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

Seguidamente foram analisadas a segunda, terceira e quarta colunas da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, de modo a entender em que dimensões os pais consideram haver mais problemas, se sentem mais ou menos facilidade em mudar a situação, e se gostariam de ter ajuda: — segunda coluna: “Até que ponto considera que isso seja um problema?”

— terceira coluna: “Se é um problema, que facilidade teria em melhorar a situação se o desejasse?”

— quarta coluna: “Até que ponto gostava de ter ajuda nessa situação?”

Foi efectuada uma análise através do teste t de *Student* para 2 amostras emparelhadas. O Quadro 34 mostra os resultados obtidos.

Quadro 34. Comparação entre Afecto e Rivalidade/Hostilidade ao nível do problema, facilidade de resolução e necessidade de ajuda (N=258)

	Afecto		Rivalidade/Hostilidade		t
	M	DP	M	DP	
Até que ponto considera que isso seja um problema?	15.24	4.65	16.42	5.37	-5.048***
Se é um problema, que facilidade teria em melhorar a situação se o desejasse?	19.00	11.71	14.80	8.44	1.500
Até que ponto gostava de ter ajuda nessa situação?	24.60	14.17	20.60	11.52	2.236

\*\*\*  $p \leq .001$ .

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos apenas ao nível do ponto em que os pais consideram que é um problema, com  $t(255) = -5.048$ ;  $p < .001$ .

A Figura 4 mostra graficamente as diferenças encontradas entre Afecto e Rivalidade/Hostilidade ao nível da segunda, terceira e quarta colunas da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

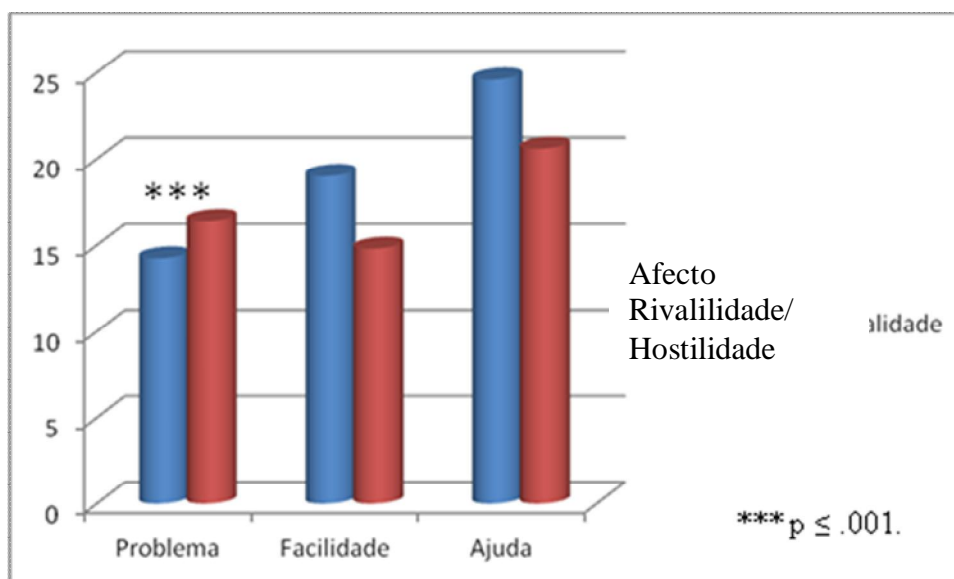


Figura 4. Diferenças entre Afecto e Rivalidade/Hostilidade ao nível do problema, para a segunda, terceira e quarta colunas da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos

Os resultados mostram que os pais consideram que a dimensão Rivalidade/Hostilidade é a mais problemática, o que vai ao encontro dos resultados obtidos no estudo original, em que se verificou que a dimensão considerada pelos pais como mais problemática é a Hostilidade (Kramer, 1995). Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre as dimensões para a facilidade em melhorar a situação e o precisar de ajuda, podemos perceber que há maior facilidade em lidar com a dimensão Afecto e também há maior necessidade de ajuda nessa dimensão. Estes resultados não estão completamente de acordo com os do estudo original, em que foi a dimensão Afecto e não a dimensão Hostilidade que foi considerada pelos pais como mais difícil de melhorar (mas com maior necessidade de ajuda) (Kramer, 1995).

Após a análise realizada, decidiu-se comparar a Parte I e a Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, ou seja, perceber até que ponto o ideal de relação fraterna dos pais coincide com a sua percepção da relação real dos filhos.

Como as dimensões, quer na Parte I quer na Parte II seguem a distribuição normal, optou-se pela utilização de testes paramétricos. O Quadro 35 mostra a média e o desvio-padrão, bem como os resultados obtidos através do teste t de *Student* para amostras emparelhadas para analisar até que ponto o ideal de relação fraterna dos pais coincide com a sua percepção da relação real dos filhos.

Quadro 35. Comparação entre as Partes I e II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=258)

	Parte I		Parte II		t
	M	DP	M	DP	
Afecto	51.24	6.89	47.75	7.83	7.22***
Rivalidade/Hostilidade	27.06	6.90	26.85	6.89	.47

\*\*\*  $p \leq .001$ .

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o ideal de relação fraterna dos pais e a sua percepção da relação real dos filhos apenas para o Afecto, com  $t = 7.216$ ;  $p < .001$ . Os resultados mostram que o ideal de relação fraterna dos pais, em relação ao Afecto na relação dos filhos, é superior à sua percepção da relação real dos filhos. Estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos no estudo original (Kramer, 1995).

### **II.3. Comparação dos resultados obtidos com o Inventário das Relações Fraternas e com o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos**

Após a análise individual do Inventário de Relações Fraternas – IRF e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, considerou-se relevante comparar ambos. De forma a ser possível essa comparação, foi assumida, relativamente ao IRF, a mesma distribuição dos itens pelas duas dimensões, Afecto e Rivalidade/Hostilidade. Os resultados da análise factorial com 2 factores para o IRF, considerando os valores de *Eigenvalues* superiores a 1, são apresentados no Quadro 36.

**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

Quadro 36. Matriz Factorial das Componentes Principais do Inventário de Relações Fraternas – IRF para 2 factores (N=258)

	Factor	
	Afecto	Rivalidade/Hostilidade
Item 10	<b>.69</b>	-.04
Item 7	<b>.67</b>	.10
Item 15	<b>.58</b>	-.21
Item 13	<b>.56</b>	-.02
Item 9	<b>.53</b>	.17
Item 4	<b>.47</b>	-.05
Item 14	<b>.40</b>	-.09
Item 1	<b>-.38</b>	.34
Item 16	<b>.30</b>	-.02
Item 17	<b>-.30</b>	.30
Item 11	.05	<b>.75</b>
Item 12	.15	<b>.74</b>
Item 6	-.01	<b>.73</b>
Item 5	-.04	<b>.68</b>
Item 2	-.35	<b>.38</b>
Item 3	-.33	<b>.37</b>
Item 8	-.18	<b>.23</b>

Verifica-se que o item 17, apesar de saturar mais na dimensão Afecto, tem uma saturação igualmente elevada na dimensão Rivalidade/Hostilidade e a sua eliminação não melhoraria a consistência interna da dimensão (Quadro 37). O item 16 satura claramente mais na dimensão Afecto, no entanto, a sua eliminação também não melhoraria a consistência interna da dimensão Rivalidade/Hostilidade (Quadro 37). Assim, ambos podem ser mantidos na dimensão Rivalidade/Hostilidade.



**Capítulo II - Adaptação e estudo do Sibling Relationship Inventory – SRI (Stocker & McHale, 1992) e do Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ (Kramer, 1995)**

---

O Quadro 37 mostra os resultados obtidos no que se refere à precisão das dimensões e consistência interna de cada dimensão, através do coeficiente *Alfa de Cronbach*.

Quadro 37. Coeficientes de Precisão *Alfa de Cronbach* e correlação item-escala das subescalas Afecto e Rivalidade/Hostilidade do Inventário de Relações Fraternas – IRF

	Coeficiente <i>Alfa</i>	Correlação média inter- item	Amplitude da Correlação item- escala	Coeficiente <i>Alfa</i> se item eliminado
Afecto	.66	.21		
1			.18	.68
4			.32	.64
7			.48	.60
9			.34	.64
10			.52	.60
13			.38	.62
14			.28	.65
15			.44	.61
Rivalidade/ Hostilidade	.70	.20		
2			.28	.69
3			.32	.68
5			.35	.68
6			.36	.67
8			.21	.70
11			.49	.65
12			.42	.66
16			.47	.65
17			.44	.66

Todas as dimensões apresentam razoável consistência interna, com valores *Alfa de Cronbach* de .66 para o Afecto e .70 para a Rivalidade/Hostilidade, tendo em conta o número de itens que a compõem (Nunnally, 1978). As dimensões Afecto e Rivalidade/Hostilidade apresentam, respectivamente, .18-.52 e .21-.49 de amplitude da correlação item total.

A dimensão Afecto correlacionou-se de forma negativa fraca e estatisticamente significativa com a Rivalidade/Hostilidade, com  $r = -.16$ ;  $p = .013$ . Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto menor é a Rivalidade/Hostilidade.

Foram calculados os valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão de cada dimensão. Os resultados são apresentados no Quadro 38.

Quadro 38. Valores mínimo, máximo, médio e desvio-padrão para as duas dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	Min	Max	M	DP
Afecto	9	40	28.31	5.46
Rivalidade/Hostilidade	9	36	19.63	6.04

Com o objetivo de verificar se as dimensões em estudo seguem a distribuição normal foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov*. O Quadro 39 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 39. Normalidade das Dimensões do Inventário de Relações Fraternas – IRF (N=258)

	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>	p
Afecto	1.03	2.44
Rivalidade/Hostilidade	1.28	.077

As duas dimensões não se afastam significativamente da distribuição normal ( $p > .05$ ).

Com o objectivo de perceber até que ponto a percepção dos pais relativamente à relação fraterna (Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos) coincide com a dos filhos (IRF), foi utilizado o coeficiente de Pearson. Foi também correlacionada a Parte I do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos com o IRF. O Quadro 40 mostra os resultados obtidos.

Quadro 40. Correlações entre o Inventário de Relações Fraternas – IRF e o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos

	IRF	
	Afecto	Rivalidade/Hostilidade
Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I		
Afecto	.10	-.04
Rivalidade/Hostilidade	-.08	.12
Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II		
Afecto	.03	-.02
Rivalidade/Hostilidade	-.14*	.35***

\*  $p \leq .05$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

O Afecto referido pelos filhos correlacionou-se de forma negativa, fraca e estatisticamente significativa com a Rivalidade/Hostilidade percebida pelos pais na Parte II do Questionário. Os resultados mostram que quanto maior é o Afecto referido pelos filhos menor é a Rivalidade e Hostilidade percebida pelos pais.

A Rivalidade/Hostilidade referida pelos filhos correlacionou-se de forma positiva, moderada e estatisticamente significativa com a Rivalidade/Hostilidade

percebida pelos pais. Os resultados mostram que quanto maior é a Rivalidade e Hostilidade referida pelos filhos maior é a Rivalidade e Hostilidade percebida pelos pais.

Por último, foram comparados os resultados obtidos entre irmãos que responderam entre si (22 pares de irmãos) ao IRF, portanto, respeitantes à mesma relação, e cujos Questionários de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos também foram preenchidos pelas mesmas pessoas. Apesar de serem irmãos, os pais preencheram sempre um questionário para cada um dos filhos, por vezes em momentos diferentes (anos lectivos diferentes). Foi utilizado o teste t de *Student* para amostras emparelhadas. O Quadro 41 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 41. Comparação entre irmãos que responderam entre si (N=22)

	Irmão 1		Irmão 2		t
	M	DP	M	DP	
IRF					
Afecto	29.41	5.97	28.14	6.73	.743
Rivalidade/Hostilidade	28.32	6.97	27.09	7.22	-.853
Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte I					
Afecto	50.90	8.80	51.52	8.41	.095
Rivalidade/Hostilidade	30.14	6.30	28.73	7.67	1.281
Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — Parte II					
Afecto	47.64	8.68	47.55	10.06	1.483
Rivalidade/Hostilidade	21.09	5.86	19.41	5.97	1.060

p > .05.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os irmãos que responderam entre si ao Inventário de Relações Fraternas – IRF, referindo-se à

mesma relação, em nenhuma dimensão, nem para o respectivo Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos ( $p > .05$ ), em que os pais avaliam a sua percepção dessa mesma relação. Deste modo, conclui-se que os irmãos respondem de forma equivalente entre si, revelando uma percepção semelhante da relação fraterna. Também os pais manifestam uma percepção idêntica da relação fraterna entre esses filhos.

Neste capítulo foram apresentadas as adaptações e estudos do *Sibling Relationship Inventory – SRI* (Stocker & McHale, 1992) e do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ* (Kramer, 1995), que resultaram nas versões portuguesas intituladas Inventário de Relações Fraternas – IRF e Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos. Foi também apresentada a comparação dos resultados obtidos com os dois instrumentos, tendo sido possível verificar as boas qualidades psicométricas dos questionários. As diferenças encontradas na aplicação do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos estudos originais, especificamente a não diferenciação entre rivalidade e hostilidade, poderão ser entendidas como devidas a características culturais: para os americanos a rivalidade terá um valor diferente e mais positivo do que a hostilidade, enquanto que para os portugueses serão duas dimensões equiparáveis.

Apresentam-se no capítulo seguinte todos os procedimentos para a criação dos dois novos Cartões da prova “Era uma vez...” e respectivas Cenas, no sentido de englobar duas novas temáticas que alarguem a compreensão do funcionamento emocional infantil: rivalidade fraterna e interiorização das normas parentais. São também apresentadas as alterações realizadas em Cenas existentes, fundamentalmente no Cartão IV (pesadelo) e no Cartão VI (briga dos pais). Passa-se então ao estudo da prova na sua versão actual, indicando o procedimento metodológico e apresentando os resultados no total da amostra e em alguns subgrupos.



### **Capítulo III**

*Criação e estudo do novo material da prova “Era uma vez...”*

É apresentada neste capítulo a parte central deste trabalho, que tem, como objectivo geral, o desenvolvimento da prova “Era uma vez...”, criando dois novos Cartões e respectivas Cenas, no sentido de englobar duas novas temáticas que alarguem a compreensão do funcionamento emocional infantil: rivalidade fraterna e interiorização das normas parentais.

Foi ainda objectivo deste trabalho, proceder a algumas alterações em Cenas existentes, que os anos de vida da prova “Era uma vez...” e os estudos desenvolvidos, bem como a sua utilização clínica, foram revelando serem aconselháveis. Isto sucedia fundamentalmente no Cartão IV (pesadelo) e no Cartão VI (briga dos pais). Deste modo, este trabalho abrangeu também essas alterações, tendo como objectivo último o estudo da prova com as alterações introduzidas.

Começa-se, assim, por indicar todos os procedimentos para a criação do novo material, bem como algumas mudanças relativas ao afinamento da Grelha de Análise de Respostas e do programa informático que facilita a interpretação dos resultados.

Passa-se, então, ao estudo da prova “Era uma vez...” na sua versão actual, indicando o procedimento metodológico — procedimento para a recolha da amostra e suas características, e outros instrumentos utilizados para verificação da validade convergente da prova.

Finalmente, procede-se à apresentação dos resultados, seguindo uma metodologia idêntica à do estudo inicial da prova “Era uma vez...”. Assim, num primeiro passo, são analisadas as verbalizações correspondentes a cada uma das novas Cenas dos dois novos Cartões, bem como às alterações correspondentes aos restantes Cartões, de modo a verificar se correspondem ao conteúdo que se pretendeu veicular no seu desenho. Analisam-se em seguida a frequência de escolha das Cenas de cada Cartão, por idade, bem como a frequência de escolha das Cenas em cada Cartão de acordo com a sua categoria (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Fantasia Mágica e Realidade) e a sua ordem de colocação nas sequências, também por idade. São também analisadas as escolhas das crianças relativamente aos Cartões de que gostaram mais e menos e as respostas aos itens da Grelha de Análise de Respostas. Passa-se em seguida à análise



das Estratégias de Elaboração da Ansiedade. Estes aspectos são também analisados as respostas dos rapazes e das raparigas.

Num segundo passo são analisadas as respostas em diferentes subgrupos da amostra: crianças com e sem dificuldades de aprendizagem (de acordo com a informação dos professores); crianças com e sem perturbação emocional (de acordo com os resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores - Rutter, 1967); crianças com valores altos e baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto (Inventário de Relações Fraternas e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos). Nestes casos, revela-se pertinente, sobretudo, o estudo das respostas dos grupos ao Cartão IX (nascimento de um irmão). Nas crianças com e sem perturbação emocional, revela-se pertinente, sobretudo, o estudo das respostas dos grupos ao Cartão VIII (quebra da jarra).

### **III.1. Criação do material dos dois novos Cartões**

Foi objectivo específico deste trabalho a criação de dois novos Cartões que abranjam as temáticas da rivalidade fraterna e da interiorização das normas parentais, tão importantes no desenvolvimento infantil e na construção da identidade. A integração destas duas novas dimensões — a experiência real ou imaginada da relação fraterna, com os desafios que coloca, e oportunidades relacionais e identificatórias que cria, e a interiorização das normas parentais e de uma vivência de limites e delimitação firme e securizante, que promovam um desenvolvimento superegóico adequado — revela-se importante pela sua relevância no percurso de desenvolvimento. As respostas a estes dois novos Cartões permitirão enriquecer a compreensão da elaboração emocional face às experiências do dia-a-dia, revelando recursos e dificuldades face a estas vivências particulares.

Assim, a primeira etapa do estudo correspondeu à criação dos dois novos Cartões-Estímulo que abordam as temáticas da rivalidade fraterna e da interiorização das normas parentais, bem como das dez Cenas correspondentes a cada Cartão, de acordo com as categorias postuladas na prova “Era uma vez...”.

O primeiro desafio que se colocou nesta fase do trabalho foi o de imaginar uma situação que pudesse ser representada graficamente em três Cenas no Cartão-Estímulo e que representassem a temática a abordar. Posteriormente foram imaginadas nove Cenas que representassem situações que poderiam dar sequência ao episódio apresentado no Cartão-Estímulo. Destas nove Cenas, três deveriam representar situações de ansiedade, três deveriam representar estratégias de resolução realisticamente adequadas, e três deveriam representar soluções de fantasia. Todas as situações deveriam ser claramente percepcionáveis num único desenho.

As opções pensadas foram apresentadas, analisadas e discutidas com o artista desenhador (o mesmo que desenhou o material da prova existente), de modo a que ele entendesse o que se pretendia expressar no desenho e pudesse sugerir as opções gráficas mais adequadas à expressão dos conteúdos pretendidos. Foram com ele também discutidas alternativas e opções que correspondessem à possibilidade de expressão gráfica dos referidos conteúdos. Este processo contemplou algumas alterações e reformulações dos desenhos inicialmente executados, realizadas ao longo de cerca de 11 meses.

Após a execução gráfica do novo material (Cartões VIII e IX, respectivas Cenas e alterações de algumas Cenas anteriores), foi contactada uma gráfica para a reprodução do novo material da prova com as mesmas características do então existente.

### **III.1.1. Cartão VIII — temática da interiorização das normas parentais**

Para o Cartão que apresenta como tema a interiorização das normas parentais — Cartão VIII — optou-se por uma situação em que era indicada uma norma à criança, à qual ela não obedecia. As três Cenas de Realidade, que apresentam situações que conduzem de forma realista e adequada à solução da situação foram elaboradas da seguinte forma: a criança reconhece o erro; procura resolução de acordo com os seus recursos; enfrenta a punição. As três Cenas de Fantasia, que representam fugas aos aspectos críticos da situação, foram elaboradas do seguinte modo: a criança tenta eliminar os vestígios do erro; atribui a culpa a outro; nega os aspectos críticos da situação. As três Cenas de Aflição, que representam o aspecto crítico de forma acentuada, foram elaboradas da seguinte forma: a punição imaginada pela criança é

desproporcional ao acontecimento; sente-se intensamente culpada pelo dano causado; receia perder o amor dos pais.



Cartão-Estímulo:

A criança vai a caminho duma jarra que está em cima dum móvel; os pais olham, o pai com o indicador da mão levantado, e a criança já com a mão na jarra; a criança olha atrapalhada os cacos da jarra no chão.

Instrução para a verbalização do psicólogo:

*Aqui o(a) menino(a) ia mexer na jarra, mas os pais disseram-lhe para não mexer. Ele(a) mexeu e a jarra partiu-se.*



Cenas da categoria Realidade:

Cena 1 — pais e criança em pé, frente aos cacos da jarra; a criança olha os pais, com os ombros encolhidos e os braços abertos, com expressão de preocupação.

Cena 6 — a criança olha o dinheiro que retira dum mealheiro, e num balão vê-se a jarra inteira.

Cena 8 — na porta aberta dum quarto infantil estão a mãe e o pai, este de indicador apontado para o quarto onde a criança entra de cabeça baixa e mãos atrás das costas, numa postura submissa.



Cenas da categoria Fantasia:

Cena 3 — a criança aponta para o gato (culpando-o pela transgressão).

Cena 5 — a criança esconde o que partiu no caixote do lixo, com um ar travesso.

Cena 7 — os pais riem-se olhando a jarra partida (não se preocupando com o acontecido).



Cenas da categoria Aflição:

Cena 2 — a criança imagina-se atrás das grades (pensando que vai para a prisão).

Cena 4 — os pais choram apanhando os cacos da jarra partida.

Cena 9 — o pai aponta para a rua, a mãe zangada ao lado, pondo a criança fora de casa.  
Pela porta da rua vê-se que é de noite.



10ª Cena:

A criança com os pais, contentes, no balcão de uma loja, tendo em frente o empregado e uma prateleira com várias jarras.

Instrução para a verbalização do psicólogo:

*Foram todos comprar uma jarra nova.*

### III.1.2. Cartão IX — temática da rivalidade fraterna

Para o Cartão que apresenta como tema a rivalidade fraterna — Cartão IX, optou-se por uma situação em que a criança se confronta com o nascimento dum bebé (irmão/irmã). As três Cenas de Realidade foram elaboradas da seguinte forma: a criança sente-se integrada pelos pais; procura ajudar nos cuidados ao bebé; participa numa actividade em família. As três Cenas de Fantasia foram elaboradas do seguinte modo: a criança recorda-se de como era quando era bebé; procura fazer o bebé “desaparecer”; quer retomar o seu lugar de “rei”(“rainha”). As três Cenas de Aflição foram elaboradas da seguinte forma: a criança agride o bebé; é afastada pelos pais; procura chamar a atenção.



Cartão-Estímulo:

Os pais entram por uma porta aberta, a mãe tem um bebê ao colo, e a criança está junto à porta; a mãe mostra o bebê à criança, o pai, atrás olha com expressão de satisfação; o pai e a mãe sentados juntos com o bebê, enquanto a criança, sentada no chão, os olha apreensiva.

Instrução para a verbalização do psicólogo:

*Aqui os pais tiveram outro bebê. Trouxeram-no para casa e mostraram-no ao(a) menino(a) e ele(a) ficou a ver e a pensar como seria.*



Cenas da categoria Realidade:

Cena 1 — o pai sentado no sofá de braços estendidos para a criança, chamando-a para junto deles; a mãe sentada ao lado com o bebê ao colo.

Cena 6 — os quatro juntos no sofá, a criança ao colo do pai que lhe lê um livro, o bebê a dormir ao colo da mãe.

Cena 8 — a criança traz um biberão na mão, dirigindo-se aos pais que estão no sofá com o bebê (procurando ajudar nos cuidados ao bebê).



Cenas da categoria Fantasia:

Cena 3 — a criança com uma coroa na cabeça, abre a porta de casa ao bebê, que gatinha para a rua, tomando assim o seu lugar anterior de “rei” (“rainha”).

Cena 5 — a criança observa uma fotografia, com um balão de pensamento em que ela, bebê, é abraçada pelos pais (recordando o tempo em que era a única).

Cena 7 — a criança corta uma fotografia gigante do bebê (fazendo-o desaparecer simbolicamente).



Cenas da categoria Aflição:

Cena 2 — a criança tenta morder o pé ao bebé enquanto a mãe lhe dá biberão.

Cena 4 — os pais zangados com algo, o pai no sofá com cara de mau, a mãe de pé, com o bebé ao colo, de braço estendido apontando, manda a criança embora.

Cena 9 — a criança choraminga mostrando o braço com um “dói-dói” aos pais, (procurando a sua atenção).



10ª Cena:

A criança com os pais e com o bebé, os quatro juntos e contentes a passear, a mãe empurra o carrinho do bebé, a criança anda de bicicleta.

Instrução para a verbalização do psicólogo:

*Foram todos passear muito contentes.*

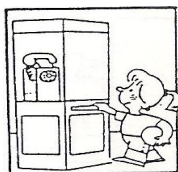
### III.2. Alterações relativas ao material existente

Como foi referido na Introdução Teórica, a autora da prova considerava adequado fazer alterações em algumas Cenas. Este trabalho foi incluído no presente estudo. As 15 alterações dizem respeito a pequenos detalhes que pretendem adequar os desenhos aos tempos actuais (Cena 8 do Cartão I), corrigir erros (Cena 2 do Cartão IV), tornar a mensagem mais claramente explícita (Cena 4 do Cartão V e Cena 9 do Cartão VI), e ainda substituir Cenas de modo a proporcionar uma escolha mais alargada de situações relacionalmente significativas (outras Cenas dos Cartões IV e VI).

Deste modo, os Cartões em que se verificaram alterações foram: Cartão I (passeio com amãe), Cartão IV (pesadelo), Cartão V (dia de aniversário), Cartão VI (briga dos pais). As alterações são apresentadas em seguida.

Cartão I:

Temática relacionada com a ansiedade de abandono (a criança vai a passear com a mãe e fica perdida) — Cena 8.



Cena 8 anterior



Cena 8 actual

A Cena 8 representa uma situação em que a criança procura uma solução realista: recorre a um telefone. Na Cena estava desenhada uma cabina telefónica, pouco reconhecível no tempo actual. Foi substituída pelo desenho da criança a falar com um “telemóvel”, objecto largamente vulgarizado.

Cartão IV<sup>1</sup>:

Temática relacionada com a ansiedade decorrente dos pesadelos e terrores nocturnos — Cenas 1, 2, 4, 6, 7, 8 e 10.

Este Cartão foi aquele em que ocorreram maior número de alterações. Se as referentes às Cenas 2 e 8 são de detalhe, as restantes correspondem a aspectos das Cenas de Realidade existentes, pouco consonantes com a “realidade assustadora” dos sonhos maus. De facto, a Cena 1 apresentava a personagem deitada sobre a cama, de perna traçada e braços atrás das costas, com os olhos abertos e um ar de bem-estar, que pouco ou nada se ajusta à expressão realista do confronto com uma situação tão intensamente perturbadora. A constatação deste facto levava já a indicar no procedimento para análise das respostas que deveria ser classificada como uma Cena de Fantasia quando colocada na 1ª posição da sequência (Fagulha, 1993, 1997a).

De forma semelhante, a Cena 6 representava a personagem deitada de lado na cama, dormindo tranquilamente.

---

<sup>1</sup> Dado que algumas Cenas se mantêm com categorias diferentes, e outras foram criadas, nos Anexos 3 e 4 apresenta-se o conjunto das nove Cenas anteriores e o conjunto das nove Cenas actuais.

A Cena 8 representava a personagem a beber de um copo, com um ar tranquilo. Tornava-se assim necessário alterar as Cenas de Realidade (Cenas 1, 6, e 8), e era possível atribuir à Cena 1 existente a categoria de Fantasia.

Paralelamente, se a Cena 2 mostra a criança a correr aflita para pedir ajuda aos pais, estes só surgem representados numa Cena de Fantasia (a Cena 3, de Fantasia Mágica). Assim, as histórias que as crianças constroem em que os pais não respondem aos seus pedidos, não permitem entender se essa é a expectativa delas, pois o material existente não abrange a possibilidade de escolha de uma resposta adequada por parte dos pais. E para além disso, nestas circunstâncias, a elevada frequência com que a Cena 3 é escolhida levanta a questão: será a sua mensagem de onipotência, ou antes a representação dos pais, que está em causa na escolha da Cena 3? Havia assim que incluir uma outra Cena em que os pais estivessem presentes numa atitude de cuidar, realisticamente adequada (a nova Cena 6 responde a essa necessidade).

Quanto à Cena 7, Cena de Fantasia que representava a criança deitada e sorridente, com um balão em que falava a um grupo de crianças e dizia: “Foi só um sonho!”, era a única de toda a prova com “inscrição de palavras”. Face às crianças que não sabem ler, e também à utilização da prova noutros países, colocava problemas e seria adequado substituí-la, o que foi feito. De referir ainda que pela dificuldade do artista que desenhava as Cenas em responder às exigências de prazo na altura da criação da prova, as Cenas 10 dos Cartões II e IV eram iguais, o que não afectava a prova, mas era reconhecido por várias crianças, e poderia agora ser corrigido. Neste sentido, a anterior Cena 6 em que a personagem dorme tranquila (e que foi substituída por uma Cena em que os pais estão representados, como acima se referiu) tomou o lugar da Cena 10 que representa a resolução factual do acontecimento crítico apresentado no Cartão-Estímulo.

Apresentam-se agora as alterações relativas a cada Cena:





Cena 1 anterior



Cena 1 actual

— Cena 1 — Substituiu a anterior Cena 7, passando assim a Cena de Fantasia e não de Realidade. A anterior Cena 4 passou a Cena de Realidade, passando a ocupar a posição de Cena 1.



Cena 2 anterior

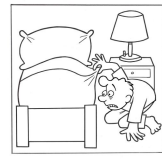


Cena 2 actual

— Cena 2 — Retiraram-se os óculos do pai que está a dormir.

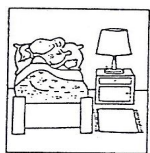


Cena 4 anterior



Cena 4 actual

— Cena 4 — Para substituir a Cena 4 foi criada uma Cena de Aflição em que a criança procura algo debaixo da cama, angustiada.



Cena 6 anterior



Cena 6 actual

— Cena 6 — A anterior Cena 6 passou a Cena de Finalização, tendo sido criada uma Cena de Realidade em que os pais vão ao quarto da criança.

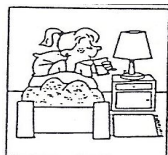


Cena 7 anterior

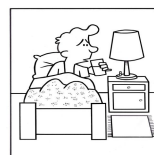


Cena 7 actual

— Cena 7 — A anterior Cena 7 foi eliminada, substituindo-se pela anterior Cena 1.



Cena 8 anterior

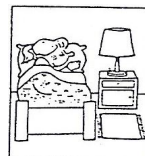


Cena 8 actual

— Cena 8 — Foi alterada a expressão facial da criança, procurando que a mesma revelasse maior aflição a fim de representar adequadamente uma elevada ansiedade.



Cena 10 anterior



Cena 10 actual

— Cena 10 — A anterior Cena 10 foi eliminada, sendo substituída pela anterior Cena 6.

Cartão V:

Temática relacionada com o dia de aniversário, pretendendo evocar uma experiência prazerosa — Cena 4.



Cena 4 anterior



Cena 4 actual

Trata-se de uma Cena de Aflição que representa a personagem sozinha, num cenário de fim de festa, podendo este fim ser devido ao verdadeiro término da festa ou a uma interrupção inesperada da mesma (dado o pormenor das velas acesas no bolo de aniversário). Esta Cena sofreu uma pequena mudança, alterando-se a expressão facial da criança, procurando que a mesma revelasse maior angústia/tristeza, por se considerar que a mesma não transmitia a emoção pretendida.

Cartão VI<sup>2</sup>:

Temática relacionada com a ansiedade despoletada por a criança presenciar uma discussão entre os pais — Cenas 2, 4, 5, 6, 8 e 9.

Este Cartão foi, tal como o Cartão IV, alvo de diversas alterações. As alterações das Cenas 4 e 8 relacionaram-se com pormenores que foram identificados como podendo ser melhorados, uma vez que na Cena 4, enquanto a criança chorava, apenas aparecia parte da figura materna e não se via o pai, e a Cena 8 era uma adaptação de uma das Cenas do Cartão-Exemplo (Carnaval), uma vez mais devido à dificuldade do artista em responder às exigências de prazo na altura da criação da prova.

A alteração à Cena 2 relacionou-se com o facto da mesma não corresponder adequadamente a uma situação de Aflição, tendo por isso passado a Cena de Realidade, substituindo a anterior Cena 8, e tendo também sido acentuada a expressão facial de preocupação da personagem.

A Cena 5 representava a personagem com um sorriso, abraçada pela mãe, que estava ajoelhada e assim ficava à sua altura, e a olhava; o pai estava distante, de costas, mão na algibeira e cabeça voltada, e olhava-as com ar crítico (frequentemente referido pelas crianças como “ele está zangado” ou “ele está com ciúmes”). A Cena era absolutamente igual na versão feminina e na versão masculina, podendo nesta ter conotações edipianas, que não estavam presentes na versão feminina. Para harmonizar as duas versões optou-se por eliminar os aspectos edipianos: na versão masculina a figura próxima é o pai e na versão feminina é a mãe. Em ambas, optou-se ainda por não

---

<sup>2</sup> Dado que algumas Cenas se mantêm com categorias diferentes, e outras foram criadas, nos Anexos 3 e 4 apresenta-se o conjunto das nove Cenas anteriores e o conjunto das nove Cenas actuais.

representar a expressão facial da figura parental que está distante, para permitir que a atribuição de sentimento a essa figura correspondesse a uma projecção da criança. Assim, essa figura parental é representada de costas.

A anterior Cena 6 apresentava algumas semelhanças relativamente à anterior Cena 4, uma vez que se via parcialmente só o pai zangado, enquanto a criança olhava. Por outro lado, havia necessidade de criar uma Cena representativa de uma tentativa realista e activa por parte da criança de parar a discussão entre os pais. Deste modo, optou-se por eliminar a Cena anterior, substituindo-a por uma nova Cena, em que a criança se coloca entre os pais, procurando parar a discussão.

A anterior Cena 9 era uma Cena de Aflição intensa com expressão somática, frequentemente escolhida pelas crianças como forma de conseguir resolver o conflito entre os pais. Representava a personagem com expressão de grande sofrimento e sinais gráficos de aflição, junto da mãe; o pai olhava a criança, inclinado para ela. Sendo esta a única Cena em que a criança conseguia parar o conflito entre os pais, deixava muitas vezes dúvidas sobre a verdadeira razão da sua escolha: se apenas porque a discussão parava ou se pelos seus aspectos somáticos representativos da aflição sentida. Por esta razão, optou-se por alterar a Cena, mantendo os aspectos de representação somática da ansiedade sentida pela criança, mas mantendo também a discussão dos pais.

Apresentam-se agora as alterações relativas a cada Cena:



Cena 2 anterior



Cena 2 actual

— Cena 2 — Substituindo a anterior, foi criada uma nova Cena, em que, num balão de pensamento, a criança imagina a separação dos pais, indo cada um para seu lado, de malas na mão.



Cena 4 anterior

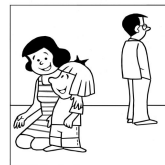


Cena 4 actual

— Cena 4 — Foi alterada de modo a que ambos os pais estivessem representados.

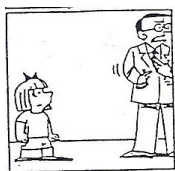


Cena 5 anterior



Cenas 5 actuais

— Cena 5 — Na versão feminina da prova a criança é apoiada pela mãe, enquanto na versão masculina é apoiada pelo pai. Modificou-se também a postura do pai ou mãe que está distante, de modo a que ficasse de costas sem que fosse visível a sua expressão facial.

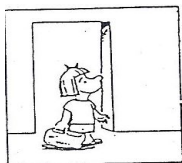


Cena 6 anterior



Cena 6 actual

— Cena 6 — A anterior Cena 6 foi eliminada, criando-se uma nova Cena em que a personagem está entre os pais, procurando parar a discussão.



Cena 8 anterior



Cena 8 actual

— Cena 8 — Eliminada, foi substituída pela anterior Cena 2.



Cena 9 anterior



Cena 9 actual

— Cena 9 — Alterou-se a Cena, mantendo as manifestações somáticas de ansiedade da personagem mas apresentando os pais a discutir, e não a dar-lhe atenção como na Cena anterior.

### III.3. Categorização das Cenas após as alterações introduzidas

Na edição da prova “Era uma vez...” de 1997, foi proposta a subdivisão das Cenas de Aflição — Aflição e Muita Aflição, e das Cenas de Fantasia — Fantasia Mágica e Fantasia Viável (Fagulha, 1997a). Apresenta-se agora a categorização de cada Cena, para os Cartões que sofreram alterações e para os dois novos Cartões, de acordo com estes critérios.

#### Cartão IV

Cenas 1, 6 e 8 — Realidade

Cenas 2 e 4 — Aflição

Cena 9 — Muita Aflição

Cenas 3 e 5 — Fantasia Mágica

Cena 7 — Fantasia Viável

#### Cartão V

Cenas 1, 6 e 8 — Realidade

Cenas 2 e 4 — Aflição

Cena 9 — Muita Aflição

Cena 3 — Fantasia Mágica

Cenas 5 e 7 — Fantasia Viável

#### Cartão VI

Cenas 1, 6 e 8 — Realidade

Cenas 2 e 4 — Aflição

Cena 9 — Muita Aflição

Cenas 3 e 5 — Fantasia Mágica

Cena 7 — Fantasia Viável

Cartão VIII

Cenas 1, 6 e 8 — Realidade

Cenas 2 e 4 — Aflição

Cena 9 — Muita Aflição

Cenas 5 e 7 — Fantasia Mágica

Cena 3 — Fantasia Viável

Cartão IX

Cenas 1, 6 e 8 — Realidade

Cenas 2 e 4 — Aflição

Cena 9 — Muita Aflição

Cena 3 — Fantasia Mágica

Cenas 5 e 7 — Fantasia Viável

#### **III.4. Codificação das Estratégias de Elaboração da Ansiedade no novo material da prova “Era uma vez...”**

Na sequência do trabalho realizado por Pires (2001), procedeu-se à codificação das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade por ela definidas nos dois novos Cartões e à sua revisão nos Cartões que sofreram alterações (Anexo 5).

#### **III.5. Alterações à Grelha de Análise de Respostas**

Para além da introdução dos dois novos Cartões na Grelha de Análise de Respostas, constatou-se a necessidade de lhe acrescentar alguns itens.

Deste modo, aos itens correspondentes à Atitude face à prova, acrescentaram-se dois, referentes ao tempo de latência:

Item 1 — Aumenta o tempo de latência

Item 2 — Diminui o tempo de latência

Estes itens têm como principal objectivo introduzir de forma mais sistematizada a variação intra-individual do tempo de latência para cada Cartão, o que até ao momento não tinha sido contemplado e se revela uma informação fundamental na compreensão do impacto de cada Cartão/temática na criança.

Relativamente aos Aspectos Formais e de Conteúdo, verificou-se a necessidade de acrescentar também novos itens, sobretudo devido às características dos dois novos Cartões:

Item 73 — Personagem “magoa” adulto masculino

Item 74 — Personagem “magoa” adulto feminino

Estes itens relacionam-se sobretudo com a Cena 4 do novo Cartão VIII (quebra da jarra), pela necessidade de identificar o sentimento que o comportamento da personagem desperta nos pais. Refere-se, portanto, a um “magoar” emocional.

Item 82 — Coloca a culpa no exterior

Este item relaciona-se sobretudo com a Cena 3 do novo Cartão VIII (quebra da jarra), em que a personagem atribui a culpa do sucedido ao gato. Revela aqui a necessidade de exteriorizar a culpabilidade.

Item 91 — Expressão de aflicção somática

Este item já se revelava necessário anteriormente, dado que alguns Cartões possuem na Cena 9 situações que revelam uma ansiedade somatizada, como são exemplo os Cartões VI (briga dos pais) e VII (escola) e o novo Cartão IX (nascimento de um irmão). No entanto, só deve ser assinalado quando a criança verbaliza a somatização (por exemplo: “dói a barriga” ou “está aflitinho”). Não bastará dizer, por exemplo, “correu para a casa de banho”, pois tal corresponde a um movimento de fuga, sem que saibamos se houve ou não somatização.



Item 94 — Toma iniciativa para resolver a situação

Item 95 — Mostra-se incapaz de resolver a situação

Estes itens são aplicáveis a todos os Cartões e ilustram o desfecho, conseguido ou não, dada a situação apresentada. Por exemplo, no Cartão IX (nascimento de um irmão) a Cena 8 poderá ilustrar competência, autonomia, pró-actividade no sentido da adaptação à nova realidade. Os dois itens podem ser assinalados em simultâneo, se existirem ambos os movimentos na história da criança. Assim, será possível distinguir crianças que num primeiro momento concebem histórias incapazes de resolver a situação, mas depois conseguem fazê-lo, de crianças cujo primeiro movimento é de resolução, mas não conseguem efectivá-la.

A introdução destes itens obrigou, naturalmente, à alteração da numeração dos já existentes. A Grelha de Análise de Respostas passou a contemplar 95 itens no total (Anexo 6).

### **III.6. Alterações ao programa informático**

Tal como referido no ponto I.3.3., referente aos procedimentos de interpretação da prova, recentemente havia sido criado um programa informático que, a partir da informação sobre as Cenas escolhidas em 1º, 2º e 3º lugares, possibilitava o preenchimento automático dos 20 itens da Grelha de Análise de Respostas (grelha em utilização até ao momento), correspondentes à escolha e disposição das referidas Cenas em sequência. O programa permitia ainda identificar as sequências mais comuns, nas diferentes idades e em amostras com características específicas.

Dada a criação dos dois novos Cartões e as alterações introduzidas na Grelha de Análise de Respostas com o estudo actual, foi necessário proceder a alterações também no programa informático. Interessava também criar uma forma de inserção das Estratégias de Elaboração da Ansiedade para cada Cartão. Por outro lado, importava tornar o programa disponível para ser acedido em qualquer computador, pelo que foi instalado no servidor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, podendo ser acedido a partir de qualquer computador com acesso à Internet, após consentimento

da autora da prova, que fornece a necessária *password*. Para proceder às alterações necessárias, foi solicitada a ajuda do técnico especialista que criou o programa inicial.

A versão final do *software* informático passou assim a englobar três dimensões: (I) Opções de Aplicação; (II) Opções de Visualização e (III) Opções de Manutenção.

Descrevem-se em seguida, sucintamente, as opções constantes em cada uma destas dimensões.

(I) As Opções de Aplicação subdividem-se em:

— Aplicar prova — em que é possível preencher um cabeçalho com os dados do caso, nomeadamente: nome, número, data de nascimento, sexo, data de aplicação, grau de escolaridade e idade; colocam-se depois as Cenas escolhidas para cada Cartão e a respectiva Estratégia de Elaboração da Ansiedade, surgindo então depois já automaticamente preenchidas as categorias das Cenas e os itens correspondentes ao grupo Sequência das Cenas; por fim, assinalam-se os itens correspondentes aos restantes grupos (Atitude, Sequência da História e Aspectos Formais de Conteúdo), totalizando os 95 itens da Grelha de Análise de Respostas; existe ainda um campo final de Conclusões que pode ser preenchido livremente;

— Alterar dados da prova — que permite alterar os dados correspondentes a um caso anteriormente introduzido;

— Adicionar variável — por exemplo: resultados de outras provas aplicadas ou indicação de um critério diagnóstico.

(II) As Opções de Visualização subdividem-se em:

— Relatório total — permite a emissão de um relatório que integra todos os protocolos introduzidos por um utilizador;

— Relatório de uma prova — em que é possível consultar o protocolo correspondente a um caso anteriormente introduzido;

— Gerar estatística — após seleccionar as opções de idade, sexo, tipo e grau de escolaridade, é possível gerar uma estatística correspondente à Sequência de Cenas ou frequência de escolha (1 a 9) em cada Cartão ou frequência da posição de cada categoria em cada Cartão;

— Exportar para *Excell* — permite exportar para o programa *Excell* do *Microsoft Office*.

(III) As Opções de Manutenção subdividem-se em:

— Apagar prova — permite apagar um caso previamente introduzido;

— Alterar *password* — permite ao utilizador alterar a sua *password*;

— Criar utilizador — permite à autora da prova criar *password* para novo utilizador.

### III. 7. Estudo da prova “Era uma vez...” na nova versão

Após os desenvolvimentos anteriormente descritos, iniciou-se o estudo da prova “Era uma vez...” com as alterações efectuadas: os sete Cartões anteriores, com as Cenas em que houve alteração do desenho, e os dois Cartões criados no âmbito deste trabalho, sendo estes os últimos na aplicação da prova para facilitar a comparação dos resultados com os de estudos anteriores, evitando efeitos de ordem de aplicação não controlados.

#### III.7.1. Metodologia

##### III.7.1.1. Instrumentos

Para estudo da validade do Cartão VIII (quebra da jarra) foi utilizado o Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967) e para estudo da validade do Cartão IX (nascimento de um irmão) foram utilizados o *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos e o *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & Mchale, 1992) — Inventário de Relações Fraternas – IRF, adaptados e estudados para este trabalho, tal como descrito no Capítulo II. Como critério de inclusão foi estabelecido um percentil igual ou superior a 25 nas Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (Raven, 1947), uma vez que a resposta à prova exige capacidade de compreensão, que poderá ser afectada por dificuldades cognitivas.

Procede-se seguidamente à descrição dos instrumentos utilizados.

#### **III.7.1.1.1. Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967)**

O Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967) é um questionário de preenchimento fácil e rápido, composto por 26 afirmações breves, que descrevem comportamentos que podem ocorrer no meio escolar. O professor assinala se o comportamento “ocorre de certeza”, “ocorre por vezes” ou “nunca ocorre”, respostas às quais são atribuídos os valores “2”, “1” e “0”, respectivamente. Permite, deste modo, caracterizar o comportamento neste contexto e fazer a triagem de crianças que apresentam algum grau de perturbação do comportamento.

A análise dos resultados do Questionário deve ser realizada em dois passos. Atende-se primeiro à pontuação total: um valor igual ou superior a nove é indicador de perturbação. Quando este critério se verifica, caracteriza-se o tipo de perturbação, comparando o valor da pontuação em duas subescalas, uma referente a comportamentos ansiosos (itens 7, 10, 17 e 23) e uma referente a comportamentos agressivos (itens 4, 5, 15, 19, 20 e 26). A perturbação da criança corresponde à indicada pela subescala com valor de pontuação mais alto. Se os valores das duas subescalas forem iguais, não é possível conhecer o tipo de perturbação através deste critério.

Foram realizados diversos estudos sobre o Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores, que confirmam as suas características psicométricas e atestam a possibilidade de despistar crianças com perturbação através dos resultados obtidos com o mesmo (e.g., Feldman & Morris, 1972; Zimmerman-Tansell, Minchetti, Tacconi e Tansell, 1978). Um estudo de Schachar, Rutter e Smith (1981), com uma amostra entre os 10 e os 11 anos de idade, remete ainda para o cálculo do índice de Hiperactividade (soma dos itens 1, 3 e 16).

Na presente investigação (e tal como em anteriores estudos da prova “Era uma vez...”), ao questionário de Rutter foi acrescentado no final, não alterando o questionário existente, um item referente à identificação por parte dos professores de dificuldades de aprendizagem das crianças – “O aluno tem dificuldades de

aprendizagem”, a ser respondido da mesma forma que os outros itens, não sendo a resposta incluída na pontuação do questionário.

#### III.7.1.1.2. Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (1947)

A prova das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (Raven, 1947) avalia a inteligência geral, através da capacidade de dedução de relações lógicas entre elementos, sendo uma das provas mais utilizadas neste âmbito. É uma prova não verbal e não manipulativa, pelo que é pouco influenciada por questões culturais, educativas ou experienciais. É de rápida aplicação e cotação. Existem três escalas diferentes:

— *Coloured Progressive Matrices* – os estímulos apresentados são três conjuntos de 12 desenhos cada (A, Ab e B), num total de 36 desenhos rectangulares com diferentes formas no seu interior, aos quais falta uma parte que deve ser escolhida de entre as seis hipóteses apresentadas. Cada item é cotado com 1 ponto se tiver sido respondido correctamente ou com 0 pontos caso esteja errado ou não for respondido. A soma total é depois comparada com os resultados obtidos na aferição portuguesa, de acordo com a faixa etária correspondente, fornecendo o percentil em que o sujeito se encontra. Os estudos normativos para a população portuguesa foram publicados por Simões (2000). Esta escala é aplicável a crianças entre os 5 e os 11 anos, sendo a que foi utilizada neste estudo.

— *Standard Progressive Matrices* – total de 60 desenhos, sendo os dois primeiros exemplificativos, divididos em cinco conjuntos de 12. Os primeiros conjuntos são idênticos às séries A e B das *Coloured Progressive Matrices*, embora a preto e branco. Os restantes três conjuntos (C, D e E) são diferentes e o grau de dificuldade vai aumentando. Estas escalas destinam-se a sujeitos a partir dos 11 anos de idade e a cotação é idêntica à anterior.

— *Advanced Progressive Matrices* – destinada a sujeitos a partir dos 12 anos de idade cuja inteligência possa considerar-se superior à média, sendo constituída por dois cadernos, o primeiro com 12 elementos e o segundo com 36. O segundo é aplicado como prova de potencial aos sujeitos que tenham acertado mais de metade dos exercícios do primeiro caderno. A cotação é idêntica às anteriores.

**III.7.1.1.3. Versão portuguesa do *Sibling Relationship Inventory* — SRI (Stocker & Mchale, 1992) — Inventário de Relações Fraternas – IRF**

O *Sibling Relationship Inventory* (Stocker e McHale, 1992) e a adaptação e estudo da versão portuguesa — Inventário de Relações Fraternas (IRF), foram apresentados no ponto II.1.

Trata-se de um Inventário que avalia três dimensões presentes na relação entre dois irmãos: Afecto, Hostilidade e Rivalidade. As respostas da criança relativamente às perguntas sobre a sua relação com o irmão em questão (irmão-alvo) são dadas segundo uma escala de tipo Likert com 5 valores (“quase nunca” a “sempre”).

**III.7.1.1.4. Versão portuguesa do *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995) — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos**

O *Parental Expectations and Perceptions of Children’s Sibling Relationships Questionnaire* (Kramer, 1995) e a adaptação e estudo da versão portuguesa — Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos — foram apresentados no ponto II.2.

Trata-se de um Questionário que avalia a percepção dos pais relativamente às relações entre os seus filhos envolvendo dimensões positivas e negativas da relação fraterna, tal como no *Sibling Relationship Inventory* (SRI): Afecto, Hostilidade e Rivalidade. O Questionário é constituído por duas Partes: a Parte I, que avalia a consistência da percepção que os pais têm da relação entre os filhos com aquilo que consideram ideal numa relação fraterna, e a Parte II que questiona directamente os pais no que se refere a aspectos específicos da relação entre os filhos. As respostas são dadas através de uma escala de tipo Likert. Há ainda uma vigésima quinta questão em que se pede aos pais que classifiquem, de forma geral, o modo como os seus filhos se dão um com o outro.

### **III.7.1.2. Procedimento para Recolha da Amostra**

A prova foi aplicada a uma amostra de 219 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos de idade, estudantes em diversos estabelecimentos de ensino, públicos e privados, da zona da Grande Lisboa, entre o ano lectivo de 2008/2009 e o ano lectivo de 2011/2012. As crianças de 5 anos e algumas de 6 anos frequentavam o ensino pré-escolar. Algumas crianças de 10 anos frequentavam o 5º ano (2º ciclo do ensino básico). As crianças das restantes faixas etárias frequentavam os diversos anos do 1º ciclo do ensino básico.

Os contactos com as escolas foram feitos pessoalmente e por carta junto da Direcção de cada instituição. Foi depois estabelecido contacto pessoal e por carta com os Professores e, através destes, com os Encarregados de Educação, com o envio de carta explicando o âmbito da investigação e solicitando a autorização de participação dos seus educandos no estudo, bem como o preenchimento de alguns dados familiares, úteis para a investigação, nomeadamente a situação familiar em termos de agregado e estado civil dos pais e a fratria da criança, entre outros. Exemplos das cartas podem ser consultado em anexo (Anexo 2).

À carta para os Professores foi anexado o Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967), solicitando-lhes o preenchimento do mesmo relativamente a todas as crianças autorizadas a participar no estudo.

À carta para os Encarregados de Educação foi ainda anexado o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, solicitando-lhes, em carta fechada, o preenchimento e devolução do mesmo, em conjunto com a autorização de participação da criança, através dos professores.

A aplicação teve início no ano lectivo de 2008/2009 nas instalações dos estabelecimentos de ensino frequentados pelas crianças, tendo sido seleccionadas 87 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade. Foram realizadas 59 aplicações numa escola pública do Concelho de Odivelas (Rainha Santa) e 28 aplicações num colégio privado (Torre) do Concelho de Lisboa.

No ano lectivo de 2009/2010 foram seleccionadas 106 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos de idade. Foram realizadas 58 aplicações em escolas públicas do Concelho de Odivelas (Rainha Santa e Maria Lamas), 11 aplicações num infantário privado do Concelho de Lisboa (Piloto Diese) e 4 aplicações num infantário privado do Concelho de Cascais (Escolinha dos Anjos).

No ano lectivo de 2010/2011 realizaram-se 16 aplicações a crianças com 5 e 10 anos, sendo que todas foram realizadas em estabelecimentos de ensino privados: 12 em infantários privados do Concelho de Cascais (Escolinha dos Anjos e Luísa Sigea) e 4 num colégio privado do Concelho de Sintra (Catarina de Bragança).

No ano lectivo de 2011/2012 foram feitas as últimas 10 aplicações a crianças com 10 anos, todas num Colégio privado do Concelho de Sintra (Vasco da Gama).

### **III.7.1.3. Procedimento para Aplicação**

As aplicações decorreram individualmente, em salas preparadas para o efeito. Em todos os casos foram proporcionadas condições de aplicação muito satisfatórias, no que se refere a conforto, ventilação, iluminação, silêncio e privacidade.

Foram aplicadas em primeiro lugar as Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (Raven, 1947). Seguiu-se então a aplicação da prova “Era uma vez...” e por fim, quando as crianças tinham irmãos, o Inventário de Relações Fraternas – IRF. No final, nos casos em que as crianças eram filhas únicas era-lhes colocada a questão: “Alguns(umas) meninos(as) gostavam de ter irmãos. Uma vez ter irmãos pode ser divertido, outras vezes pode ser menos divertido. E tu, gostavas de ter um irmão?”; e depois, em caso afirmativo: “E preferias que fosse um menino ou uma menina?”. Nos casos em que as crianças só tinham irmãos mais velhos a questão era colocada da seguinte forma: “Alguns(umas) meninos(as) gostavam de ter irmãos. Uma vez ter irmãos pode ser divertido, outras vezes pode ser menos divertido. E tu, gostavas de ter mais um irmão?”; e depois, em caso afirmativo: “E preferias que fosse um menino ou uma menina?”. Às crianças que tinham irmãos mais novos não eram colocadas estas questões.



As aplicações demoraram em média 60 minutos, iniciando-se sempre após ser assegurada a necessária colaboração por parte das crianças e de ser criado um ambiente de descontração e confiança suficientes para que as tarefas propostas fossem realizadas de forma adequada. Também no final de cada aplicação se estabeleceram uns minutos de conversa com as crianças sobre a experiência vivida e outros assuntos da sua escolha. Verificou-se em todas as faixas etárias uma boa aceitação e compreensão de todas as tarefas propostas.

No sentido de demonstrar aos Encarregados de Educação e Professores o reconhecimento pela sua colaboração no presente estudo e ainda a utilidade deste, foi elaborado para cada criança um relatório sucinto (Anexo 7), enviado por correio para os Encarregados de Educação e entregue em mão aos Professores (numa versão reduzida), dando a conhecer alguns aspectos percebidos na observação psicológica e recolhidos no contexto da aplicação das provas que constam desta investigação.

No relatório foi salientado o facto da aplicação se centrar apenas na avaliação do funcionamento cognitivo geral e em alguns aspectos do funcionamento psicológico, nomeadamente nas Estratégias de Elaboração da Ansiedade. Dada a limitação do contexto desta observação, foi também referida no relatório a necessidade dos Encarregados de Educação estarem atentos às dificuldades que tinham sido detectadas, tendo sido deixado um contacto de *e-mail* para possíveis pedidos de esclarecimento. Nenhum Encarregado de Educação ou Professor contactou por *e-mail* na sequência da recepção do referido relatório.

#### **III.7.1.4. Caracterização da Amostra**

A amostra foi constituída por 219 crianças, 111 do sexo masculino e 108 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos de idade. Neste tipo de estudo interessava, sobretudo, que a amostra possuísse diversidade de estratos sócio-culturais. A inclusão de crianças de escolas públicas e privadas ajudou a encontrar essa diversidade, que se representa também nas profissões e grau de escolaridade dos pais.

Apresentam-se nos Quadros 42 e 43 as características descritivas da amostra no que se refere à idade, sexo, escolaridade, tipo de ensino e com quem vive a criança.

Quadro 42. Descrição da amostra por sexo, idade e escolaridade (N = 219)

	Sexo			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
Idade				
5 anos	17	7.8	18	8.2
6 anos	18	8.2	18	8.2
7 anos	17	7.8	17	7.8
8 anos	21	9.5	17	7.8
9 anos	19	8.7	24	10.9
10 anos	16	7.3	17	7.8
Escolaridade				
Pré-primária	17	7.8	18	8.2
1º ano	23	10.5	27	12.3
2º ano	24	10.9	17	7.8
3º ano	17	7.8	16	7.3
4º ano	19	8.7	28	12.7
5º ano	8	3.7	5	2.3

A amostra é homogénea em termos de sexo (49.3% meninas e 50.7% meninos), idade e ano de escolaridade, apesar de haver menos crianças a frequentarem o 5º ano do que os outros anos lectivos (5,9%).

Quadro 43. Descrição da amostra por tipo de ensino e com quem vive a criança (N = 219)

	N	%
Ensino		
Público	150	68.5
Privado	69	31.5
Vive com		
Pais	31	14.2
Pais e irmã(o)(s)	124	56.6
Avós	3	1.4

Tutores	1	.5
Um dos pais	12	5.5
Um dos pais e irmã(o)(s)	11	5.0
Outros	37	16.9

A maioria das crianças frequenta o ensino público (68,5%), havendo no entanto uma boa percentagem de crianças a frequentar o ensino privado (31,5%). A maioria das crianças (70,8%) vivem com os pais ou com os pais e irmã(o)(s).

Relativamente ao nível de inteligência, obtido através da escala colorida das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven verificou-se que 12 crianças estavam no Percentil 25 (5.5%) e 44 (20.1%) estavam acima do Percentil 90. Estes resultados são apresentados no Quadro 44.

Quadro 44. Percentis dos resultados das Matrizes Coloridas Progressivas de Raven (N = 219)

	N	%
Percentil 25	12	5.5
Percentil 25-50	50	22.9
Percentil 50-75	58	26.5
Percentil 75-90	55	25.1
Percentil > 90	44	20.1

Como referido anteriormente, a utilização das Matrizes Progressivas de Raven teve como objectivo garantir o nível intelectual como critério de inclusão na amostra. Foram excluídas sete crianças por terem um valor de percentil inferior a 25: um menino com 10 anos, uma menina com 8 anos, uma menina e um menino com 7 anos, uma menina e um menino com 6 anos.

### III.7.1.5. Resultados

### III.7.1.5.1. Análise dos significados atribuídos às Cenas dos dois novos Cartões e às Cenas alteradas

As respostas obtidas foram analisadas com a intenção de conhecer o significado que as crianças atribuíam às Cenas dos dois novos Cartões e às Cenas dos Cartões que sofreram alterações e avaliar se a percepção que as crianças tinham dessas Cenas se revelava consistente com o significado que se pretendia aquando da sua concepção. Para além disso pretendia-se conhecer qual ou quais os significados que a maioria das crianças atribuíam às mesmas.

Procedeu-se à transcrição integral de todas as histórias que as crianças contaram. As histórias foram segmentadas de acordo com a referência a cada uma das Cenas, discriminando-se assim os conjuntos de verbalizações referentes a cada uma das nove Cenas dos dois novos Cartões e das Cenas dos Cartões que sofreram alterações. Procedeu-se então à análise do conjunto de verbalizações respeitantes a cada uma das Cenas, organizando-as de acordo com os significados expressos na sua descrição, para cada idade e sexo (Anexo 8). A análise destes dados permitiu identificar os significados atribuídos mais frequentemente a cada uma das Cenas, os quais foram agrupados e são apresentados em seguida no Quadro 45.

Quadro 45. Significados atribuídos mais frequentemente, por Cena e por Cartão (Cenas alteradas e Cenas dos dois novos Cartões) (N = 219)

	N
Cena 8 do Cartão I	
Telefonou à mãe	29
Tentou ligar à mãe só que a mãe não atendia o telefone	8
Telefonou	8
Telefonou e não ouviu a mãe	8
O polícia emprestou-lhe o telefone que ele tinha para ligar à mãe	8
Cena 1 do Cartão IV	
Sentou-se na cama	21
Ficou aflito(a)/assustado(a)/exaltado(a)	13
Teve medo	9

Ficou a pensar (na cama)	8
Levantou-se	7
Cena 2 do Cartão IV	
Foi chamar os pais	35
Foi a correr para a cama dos pais	15
Foi a correr para o quarto dos pais	15
Foi dizer/avisar os pais	13
Foi ter com os pais	11
Cena 4 do Cartão IV	
Foi ver/espreitar debaixo da cama	58
Foi ver se o monstro estava debaixo da cama	4
Começou a procurar o monstro/fantasma	3
Cena 6 do Cartão IV	
Os pais vieram/foram ao quarto dele	11
Os pais ouviram os berros/a gritar e foram lá	10
Os pais foram ver o que se passava	10
Cena 7 do Cartão IV	
Foi-se deitar	8
Ficou melhor	5
Estava feliz/a sentir-se bem na cama	4
Cena 8 do Cartão IV	
Foi beber um copo de água	47
Foi beber um copo de leite	11
Deram-lhe (os pais) um copo de água	8
Cena 4 do Cartão V	
Foram-se todos embora e ele(a) ficou triste	19
Cena 2 do Cartão VI	
Pensou que os pais se iam separar/divorciar	63
Pensou que eles se iam embora	16
Cena 4 do Cartão VI	
Chorou/começou a chorar	82
Cena 5 do Cartão VI	
A mãe falou com ela	6

O pai falou/conversou com ele	6
A mãe foi ter com a menina	5
Cena 6 do Cartão VI	
Separou/Tentou separar os pais	42
Disse/pediu para eles pararem	16
Pôs-se no meio deles	14
Tentou parar a briga/discussão	10
Afastou-os/tentou afastá-los	7
Cena 8 do Cartão VI	
Pôs-se a ouvir/ouviu um barulho/a barulheira/a confusão/a discussão/a conversa/os gritos da mãe e do pai	37
Cena 1 do Cartão VIII	
Disse aos pais que foi sem querer	25
Disse aos pais que não foi ele(a)	21
Foi pedir desculpa aos pais	16
Os pais ficaram muito zangados com ele(a)/chatearam-se	15
Disse que não sabia quem foi	15
Disse que não sabia o que tinha acontecido	13
Cena 2 do Cartão VIII	
Pensou que ia para a prisão	29
Foi para a prisão	4
Pensou que os pais a iam pôr numa prisão	4
Cena 3 do Cartão VIII	
Disse que foi/acusou o gato	48
Cena 4 do Cartão VIII	
Os pais começaram a chorar	23
Os pais ficaram muito tristes	12
Os pais foram lá ver/viram	9
Os pais começaram a tentar montar/colar/arranjar	8
Os pais estavam preocupados/aflitos/nervosos	7
Cena 5 do Cartão VIII	
Deitou a jarra para o lixo	11
Pôs tudo no caixote do lixo	9

Cena 6 do Cartão VIII	
Foi ao mealheiro ver se tinha dinheiro suficiente para comprar uma jarra nova	52
Foi buscar o seu dinheiro para comprar uma jarra nova	15
Começou a juntar/juntou dinheiro para comprar uma jarra nova	14
Pensou em comprar uma jarra nova	10
Cena 7 do Cartão VIII	
Os pais riram-se	23
Cena 8 do Cartão VIII	
Puseram-no(a) de castigo no quarto	96
Mandaram-no de castigo/obrigaram-no a ir para a cama	12
Os pais castigaram-no(a)	5
Cena 9 do Cartão VIII	
Mandaram-no(a) para a rua	7
Puseram-no fora de casa	4
Cena 1 do Cartão IX	
O pai chamou-o(a) para o seu colo/ao pé dele/lhe dar um abraço	30
O pai chamou-o(a)	12
Veio ver o bebé	8
Cena 2 do Cartão IX	
Tentou/ia/decidiu/queria ir morder o pé do irmão/bebé	44
Cena 3 do Cartão IX	
Deixou o bebé ir para a rua	6
Abriu a porta para o irmão ir para a rua	3
Cena 4 do Cartão IX	
A mãe mandou-o(a) para o quarto (de castigo)	18
Puseram-no de castigo	9
Cena 5 do Cartão IX	
Viu uma fotografia do bebé	18
Olhou para a fotografia dele(a) quando era bebé	18
Cena 6 do Cartão IX	
O pai contou-lhe uma história	51
O pai pegou-lhe ao colo/chamou-o para lhe ler uma história	5

Os pais leram-lhe uma história enquanto o bebé estava a dormir	4
Pediu ao pai que lhe lesse uma história	4
Leram os dois uma história/um livro	4
Ajudou o pai a contar uma história ao bebé para ele adormecer	4
Cena 7 do Cartão IX	
Ia cortar o cobertor/lençol/cama dele (com uma tesoura)	7
Esteve a cortar a fotocópia dele	4
Cena 8 do Cartão IX	
Foi buscar/dar o leite/biberão ao bebé	91
A mãe mandou-o(a)/pediu-lhe para ir buscar o leite/biberão para o bebé	14
Cena 9 do Cartão IX	
Aleijou-se/magoou-se	13
Fingiu que tinha uma ferida/que se tinha aleijado/magoado	11

---

Verificou-se que as Cenas eram percepcionadas, pela maioria das crianças, de acordo com o significado subjacente à sua concepção. No entanto, na Cena 5 do Cartão IX, o bebé da fotografia é por vezes percebido como sendo o novo bebé e outras vezes percebido como sendo a própria criança. Em qualquer dos casos estará em jogo uma fantasia: fantasia de exclusão, por imaginar os pais sozinhos com o bebé, ou fantasia de regressão, pela nostalgia de quando era o único filho.

#### **III.7.5.1.2. Análise da frequência de escolha das Cenas de cada Cartão por idade**

Pretendia-se nesta fase verificar se as Cenas escolhidas pelas crianças manifestavam variedade ou se, pelo contrário, surgia uma tendência de resposta óbvia, e identificar as Cenas mais e menos escolhidas. Verificou-se que todas as Cenas foram escolhidas.

Comparam-se os resultados obtidos com esta amostra com os de estudos anteriores. Importa salientar que alguns Cartões sofreram grandes alterações, nomeadamente o IV (pesadelo) e o VI (briga dos pais), sendo as comparações nestes Cartões limitadas. A comparação nos restantes Cartões (I, II, III, V e VII), que não sofreram alterações ou sofreram alterações muito ligeiras, será mais profícua. No



entanto, os diversos estudos têm amostras com idades diferentes, sendo necessário ter em conta também esse factor.

Nos Quadros 46 a 54 são apresentadas as frequências de escolha das Cenas para cada Cartão, por idade.

Quadro 46. Frequência de escolha das Cenas do Cartão I (passeio com a mãe) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	26	24.76	29	26.85	29	28.43	31	27.19	39	30.23	28	28.28
2	12	11.43	11	10.19	22	21.57	18	15.79	25	19.38	18	18.18
3	8	7.62	10	9.26	2	1.96	2	1.75	2	1.55	2	2.02
4	21	20.00	20	18.52	17	16.67	26	22.81	24	18.60	25	25.25
5	4	3.81	2	1.85	1	.98	3	2.63	1	.78	5	5.05
6	4	3.81	11	10.19	7	6.86	9	7.89	10	7.75	3	3.03
7	16	15.24	3	2.78			6	5.26	1	.78	6	6.06
8	12	11.43	17	15.74	19	18.63	15	13.16	19	14.73	10	10.10
9	2	1.90	5	4.63	5	4.90	4	3.51	8	6.20	2	2.02

Como se pode observar no Quadro 46, na maioria das idades as Cenas mais escolhidas são a 1 e a 4, seguidas pelas Cenas 2 e 8. Nas faixas etárias, a partir dos 5 anos, as Cenas de Fantasia — 3, 5, e 7 — foram muito pouco escolhidas. A Cena 6 foi também pouco escolhida, especialmente nas faixas etárias dos 5 e 10 anos. A Cena 9 (que representa uma aflição mais intensa) foi das menos escolhidas em todas as idades.

Neste Cartão, apenas a Cena 8 sofreu alterações, sendo o seu significado o mesmo. De um modo geral os resultados são idênticos aos obtidos em estudos anteriores.

No estudo experimental de Fagulha (1992), considerando uma amostra de 163 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 9 anos, para o Cartão I, as Cenas mais escolhidas foram a 1 e a 4, sendo a Cena 9 a menos escolhida (a que se considera representar uma aflição mais intensa).

Também no segundo estudo (Fagulha, 1992), considerando uma amostra de 245 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade, a Cena 4 foi a mais escolhida, seguida pela Cena 1 e a Cena 9 foi a menos escolhida, neste primeiro Cartão. Os resultados agora obtidos apresentam razoável concordância com os estudos anteriores.

Quadro 47. Frequência de escolha das Cenas do Cartão II (doença) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	14	13.33	26	24.07	17	16.67	20	17.54	24	18.60	14	14.14
2	13	12.38	12	11.11	8	7.84	11	9.65	24	18.60	11	11.11
3	18	17.14	15	13.89	18	17.65	19	16.67	17	13.18	12	12.12
4	9	8.57	8	7.41	6	5.88	9	7.89	9	6.98	11	11.11
5	8	7.62	4	3.70	6	5.88	4	3.51	5	3.88	5	5.05
6	10	9.52	7	6.48	13	12.75	15	13.16	16	12.40	11	11.11
7	5	4.76	9	8.33	4	3.92	4	3.51	6	4.65	9	9.09
8	9	8.57	6	5.56	13	12.75	16	14.04	14	10.85	14	14.14
9	19	18.10	21	19.44	17	16.67	16	14.04	14	10.85	12	12.12

No Quadro 47 observa-se que para a maioria das idades a Cena 1 foi a mais escolhida, seguida pelas Cenas 3 e 9. As Cenas 2, 6 e 8 foram também bastantes escolhidas na generalidade das idades. As Cenas menos escolhidas neste Cartão foram, para a maioria das idades, as Cenas 5 e 7, seguidas da Cena 4.

Este Cartão não sofreu alterações, pelo que as comparações com estudos anteriores são mais fáceis, apesar das diferenças nas faixas etárias das amostras. Uma vez mais, de forma geral, os resultados são idênticos.

No estudo experimental de Fagulha (1992), relativamente ao Cartão II, a Cena 9 foi a mais escolhida, sendo as Cenas 5 e 6 as menos escolhidas. A Cena 6 não foi das menos escolhidas no presente estudo. No segundo estudo (Fagulha, 1992), também a Cena 9 foi a mais escolhida, sendo as Cenas 5, 6, 7 e 2 as menos escolhidas. As Cenas 6 e 2 não foram das menos escolhidas no presente estudo, apesar da Cena 2 ser mais escolhida aos 9 anos, idade que não consta neste estudo de Fagulha (1992).

Quadro 48. Frequência de escolha das Cenas do Cartão III (ida à praia) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	25	23.81	28	25.93	22	21.57	21	18.42	20	15.50	15	15.15
2	4	3.81	7	6.48	4	3.92	2	1.75	4	3.10	8	8.08
3	15	14.29	6	5.56	5	4.90	7	6.14	5	3.88	4	4.04
4	8	7.62	6	5.56	5	4.90	7	6.14	6	4.65	6	6.06
5	5	4.76	9	8.33	8	7.84	6	5.26	2	1.55	1	1.01
6	6	5.71	4	3.70	14	13.73	21	18.42	29	22.48	21	21.21
7	16	15.24	17	15.74	17	16.67	19	16.67	28	21.71	16	16.16
8	18	17.14	18	16.67	20	19.61	23	20.18	31	24.03	23	23.23
9	8	7.62	13	12.04	7	6.86	8	7.02	4	3.10	5	5.05

Para este Cartão III e segundo o Quadro 48, verifica-se que as Cenas 8 e 1 são as mais escolhidas para a generalidade das idades, seguidas pelas Cenas 7 e 6. As Cenas 2, 5 e 4 são as menos escolhidas, seguidas pelas Cenas 3 e 9.

Este Cartão também não sofreu alterações. Os resultados vão, de forma geral, ao encontro dos obtidos em estudos anteriores.

No estudo experimental de Fagulha (1992), no que se refere ao Cartão III, a Cena 1 foi a mais escolhida e a Cena 2 foi a menos escolhida. No segundo estudo (Fagulha, 1992), as Cenas mais escolhidas foram a 1, a 3 e a 8, sendo a Cena 4 a menos escolhida. A Cena 3 não foi das mais escolhidas no presente estudo, sobretudo nas faixas etárias idênticas às do estudo de Fagulha (1992) — 6 a 8 anos.

Quadro 49. Frequência de escolha das Cenas do Cartão IV (pesadelo) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	12	11.43	17	15.74	14	13.73	16	14.04	21	16.28	18	18.18
2	14	13.33	17	15.74	15	14.71	22	19.30	23	17.83	14	14.14

3	5	4.76	5	4.63	6	5.88	3	2.63	5	3.88	3	3.03
4	9	8.57	13	12.04	13	12.75	18	15.79	18	13.95	13	13.13
5	13	12.38	11	10.19	7	6.86	4	3.51	6	4.65	4	4.04
6	7	6.67	7	6.48	10	9.80	12	10.53	12	9.30	10	10.10
7	9	8.57	8	7.41	9	8.82	5	4.39	7	5.43	9	9.09
8	11	10.48	11	10.19	15	14.71	15	13.16	19	14.73	12	12.12
9	25	23.81	19	17.59	13	12.75	19	16.67	18	13.95	16	16.16

Segundo o Quadro 49 constata-se que as Cenas 9 e 2 são as mais escolhidas na maioria das idades, seguidas pelas Cenas 1, 4, 6 e 8. A Cena 3 é a menos escolhida. As Cenas 5 e 7 foram também pouco escolhidas.

É de sublinhar que este Cartão foi o que sofreu mais alterações, modificando, em alguns casos, o significado das Cenas (1, 4, 6 e 7), pelo que as comparações com estudos anteriores são muito limitadas.

No estudo experimental de Fagulha (1992), no que concerne ao Cartão IV, as Cenas 2 e 9 foram as mais escolhidas e as Cenas 6, 7 e 8 foram as menos escolhidas. No segundo estudo (Fagulha, 1992), as Cenas mais escolhidas foram a 9, a 2 e a 5 e a Cena 7 foi a menos escolhida. As Cenas mais escolhidas permanecem as mesmas, sendo que a Cena 9 não sofreu nenhuma alteração e a Cena 2 sofreu apenas uma pequena alteração que não alterou o seu significado (retirada dos óculos ao pai). A comparação relativamente às Cenas menos escolhidas é possível somente no que se refere à Cena 3, que não sofreu alterações e que, contrariamente aos resultados de 1992, foi a menos escolhida no estudo aqui apresentado. É de realçar que, como atrás foi referido, esta era, na versão anterior da prova, a única em que surgiam os pais com a criança (numa solução de fantasia). A actual possibilidade de Cenas alternativas às anteriores, e nomeadamente da Cena 6 que representa os pais com a criança, justifica este resultado.

Quadro 50. Frequência de escolha das Cenas do Cartão V (dia de aniversário) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	12	11.43	10	9.26	8	7.84	5	4.39	11	8.53	4	4.04
2	8	7.62	9	8.33	5	4.90	1	.88	3	2.33	1	1.01
3	8	7.62	9	8.33	7	6.86	2	1.75	10	7.75	6	6.06
4	4	3.81	3	2.78	5	4.90	7	6.14	11	8.53	6	6.06
5	22	20.95	23	21.30	20	19.61	27	23.68	22	17.05	16	16.16
6	11	10.48	10	9.26	21	20.59	24	21.05	30	23.26	22	22.22
7	13	12.38	15	13.89	7	6.86	11	9.65	11	8.53	10	10.10
8	22	20.95	20	18.52	25	24.51	33	28.95	30	23.26	28	28.28
9	5	4.76	9	8.33	4	3.92	4	3.51	1	.78	6	6.06

No Quadro 50 pode observar-se que as Cenas mais escolhidas no Cartão V, por todas as idades, foram a 8, a 5 e a 6. As restantes Cenas foram pouco escolhidas, sobretudo a 2 e a 9.

Apesar da alteração que este Cartão sofreu na Cena 4, os resultados são idênticos aos dos estudos anteriores. No estudo experimental de Fagulha (1992), a Cena 8 foi a mais escolhida e a Cena 9 a menos escolhida. No segundo estudo (Fagulha, 1992), as Cenas mais escolhidas foram a 8 e a 5, sendo a Cena 9 também a menos escolhida.

Quadro 51. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VI (briga dos pais) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	15	14.29	16	14.81	21	20.59	24	21.05	30	23.26	15	15.15
2	16	15.24	16	14.81	13	12.75	21	18.42	22	17.05	23	23.23
3	7	6.67	10	9.26	5	4.90			3	2.33	1	1.01
4	15	14.29	12	11.11	18	17.65	17	14.91	23	17.83	14	14.14
5	14	13.33	14	12.96	12	11.76	11	9.65	11	8.53	13	13.13
6	14	13.33	13	12.04	16	15.69	24	21.05	31	24.03	20	20.20

7	5	4.76	8	7.41	4	3.92	1	.88	1	.78	1	1.01
8	9	8.57	9	8.33	6	5.88	9	7.89	4	3.10	11	11.11
9	10	9.52	10	9.26	7	6.86	7	6.14	4	3.10	1	1.01

Para este Cartão VI e segundo os dados constantes do Quadro 51, verifica-se que as Cenas mais escolhidas na maioria das idades foram as Cenas 6, 1 e 2, seguidas pelas Cenas 4 e 5. As Cenas menos escolhidas foram a 7 e a 3, seguidas pelas Cenas 9 e 8.

Este Cartão sofreu diversas alterações, sobretudo nas Cenas 2, 5, 6, 8 e 9, tendo modificado por vezes o significado das mesmas. Deste modo, as comparações com estudos anteriores, tal como para o Cartão IV, são limitadas.

No estudo experimental de Fagulha (1992), relativamente ao Cartão VI, a Cena 1 foi a mais escolhida e a Cena 6 a menos escolhida. No segundo estudo (Fagulha, 1992), as Cenas mais escolhidas foram a 1, a 4 e a 3, sendo a Cena 6 igualmente a menos escolhida. A Cena 1 e a Cena 3 não sofreram alterações no presente estudo, em que a primeira continua a ser das mais escolhidas; a segunda não foi uma das mais escolhidas, contrariamente aos resultados do segundo estudo de 1992. A possibilidade de novas alternativas de escolha explica esta diferença.

Quadro 52. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VII (escola) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	11	7.86	27	18.75	25	18.38	27	17.76	28	16.28	27	20.45
2	15	10.71	11	7.64	8	5.88	6	3.95	7	4.07	7	5.30
3	15	10.71	5	3.47	12	8.82	11	7.24	13	7.56	8	6.06
4	10	7.14	14	9.72	10	7.35	14	9.21	13	7.56	11	8.33
5	9	6.43	4	2.78	2	1.47	7	4.61	5	2.91	7	5.30
6	9	6.43	8	5.56	12	8.82	12	7.89	22	12.79	11	8.33
7	17	12.14	14	9.72	14	10.29	8	5.26	7	4.07	7	5.30
8	10	7.14	22	15.28	15	11.03	20	13.16	28	16.28	16	12.12
9	44	31.43	39	27.08	38	27.94	47	30.92	49	28.49	38	28.79

Segundo o Quadro 52 observa-se que a Cena mais escolhida é claramente a Cena 9 em todas as idades, seguida pelas Cenas 1 e 8. A Cena menos escolhida foi a 5, também em todas as idades.

Este Cartão não sofreu alterações. No estudo experimental de Fagulha (1992), no que se refere ao Cartão VII, as Cenas 1 e 2 foram as mais escolhidas e as Cenas 3 e 6 foram as menos escolhidas. No segundo estudo (Fagulha, 1992), as Cenas mais escolhidas foram também a 1 e a 2, sendo a Cena 3 a menos escolhida. Deste modo, e apesar da ausência de alterações neste Cartão, os resultados do presente estudo são diferentes dos anteriores, uma vez que a Cena 9 (que representa a aflição mais intensa) nunca tinha sido a mais escolhida nem a Cena 5 a menos escolhida.

Quadro 53. Frequência de escolha das Cenas do Cartão VIII (quebra da jarra) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	19	18.10	24	22.22	22	21.57	27	23.68	33	25.58	17	17.17
2	11	10.48	12	11.11	3	2.94	8	7.02	9	6.98	7	7.07
3	11	10.48	9	8.33	7	6.86	9	7.89	8	6.20	8	8.08
4	8	7.62	13	12.04	12	11.76	16	14.04	19	14.73	19	19.19
5	9	8.57	9	8.33	5	4.90	3	2.63			3	3.03
6	9	8.57	11	10.19	21	20.59	23	20.18	27	20.93	20	20.20
7	10	9.52	7	6.48	3	2.94	1	.88	2	1.55	3	3.03
8	17	16.19	13	12.04	20	19.61	25	21.93	29	22.48	21	21.21
9	11	10.48	10	9.26	9	8.82	2	1.75	2	1.55	1	1.01

Pode observar-se no Quadro 53, no que se refere ao novo Cartão VIII, que as Cenas 1, 8 e 6 (todas correspondentes a soluções de realidade) são as mais escolhidas, sendo a última menos escolhida aos 5 e 6 anos. As Cenas menos escolhidas são as Cenas 7, 5 e 9, sobretudo a partir dos 7 anos de idade. A escolha destas Cenas decresce com a idade. A Cena 2 é muito pouco escolhida aos 7 anos e a Cena 4 é menos escolhida aos 5 anos.

Quadro 54. Frequência de escolha das Cenas do Cartão IX (nascimento de um irmão) por idade (N = 219)

Cena	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1	17	16.19	24	22.22	15	14.71	21	18.42	25	19.38	22	22.22
2	11	10.48	14	12.96	8	7.84	8	7.02	5	3.88	4	4.04
3	8	7.62	5	4.63	6	5.88	2	1.75			1	1.01
4	8	7.62	6	5.56	7	6.86	12	10.53	11	8.53	7	7.07
5	6	5.71	12	11.11	16	15.69	15	13.16	22	17.05	13	13.13
6	10	9.52	11	10.19	14	13.73	19	16.67	21	16.28	23	23.23
7	16	15.24	8	7.41	3	2.94	4	3.51	1	.78	2	2.02
8	20	19.05	21	19.44	26	25.49	26	22.81	33	25.58	24	24.24
9	9	8.57	7	6.48	7	6.86	7	6.14	11	8.53	3	3.03

Para o novo Cartão IX e segundo o Quadro 54, constata-se que as Cenas mais escolhidas são a 8 e a 1 (que apresentam soluções realistas) em todas as idades. As Cenas menos escolhidas são a 3 e a 7 (representando soluções de fantasia), sendo que a sua escolha vai decrescendo com a idade, apresentando uma frequência relativamente elevada unicamente na faixa etária dos 5 anos e estando praticamente ausente aos 9 e 10 anos. O mesmo acontece na Cena 2, embora de forma menos acentuada. As Cenas 4 e 5 são mais escolhidas por crianças de 7, 8 e 9 anos. A frequência de escolha da Cena 6 apresenta uma tendência a aumentar com a idade. A Cena 9 é pouco escolhida sobretudo pelas crianças de 10 anos.

#### **III.7.1.5.3. Análise da percentagem de escolha das Cenas em cada Cartão de acordo com a sua categoria (Aflição, Fantasia e Realidade) e sua ordem de colocação nas sequências, por idade**

As Cenas propostas correspondem a três categorias previamente estabelecidas: Aflição, Fantasia e Realidade. Interessava assim verificar quais as categorias de Cenas escolhidas em cada Cartão e a sua ordem de colocação nas sequências organizadas pelas crianças.



Nos Quadros 55 a 60 são apresentadas as percentagens de escolha de cada categoria das Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão, para cada faixa etária.

De modo geral, obteve-se uma grande variedade de respostas na forma como as crianças organizaram a história, representando uma ampla diversidade de soluções, evidenciando formas diversas de elaboração das situações, nas diferentes idades.

Quadro 55. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 5 anos (N = 35)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	40.0	37.2	17.2	51.4	20.0	28.6	42.8	17.1	14.3
1ª Fantasia	17.2	11.4	31.4	20.0	34.3	25.7	20.0	28.5	22.8
1ª Realidade	42.9	51.4	51.4	28.6	45.7	45.7	37.1	54.3	62.9
2ª Aflição	31.5	51.4	28.6	40.0	5.8	45.7	25.8	22.9	31.5
2ª Fantasia	25.7	25.7	28.5	17.1	51.5	22.9	37.2	31.4	31.4
2ª Realidade	42.9	22.9	42.9	42.9	42.9	31.4	37.1	45.7	37.1
3ª Aflição	28.6	28.6	11.4	45.7	22.8	42.8	42.8	45.7	34.3
3ª Fantasia	37.2	51.4	42.9	40.0	37.2	25.7	37.1	25.7	31.4
3ª Realidade	34.3	20.0	45.7	14.3	40.0	31.4	20.0	28.6	34.3

Observando o Quadro 55, verificamos que os Cartões em que são escolhidas numa 1ª posição mais Cenas de Aflição pelas crianças de 5 anos são o IV (pesadelo) e o VII (escola). Nos restantes Cartões as Cenas de Realidade são as mais escolhidas na 1ª posição da sequência. É de salientar que no Cartão I (passeio com a mãe), apesar de serem mais escolhidas Cenas de Realidade, também são muitas vezes escolhidas Cenas de Aflição. Assim, estes Cartões terão uma abordagem inicial de maior aflição que os restantes. As Cenas de Fantasia na 1ª posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo no entanto mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), que remetem para situações prazerosas.

Na 2ª posição, aos 5 anos, são mais escolhidas Cenas de Aflição nos Cartões II (doença) e VI (briga dos pais) e nos restantes Cartões são escolhidas sobretudo Cenas de Realidade. Assim, após uma primeira abordagem mais realista nestes Cartões, há uma tendência a reconhecer a emoção ansiosa associada às situações representadas. Por outro lado, nos Cartões que tiveram uma primeira abordagem de Aflição parece agora haver lugar a uma elaboração realista da situação apresentada. As Cenas de Fantasia nesta posição são sobretudo escolhidas nos Cartões V, VII, VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão).

Para a 3ª posição, aos 5 anos, são escolhidas mais Cenas de Aflição nos Cartões IV, VI, VII e VIII. No Cartão IX há igual número de escolhas de Cenas de Aflição e de Realidade. Assim, para os Cartões IV e VII, apesar de poder haver um movimento no sentido de gerir a situação de forma realista ou fantasiosa após o primeiro momento de aflição, parece muitas vezes haver dificuldade em terminar a história de uma forma mais adaptada. Para o Cartão VI, após uma abordagem realista inicial, ao ser reconhecida a emoção ansiosa, esta parece permanecer por vezes até ao final da história. Para os Cartões VIII e IX, apesar de uma tentativa de gestão da situação muitas vezes pela fantasia, a aflição pode irromper no final da história. Nesta 3ª posição, o término da história em Realidade ocorre sobretudo nos Cartões III e V (que remetem para situações prazerosas). A Fantasia é muitas vezes utilizada nesta última posição nos Cartões I, II e IV, provavelmente como uma tentativa de fuga à ansiedade que as situações representadas evocam.

Quadro 56. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 6 anos (N = 36)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	33.3	33.3	22.2	44.4	16.6	19.4	22.2	27.7	19.5
1ª Fantasia	11.1	16.7	25.0	16.7	41.7	25.0	11.2	19.5	11.1
1ª Realidade	55.6	50.0	52.8	38.9	41.7	55.6	66.7	52.8	69.4
2ª Aflição	41.7	50.0	19.5	44.5	13.9	50.0	36.1	41.7	36.1
2ª Fantasia	16.7	16.7	30.6	22.2	55.6	25.0	13.9	25.0	25.0

2ª Realidade	41.7	33.3	50.0	33.3	30.6	25.0	50.0	33.3	38.9
3ª Aflição	25.0	30.5	30.6	47.2	27.8	36.1	30.5	27.8	19.8
3ª Fantasia	13.9	44.4	33.3	27.8	33.3	38.9	13.9	25.0	33.3
3ª Realidade	61.1	25.0	36.1	25.0	38.9	25.0	55.6	47.2	47.2

Observando o Quadro 56, referente aos 6 anos, verificamos que o único Cartão em que são escolhidas na 1ª posição da sequência mais Cenas de Aflição é o IV (pesadelo). Nos restantes Cartões as Cenas de Realidade são as mais escolhidas nesta posição. Assim, aos 6 anos parece haver maior possibilidade de uma abordagem inicial mais realista, na maioria das situações apresentadas. As Cenas de Fantasia na 1ª posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo, tal como para os 5 anos, mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), que remetem para situações prazerosas.

Na 2ª posição, são agora mais escolhidas Cenas de Aflição nos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra). Assim, após uma primeira abordagem mais realista na maioria dos Cartões, há uma tendência a reconhecer, neste segundo movimento, a emoção ansiosa associada às situações representadas. Nos restantes Cartões são escolhidas sobretudo Cenas de Realidade nesta posição, sendo de salientar que as Cenas de Fantasia continuam a ser sobretudo escolhidas nos Cartões III e V.

Para a 3ª posição, para os 6 anos, são escolhidas mais Cenas de Aflição nos Cartões IV e VI. Deste modo, o Cartão IV é, para esta idade, aquele que conduz a mais escolhas de Aflição e a uma Aflição mais permanente. Para o Cartão VI, tal como para os 5 anos, após uma abordagem realista inicial, ao ser reconhecida a emoção ansiosa, esta parece permanecer por vezes até ao final da história. A Fantasia é também muitas vezes utilizada para este Cartão VI nesta última posição, bem como para os Cartões II, III e V, representando uma tentativa de fuga à emoção ansiosa. Nos restantes Cartões a história é maioritariamente terminada em Realidade.

Quadro 57. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 7 anos (N = 34)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	61.8	29.4	11.7	50.0	5.9	35.3	41.2	23.5	17.7
1ª Fantasia		14.7	20.6	11.7	14.7	8.8	5.9	11.7	17.7
1ª Realidade	38.2	55.9	67.6	38.2	79.4	55.9	52.9	64.7	64.7
2ª Aflição	44.1	32.3	17.6	29.4	14.7	47.0	17.7	26.5	29.4
2ª Fantasia	5.9	20.5	38.2	14.7	44.1	11.8	11.7	23.5	26.5
2ª Realidade	50.0	47.1	44.1	55.9	41.2	41.2	70.6	50.0	44.1
3ª Aflição	23.6	29.4	17.7	47.7	20.5	29.4	38.3	20.5	17.7
3ª Fantasia	2.9	47.0	29.4	38.2	41.2	41.2	8.8	8.8	29.4
3ª Realidade	73.5	23.5	52.9	20.6	38.2	29.4	52.9	70.6	52.9

Observando o Quadro 57, referente aos 7 anos de idade, constata-se que os Cartões em que são escolhidas numa 1ª posição mais Cenas de Aflição são o I (passeio com a mãe) e o IV (pesadelo). Assim, estes Cartões terão uma abordagem inicial de maior aflição que os restantes. No Cartão VII (escola) apesar de serem muitas vezes escolhidas Cenas de Aflição nesta 1ª posição, são maioritariamente escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões as Cenas de Realidade são as mais escolhidas na 1ª posição da sequência. As Cenas de Fantasia são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo no entanto mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e IX (nascimento de um irmão). O Cartão III remete para uma situação prazerosa e no Cartão IX as Cenas de Fantasia remetem sobretudo para formas de eliminação do irmão, portanto, formas de fuga à situação apresentada.

Na 2ª posição, aos 7 anos, são mais escolhidas Cenas de Aflição somente no Cartão VI (briga dos pais). Assim, após uma primeira abordagem mais realista a esta situação, há uma tendência a reconhecer a emoção ansiosa associada. No Cartão I, tal como ocorreu na 1ª posição para o Cartão VII, apesar de serem muitas vezes escolhidas Cenas de Aflição, são maioritariamente escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões são escolhidas sobretudo Cenas de Realidade, à excepção do Cartão V (dia de aniversário) em que são maioritariamente escolhidas Cenas de Fantasia.

Na 3ª posição, aos 7 anos, são mais escolhidas Cenas de Aflição somente no Cartão IV (pesadelo). Deste modo, neste Cartão, após uma primeira abordagem de Aflição e a uma tentativa de resolução realista da situação, a emoção ansiosa tende a permanecer. A 2ª categoria mais presente na 3ª posição para este Cartão é a Fantasia, o que remete para um último recurso à solução mágica, na tentativa de fugir à ansiedade. Já no Cartão I, após o reconhecimento inicial da dificuldade, há maior facilidade em encontrar uma resolução adequada. Nos Cartões II (doença), V (dia de aniversário) e VI (briga dos pais), a escolha de Fantasia para finalizar a história é também muito evidente. No Cartão V a solução final pela fantasia (de gratificação abundante, da expectativa de vir a ser crescido, ou de ser o alvo das atenções) parece bastante adequada. Já nos Cartões II e VI tem outro significado, de impossibilidade de encontrar recursos, procurando a evasão. Nos restantes Cartões a escolha de Realidade na última posição é muito elevada, o que remete para uma resolução adequada das situações.

Quadro 58. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 8 anos (N = 38)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	52.6	42.1	7.9	52.6	7.9	26.3	26.3	15.8	23.7
1ª Fantasia	2.6	7.9	13.2	2.6	34.2	2.6		13.2	15.8
1ª Realidade	44.7	50.0	78.9	44.7	57.9	71.1	73.7	71.1	60.5
2ª Aflição	57.9	26.3	13.2	73.7		42.1	39.4	42.1	26.4
2ª Fantasia	7.9	18.4	36.8	5.3	42.1	7.9	7.9	10.5	23.7
2ª Realidade	34.2	55.3	50.0	21.1	57.9	50.0	52.6	47.4	50.0
3ª Aflição	15.8	26.3	23.7	29.0	23.7	50.0	34.2	10.5	21.1
3ª Fantasia	18.4	44.8	34.2	23.7	29.0	21.0	10.5	10.6	15.8
3ª Realidade	65.8	28.9	42.1	47.1	47.4	28.9	55.3	78.9	63.2

No que se refere aos 8 anos de idade e considerando o Quadro 58, os Cartões em que são escolhidas na 1ª posição mais Cenas de Aflição são, tal como aos 7 anos, o I (passeio com a mãe) e o IV (pesadelo). No Cartão II (doença) são também muitas vezes escolhidas Cenas de Aflição, embora sejam maioritariamente escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões as Cenas de Realidade são as mais escolhidas na 1ª

posição da sequência. As Cenas de Fantasia nesta posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo no entanto mais escolhidas no Cartão V (dia de aniversário).

Na 2ª posição, nesta idade, são mais escolhidas Cenas de Aflição também nos Cartões I e IV. Deste modo, a emoção ansiosa suscitada por estas temáticas parece ser intensa nesta faixa etária. Nos restantes Cartões nesta posição permanece a escolha maioritária de Cenas de Realidade. As Cenas de Fantasia são escolhidas sobretudo nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), mas também no Cartão IX (nascimento de um irmão). Tal como referido anteriormente, esta escolha no Cartão IX de Cenas de Fantasia remete sobretudo para formas de eliminação do irmão, portanto, formas de fuga à situação apresentada.

Na 3ª posição, são mais escolhidas Cenas de Aflição somente no Cartão VI (briga dos pais). Deste modo, neste Cartão, após uma primeira abordagem mais realista, a emoção ansiosa tende a evidenciar-se, impossibilitando por vezes uma resolução adequada da situação. Nos restantes Cartões a escolha de Realidade na última posição é muito elevada, o que remete para uma resolução adequada das situações, à exceção do Cartão II (doença) em que se verifica uma escolha elevada de Cenas de Fantasia. No Cartão III a escolha de Cenas de Fantasia aproxima-se muito da escolha de Cenas de Realidade, o que é de esperar dada a situação prazerosa apresentada.

Quadro 59. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 9 anos (N = 43)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	50.0	32.6	11.7	48.8	2.3	30.2	37.2	27.9	27.9
1ª Fantasia	4.6	4.6	9.3	4.6	27.9		2.3	7.0	18.6
1ª Realidade	32.6	62.8	79.1	46.5	69.8	69.8	60.5	65.1	53.5
2ª Aflição	53.5	48.8	13.9	46.6	7.0	44.2	28.0	30.2	23.2
2ª Fantasia	2.3	11.6	25.6	11.6	37.3	4.7		11.6	16.3
2ª Realidade	44.2	39.5	60.5	41.9	55.8	51.2	72.1	58.1	60.5
3ª Aflição	16.3	27.9	7.0	41.9	25.6	39.5	25.6	11.6	11.6

3ª Fantasia	2.3	48.8	46.6	25.6	34.9	30.2	7.0	4.7	18.6
3ª Realidade	81.4	23.3	46.5	32.6	39.5	30.2	67.4	83.7	69.8

Aos 9 anos de idade e considerando o Quadro 59, os Cartões em que são escolhidas numa 1ª posição mais Cenas de Aflição são, tal como aos 7 e 8 anos, o I (passeio com a mãe) e o IV (pesadelo). Nos restantes Cartões as Cenas de Realidade são as mais escolhidas na 1ª posição da sequência. As Cenas de Fantasia são muito pouco escolhidas nesta posição, à excepção do Cartão V (dia de aniversário).

Na 2ª posição, aos 9 anos, são escolhidas Cenas de Aflição também nos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença) e IV (pesadelo). Deste modo, a emoção ansiosa suscitada por estas temáticas parece ser intensa também nesta faixa etária. O Cartão VI (briga dos pais) também apresenta uma escolha elevada de Cenas de Aflição nesta posição, apesar de serem mais escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões nesta posição permanece a escolha maioritária de Cenas de Realidade. As Cenas de Fantasia são escolhidas sobretudo nos Cartões que apresentam situações agradáveis — Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

Na 3ª posição, são mais escolhidas Cenas de Aflição nos Cartões IV (pesadelo) e VI (briga dos pais). Deste modo, estes Cartões serão aqueles que representam situações com as quais as crianças desta faixa etária terão maior dificuldade em lidar e encontrar uma solução adequada. Nos Cartões VI (briga dos pais) e II (doença) também surge muitas vezes o recurso à Fantasia como forma de resolução da situação. Nos restantes Cartões a escolha de Realidade na última posição é muito elevada, o que remete para uma resolução adequada das situações. Surge, tal como esperado, uma escolha elevada de Cenas de Fantasia nos Cartões III e V, que apresentam situações agradáveis.

Quadro 60. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 10 anos (N = 33)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	69.7	42.4	12.2	45.4	9.1	36.3	30.3	57.6	9.1
1ª Fantasia	3.0	9.1	15.1		21.2	3.0			24.2

1ª Realidade	27.3	48.5	72.7	54.5	69.7	60.6	69.7	42.4	66.7
2ª Aflição	45.4	27.3	24.2	60.6	12.1	45.5	36.4	21.2	24.3
2ª Fantasia	12.1	18.2	24.2	6.1	42.4	3.0		24.3	6.1
2ª Realidade	42.4	54.5	51.5	33.3	45.5	51.5	63.6	54.5	69.7
3ª Aflição	21.2	33.3	21.3	24.2	18.2	33.3	27.3	3.0	9.1
3ª Fantasia	24.3	51.5	24.3	42.5	33.4	39.4	27.3	18.2	18.2
3ª Realidade	54.5	15.2	54.5	33.3	48.5	27.3	45.5	78.8	72.7

Para as crianças mais velhas (10 anos), observando o Quadro 60, constata-se que na 1ª posição, os Cartões I (passeio com a mãe) e VIII (quebra da jarra) são aqueles em que são escolhidas mais Cenas de Aflição. Nos Cartões II (doença) e IV (pesadelo) também há uma escolha elevada de Cenas de Aflição nesta posição, apesar de serem mais escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões (III, V, VI, VII e IX) as Cenas de Realidade são as mais escolhidas na 1ª posição da sequência. As Cenas de Fantasia são, na generalidade, muito pouco escolhidas, apesar de serem bastante escolhidas nos Cartões IX (nascimento de um irmão), V (dia de aniversário) e III (ida à praia).

Na 2ª posição, aos 10 anos, são escolhidas Cenas de Aflição sobretudo nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo). Deste modo, e tal como nas faixas etárias anteriores, a emoção ansiosa suscitada por estas temáticas parece ser intensa também nesta idade. O Cartão VI (briga dos pais) também apresenta uma escolha elevada de Cenas de Aflição nesta posição, apesar de serem mais escolhidas Cenas de Realidade. Nos restantes Cartões permanece a escolha maioritária de Cenas de Realidade. As Cenas de Fantasia são escolhidas sobretudo nos Cartões III (ida à praia), V (dia de aniversário) e VIII (quebra da jarra). Neste último Cartão, a escolha de Cenas de Fantasia surge sobretudo como uma tentativa de camuflar a situação, de modo a evitar o confronto com as consequências da mesma.

Na 3ª posição, as Cenas de Aflição não são as mais escolhidas em nenhum Cartão, indicando uma evolução relativamente às outras idades, no que se refere à resolução adequada dos diferentes episódios apresentados. Nos Cartões II (doença), IV (pesadelo) e VI (briga dos pais) surge sobretudo o recurso à Fantasia como forma de resolução dos episódios. Nos Cartões I (passeio com a mãe), III (ida à praia), V (dia dos



anos), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão), a escolha de Realidade na última posição é a mais elevada, o que remete para uma resolução adequada das situações, apesar da angústia inicial despoletada por algumas delas.

Relativamente à comparação dos resultados agora obtidos com os de estudos anteriores, tal só é possível, com as devidas limitações relativas às faixas etárias das amostras e às alterações sofridas pela prova, com o segundo estudo de Fagulha (1992), já referido anteriormente (N= 245, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade) e com o estudo de Fagulha (1997a), que abrangeu uma amostra de 70 crianças de 5 anos, 70 crianças de 9 anos e 70 crianças de 10/11 anos. No estudo experimental de Fagulha (1992), esta análise não foi feita, pelo que não são possíveis as comparações.

Assim, no estudo de 1992, os Cartões com mais escolhas de Cenas de Aflição na 1ª posição foram: I (passeio com a mãe), II (doença) e IV (pesadelo). Os restantes Cartões tiveram maior percentagem de escolha de Cenas de Realidade também nesta 1ª posição. Na 2ª posição foram os Cartões I, II, IV, VI (briga dos pais) e VII (escola) a apresentar maior escolha de Cenas de Aflição. Os Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário) tiveram uma elevada escolha quer de Cenas de Realidade, quer de Cenas de Fantasia nesta posição. Na 3ª e última posição foram escolhidas sobretudo Cenas de Realidade no Cartão I e Cenas de Fantasia nos restantes Cartões, sendo que destes, os Cartões II e VII também apresentavam uma escolha elevada de Cenas de Aflição. Deste modo, os resultados do presente estudo (tendo em conta somente as idades de 6 a 8 anos) vão ao encontro dos resultados obtidos em 1992 por Fagulha, sobretudo no que se refere aos Cartões II e IV como sendo os geradores de maior ansiedade e de uma ansiedade mais difícil de gerir. Também o Cartão I é, num primeiro momento, gerador de aflição, mas a situação é, em geral, facilmente resolvida de modo adequado. Também neste estudo os Cartões III e V são aqueles em que há maior escolha de Cenas de Fantasia, tendo-se verificado que as crianças dessas idades apresentavam uma maior facilidade na gestão da situação apresentada no Cartão VII, relativamente ao estudo de 1992.

No que diz respeito ao estudo de Fagulha de 1997, para os 5 anos, os Cartões com mais escolhas de Cenas de Aflição na 1ª posição foram também os Cartões I (passeio com a mãe), II (doença) e IV (pesadelo). Neste estudo, os Cartões com escolha mais elevada de Cenas de Aflição na 1ª posição foram o IV e o VII (escola), muito

embora os Cartões I e II também tenham apresentado uma escolha elevada de Cenas de Aflição. Os restantes Cartões tiveram, no estudo de 1997 e tal como no presente estudo, maior percentagem de escolha de Cenas de Realidade nessa 1ª posição, à excepção do Cartão VI (briga dos pais), em que foram escolhidas mais Cenas de Fantasia. No entanto, as alterações efectuadas em várias Cenas do Cartão VI impedem uma comparação rigorosa. No estudo aqui apresentado, nesta posição, as Cenas de Fantasia são escolhidas sobretudo nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

Na 2ª posição, no estudo de Fagulha (1997a), para os 5 anos, foram os Cartões IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VII (escola) a apresentar maior escolha de Cenas de Aflição, sendo que o Cartão VI teve também uma elevada escolha de Cenas de Fantasia. Neste estudo foram os Cartões II (doença) e VI que apresentaram maior escolha de Cenas de Aflição nesta posição. O Cartão V (dia de aniversário) teve uma elevada escolha de Cenas de Fantasia nesta 2ª posição em 1997, tal como no presente estudo. Para os restantes Cartões, em 1997, foram maioritariamente escolhidas Cenas de Realidade, à semelhança do estudo agora realizado. No Cartão VII também há predominância de escolha de Cenas de Fantasia.

Em 1997, na 3ª e última posição, aos 5 anos, foram escolhidas sobretudo Cenas de Realidade no Cartão V e Cenas de Fantasia nos Cartões I (passeio com a mãe), III (ida à praia), IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VII (escola). Somente no Cartão II (doença) foram escolhidas sobretudo Cenas de Aflição. No presente estudo, foram escolhidas mais Cenas de Aflição nos Cartões IV, VI, VII e VIII (quebra da jarra). O desfecho da história em Realidade ocorreu sobretudo nos Cartões III e V e a Fantasia foi muitas vezes utilizada nesta última posição nos Cartões I, II e IV.

Assim, para os 5 anos, os dados obtidos em 1997 e neste estudo divergem em diversos aspectos. Uma possibilidade a ter em consideração é a diferença de tamanho entre as amostras utilizadas.

Aos 9 anos (Fagulha, 1997a), além dos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença) e IV (pesadelo), houve também escolha maioritária de Cenas de Aflição na 1ª posição no Cartão VII (escola). No presente estudo a escolha de Cenas de Aflição ocorreu sobretudo nos Cartões I e IV, apesar de ter sido também elevada nos Cartões II

e VII. Em 1997, os restantes Cartões tiveram maior percentagem de escolha de Cenas de Realidade nesta 1ª posição e a escolha de Cenas de Fantasia foi reduzida em todos os Cartões, excepto no V (dia de aniversário). O mesmo ocorreu no presente estudo.

Na 2ª posição, para os 9 anos, no estudo de Fagulha (1997), manteve-se a escolha maioritária de Cenas de Aflição nos Cartões I, II e IV, mas no que se refere ao Cartão VII, surgiram menos Cenas de Aflição e mais Cenas de Realidade e no Cartão VI (briga dos pais) surgiram na 2ª posição mais Cenas de Aflição do que das outras categorias. Estes dados são concordantes com os do presente estudo. Em 1997, a escolha de Cenas de Fantasia foi mais elevada nesta posição para os Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), o mesmo ocorrendo no estudo agora realizado.

Na 3ª e última posição, para os 9 anos, em 1997, a escolha predominante de Cenas de Aflição manteve-se somente para o Cartão VI (briga dos pais). No presente estudo esta escolha ocorreu quer no Cartão VI, quer no Cartão IV (pesadelo). Nos restantes Cartões, no estudo de Fagulha (1997) predominaram as Cenas de Realidade, à excepção dos Cartões II (doença) e IV, em que predominaram as Cenas de Fantasia. Pelo contrário, neste estudo, a predominância de escolha de Cenas de Fantasia ocorreu nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

Deste modo, a concordância entre os dados obtidos em 1997 e no estudo agora realizado é maior aos 9 anos do que aos 5 anos.

Para os 10/11 anos, no estudo de Fagulha (1997a) houve escolha maioritária de Cenas de Aflição na 1ª posição nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo). Os restantes Cartões tiveram maior percentagem de escolha de Cenas de Realidade nesta 1ª posição. A escolha de Cenas de Fantasia foi reduzida em todos os Cartões, excepto nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário). Estes dados são concordantes com os obtidos no estudo aqui apresentado.

Na 2ª posição, para os 10/11 anos, em 1997, houve escolha maioritária de Cenas de Aflição somente nos Cartões IV (pesadelo) e VI (briga dos pais). No presente estudo esta escolha recaiu sobre os Cartões I (passeio com a mãe) e IV, mas o Cartão VI

também apresentou uma escolha elevada de Cenas de Aflição nesta posição. A escolha de Cenas de Realidade foi mais elevada em todos os outros Cartões em ambos estudos.

Na 3ª e última posição, e também nos dois estudos aqui comparados, a escolha predominante de Cenas de Aflição não ocorreu em nenhum Cartão, tendo predominado, na maioria dos Cartões, a escolha de Cenas de Realidade, à exceção dos Cartões II (doença) e VI (briga dos pais), com maior escolha de Cenas de Fantasia em 1997. No presente estudo, a estes dois, acresceu o Cartão IV (pesadelo) com predomínio de escolha de Cenas de Fantasia.

Para os 10 anos, a concordância entre os dados obtidos em 1997 e no presente estudo é também elevada, tal como ocorreu para os 9 anos.

Também o estudo de Capinha (2012) suporta os resultados já obtidos anteriormente. De forma geral, à medida que crescem as crianças tendem a escolher mais Cenas de Realidade e menos Cenas de Fantasia. Nas histórias correspondentes aos Cartões ansiogêneos a emoção ansiosa é reconhecida inicialmente em todas as idades, mas gerida de forma mais adequada pelas crianças mais velhas, com uma maior tendência a terminar as histórias em Realidade e uma redução das finalizações em Aflição. Nas histórias correspondentes aos Cartões que representam situações prazerosas, com o crescimento há uma maior tendência para a escolha de Cenas de Realidade, com diminuição da escolha de Cenas de Aflição e Fantasia.

As categorias de Aflição e Fantasia subdividem-se, pelo que importava também conhecer a forma como as escolhas das crianças correspondem a Aflição ou Muita Aflição e a Fantasia Viável ou Fantasia Mágica. Esta subdivisão não foi analisada nos estudos anteriores, pelo que não é possível a comparação de dados.

Nos Quadros 61 a 66 são agora apresentadas as percentagens de escolha de cada categoria das Cenas, discriminando entre Aflição e Muita Aflição e entre Fantasia Mágica e Fantasia Viável. Embora as Cenas de Realidade não tenham subdivisão, para facilidade de consulta, optou-se por introduzi-las nos quadros apresentados.

Quadro 61. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 5 anos (N = 35)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	28.6	14.3	2.9	17.1	11.4	20.0	17.1	11.4	2.9
1ª Muita Aflição	11.4	22.9	14.3	34.3	8.6	8.6	25.7	5.7	11.4
1ª Fantasia Viável	2.9	11.4	5.7	14.3	34.3	17.1	11.4	17.1	17.1
1ª Fantasia Mágica	14.3		25.7	5.7		8.6	8.6	11.4	5.7
1ª Realidade	42.9	51.4	51.4	28.6	45.7	45.7	37.1	54.3	62.9
2ª Aflição	2.9	17.1	8.6	28.6	2.9	37.1	2.9	14.3	28.6
2ª Muita Aflição	28.6	34.3	20.0	11.4	2.9	8.6	22.9	8.6	2.9
2ª Fantasia Viável	11.4	25.7	17.1	5.7	28.6	22.9	14.3	20.0	25.7
2ª Fantasia Mágica	14.3		11.4	11.4	22.9		22.9	11.4	5.7
2ª Realidade	42.9	22.9	42.9	42.9	42.9	31.4	37.1	45.7	37.1
3ª Aflição	2.9	5.7		20.0	11.4	31.4	17.1	28.6	22.9
3ª Muita Aflição	25.7	22.9	11.4	25.7	11.4	11.4	25.7	17.1	11.4
3ª Fantasia Viável	8.6	37.1	20.0	5.7	22.9	20.0	11.4	17.1	20.0
3ª Fantasia Mágica	28.6	14.3	22.9	34.3	14.3	5.7	25.7	8.6	11.4
3ª Realidade	34.3	20.0	45.7	14.3	40.0	31.4	20.0	28.6	34.3

Verifica-se agora, observando o Quadro 61, que as Cenas de Aflição escolhidas pelas crianças de 5 anos na 1ª posição nos Cartões IV (pesadelo) e VII (escola) foram sobretudo Cenas de Muita Aflição, o que enfatiza o que já foi referido relativamente à elevada ansiedade que as situações apresentadas nestes Cartões despertam nesta idade. Tal como referido anteriormente, as Cenas de Fantasia foram pouco escolhidas na 1ª posição, sendo no entanto mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) — Fantasia Mágica e V — Fantasia Viável.

Verifica-se também que as Cenas de Aflição escolhidas pelas crianças de 5 anos na 2ª posição nos Cartões II (doença) e VI (briga dos pais) foram sobretudo Cenas de Muita Aflição no Cartão II e de Aflição no Cartão VI. Assim, o Cartão II despertará, nesta 2ª abordagem, uma ansiedade mais intensa. As Cenas de Fantasia escolhidas nesta posição são sobretudo Cenas de Fantasia Viável (Cartões V, VIII — quebra da jarra e

IX — nascimento de um irmão). No Cartão VII são escolhidas mais Cenas de Fantasia Mágica.

É ainda possível constatar que as Cenas de Aflição escolhidas pelas crianças de 5 anos na 3ª posição, são de Muita Aflição nos Cartões IV e VII e de Aflição nos Cartões VI e VIII. No Cartão IX, quando escolhidas, são sobretudo Cenas de Aflição. Assim, nos Cartões IV e VII, parece haver maior dificuldade em terminar a história de uma forma mais adaptada. A Fantasia é Mágica nesta última posição nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV e Viável no Cartão II (doença).

Quadro 62. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 6 anos (N = 36)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	13.9	8.3	8.3	19.4	8.3	8.3	11.1	19.4	16.7
1ª Muita Aflição	19.4	25.0	13.9	25.0	8.3	11.1	11.1	8.3	2.8
1ª Fantasia Viável	2.8	5.6	11.1	5.6	30.6	16.7	5.6	13.9	11.1
1ª Fantasia Mágica	8.3	11.1	13.9	11.1	11.1	8.3	5.6	5.6	
1ª Realidade	55.6	50.0	52.8	38.9	41.7	55.6	66.7	52.8	69.4
2ª Aflição	13.9	13.9	5.6	27.8	8.3	44.4	25.0	36.1	25.0
2ª Muita Aflição	27.8	36.1	13.9	16.7	5.6	5.6	11.1	5.6	11.1
2ª Fantasia Viável	13.9	13.9	25.0	2.8	38.9	22.2	11.1	13.9	25.0
2ª Fantasia Mágica	2.8	2.8	5.6	19.4	16.7	2.8	2.8	11.1	
2ª Realidade	41.7	33.3	50.0	33.3	30.6	25.0	50.0	33.3	38.9
3ª Aflição	2.8	11.1	5.6	36.1	16.7	25.0	8.3	13.9	13.9
3ª Muita Aflição	22.2	19.4	25.0	11.1	11.1	11.1	22.2	13.9	5.9
3ª Fantasia Viável	11.1	33.3	25.0	13.9	19.4	27.8	5.6	16.7	19.4
3ª Fantasia Mágica	2.8	11.1	8.3	13.9	13.9	11.1	8.3	8.3	13.9
3ª Realidade	61.1	25.0	36.1	25.0	38.9	25.0	55.6	47.2	47.2

Observando o Quadro 62, verifica-se que, relativamente aos 6 anos de idade, no Cartão IV (pesadelo) as Cenas escolhidas são sobretudo de Muita Aflição. Tal como para os 5 anos, as Cenas de Fantasia escolhidas na 1ª posição foram, na sua maioria,

Cenas de Fantasia Mágica no Cartão III (ida à praia) e de Fantasia Viável no Cartão V (dia de aniversário).

Na 2ª posição, nos Cartões IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra), foram sobretudo escolhidas Cenas de Muita Aflição e nos Cartões I (passeio com a mãe) e II (doença), Cenas de Aflição. Este resultado reforça sobretudo o carácter intenso que a ansiedade despertada pela situação IV terá nesta idade. As Cenas de Fantasia nesta posição foram sobretudo de Fantasia Viável, quer no Cartão III, quer no Cartão V.

Para a 3ª posição, as Cenas de Aflição escolhidas nos Cartões IV e VI foram sobretudo de Aflição. Tal como referido anteriormente, o Cartão IV é, sem dúvida, para esta idade, aquele que conduz a mais escolhas de Aflição e a uma Aflição mais intensa e o Cartão VI, tal como para os 5 anos, suscita, após uma abordagem realista inicial, o reconhecimento da emoção ansiosa, que permanece por vezes até ao final da história. A Fantasia quando utilizada neste Cartão VI nesta última posição, é sobretudo Viável. Nos Cartões II, III e V a Fantasia também é sobretudo Viável. Assim sendo, nesta idade, apesar do recurso à Fantasia ser necessário em algumas situações para gerir a ansiedade despoletada, há uma maior ligação à realidade.

Quadro 63. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 7 anos (N = 34)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	35.3	8.8	2.9	26.5		29.4	35.3	14.7	11.8
1ª Muita Aflição	26.5	20.6	8.8	23.5	5.9	5.9	5.9	8.8	5.9
1ª Fantasia Viável		14.7	11.8	8.8	11.8	8.8		8.8	11.8
1ª Fantasia Mágica			8.8	2.9	2.9		5.9	2.9	5.9
1ª Realidade	38.2	55.9	67.6	38.2	79.4	55.9	52.9	64.7	64.7
2ª Aflição	17.6	8.8	2.9	23.5	8.8	38.2	11.8	26.5	20.6
2ª Muita Aflição	26.5	23.5	14.7	5.9	5.9	8.8	5.9		8.8
2ª Fantasia Viável	5.9	17.6	29.4		41.2	11.8	8.8	8.8	20.6
2ª Fantasia Mágica		2.9	8.8	14.7	2.9		2.9	14.7	5.9

2ª Realidade	50.0	47.1	44.1	55.9	41.2	41.2	70.6	50.0	44.1
3ª Aflição	11.8	5.9	5.9	38.9	17.6	23.5	11.8	2.9	11.8
3ª Muita Aflição	11.8	23.5	11.8	8.8	2.9	5.9	26.5	17.6	5.9
3ª Fantasia Viável		38.2	26.5	17.6	26.5	29.4	5.9	5.9	23.5
3ª Fantasia Mágica	2.9	8.8	2.9	20.6	14.7	11.8	2.9	2.9	5.9
3ª Realidade	73.5	23.5	52.9	20.6	38.2	29.4	52.9	70.6	52.9

Observando o Quadro 63, referente aos 7 anos de idade, constata-se que nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo), as Cenas de Aflição escolhidas são na sua maioria Cenas de Aflição e não de Muita Aflição. Assim, estes Cartões terão uma abordagem inicial de aflição, embora não muito intensa. Também no Cartão VII (escola) a maioria são Cenas de Aflição. As Cenas de Fantasia na 1ª posição escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e IX (nascimento de um irmão) são sobretudo Cenas de Fantasia Viável.

Na 2ª posição, aos 7 anos, são mais escolhidas Cenas de Aflição no Cartão VI (briga dos pais). No Cartão V (dia de aniversário) são maioritariamente escolhidas Cenas de Fantasia Viável.

Na 3ª posição, aos 7 anos, são mais escolhidas Cenas de Aflição no Cartão IV. Deste modo, neste Cartão, apesar de existir muitas vezes aflição, esta é, na maioria das vezes, uma aflição adequada, podendo no entanto permanecer e impedir uma resolução adaptada do episódio. Nos Cartões II (doença), V e VI, a escolha de Fantasia para finalizar a história é sobretudo Viável. Assim sendo, nesta idade, tal como aos 6 anos, apesar do recurso à Fantasia ser necessário em algumas situações para gerir a ansiedade despoletada, há uma maior ligação à realidade, com menor recurso à onnipotência.

Quadro 64. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 8 anos (N = 38)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	26.3	15.8	2.6	26.3	5.3	23.7	23.7	15.8	18.4
1ª Muita Aflição	26.3	26.3	5.3	26.3	2.6	2.6	2.6		5.3



1ª Fantasia Viável	5.3	7.9	2.6	34.2	2.6		5.3	15.8	
1ª Fantasia Mágica	2.6	2.6	5.3				7.9		
1ª Realidade	44.7	50.0	78.9	44.7	57.9	71.1	73.7	71.1	60.5
2ª Aflição	18.4	10.5		57.9		42.1	28.9	39.5	21.1
2ª Muita Aflição	39.5	15.8	13.2	15.8			10.5	2.6	5.3
2ª Fantasia Viável	2.6	15.8	26.3		36.8	7.9	2.6		18.4
2ª Fantasia Mágica	5.3	2.6	10.5	5.3	5.3		5.3	10.5	5.3
2ª Realidade	34.2	55.3	50.0	21.1	57.9	50.0	52.6	47.4	50.0
3ª Aflição	2.6	2.6	2.6	21.1	23.7	34.2	7.9	7.9	13.2
3ª Muita Aflição	13.2	23.7	21.1	7.9		15.8	26.3	2.6	7.9
3ª Fantasia Viável	2.6	39.5	28.9	10.5	5.3	18.4	2.6	5.3	15.8
3ª Fantasia Mágica	15.8	5.3	5.3	13.2	23.7	2.6	7.9	5.3	
3ª Realidade	65.8	28.9	42.1	47.1	47.4	28.9	55.3	78.9	63.2

No que se refere aos 8 anos de idade e considerando o Quadro 64, nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo) são igualmente escolhidas Cenas de Aflição e de Muita Aflição. No Cartão II (doença), quando escolhidas Cenas de Aflição, estas são maioritariamente Cenas de Muitas Aflição. As Cenas de Fantasia escolhidas no Cartão V (dia de aniversário) são sempre de Fantasia Viável.

Na 2ª posição, nesta idade, são mais escolhidas Cenas de Aflição no Cartão IV (pesadelo) e Cenas de Muita Aflição no Cartão I (passeio com a mãe). Deste modo, a emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão I parece ser intensa nesta faixa etária. As Cenas de Fantasia que são escolhidas nos Cartões III (ida à praia), V (dia de aniversário) e IX (nascimento de um irmão) são sobretudo Cenas de Fantasia Viável.

Na 3ª posição, são mais escolhidas Cenas de Aflição no Cartão VI (briga dos pais). No Cartão II (doença) verifica-se uma escolha elevada de Cenas de Fantasia Viável. No Cartão III (ida à praia), quando escolhidas Cenas de Fantasia, também são na sua maioria Cenas de Fantasia Viável. Assim sendo, também aos 8 anos o recurso à Fantasia, quando necessário, tem maior ligação à realidade. As histórias dos Cartões I e IV são maioritariamente terminadas em Realidade.

Quadro 65. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 9 anos (N = 43)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	39.5	7.0	7.0	30.2		27.9	30.2	27.9	16.3
1ª Muita Aflição	10.5	25.6	4.7	18.6	2.3	2.3	7.0		11.6
1ª Fantasia Viável	2.3	2.3		2.3	25.6				18.6
1ª Fantasia Mágica	2.3	2.3	9.3	2.3	2.3		2.3	7.0	
1ª Realidade	32.6	62.8	79.1	46.5	69.8	69.8	60.5	65.1	53.5
2ª Aflição	16.3	39.5	2.3	32.6	7.0	39.5	23.3	27.9	11.6
2ª Muita Aflição	37.2	9.3	11.6	14.0		4.7	4.7	2.3	11.6
2ª Fantasia Viável	2.3	11.6	20.9		32.6	4.7			16.3
2ª Fantasia Mágica			4.7	11.6	4.7			11.6	
2ª Realidade	44.2	39.5	60.5	41.9	55.8	51.2	72.1	58.1	60.5
3ª Aflição	2.3	9.3		32.6	20.9	37.2	4.7	9.3	9.3
3ª Muita Aflição	14.0	18.6	7.0	9.3	4.7	2.3	20.9	2.3	2.3
3ª Fantasia Viável		37.2	41.9	14.0	16.3	27.9		4.7	18.6
3ª Fantasia Mágica	2.3	11.6	4.7	11.6	18.6	2.3	7.0		
3ª Realidade	81.4	23.3	46.5	32.6	39.5	30.2	67.4	83.7	69.8

Aos 9 anos de idade e considerando o Quadro 65, nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo) são sobretudo escolhidas Cenas de Aflição. As Cenas de Fantasia escolhidas no Cartão V (dia de aniversário), são na sua maioria Cenas de Fantasia Viável.

Na 2ª posição, aos 9 anos, as Cenas de Aflição escolhidas nos Cartões I, II (doença) e IV são na sua maioria de Aflição e não de Muita Aflição. No Cartão VI (briga dos pais), quando escolhidas Cenas desta categoria, são também sobretudo de Aflição. As Cenas de Fantasia que são escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e V, são sobretudo de Fantasia Viável.

Na 3ª posição, são mais escolhidas Cenas de Aflição nos Cartões IV e VI, mas são sobretudo Cenas de Aflição e não de Muita Aflição. No entanto, tal como referido anteriormente, ao encontrar sobretudo histórias terminadas em Aflição, percebe-se que

estes Cartões serão aqueles que representam situações com as quais as crianças desta faixa etária terão maior dificuldade em lidar e encontrar uma solução adequada. Nos Cartões VI e II, também surge muitas vezes o recurso à Fantasia Viável como forma de resolução da situação. Há predominância de escolha de Cenas de Fantasia Viável no Cartão III e de Cenas de Fantasia Mágica no Cartão V.

Quadro 66. Percentagem de escolha de cada categoria de Cenas (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Mágica e Viável, Realidade) na 1ª, 2ª e 3ª posições, por Cartão — 10 anos (N = 33)

Sequência das Cenas	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1ª Aflição	42.4	21.2	6.1	21.2	9.1	33.3	24.2	57.6	6.1
1ª Muita Aflição	27.3	21.2	6.1	24.2		3.0	6.1		3.0
1ª Fantasia Viável		9.1	3.0		21.2	3.0			21.2
1ª Fantasia Mágica	3.0		12.1						3.0
1ª Realidade	27.3	48.5	72.7	54.5	69.7	60.6	69.7	42.4	66.7
2ª Aflição	12.1	9.1	12.1	39.4	12.1	45.5	27.3	21.2	18.2
2ª Muita Aflição	33.3	18.2	12.1	21.2			9.1		6.1
2ª Fantasia Viável		15.2	24.2		30.3	3.0		9.1	6.1
2ª Fantasia Mágica	12.1	3.0		6.1	12.1			15.2	
2ª Realidade	42.4	54.5	51.5	33.3	45.5	51.5	63.6	54.5	69.7
3ª Aflição		3.0	6.1	21.2	15.2	33.3	6.1		9.1
3ª Muita Aflição	21.2	30.3	15.2	3.0	3.0		21.2	3.0	
3ª Fantasia Viável	6.1	27.3	18.2	27.3	15.2	36.4	6.1	9.1	18.2
3ª Fantasia Mágica	18.2	24.2	6.1	15.2	18.2	3.0	21.2	9.1	
3ª Realidade	54.5	15.2	54.5	33.3	48.5	27.3	45.5	78.8	72.7

Para as crianças mais velhas (10 anos), observando o Quadro 66, constata-se que na 1ª posição, nos Cartões I (passeio com a mãe) e VIII (quebra da jarra) são escolhidas mais Cenas de Aflição. Nos Cartões II (doença) e IV (briga dos pais), em que também há uma escolha elevada de Cenas de Aflição na 1ª posição, estas tendem a ser quer de Aflição, quer de Muita Aflição. As Cenas de Fantasia, quando escolhidas nos Cartões IX (nascimento de um irmão) e V (dia de aniversário), são somente de Fantasia Viável e no Cartão III (ida à praia) são sobretudo de Fantasia Mágica.

Na 2ª posição, aos 10 anos, são escolhidas Cenas de Muita Aflição sobretudo no Cartão I e de Aflição no Cartão IV. No Cartão VI (briga dos pais), também há uma escolha elevada de Cenas de Aflição nesta posição. As Cenas de Fantasia que são escolhidas nos Cartões III e V são de Fantasia Viável, mas no Cartão VIII há predominância de escolha de Cenas de Fantasia Mágica. Neste último Cartão, a escolha de Cenas de Fantasia surge sobretudo como uma tentativa irrealista de camuflar a situação, de modo a evitar o confronto com as consequências da mesma.

Na 3ª posição, nos Cartões II (doença), IV e VI, surge sobretudo o recurso à Fantasia Viável como forma de resolução destas situações. Em nenhum Cartão as Cenas de Aflição são as mais escolhidas, indicando uma evolução relativamente às outras idades, no que se refere à resolução adequada dos diferentes episódios apresentados.

Deste modo, e após a análise realizada, verifica-se que os padrões de resposta encontrados confirmam as características ansiogêneas dos Cartões I, II, IV, VI e VII e agora também dos dois Cartões novos VIII e IX, pela maior frequência de escolha de Cenas de Aflição e de Muita Aflição nestes Cartões em relação aos Cartões III e V. O desenvolvimento da capacidade para enfrentar a ansiedade e elaborá-la com maior flexibilidade reconhecendo as exigências da realidade, bem como da capacidade de encontrar soluções realistas, corresponde ao aumento da frequência de escolhas de Cenas de Aflição na 1ª posição e de Cenas de Realidade como desfecho das sequências organizadas para dar continuidade aos episódios apresentados nestes Cartões.

Em termos desenvolvimentais, verifica-se uma diminuição da escolha de Cenas de Fantasia com a idade, na maioria destes Cartões.

Também se verifica que nos Cartões III e V, tal como esperado, uma vez que representam situações agradáveis, surge uma maior escolha de Cenas de Fantasia Viável e Mágica e de Realidade e menor escolha de Cenas de Aflição e Muita Aflição. Verifica-se, em termos de desenvolvimento, que, à medida que as crianças vão crescendo, também estas situações vão sendo geridas de uma forma mais adaptada.

Nos Quadros 67 a 75 são apresentadas as percentagens de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências por idade, para cada Cartão, de modo a facilitar a análise.

Quadro 67. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão I (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	40.0	33.3	61.8	52.6	50.0	69.7
1ª Fantasia	17.2	11.1		2.6	4.6	3.0
1ª Realidade	42.9	55.6	38.2	44.7	32.6	27.3
2ª Aflição	31.5	41.7	44.1	57.9	53.5	45.4
2ª Fantasia	25.7	16.7	5.9	7.9	2.3	12.1
2ª Realidade	42.9	41.7	50.0	34.2	44.2	42.4
3ª Aflição	28.6	25.0	23.6	15.8	16.3	21.2
3ª Fantasia	37.2	13.9	2.9	18.4	2.3	24.3
3ª Realidade	34.3	61.1	73.5	65.8	81.4	54.5

Observando o Quadro 67 verifica-se, para o Cartão I (passeio com a mãe), um aumento de escolha de Cenas de Aflição na 1ª posição da sequência à medida que a idade vai aumentando e uma redução de escolha de Cenas de Fantasia. As Cenas de Realidade na 1ª posição, apesar de serem sempre elevadas, vão também diminuindo com a idade.

As escolhas são semelhantes para a 2ª posição da sequência. À medida que a idade vai aumentando verifica-se um aumento de escolha de Cenas de Aflição e uma redução de escolha de Cenas de Fantasia, apesar de um ligeiro aumento na escolha de Cenas de Fantasia na faixa etária dos 10 anos. A escolha de Cenas de Realidade não apresenta grandes diferenças nas diversas idades.

No que concerne às escolhas para a 3ª posição da sequência, verifica-se que à medida que a idade vai aumentando há uma diminuição da escolha de Cenas de Aflição, apesar de um ligeiro aumento na faixa etária dos 10 anos. Quanto às Cenas de Fantasia,

a sua escolha é elevada aos 5 e aos 10 anos e quase nula aos 7 e 9 anos. A escolha de Cenas de Realidade é menor aos 5 anos e bastante elevada nas restantes faixas etárias, sobretudo aos 9 anos.

Relativamente à comparação dos resultados agora obtidos com os de estudos anteriores, tal como referido anteriormente, a comparação é possível, com as devidas limitações relativas às faixas etárias das amostras com o segundo estudo de Fagulha (1992) (N= 245, com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade) e com o estudo de Fagulha de 1997 (amostra de 70 crianças de 5 anos, 70 crianças de 9 anos e 70 crianças de 10/11 anos), e fundamentalmente nos Cartões IV e VI, considerando as alterações sofridas pela prova. No estudo experimental de Fagulha (1992), esta análise não foi feita, pelo que não são possíveis as comparações.

Assim, em 1992 e em 1997, tal como no presente estudo, verifica-se que a resposta mais frequente à situação representada neste Cartão I (perder-se da mãe) corresponde a uma primeira reacção de aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, dando depois lugar à elaboração que pode passar pelo recurso à fantasia (sobretudo nas crianças mais novas), tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista.

Também os resultados obtidos por Capinha (2012) vão ao encontro dos já obtidos anteriormente.

Quadro 68. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão II (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	37.2	33.3	29.4	42.1	32.6	42.4
1ª Fantasia	11.4	16.7	14.7	7.9	4.6	9.1
1ª Realidade	51.4	50.0	55.9	50.0	62.8	48.5
2ª Aflição	51.4	50.0	32.3	26.3	48.8	27.3
2ª Fantasia	25.7	16.7	20.5	18.4	11.6	18.2
2ª Realidade	22.9	33.3	47.1	55.3	39.5	54.5

3ª Aflição	28.6	30.5	29.4	26.3	27.9	33.3
3ª Fantasia	51.4	44.4	47.0	44.8	48.8	51.5
3ª Realidade	20.0	25.0	23.5	28.9	23.3	15.2

Observando o Quadro 68 verifica-se, para o Cartão II (doença), que na 1ª posição da sequência a escolha de Cenas de Aflição é idêntica na maioria das idades. Nas respostas das crianças mais novas há maior escolha de Cenas de Fantasia do que nas respostas das crianças mais velhas. A escolha de Cenas de Realidade é elevada e mantém-se semelhante nas diversas faixas etárias.

Nas escolhas da 2ª posição da sequência verifica-se um decréscimo de Cenas de Aflição à medida que a idade vai aumentando, embora haja um aumento significativo da escolha de Cenas de Aflição pelas crianças de 9 anos. Verifica-se que a escolha de Cenas de Fantasia é mais baixa aos 9 anos, sendo idêntica nas restantes faixas etárias. Verifica-se ainda um aumento com a idade na escolha de Cenas de Realidade nesta posição.

Relativamente às escolhas para a 3ª posição da sequência, verifica-se que a escolha de Cenas de Aflição é semelhante para todas as idades. A escolha de Cenas de Fantasia é a que tem uma maior expressão, sendo a sua escolha idêntica nas diversas idades. As Cenas de Realidade, são menos escolhidas e, apesar de aumentarem com a idade, têm um ligeiro decréscimo aos 9 e 10 anos.

Deste modo, no presente estudo e também nos estudos anteriores (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a) verifica-se que, para lidar com a situação de doença representada neste Cartão II, surge maioritariamente uma primeira reacção de Aflição ou de Realidade, com uma predominância de tentativas de resolução pela Fantasia. Assim, de modo a lidar com a ansiedade suscitada pela situação de doença, a qual ultrapassa a capacidade de controlo pessoal, há um recurso acrescido à Fantasia, em todas as idades.

Quadro 69. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão III (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	17.2	22.2	11.7	7.9	11.7	12.2
1ª Fantasia	31.4	25.0	20.6	13.2	9.3	15.1
1ª Realidade	51.4	52.8	67.6	78.9	79.1	72.7
2ª Aflição	28.6	19.5	17.6	13.2	13.9	24.2
2ª Fantasia	28.5	30.6	38.2	36.8	25.6	24.2
2ª Realidade	42.9	50.0	44.1	50.0	60.5	51.5
3ª Aflição	11.4	30.6	17.7	23.7	7.0	21.3
3ª Fantasia	42.9	33.3	29.4	34.2	46.6	24.3
3ª Realidade	45.7	36.1	52.9	42.1	46.5	54.5

Observando o Quadro 69, referente ao Cartão III (ida à praia), verifica-se, de modo geral, uma presença baixa de escolhas de Aflição na 1ª posição.

Na 2ª posição a escolha de Cenas de Aflição também não é muito elevada, sendo ligeiramente mais alta aos 5 e 10 anos.

Na 3ª posição a escolha de Cenas de Aflição é também reduzida, sendo um pouco mais alta aos 6, 8 e 10 anos.

Verifica-se uma presença elevada de escolhas de Realidade em todas as posições e idades, tendencialmente mais alta nas crianças mais velhas. Também se verifica, em geral, uma diminuição da presença de Cenas de Fantasia com a idade nas diferentes posições da sequência. Deste modo e dadas as características da situação apresentada (ida à praia com os pais e encontro com outras crianças), ao contrário do que acontece nos Cartões que remetem para situações ansiogêneas, neste Cartão III é de esperar um predomínio de Cenas de Realidade e Fantasia e uma redução de Cenas de Aflição, nas diversas idades.

Estes resultados vão ao encontro dos resultados dos estudos anteriores de Fagulha (1992, 1997; Capinha, 2012). À medida que as crianças vão crescendo,



adquirem maior experiência em situações de convívio com os pares, tornando-se estes momentos mais naturais e geradores de menos ansiedade. Será de admitir que o aumento de escolha de Cenas de Aflição aos 10 anos possa corresponder a eventuais reacções de adaptação a um novo contexto e ambiente escolar, nas crianças desta faixa etária que frequentam o 5º ano.

Quadro 70. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IV (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	51.4	44.4	50.0	52.6	48.8	45.4
1ª Fantasia	20.0	16.7	11.7	2.6	4.6	
1ª Realidade	28.6	38.9	38.2	44.7	46.5	54.5
2ª Aflição	40.0	44.5	29.4	73.7	46.6	60.6
2ª Fantasia	17.1	22.2	14.7	5.3	11.6	6.1
2ª Realidade	42.9	33.3	55.9	21.1	41.9	33.3
3ª Aflição	45.7	47.2	47.7	29.0	41.9	24.2
3ª Fantasia	40.0	27.8	38.2	23.7	25.6	42.5
3ª Realidade	14.3	25.0	20.6	47.1	32.6	33.3

Ao observar o Quadro 70, referente ao Cartão IV (pesadelo), constata-se que na 1ª posição da sequência há, para todas as idades, uma escolha elevada de Cenas de Aflição. À medida que a idade vai aumentando há uma redução de escolha de Cenas de Fantasia e um aumento de escolha de Cenas de Realidade.

Na 2ª posição da sequência, à medida que a idade vai aumentando também há uma redução de escolha de Cenas de Fantasia. A escolha de Cenas de Aflição nesta posição aumenta com a idade, apesar de haver uma redução aos 7 anos. A escolha de Cenas de Realidade é mais elevada aos 5, 7 e 9 anos de idade.

No que concerne às escolhas para a 3ª posição da sequência, verifica-se que, à medida que a idade vai aumentando, há uma diminuição da escolha de Cenas de Aflição, apesar de haver um ligeiro aumento aos 9 anos. Verifica-se também um aumento da

escolha de Cenas de Realidade com a idade. As Cenas de Fantasia diminuem com a idade, apesar de aumentarem significativamente aos 10 anos.

Assim, e tal como no Cartão I, verifica-se que a resposta mais frequente à situação representada neste Cartão IV (pesadelo) corresponde a uma primeira reacção de aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, dando depois lugar à elaboração, que pode passar pelo recurso à fantasia (sobretudo nas crianças mais novas), tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista (à medida que a criança vai crescendo). Apesar das alterações introduzidas neste Cartão, os resultados obtidos vão, na sua generalidade, ao encontro dos resultados obtidos em estudos anteriores (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a). Estes resultados mostram, desta forma, a dificuldade normal da criança em se situar entre a fantasia e a realidade, perante uma experiência onírica angustiante.

Quadro 71. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão V (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	20.0	16.6	5.9	7.9	2.3	9.1
1ª Fantasia	34.3	41.7	14.7	34.2	27.9	21.2
1ª Realidade	45.7	41.7	79.4	57.9	69.8	69.7
2ª Aflição	5.8	13.9	14.7		7.0	12.1
2ª Fantasia	51.5	55.6	44.1	42.1	37.3	42.4
2ª Realidade	42.9	30.6	41.2	57.9	55.8	45.5
3ª Aflição	22.8	27.8	20.5	23.7	25.6	18.2
3ª Fantasia	37.2	33.3	41.2	29.0	34.9	33.4
3ª Realidade	40.0	38.9	38.2	47.4	39.5	48.5

Tal como o Cartão III, este Cartão remete para uma situação especialmente agradável — o dia de aniversário. As escolhas das crianças são semelhantes em ambos os Cartões. Observando o Quadro 71 verifica-se, de modo geral, uma presença baixa de escolhas de Aflição, quer na 1ª quer nas restantes posições, apesar de ser mais elevada na 3ª posição, na generalidade das idades.

Verifica-se uma presença elevada de escolha de Cenas de Fantasia em todas as posições e idades. As Cenas de Realidade são também muito escolhidas em todas as posições, sobretudo pelas crianças mais velhas.

Deste modo, dadas as características da situação, tal como acontece no Cartão III e ao contrário do que acontece nos Cartões que remetem para situações ansiogêneas, neste Cartão V há um predomínio de escolha de Cenas de Realidade e Fantasia e uma redução de Cenas de Aflição, nas diversas idades. Estes resultados são idênticos aos dos estudos anteriores (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a), confirmando que, à medida que as crianças vão crescendo, é esperado que lidem melhor com a expectativa de receberem os parabéns e os presentes associados ao dia de aniversário, e com a culpabilidade que pode contrariar essas expectativas. Deste modo, a escolha de Cenas de Aflição neste Cartão, representando uma reacção negativa ao dia de aniversário, poderá indicar uma relação de objecto deteriorada (Fagulha, 1992).

Quadro 72. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VI (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	28.6	19.4	35.3	26.3	30.2	36.3
1ª Fantasia	25.7	25.0	8.8	2.6		3.0
1ª Realidade	45.7	55.6	55.9	71.1	69.8	60.6
2ª Aflição	45.7	50.0	47.0	42.1	44.2	45.5
2ª Fantasia	22.9	25.0	11.8	7.9	4.7	3.0
2ª Realidade	31.4	25.0	41.2	50.0	51.2	51.5
3ª Aflição	42.8	36.1	29.4	50.0	39.5	33.3
3ª Fantasia	25.7	38.9	41.2	21.0	30.2	39.4
3ª Realidade	31.4	25.0	29.4	28.9	30.2	27.3

Observando o Quadro 72, referente ao Cartão VI (briga dos pais), verifica-se a presença elevada de escolha de Cenas de Aflição em todas as posições e idades.

Nas 1ª e 2ª posições, a escolha de Cenas de Fantasia é reduzida e decresce com a idade. A escolha de Cenas de Fantasia é mais elevada na 3ª posição, sobretudo aos 6, 7 e 10 anos. A escolha de Cenas de Realidade aumenta com a idade nas 1ª e 2ª posições e na 3ª posição mantém-se idêntica para todas as idades.

Poderá assim deduzir-se que a situação representada no Cartão VI (discussão dos pais) é considerada como um fenómeno da realidade que despoleta uma reacção de aflição na criança, cuja resolução, dependendo essencialmente dos pais, tende a ser realista ou com recurso à fantasia. Estes resultados vão ao encontro dos já obtidos em estudos anteriores (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a), mesmo tendo em consideração as alterações introduzidas nas Cenas deste Cartão.

Quadro 73. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VII (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	42.8	22.2	41.2	26.3	37.2	30.3
1ª Fantasia	20.0	11.2	5.9		2.3	
1ª Realidade	37.1	66.7	52.9	73.7	60.5	69.7
2ª Aflição	25.8	36.1	17.7	39.4	28	36.4
2ª Fantasia	37.2	13.9	11.7	7.9		
2ª Realidade	37.1	50.0	70.6	52.6	72.1	63.6
3ª Aflição	42.8	30.5	38.3	34.2	25.6	27.3
3ª Fantasia	37.1	13.9	8.8	10.5	7.0	27.3
3ª Realidade	20.0	55.6	52.9	55.3	67.4	45.5

No Quadro 73, que se refere ao Cartão VII (escola), verifica-se que a escolha de Cenas de Aflição está bastante presente em todas as posições e idades.

A escolha de Cenas de Fantasia é reduzida em todas as posições e decresce com a idade, sendo claramente mais elevada aos 5 anos. No entanto, é de salientar um aumento significativo da escolha de Cenas de Fantasia na 3ª posição aos 10 anos. As

Cenas de Realidade são as mais escolhidas em todas as posições e a frequência de escolha aumenta com a idade.

Os resultados obtidos vão ao encontro dos estudos anteriores (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a), sendo de esperar que à medida que vão progredindo na escola, as crianças revelem maior capacidade de adaptação no confronto com as exigências da aprendizagem, demonstrando uma tendência por resoluções realisticamente adequadas às situações críticas. O recurso à Fantasia é uma estratégia mais frequentemente adoptada pelas crianças mais novas. Capinha (2012) identificou um aumento na escolha de Cenas de Fantasia para concluir as histórias aos 10/11 anos.

Quadro 74. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VIII (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	17.1	27.7	23.5	15.8	27.9	57.6
1ª Fantasia	28.5	19.5	11.7	13.2	7.0	
1ª Realidade	54.3	52.8	64.7	71.1	65.1	42.4
2ª Aflição	22.9	41.7	26.5	42.1	30.2	21.2
2ª Fantasia	31.4	25.0	23.5	10.5	11.6	24.3
2ª Realidade	45.7	33.3	50.0	47.4	58.1	54.5
3ª Aflição	45.7	27.8	20.5	10.5	11.6	3.0
3ª Fantasia	25.7	25.0	8.8	10.6	4.7	18.2
3ª Realidade	28.6	47.2	70.6	78.9	83.7	78.8

Observando o Quadro 74, onde se apresentam os dados relativos ao Cartão VIII (quebra da jarra), pode verificar-se que, na 1ª posição, a escolha de Cenas de Aflição aumenta com a idade, apesar de um decréscimo aos 8 anos. De facto, aos 10 anos a Aflição na 1ª posição é mais elevada, correspondendo a uma maior capacidade de reconhecimento da culpa. A escolha de Cenas de Fantasia nesta posição decresce também com a idade, sendo nula aos 10 anos. A escolha de Cenas de Realidade está muito presente em todas as idades, com um aumento significativo aos 8 anos.

Na 2ª posição, há uma escolha elevada de Cenas de Aflição em todas as idades, com maior expressão aos 6 e 8 anos. A escolha de Cenas de Fantasia tende a decrescer com a idade, apesar dum aumento aos 10 anos. Uma vez mais, a escolha de Cenas de Realidade está muito presente em todas as idades.

Na 3ª posição, a escolha de Cenas de Aflição diminui com a idade, sendo bastante elevada aos 5 anos e quase nula aos 10 anos. A escolha de Cenas de Fantasia também diminui com a idade, mas uma vez mais aumenta aos 10 anos. A escolha de Cenas de Realidade é muito elevada a partir dos 7 anos.

Poderá assim deduzir-se que a situação representada neste Cartão VIII (quebra das normas e sua consequência) é considerada como um fenómeno da realidade que causa alguma aflição, mas que se poderá gerir realisticamente na maioria das idades. Exceptuam-se as crianças de 5 anos, em que a aflição gerada pela situação apresentada neste Cartão tende a irromper na finalização das histórias, revelando que a fuga pela Fantasia não funciona nas idades mais precoces. Este mecanismo de fuga pela Fantasia está muito presente nas crianças de 10 anos, sendo que nesta idade poderá ajudar a distinguir as crianças que aceitam que infringiram regras e podem lidar com a situação, das crianças que tentam iludir a sua responsabilidade e culpa.

Quadro 75. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição, Fantasia e Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IX (N = 219)

	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Sequência das Cenas	N = 35	N = 36	N = 34	N = 38	N = 43	N = 33
1ª Aflição	14.3	19.5	17.7	23.7	27.9	9.1
1ª Fantasia	22.8	11.1	17.7	15.8	18.6	24.2
1ª Realidade	62.9	69.4	64.7	60.5	53.5	66.7
2ª Aflição	31.5	36.1	29.4	26.4	23.2	24.3
2ª Fantasia	31.4	25.0	26.5	23.7	16.3	6.1
2ª Realidade	37.1	38.9	44.1	50.0	60.5	69.7
3ª Aflição	34.3	19.8	17.7	21.1	11.6	9.1
3ª Fantasia	31.4	33.3	29.4	15.8	18.6	18.2
3ª Realidade	34.3	47.2	52.9	63.2	69.8	72.7

Ao observar o Quadro 75, correspondente ao Cartão IX (nascimento de um irmão), verifica-se que, na 1ª posição, a escolha de Cenas de Aflição aumenta com a idade, mas aos 10 anos é muito reduzida. A escolha de Cenas de Fantasia nesta posição é mais elevada aos 5 anos e aos 10 anos de idade. A escolha de Cenas de Realidade está muito presente em todas as idades.

Na 2ª posição, a escolha de Cenas de Aflição e de Fantasia diminui com a idade. Uma vez mais, a escolha de Cenas de Realidade está muito presente e aumenta com a idade.

Na 3ª posição, a escolha de Cenas de Aflição diminui com a idade, estando sobretudo presente aos 5 anos. A escolha de Cenas de Fantasia também decresce com a idade. A escolha de Cenas de Realidade é muito elevada e aumenta com a idade.

Deduz-se assim que a situação representada neste Cartão IX (nascimento de um irmão), é considerada como um fenómeno da realidade que causa aflição, sobretudo numa 2ª elaboração e nas crianças mais novas. A maioria das soluções é realista e adaptativa, havendo maior recurso à fantasia por parte das crianças mais novas.

Como referido anteriormente, as categorias de Aflição e Fantasia subdividem-se, pelo que importava também conhecer a forma como as escolhas das crianças correspondem a Aflição ou Muita Aflição e a Fantasia Viável ou Fantasia Mágica nos diferentes Cartões. Deste modo, nos Quadros 76 a 84 são agora apresentadas as percentagens de escolha de cada categoria das Cenas, discriminando entre Aflição e Muita Aflição e entre Fantasia Mágica e Fantasia Viável. Embora as Cenas de Realidade não tenham subdivisão, para facilidade de consulta optou-se por introduzi-las nos quadros apresentados. Tal como também já foi referido anteriormente, esta subdivisão não foi analisada nos estudos anteriores, pelo que não é possível a comparação de dados.

Quadro 76. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão I (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	28.6	13.9	35.3	26.3	39.5	42.4
1ª Muita Aflição	11.4	19.4	26.5	26.3	10.5	27.3
1ª Fantasia Viável	2.9	2.8			2.3	
1ª Fantasia Mágica	14.3	8.3		2.6	2.3	3.0
1ª Realidade	42.9	55.6	38.2	44.7	32.6	27.3
2ª Aflição	2.9	13.9	17.6	18.4	16.3	12.1
2ª Muita Aflição	28.6	27.8	26.5	39.5	37.2	33.3
2ª Fantasia Viável	11.4	13.9	5.9	2.6	2.3	
2ª Fantasia Mágica	14.3	2.8		5.3		12.1
2ª Realidade	42.9	41.7	50.0	34.2	44.2	42.4
3ª Aflição	2.9	2.8	11.8	2.6	2.3	
3ª Muita Aflição	25.7	22.2	11.8	13.2	14.0	21.2
3ª Fantasia Viável	8.6	11.1		2.6		6.1
3ª Fantasia Mágica	28.6	2.8	2.9	15.8	2.3	18.2
3ª Realidade	34.3	61.1	73.5	65.8	81.4	54.5

Observando o Quadro 76 verifica-se, para o Cartão I (passeio com a mãe), que a maioria das Cenas de Aflição escolhidas na 1ª posição nas diversas idades são Cenas de Aflição e não de Muita Aflição. A maioria das Cenas de Fantasia escolhidas nesta primeira posição são Cenas de Fantasia Mágica.

Na 2ª posição da sequência, verifica-se uma escolha sobretudo de Cenas de Muita Aflição, à medida que a idade vai aumentando. As Cenas de Fantasia escolhidas aos 5 e aos 10 anos, nesta posição, são sobretudo Cenas de Fantasia Mágica e, nas restantes idades, de Fantasia Viável.



Relativamente à 3ª posição da sequência, verifica-se que a maioria das Cenas de Aflição escolhidas são Cenas de Muita Aflição. Relativamente às Cenas de Fantasia, a sua escolha é de Fantasia Mágica sobretudo aos 5, 8 e 10 anos.

Deste modo, verifica-se que quando a resposta de Aflição face à situação representada neste Cartão I (perder-se da mãe) permanece, tende a tornar-se mais intensa — Muita Aflição. Por outro lado, quando há recurso à Fantasia como tentativa de resolução da situação, esta tende a ser sobretudo Fantasia Mágica aos 5, 8 e 10 anos de idade.

Quadro 77. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão II (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	14.3	8.3	8.8	15.8	7.0	21.2
1ª Muita Aflição	22.9	25.0	20.6	26.3	25.6	21.2
1ª Fantasia Viável	11.4	5.6	14.7	5.3	2.3	9.1
1ª Fantasia Mágica		11.1		2.6	2.3	
1ª Realidade	51.4	50.0	55.9	50.0	62.8	48.5
2ª Aflição	17.1	13.9	8.8	10.5	39.5	9.1
2ª Muita Aflição	34.3	36.1	23.5	15.8	9.3	18.2
2ª Fantasia Viável	25.7	13.9	17.6	15.8	11.6	15.2
2ª Fantasia Mágica		2.8	2.9	2.6		3.0
2ª Realidade	22.9	33.3	47.1	55.3	39.5	54.5
3ª Aflição	5.7	11.1	5.9	2.6	9.3	3.0
3ª Muita Aflição	22.9	19.4	23.5	23.7	18.6	30.3
3ª Fantasia Viável	37.1	33.3	38.2	39.5	37.2	27.3
3ª Fantasia Mágica	14.3	11.1	8.8	5.3	11.6	24.2
3ª Realidade	20.0	25.0	23.5	28.9	23.3	15.2

Observando o Quadro 77 verifica-se, para o Cartão II (doença), que as Cenas de Aflição escolhidas na 1ª posição em todas as idades são maioritariamente Cenas de

Muita Aflição. A escolha de Cenas de Fantasia corresponde sobretudo a Fantasia Viável, apesar de aos 6 anos serem escolhidas mais Cenas de Fantasia Mágica.

Nas escolhas da 2ª posição da sequência, verifica-se que para a maioria das idades são escolhidas Cenas de Muita Aflição. Embora haja um aumento significativo da escolha de Cenas de Aflição pelas crianças de 9 anos, esta é a faixa etária em que não são escolhidas maioritariamente Cenas de Muita Aflição. Verifica-se que a escolha de Cenas de Fantasia corresponde sobretudo a Fantasia Viável.

Relativamente às escolhas para a 3ª posição da sequência, verifica-se sobretudo a escolha de Cenas de Muita Aflição para todas as idades. A escolha de Cenas de Fantasia é a que tem uma maior expressão, sendo sobretudo Cenas de Fantasia Viável.

Deste modo, verifica-se que para lidar com a situação de doença representada neste Cartão II, quando surge uma primeira reacção de Aflição esta é maioritariamente uma reacção de Muita Aflição. Havendo uma predominância de tentativas de resolução pela Fantasia, estas são sobretudo através de Fantasia Viável. É de salientar a tendência à permanência da aflição sobretudo nas crianças mais velhas, que tendem a encerrar a história ou em Fantasia Mágica ou em Muita Aflição.

Quadro 78. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão III (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	2.9	8.3	2.9	2.6	7.0	6.1
1ª Muita Aflição	14.3	13.9	8.8	5.3	4.7	6.1
1ª Fantasia Viável	5.7	11.1	11.8	7.9		3.0
1ª Fantasia Mágica	25.7	13.9	8.8	5.3	9.3	12.1
1ª Realidade	51.4	52.8	67.6	78.9	79.1	72.7
2ª Aflição	8.6	5.6	2.9		2.3	12.1
2ª Muita Aflição	20.0	13.9	14.7	13.2	11.6	12.1
2ª Fantasia Viável	17.1	25.0	29.4	26.3	20.9	24.2
2ª Fantasia Mágica	11.4	5.6	8.8	10.5	4.7	

2ª Realidade	42.9	50.0	44.1	50.0	60.5	51.5
3ª Aflição		5.6	5.9	2.6		6.1
3ª Muita Aflição	11.4	25.0	11.8	21.1	7.0	15.2
3ª Fantasia Viável	20.0	25.0	26.5	28.9	41.9	18.2
3ª Fantasia Mágica	22.9	8.3	2.9	5.3	4.7	6.1
3ª Realidade	45.7	36.1	52.9	42.1	46.5	54.5

Tal como referido anteriormente, dada a característica da situação apresentada (ida à praia com os pais e encontro com outras crianças), ao contrário do que acontece nos Cartões que remetem para situações ansiogêneas, neste Cartão há um predomínio de Cenas de Realidade e de Fantasia e uma redução de Cenas de Aflição, nas diversas idades.

Segundo o Quadro 78, quando há escolha de Cenas de Aflição em qualquer das posições, estas são, sobretudo nas idades mais novas, de Muita Aflição. As Cenas de Fantasia escolhidas, são sobretudo de Fantasia Mágica na 1ª posição e de Fantasia Viável nas 2ª e 3ª posições.

Deste modo, a situação de convívio com os pares parece desencadear maior ansiedade e dificuldade nas crianças mais novas.

Quadro 79. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IV (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	17.1	19.4	26.5	26.3	30.2	21.2
1ª Muita Aflição	34.3	25.0	23.5	26.3	18.6	24.2
1ª Fantasia Viável	14.3	5.6	8.8	2.6	2.3	
1ª Fantasia Mágica	5.7	11.1	2.9		2.3	
1ª Realidade	28.6	38.9	38.2	44.7	46.5	54.5
2ª Aflição	28.6	27.8	23.5	57.9	32.6	39.4
2ª Muita Aflição	11.4	16.7	5.9	15.8	14.0	21.2
2ª Fantasia Viável	5.7	2.8				

2ª Fantasia Mágica	11.4	19.4	14.7	5.3	11.6	6.1
2ª Realidade	42.9	33.3	55.9	21.1	41.9	33.3
3ª Aflição	20.0	36.1	38.9	21.1	32.6	21.2
3ª Muita Aflição	25.7	11.1	8.8	7.9	9.3	3.0
3ª Fantasia Viável	5.7	13.9	17.6	10.5	14.0	27.3
3ª Fantasia Mágica	34.3	13.9	20.6	13.2	11.6	15.2
3ª Realidade	14.3	25.0	20.6	47.1	32.6	33.3

Ao observar o Quadro 79, referente ao Cartão IV (pesadelo), constata-se que na 1ª posição da sequência há, para todas as idades, uma escolha elevada de Cenas de Aflição, predominando as Cenas de Muita Aflição aos 5, 6 e 10 anos. As Cenas de Fantasia escolhidas são sobretudo de Fantasia Viável, exceptuando aos 6 anos em que há predomínio de Cenas de Fantasia Mágica. No entanto, a Fantasia tem, neste Cartão, pouca expressão, diminuindo com a idade.

Na 2ª posição da sequência as Cenas de Fantasia escolhidas são sobretudo de Fantasia Mágica. A escolha de Cenas de Aflição nesta posição aumenta com a idade, e são sobretudo escolhidas Cenas de Aflição e não de Muita Aflição.

Na 3ª posição da sequência, verifica-se que as Cenas de Aflição escolhidas são sobretudo de Aflição, excepto aos 5 anos, em que predominam as Cenas de Muita Aflição. As Cenas de Fantasia escolhidas, são de Fantasia Mágica nas crianças mais novas e de Fantasia Viável nas mais velhas.

Assim, verifica-se que a resposta mais frequente à situação representada neste Cartão corresponde a uma reacção de Aflição ou de Muita Aflição (nas crianças mais novas). A elaboração, que pode passar pelo recurso à Fantasia, tende a encontrar soluções realistas nas crianças mais velhas e soluções de fantasia de onipotência nas crianças mais novas.

Quadro 80. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão V (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	11.4	8.3		5.3		9.1
1ª Muita Aflição	8.6	8.3	5.9	2.6	2.3	
1ª Fantasia Viável	34.3	30.6	11.8	34.2	25.6	21.2
1ª Fantasia Mágica		11.1	2.9		2.3	
1ª Realidade	45.7	41.7	79.4	57.9	69.8	69.7
2ª Aflição	2.9	8.3	8.8		7.0	12.1
2ª Muita Aflição	2.9	5.6	5.9			
2ª Fantasia Viável	28.6	38.9	41.2	36.8	32.6	30.3
2ª Fantasia Mágica	22.9	16.7	2.9	5.3	4.7	12.1
2ª Realidade	42.9	30.6	41.2	57.9	55.8	45.5
3ª Aflição	11.4	16.7	17.6	23.7	20.9	15.2
3ª Muita Aflição	11.4	11.1	2.9		4.7	3.0
3ª Fantasia Viável	22.9	19.4	26.5	5.3	16.3	15.2
3ª Fantasia Mágica	14.3	13.9	14.7	23.7	18.6	18.2
3ª Realidade	40.0	38.9	38.2	47.4	39.5	48.5

Tal como no Cartão III, e observando o Quadro 80, verifica-se no Cartão V (dia de aniversário), de modo geral, uma presença baixa de escolhas de Aflição e Muita Aflição.

Verifica-se uma presença elevada de escolha de Cenas de Fantasia Viável em todas as posições e idades, excepto na 3ª posição aos 9 e 10 anos, em que predominam as Cenas de Fantasia Mágica, o que pode indicar o seu desejo de receberem muitos presentes e atenção nesse dia.

Quadro 81. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VI (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	20.0	8.3	29.4	23.7	27.9	33.3
1ª Muita Aflição	8.6	11.1	5.9	2.6	2.3	3.0
1ª Fantasia Viável	17.1	16.7	8.8	2.6		3.0
1ª Fantasia Mágica	8.6	8.3				
1ª Realidade	45.7	55.6	55.9	71.1	69.8	60.6
2ª Aflição	37.1	44.4	38.2	42.1	39.5	45.5
2ª Muita Aflição	8.6	5.6	8.8		4.7	
2ª Fantasia Viável	22.9	22.2	11.8	7.9	4.7	3.0
2ª Fantasia Mágica		2.8				
2ª Realidade	31.4	25.0	41.2	50.0	51.2	51.5
3ª Aflição	31.4	25.0	23.5	34.2	37.2	33.3
3ª Muita Aflição	11.4	11.1	5.9	15.8	2.3	
3ª Fantasia Viável	20.0	27.8	29.4	18.4	27.9	36.4
3ª Fantasia Mágica	5.7	11.1	11.8	2.6	2.3	3.0
3ª Realidade	31.4	25.0	29.4	28.9	30.2	27.3

Observando o Quadro 81, referente ao Cartão VI (briga dos pais), verifica-se a presença elevada de escolha de Cenas de Aflição em todas as posições e idades, não sendo estas maioritariamente de Muita Aflição.

A escolha de Cenas de Fantasia é, em todas as posições, predominantemente de Cenas de Fantasia Viável.

Assim, tal como referido anteriormente, a maioria das crianças considerará a briga dos pais um fenómeno da realidade, que desencadeia um sinal de aflição e face à qual procuram uma fuga pela fantasia.

Quadro 82. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VII (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	17.1	11.1	35.3	23.7	30.2	24.2
1ª Muita Aflição	25.7	11.1	5.9	2.6	7.0	6.1
1ª Fantasia Viável	11.4	5.6				
1ª Fantasia Mágica	8.6	5.6	5.9		2.3	
1ª Realidade	37.1	66.7	52.9	73.7	60.5	69.7
2ª Aflição	2.9	25.0	11.8	28.9	23.3	27.3
2ª Muita Aflição	22.9	11.1	5.9	10.5	4.7	9.1
2ª Fantasia Viável	14.3	11.1	8.8	2.6		
2ª Fantasia Mágica	22.9	2.8	2.9	5.3		
2ª Realidade	37.1	50.0	70.6	52.6	72.1	63.6
3ª Aflição	17.1	8.3	11.8	7.9	4.7	6.1
3ª Muita Aflição	25.7	22.2	26.5	26.3	20.9	21.2
3ª Fantasia Viável	11.4	5.6	5.9	2.6		6.1
3ª Fantasia Mágica	25.7	8.3	2.9	7.9	7.0	21.2
3ª Realidade	20.0	55.6	52.9	55.3	67.4	45.5

No Quadro 82, que se refere ao Cartão VII (escola), verifica-se que a escolha de Cenas de Aflição está bastante presente em todas as posições e idades, sendo sobretudo, na 1ª e 2ª posições Cenas de Muita Aflição para os 5 anos e de Aflição nas restantes idades e, na 3ª posição, Cenas de Muita Aflição em todas idades.

A escolha de Cenas de Fantasia é reduzida em todas as posições e decresce com a idade, sendo claramente mais elevada e maioritariamente Mágica aos 5 anos. No entanto, é de salientar um aumento significativo de escolha de Cenas de Fantasia Mágica na 3ª posição aos 10 anos.

Assim, quando há dificuldade em gerir a situação apresentada, esta dificuldade pode ser sentida como muito intensa. Quando há necessidade de recorrer à Fantasia, será na maioria das vezes de uma forma Mágica.

Quadro 83. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão VIII (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	11.4	19.4	14.7	15.8	27.9	57.6
1ª Muita Aflição	5.7	8.3	8.8			
1ª Fantasia Viável	17.1	13.9	8.8	5.3		
1ª Fantasia Mágica	11.4	5.6	2.9	7.9	7.0	
1ª Realidade	54.3	52.8	64.7	71.1	65.1	42.4
2ª Aflição	14.3	36.1	26.5	39.5	27.9	21.2
2ª Muita Aflição	8.6	5.6		2.6	2.3	
2ª Fantasia Viável	20.0	13.9	8.8			9.1
2ª Fantasia Mágica	11.4	11.1	14.7	10.5	11.6	15.2
2ª Realidade	45.7	33.3	50.0	47.4	58.1	54.5
3ª Aflição	28.6	13.9	2.9	7.9	9.3	
3ª Muita Aflição	17.1	13.9	17.6	2.6	2.3	3.0
3ª Fantasia Viável	17.1	16.7	5.9	5.3	4.7	9.1
3ª Fantasia Mágica	8.6	8.3	2.9	5.3		9.1
3ª Realidade	28.6	47.2	70.6	78.9	83.7	78.8

Observando o Quadro 83, onde se apresentam os dados relativos ao Cartão VIII (quebra da jarra), podemos verificar que quando escolhidas Cenas de Aflição, em qualquer das posições, estas são sobretudo Cenas de Aflição e não de Muita Aflição.

A escolha de Cenas de Fantasia é sobretudo de Cenas de Fantasia Viável, excepto na 2ª posição, nas crianças mais velhas, em que a Fantasia tende a ser Mágica.

Poderá assim deduzir-se que a situação representada neste Cartão VIII (quebra das normas e sua consequência) é considerada como um fenómeno da realidade que causa alguma aflição, mas que se poderá gerir realisticamente, apesar de poder haver uma tentativa de fuga (mágica) ao problema. Tal como referido anteriormente, este aspecto poderá ter um importante valor diagnóstico.



Quadro 84. Percentagem de escolha de cada categoria de Cena (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Mágica, Realidade) em cada uma das 3 posições nas sequências — Cartão IX (N = 219)

Sequência das Cenas	5 anos N = 35	6 anos N = 36	7 anos N = 34	8 anos N = 38	9 anos N = 43	10 anos N = 33
1ª Aflição	2.9	16.7	11.8	18.4	16.3	6.1
1ª Muita Aflição	11.4	2.8	5.9	5.3	11.6	3.0
1ª Fantasia Viável	17.1	11.1	11.8	15.8	18.6	21.2
1ª Fantasia Mágica	5.7		5.9			3.0
1ª Realidade	62.9	69.4	64.7	60.5	53.5	66.7
2ª Aflição	28.6	25.0	20.6	21.1	11.6	18.2
2ª Muita Aflição	2.9	11.1	8.8	5.3	11.6	6.1
2ª Fantasia Viável	25.7	25.0	20.6	18.4	16.3	6.1
2ª Fantasia Mágica	5.7		5.9	5.3		
2ª Realidade	37.1	38.9	44.1	50.0	60.5	69.7
3ª Aflição	22.9	13.9	11.8	13.2	9.3	9.1
3ª Muita Aflição	11.4	5.9	5.9	7.9	2.3	
3ª Fantasia Viável	20.0	19.4	23.5	15.8	18.6	18.2
3ª Fantasia Mágica	11.4	13.9	5.9			
3ª Realidade	34.3	47.2	52.9	63.2	69.8	72.7

Ao observar o Quadro 84, correspondente ao Cartão IX (nascimento de um irmão), verifica-se que, na 1ª posição, há um predomínio de escolha de Cenas de Aflição excepto aos 5 anos em que estas são sobretudo de Muita Aflição. Nas restantes posições predominam as Cenas de Aflição em detrimento das Cenas de Muita Aflição, em todas as idades.

A escolha de Cenas de Fantasia em todas as posições corresponde sobretudo a Fantasia Viável.

Deduz-se assim que a situação representada neste Cartão IX (nascimento de um irmão), é causadora de aflição sobretudo nas crianças mais novas, que muitas vezes a enfrentam com recurso à fantasia.

Após esta análise Cartão a Cartão, é uma vez mais possível verificar que os padrões de resposta apresentam diferenças consoante as idades, tal como seria de esperar. À medida que crescem a maioria das crianças manifesta maior capacidade para elaborar a ansiedade, o que se representa pelo aumento de escolha de Cenas de Aflição na 1ª posição e de Cenas de Realidade como desfecho da sequência, nos Cartões que representam situações ansiogêneas. Verifica-se ainda uma diminuição na escolha de Cenas de Fantasia. Os dois novos Cartões (VIII e IX) enquadram-se no grupo dos Cartões que remetem para situações ansiogêneas, apresentando padrões de resposta semelhantes aos outros Cartões, apesar do Cartão IX poder também ser, muitas vezes, encarado como uma situação agravável.

Também as situações agradáveis representadas nos Cartões III e V vão sendo encaradas de forma mais adaptada, à medida que as crianças vão crescendo, o que se representa num aumento da escolha de Cenas de Realidade e Fantasia e num decréscimo da escolha de Cenas de Aflição.

De um modo geral, verifica-se a ocorrência de um padrão mais definido nas escolhas das crianças mais velhas, sendo o padrão menos nítido nas crianças mais novas, uma vez que as escolhas se repartem pelas três categorias de Cenas, nas três posições, de uma forma que não apresenta diferenças tão assinaláveis.

#### **III.7.1.5.4. Análise das respostas aos itens da Grelha de Análise de Respostas**

Os Quadros referentes à frequência de escolha de cada um dos itens da Grelha de Análise podem ser consultados em anexo (Anexo 9). Passa-se agora à análise dos itens da Grelha de Análise de Respostas relativos à Atitude face à prova (itens 1 a 8) e à Sequência da História (itens 30 a 43), bem como dos itens correspondentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo da História (itens 44 a 95). Já foram descritos e comentados os itens da Grelha de Análise de Respostas correspondentes à Sequência de Cenas (itens 9 a 29); no entanto, são ainda analisadas as escolhas referentes aos itens 24 a 29, não analisados anteriormente. A análise incide nos itens “nunca assinalados” e nos itens “mais frequentemente assinalados” (por mais de 100 crianças).

Em relação ao primeiro Grupo de itens “Atitude face à prova”, verifica-se que o item 5 (precisa de muito incentivo) e o item 7 (procura emparelhar as Cenas, como num lote), não são nesta amostra assinalados em nenhum dos Cartões. Assim, as crianças desta amostra colaboraram espontaneamente, e as suas respostas terão sido elaboradas adequadamente, de acordo com as instruções da prova.

Quanto ao item 4 (aflige-se), pode verificar-se que nunca foi assinalado nos Cartões III (ida à praia), V (dia de aniversário), VII (escola) e VIII (quebra da jarra). Se nos Cartões III e V tal faz sentido, dada a temática prazerosa, nos Cartões VII e VIII não parece haver um significado tão simples de interpretar.

Quanto aos restantes itens deste bloco, mais nenhum foi “nunca assinalado” ou dos “mais frequentemente assinalados”.

Dos itens 24 a 29 do grupo Sequência das Cenas, o item 24 (não escolhe Cenas de aflição) foi dos mais assinalados nos Cartões V (dia de aniversário) e IX (nascimento de um irmão). Uma vez mais, se no Cartão V tal faz sentido dada a temática prazerosa, no Cartão IX, tal como referido anteriormente, pode concluir-se que a temática não parece despertar uma ansiedade especialmente intensa nas crianças desta amostra.

O item 25 (só escolhe Cenas de Aflição), nunca foi escolhido no Cartão V (dia de aniversário), o que seria de esperar dadas as características prazerosas da situação-estímulo, e no Cartão VIII (quebra da jarra), podendo indiciar que para as crianças desta amostra a quebra das normas não é um tema particularmente angustiante.

O item 26 (só escolhe Cenas de Fantasia) nunca foi assinalado nos Cartões I (passeio com a mãe), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). Este resultado era de esperar, uma vez que se verifica que a resposta mais frequente às situações representadas nestes Cartões corresponde a uma primeira reacção de aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, dando depois lugar à elaboração, que pode passar pelo recurso à fantasia (sobretudo nas crianças mais novas) e tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista. Não seria, portanto, de esperar uma resposta totalmente fantasiosa.

O item 27 (só escolhe Cenas de Realidade) não pertence aos “mais escolhidos” ou aos “nunca escolhidos” em nenhum dos Cartões.

O item 28 (sequência Cena "muito boa"/Cena "muito má") somente nunca foi escolhido no Cartão VI (briga dos pais), indicando que a uma Cena que representasse uma “coisa ótima” nunca se sucedeu outra que representasse uma “coisa péssima”. Deste modo, a falha do mecanismo de fuga pela fantasia, resultando numa aflição intensa e num final mais angustiante do que aquele apresentado na situação-estímulo nunca ocorreu neste Cartão.

O item 29 (sequência Cena "muito má"/Cena "muito boa") só não foi escolhido no Cartão VIII (quebra da jarra), indicando que a uma Cena que representasse uma “coisa péssima” nunca se sucedeu outra que representasse uma “coisa ótima”. Deste modo, este mecanismo de fuga pela fantasia, desencado por uma aflição intensa, nunca foi utilizado neste Cartão.

É importante referir que a quase totalidade das crianças “conta” histórias muito semelhantes às que as Cenas que escolheu representam. Assim sendo, há uma correspondência quase absoluta entre as Categorias das Cenas escolhidas na 1ª, 2ª e 3ª posições (Sequência de Cenas) e as 1ª, 2ª e 3ª verbalizações (Sequência da História). Analisando o grupo Sequência da História, verifica-se que o item 30 é dos mais escolhidos (primeira verbalização: aflição) nos Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo). Sendo estes Cartões representativos de situações angustiantes na vida da criança, é de esperar que a primeira verbalização pertença à categoria de Aflição. Por outro lado, o item 32 (primeira verbalização: realidade) é dos mais escolhidos nos Cartões II (doença), III (ida à praia), V (dia de aniversário), VI (briga dos pais), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). Apesar da maioria destes Cartões também representar situações angustiantes na vida de uma criança, a abordagem inicial ao nível da verbalização da história é, assim, mais realista.

O item 33 (segunda verbalização: aflição) é dos mais escolhidos nos Cartões IV (pesadelo) e VI (briga dos pais), o que aponta para uma maior permanência da aflição nestes Cartões.

O item 35 (segunda verbalização: realidade) é dos mais escolhidos nos Cartões III (ida à praia), V (dia de aniversário), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). Nas situações dos Cartões III e V, consideradas prazerosas, esta abordagem é esperada. Nos Cartões VII, VIII e IX, este resultado sugere que a maioria das crianças possui recursos adequados para lidar com as situações apresentadas.

O item 37 (termina a história em fantasia) foi dos mais frequentemente assinalados no Cartão II, o que seria de esperar tendo em conta que para lidar com a situação de doença, surge maioritariamente uma primeira reacção de Aflição ou de Realidade, com uma predominância de tentativas de resolução pela Fantasia.

Verifica-se que o item 38 (termina em fantasia mágica, mas com “crítica”) nunca foi escolhido nos Cartões IV (pesadelo), V (dia de aniversário), VI (briga dos pais) e VII (escola). Constata-se ainda que a resposta mais frequente à situação representada nos Cartões IV, VI e VII corresponde a uma primeira reacção de aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, dando depois lugar à elaboração que pode passar pelo recurso à fantasia (sobretudo nas crianças mais novas) e tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista (à medida que a criança vai crescendo). É assim de esperar que a história raramente seja terminada em Fantasia Mágica, sendo, no entanto, muitas vezes terminada em Fantasia Viável. No Cartão V, que representa uma situação prazerosa, a ausência de escolha deste item 38 indica que quando a história é terminada em fantasia, claramente desligada da realidade — Fantasia Mágica, as crianças nunca reconhecem verbal e explicitamente que se trata de fantasia, de sonho ou de um “faz de conta”.

O item 39 (termina a história em realidade) foi dos itens mais frequentemente assinalados nos Cartões I (passeio com a mãe), III (ida à praia), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão), o que seria de esperar visto que as situações apresentadas tendem a ser geridas pela criança de forma realista, após um primeiro contacto com a aflição que suscitam.

O item 40 (nunca verbaliza aflição) foi dos mais frequentemente assinalados nos Cartões III (ida à praia), V (dia de aniversário) e IX (nascimento de um irmão).

Representando os Cartões III e V situações prazerosas, é de esperar que surjam naturalmente mais verbalizações correspondentes a Realidade e Fantasia e menos de Aflição. Relativamente ao Cartão IX, é de reconhecer que, para a maioria das crianças desta amostra, não parece tratar-se de uma situação que despolette ansiedade intensa.

O item 41 (só verbaliza aflição) somente nunca foi assinalado no Cartão VIII. Este resultado não era, por si só, expectável. Se bem que a temática de desobediência às normas não pareça causar grande ansiedade nas crianças desta amostra, nos Cartões III e V (ida à praia e dia de aniversário) poder-se-ia esperar que as histórias não revelassem sinais de aflição tão intensa. No entanto, é natural que, para algumas crianças, estas situações, consideradas prazerosas pela maioria, possam desencadear ansiedades intensas, o que sublinha a relevância diagnóstica das respostas a estes dois Cartões.

O item 42 (só verbaliza fantasia) nunca foi assinalado nos Cartões III (ida à praia), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). Assim, a maioria das soluções são realistas e adaptativas, havendo maior recurso à fantasia nas crianças mais novas. Não é de esperar uma resposta totalmente fantasiosa.

Os itens 31 (primeira verbalização: fantasia), 34 (segunda verbalização: fantasia), 36 (termina a história em aflição) e 43 (só verbaliza realidade) não pertencem aos “mais escolhidos” ou “nunca escolhidos” em nenhum Cartão.

Relativamente ao grupo Aspectos Formais e de Conteúdo, verifica-se que o item 46 (elabora um enredo) é assinalado em todos os Cartões, correspondendo às respostas da generalidade das crianças. Tal facto é expectável, pois demonstra a adequação das respostas elaboradas, apesar de não serem construídos enredos muito ricos. Assim, a maioria das histórias não se limita à descrição dos acontecimentos desenhados nas Cenas, surgindo uma pequena ligação entre os factos, através da referência a antecedentes, causas ou consequências, mas em grande parte das situações não há interpretação dos acontecimentos, nomeadamente através da referência a sentimentos, desejos e necessidades.

Os itens 44 (não conta a história), 48 (a história é bizarra ou sem sentido), 49 (a história não dá seguimento ao tema do Cartão), 54 (faz referência a aspectos da sua vida

pessoal) e 55 (faz referência a Cartões anteriores) não foram assinalados na maioria dos Cartões, o que remete igualmente para uma elaboração adequada da generalidade das respostas, mas também para a ausência de possíveis indícios de perturbação grave que se reflecta na organização da estrutura das histórias verbalizadas. Sublinhamos a relevância diagnóstica nos casos em que ocorram (itens 44, 48 e 49).

Os itens 45 (descreve as Cenas sem explicitar um enredo), 47 (elabora um enredo mais rico), 50 (distorce o significado de uma ou mais Cenas), 51 (omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas), 52 (faz referência a Cenas que não escolheu) e 53 (introduz outros factos ou conteúdos), não pertencem ao grupo dos “mais escolhidos” nem ao grupo dos “nunca escolhidos”. Sublinha-se também a relevância diagnóstica destes itens.

Os itens 56 (transforma o desfecho, melhorando-o) e 57 (transforma o desfecho, piorando-o), foram no geral pouco assinalados. Salienta-se que nos Cartões IV (pesadelo), VII (escola) e VIII (quebra da jarra), o item 57 nunca foi assinalado, indicando que, apesar de a história organizada com a sequência de Cenas poder ser alterada no momento da verbalização, ao ser terminada em Aflicção, será uma aflicção correspondente à Cena escolhida.

Os itens 58 (personagem tenta obter ajuda) e 59 (personagem tenta obter ajuda e não consegue) remetem para a procura de ajuda, com ou sem sucesso, podendo esta procura ser referente a personagens adultas ou a outras crianças. Dada a possibilidade de obter ajuda estar presente em Cenas da maioria dos Cartões, os itens 58 e 59 são dos mais escolhidos. No entanto, a obtenção de ajuda não tem em todos os Cartões a mesma expressão, havendo Cartões em que é mais difícil encontrar essas situações nas Cenas disponíveis, não impedindo mas dificultando a sua verbalização. É de sublinhar que no Cartão IX (nascimento de um irmão) os itens 58 e 59 não foram assinalados, o que se compreende dado que esta é uma situação que remete para uma resolução pessoal, não facilitando a verbalização de pedido de ajuda. No seguimento destes itens surgem também como muitas vezes assinalados os itens 67 (personagem procura adulto masculino), 68 (personagem procura adulto feminino), 69 (personagem apoiada por adulto masculino) e 70 (personagem apoiada por adulto feminino).

Ainda no que se refere aos itens que assinalam aspectos relacionais, importa considerar os que abordam a relação da personagem com outras crianças (itens 60 a 66). Nos Cartões cuja temática não remete para a relação com os pares, é de esperar que a maioria destes itens não seja assinalada. Tal ocorreu nos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra). Pelo contrário, nos Cartões cujas situações apresentadas remetem para a relação com os pares, é de esperar que estes itens sejam muitas vezes assinalados.

Esta interacção com os pares pode revestir-se de aspectos mais positivos ou mais negativos. Tal ocorreu nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), tendo sido os itens mais assinalados o item 60 (faz referência a "outros meninos"), 61 (personagem quer conviver com "outros meninos"), mas também os itens 63 (personagem “agride” outros meninos) e 64 (personagem “agredida” por outros meninos), que revestem a relação de sentimentos mais negativos.

No Cartão VII (escola), sendo a temática a de uma situação escolar em que a criança se vê confrontada com as suas dificuldades e o olhar dos pares, também foram itens escolhidos, tal como seria de esperar.

No Cartão IX (nascimento de um irmão), que remete para a interacção quer com os pais quer com o irmão que nasceu, os itens 60 (faz referência a "outros meninos") e 66 (personagem apoia "outros meninos"), foram também dos mais assinalados. O facto dos itens 24 (nunca escolhe aflição) e 40 (nunca verbaliza aflição) serem dos mais assinalados neste Cartão, tal como indicado anteriormente, demonstra que esta relação terá sido investida, na maioria das vezes, por afectos positivos.

Considerando os itens que abordam a relação da personagem com figuras adultas (itens 67 a 78), é de esperar que estes sejam assinalados sobretudo nos Cartões que abordam de forma directa ou indirecta a relação com os adultos. Foi o que aconteceu nos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão) em que sobretudo os itens 67 (personagem procura adulto masculino) e 68 (personagem procura adulto feminino) são naturalmente muitas vezes assinalados. A escolha recai sobre um, sobre o outro ou sobre os dois, conforme a situação apresentada e as Cenas disponíveis para



escolha. No entanto, esta relação pode, uma vez mais, revestir-se de aspectos negativos ou positivos. Representando a maioria destes Cartões situações de fragilidade e, em muitos casos, de dependência dos adultos no sentido de as resolver, os itens 71 (personagem rejeitada por adulto masculino), 73 (personagem "magoa" adulto masculino), 74 (personagem "magoa" adulto feminino), 75 (adulto masculino desvalorizado) e 76 (adulto feminino desvalorizado) nunca foram assinalados na maioria destes Cartões, o que corresponde ao esperado.

É de salientar que no Cartão VIII (quebra da jarra), o único item referente à interacção com os adultos que nunca foi assinalado foi o item 75 (adulto masculino desvalorizado), o que se compreende, dado o facto de estar a ser elaborada uma situação de normas parentais. Assim, os itens 77 (adulto masculino indica normas) e 78 (adulto feminino indica normas) foram, pelo contrário, dos itens mais assinalados.

No Cartão IX (nascimento de um irmão), somente os itens 75 (adulto masculino desvalorizado) e 76 (adulto feminino desvalorizado) nunca foram assinalados, o que se compreende dado que esta será uma situação em que a criança se confronta com a perda de atenção por parte dos pais, em detrimento do irmão, tendendo a valorizar a sua relação com os pais. Também o item 69 (personagem apoiada por adulto masculino) foi muitas vezes assinalado, o que poderá revelar o papel essencial de apoio à criança que o pai terá na situação de nascimento de um irmão.

Por outro lado, representando os Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário) uma situação de interacção com os pares, seria de esperar que os itens referentes à interacção com os adultos — item 73 (personagem "magoa" adulto masculino), item 74 (personagem "magoa" adulto feminino) e item 75 (adulto masculino desvalorizado) — sobretudo numa dimensão negativa, não fossem assinalados, o que realmente aconteceu. A ansiedade suscitada pela situação apresentada pode conduzir à procura do adulto, mas no sentido da protecção.

Os restantes itens que constituem a Grelha de Análise são, na sua maioria, referentes a sentimentos (itens 79 a 95). Os itens 79, 80 e 81 foram, no geral, pouco assinalados. Os itens 82 (coloca a culpa no exterior), 83 (faz um comentário moralista), 84 (faz referência a enganar ou "pregar partida"), 85 (faz referência à ideia de morte),

86 (faz referência a castigo ou ameaça de castigo), 88 (faz referência a culpabilidade ou infere-se), 89 (faz referência a ciúme ou infere-se), 90 (faz referência a inveja ou infere-se), 91 (expressão de aflição somática), 92 (surge a vivência de um " mundo estragado") e 93 (faz referência a desejo de reparação), são itens quase nunca assinalados na maioria dos Cartões. Os itens 92 e 93 têm um importante papel diagnóstico relativamente a perturbação grave.

Nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), o item 84 (faz referência a enganar ou "pregar partida") seria mais provavelmente assinalado, uma vez que poderia surgir esta temática na relação com os pares. No entanto, nestes casos terão sido assinalados os itens 63 (personagem “agride” outros meninos) e 64 (personagem “agredida” por outros meninos), por serem mais específicos da relação com os pares.

No Cartão IV (pesadelo), é naturalmente esperado que o item 87 (faz referência a perigos ou à ideia de fuga) fosse muito assinalado, o que ocorreu.

No Cartão VIII (quebra da jarra) os itens 86 (faz referência a castigo ou ameaça de castigo) e 88 (faz referência a culpabilidade ou infere-se) foram dos itens mais assinalados, dada a temática de quebra de normas e suas consequências.

Os dois últimos itens (94 e 95) foram muito assinalados na maioria dos Cartões. Assim, nas histórias da maioria das crianças a personagem toma a iniciativa para resolver as situações (item 94), apesar de muitas também indicarem que são incapazes de as resolver (item 95).

#### **III.7.1.5.5. Análise das Estratégias de Elaboração da Ansiedade**

Analizam-se agora as respostas das crianças de acordo com os estudos de Pires (2001). Tal como referido anteriormente, esta linha de estudos tem como objectivo facilitar a análise e interpretação dos resultados, pela identificação de quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade reflectidas nas respostas “sequência de Cenas”, tendo em conta as nove Cenas possíveis para cada Cartão, e não apenas as três categorias.

São identificadas quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas sequências possíveis de organizar com as nove Cenas disponíveis:

— Negação — não reconhecimento do afecto doloroso, traduzindo um movimento interno que tem como finalidade impedir a consciencialização dos aspectos perturbadores da situação apresentada, defendendo o ego da ansiedade e evitando a dor psíquica que a mesma despoletaria;

— Impossibilidade — confronto sem saída com a experiência de ansiedade, havendo uma falha na possibilidade de resolução adaptativa da situação;

— Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) — movimento de reconhecimento da ansiedade despoletada pela situação-estímulo, procurando uma resolução lógica e eficaz da mesma, através do recurso a estratégias de acção adaptativas;

— Estratégia com Equilibração Emocional (EEE) — movimento interno de reconhecimento da ansiedade em que a fantasia é utilizada para equilibrar, de modo flexível e criativo, a experiência de ansiedade.

Na Figura 5 estão representadas as percentagens de ocorrência das Estratégias de Elaboração da Ansiedade na amostra.

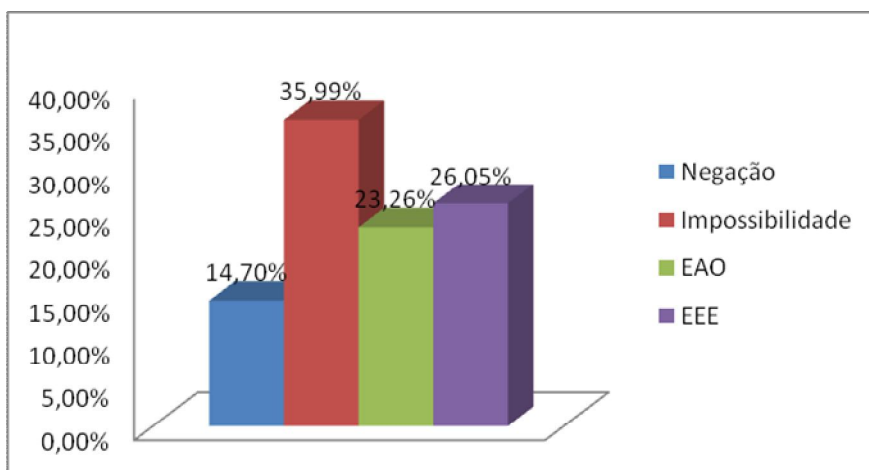


Figura 5. Percentagem de ocorrência de cada uma das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (N=219)

Analisando a Figura 5, pode constatar-se que a Impossibilidade é a estratégia mais utilizada, seguida pela EEE e pela EAO, que assumem uma expressividade semelhante nas respostas da amostra. A Negação é a estratégia menos utilizada.

No estudo de Pires (2001) com uma amostra de 100 crianças sem problemas psicológicos identificados, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos de idade, as estratégias mais utilizadas tinham sido a EEE e a Impossibilidade, sendo as estratégias menos utilizadas a EAO e a Negação. Sublinha-se novamente a necessidade de ter em conta as alterações introduzidas em diversos Cartões e a integração dos dois novos Cartões.

Capinha (2012), tal como referido anteriormente, na sua tese de mestrado estudou a evolução das respostas à prova “Era uma vez...” em função da idade, numa base de dados fornecida pela autora da prova, constituída por uma amostra de 400 crianças que frequentam a escola do ensino público e privado de vários locais do país com idades entre os 5 e os 11 anos, do sexo feminino e do sexo masculino. Verificou também que as estratégias mais utilizadas na amostra foram Impossibilidade e EEE. No entanto, comparativamente ao estudo de Pires (2001), Capinha encontrou uma maior prevalência do uso da Negação.

Na Figura 6 está representada a evolução das Estratégias de Elaboração da Ansiedade com a idade para o total da amostra do presente estudo.

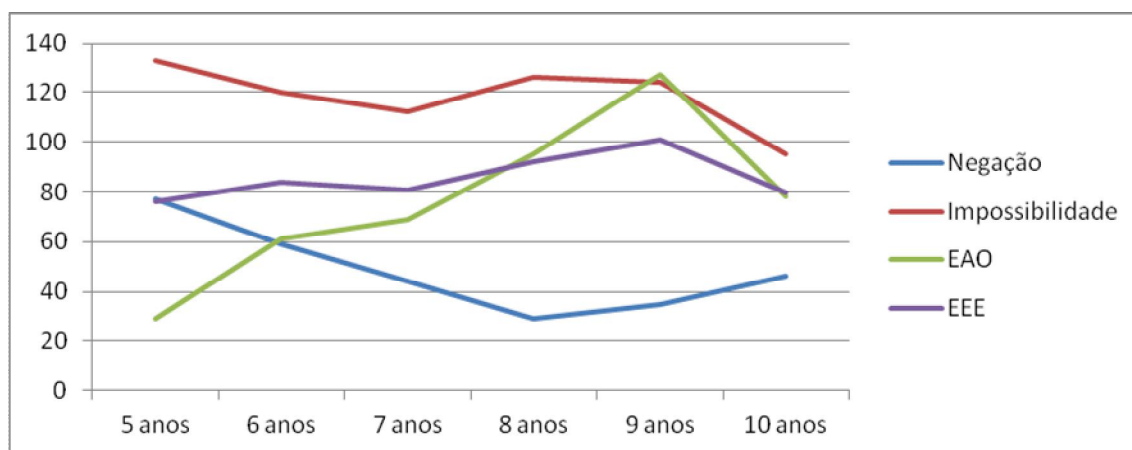


Figura 6. Evolução das estratégias com a idade (N=219)

Observando a Figura 6 pode assinalar-se um aumento progressivo do uso das estratégias adaptativas (EEE e EAO) com a idade, com uma ligeira inflexão da tendência aos 10 anos. Estes dados são expectáveis e vão ao encontro dos já obtidos, quer no estudo de Pires (2001), quer no estudo de Capinha (2012), uma vez que, à

medida que se desenvolve, a criança se vai tornando mais capaz de reconhecer e de elaborar de forma mais adaptativa as experiências emocionais com que se confronta. Também como esperado, há uma diminuição progressiva, com a idade, do uso das modalidades menos eficazes para lidar com as emoções (Impossibilidade e Negação).

Tal como no estudo de Pires (2001) e no estudo de Capinha (2012), pode ser identificado com clareza o momento de viragem na evolução das Estratégias de Elaboração da Ansiedade, que ocorre aos 8 anos de idade. Até esta idade, a Impossibilidade de resolver a situação crítica predomina nas respostas das crianças. A EEE e a Negação são as estratégias mais utilizadas em segundo lugar, sendo que a EAO raramente é utilizada, embora se note desde o início o seu aumento progressivo, ultrapassando a Negação aos 7 anos de idade.

A partir dos 8 anos, verifica-se um aumento acentuado da utilização das EEE e EAO, que ocorre paralelamente a uma diminuição do uso da Impossibilidade. A Negação, apesar de um aumento ligeiro, permanece como a estratégia menos utilizada.

No Quadro 85 apresentam-se as correlações que se estabelecem entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade. Para estudar a existência de relação entre as estratégias foi utilizado o coeficiente de correlação de *Pearson*.

Quadro 85. Correlações entre as quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade na amostra

	Negação	Impossibilidade	EAO
Impossibilidade	-.15		
EAO	-.05	-.36**	
EEE	-.36**	-.35**	-.52***

\*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\* $p \leq .001$ .

A negação correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EEE, com um valor de correlação de  $r = -.36$ ;  $p = .008$ . Os resultados mostram que quanto mais é usada a estratégia Negação, menos usada é a EEE.

A Impossibilidade correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EAO, com um valor de correlação de  $r = -.36$ ;  $p = .008$ , e com a EEE, com um valor de correlação de  $r = -.35$ ;  $p = .009$ . Os resultados mostram que quanto mais é usada a estratégia Impossibilidade, menos usadas são as EAO e EEE.

A EAO correlacionou-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EEE, com um valor de correlação de  $r = -.52$ ;  $p < .001$ . Os resultados mostram que quanto mais é usada a EAO, menos usada é a EEE.

Estes resultados são, na sua generalidade (e apesar das alterações introduzidas), consistentes com o estudo de Pires (2001) e com os dados apresentados anteriormente relativamente à amostra do presente estudo, em que se verifica a existência de uma dimensão Negação/Impossibilidade que diminui à medida que as estratégias adaptativas aumentam (EEE e EAO). A correlação negativa entre EAO e EEE não vai ao encontro dos resultados obtidos por Pires (2001), em que esta correlação não foi encontrada.

Nos Quadros 86 a 91 estão representadas as frequências das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade reflectidas nas respostas “sequência de Cenas”, por idade.

Quadro 86. Frequências das estratégias em cada Cartão — 5 anos (N = 35)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	13	37.14	10	28.57	6	17.14	6	17.14
II	9	25.71	13	37.14	3	8.57	10	28.57
III	6	17.14	7	20.00	2	5.71	20	57.14
IV	8	22.86	16	45.71	6	17.14	5	14.29
V	4	11.43	8	22.86	2	5.71	21	60.00
VI	4	11.43	26	74.29			5	14.29
VII	13	37.14	17	48.57	2	5.71	3	8.57
VIII	9	25.71	23	65.71	1	2.86	2	5.71
IX	11	31.43	13	37.14	7	20	4	11.43

Analisando o Quadro 86, verifica-se que aos 5 anos a Impossibilidade é a estratégia mais utilizada na maioria dos Cartões (II — doença, IV — pesadelo, VI — briga dos pais, VII — escola, VIII — quebra da jarra e IX — nascimento de um irmão). A Negação é a estratégia mais utilizada no Cartão I (passeio com a mãe), sendo também bastante utilizada nos Cartões II, IV, VII, VIII e IX. A EEE é a estratégia mais utilizada nos Cartões III e V, referentes a situações prazerosas (ida à praia e dia de aniversário). A EAO tem uma representação pouco expressiva em todos os Cartões.

Quadro 87. Frequências das estratégias em cada Cartão — 6 anos (N = 36)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	5	13.89	10	27.78	15	41.67	6	16.67
II	8	22.22	11	30.56	7	19.44	10	27.78
III	4	11.11	13	36.11	3	8.33	16	44.44
IV	5	13.89	19	52.78	3	8.33	9	25.00
V	5	13.89	9	25.00	2	5.56	20	55.56
VI	6	16.67	20	55.56	1	2.78	9	25.00
VII	5	13.89	12	33.33	14	38.89	5	13.89
VIII	9	25.00	19	52.78	6	16.67	2	5.56
IX	12	33.33	7	19.44	10	27.78	7	19.44

Aos 6 anos, segundo os dados representados no Quadro 87, a Impossibilidade continua a ser a estratégia mais utilizada em grande parte dos Cartões (II — doença, IV — pesadelo, VI — briga dos pais e VIII — quebra da jarra). A Negação é a estratégia mais utilizada no Cartão IX (nascimento de um irmão) e a EAO é a estratégia mais utilizada nos Cartões I (passeio com a mãe) e VII (escola). A EEE é, uma vez mais, a estratégia mais utilizada nos Cartões III e V, referentes a situações prazerosas (ida à praia e dia de aniversário).

Quadro 88. Frequências das estratégias em cada Cartão — 7 anos (N = 34)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	1	2.94	10	29.41	22	64.71	1	2.94
II	6	17.65	11	32.35	5	14.71	12	35.29
III	4	11.76	8	23.53	4	11.76	18	52.94
IV	8	23.53	15	44.12	6	17.65	5	14.71
V	3	8.82	7	20.59	1	2.94	23	67.65
VI	5	14.71	20	58.82			9	26.47
VII	3	8.82	16	47.06	15	44.12		
VIII	4	11.76	19	55.88	8	23.53	3	8.82
IX	10	29.41	6	17.65	8	23.53	10	29.41

Segundo o Quadro 88, para os 7 anos, em grande parte dos Cartões predomina também a utilização da Impossibilidade (Cartões IV — pesadelo, VI — briga dos pais, VII — escola e VIII — quebra da jarra). No Cartão I (passeio com a mãe) predomina a EAO, que tem também uma elevada expressão no Cartão VII. A EEE é a estratégia mais utilizada nos Cartões II (doença), III (ida à praia), V (dia de aniversário) e IX (nascimento de um irmão). A Negação é a estratégia menos utilizada, excepto no Cartão IX, em que predomina em conjunto com a EEE.

Quadro 89. Frequências das estratégias em cada Cartão — 8 anos (N = 38)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	7	18.42	6	15.79	25	65.79		
II			13	34.21	5	13.16	20	52.63
III	2	5.26	11	28.95	5	13.16	20	52.63
IV	5	13.16	15	39.47	13	34.21	5	13.16
V			11	28.95			27	71.05
VI	1	2.63	30	78.95			7	18.42



VII	4	10.53	14	36.84	19	50.00	1	2.63
VIII	4	10.53	18	47.37	13	34.21	3	7.89
IX	6	15.79	8	21.05	15	39.47	9	23.68

Analisando o Quadro 89, verifica-se que aos 8 anos, de maneira geral, a Negação é muito pouco utilizada, predominando nos Cartões VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra) a utilização da Impossibilidade. No Cartão IV (pesadelo), a utilização da Impossibilidade e da EAO predominam. Nos Cartões I (passeio com a mãe), VII (escola) e IX (nascimento de um irmão), há predomínio da EAO e nos Cartões II (doença), III (ida à praia) e V (dia de aniversário) prevalece a EEE.

Quadro 90. Frequências das estratégias em cada Cartão — 9 anos (N = 43)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	1	2.33	7	16.28	32	74.42	3	6.98
II	8	18.60	13	30.23	9	20.93	13	30.23
III	4	9.30	4	9.30	8	18.60	27	62.79
IV	7	16.28	17	39.53	13	30.23	6	13.95
V			11	25.58	6	13.95	26	60.47
VI	2	4.65	30	69.77			11	25.58
VII	3	6.98	13	30.23	26	60.47	1	2.33
VIII	2	4.65	24	55.81	17	39.53		
IX	8	18.60	5	11.63	16	37.21	14	32.56

Aos 9 anos, segundo o Quadro 90, continua a verificar-se uma descida na utilização da Negação. A Impossibilidade é a estratégia mais utilizada nos Cartões II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra). A EAO é a estratégia mais utilizada nos Cartões I (passeio com a mãe), VII (escola) e IX (nascimento de um irmão). A EEE é mais utilizada nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), tendo também uma expressão relevante no Cartão II.

Quadro 91. Frequências das estratégias em cada Cartão — 10 anos (N = 33)

Cartão	Estratégia							
	Negação		Impossibilidade		EAO		EEE	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I	8	24.24	7	21.21	18	54.55		0.00
II	5	15.15	14	42.42	2	6.06	12	36.36
III	3	9.09	7	21.21	9	27.27	14	42.42
IV	3	9.09	11	33.33	8	24.24	11	33.33
V	4	12.12	8	24.24	2	6.06	21	63.64
VI	2	6.06	20	60.61		0.00	11	33.33
VII	9	27.27	10	30.30	14	42.42		0.00
VIII	6	18.18	15	45.45	10	30.30	2	6.06
IX	6	18.18	3	9.09	15	45.45	9	27.27

Aos 10 anos, segundo o Quadro 91, no Cartão I (passeio com a mãe) a estratégia mais utilizada é a EAO. Neste Cartão, a EEE nunca foi utilizada, o que também sucede no Cartão VII (escola). Nos Cartões II (doença) e IV (pesadelo) a Impossibilidade e a EEE são as estratégias mais utilizadas. Nos Cartões VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra), a estratégia mais utilizada é a Impossibilidade. No Cartão VI não houve utilização da EAO, que é a estratégia mais utilizada no Cartão IX (nascimento de um irmão). A EEE é a estratégia mais utilizada nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), que representam situações prazerosas.

Deste modo, a análise dos quadros anteriores permite identificar, na maioria dos Cartões, uma diminuição do uso da Negação e da Impossibilidade com a maturidade, ao mesmo tempo que aumenta a utilização da EAO e da EEE. Esta constatação está de acordo com as conclusões apresentadas por Pires (2001) e por Capinha (2012). De facto, as crianças mais novas apresentam maiores dificuldades na elaboração das situações críticas propostas nos Cartões, tendendo a organizar respostas que reflectem essa incapacidade de resolução da situação. Com a maturidade, surge um aumento do recurso a estratégias adaptativas de resolução de problemas, traduzindo novas e mais eficazes possibilidades de elaboração da ansiedade suscitada pelos episódios apresentados nos Cartões.

Por forma a facilitar a análise, para cada um dos Cartões, são, seguidamente, apresentadas graficamente as percentagens de cada uma das Estratégias de Elaboração da Ansiedade no global da amostra (Figuras 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23) e nos diferentes níveis etários (Figuras 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24). Cada uma das estratégias é sempre apresentada na mesma cor.

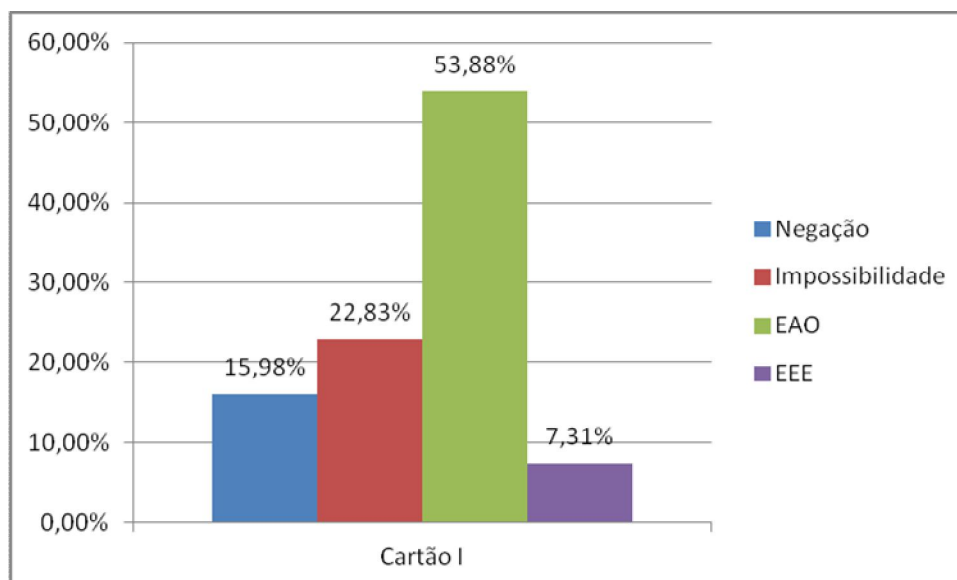


Figura 7. Percentagem de cada estratégia para o Cartão I (passeio com a mãe)  
(N=219)

Verifica-se, ao analisar a Figura 7, que a maioria das respostas ao Cartão I traduz o recurso à EAO e que a estratégia menos utilizada é a EEE. A Impossibilidade e a Negação caracterizam as restantes respostas.

Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Pires (2001) para o Cartão I. No entanto, Capinha (2012) verificou que no Cartão I a maioria das respostas, no total da sua amostra, recorriam à Negação, e que a EAO e a Impossibilidade caracterizavam as restantes respostas. A EEE era, tal como no presente estudo e no de Pires (2001) a estratégia menos utilizada neste Cartão.

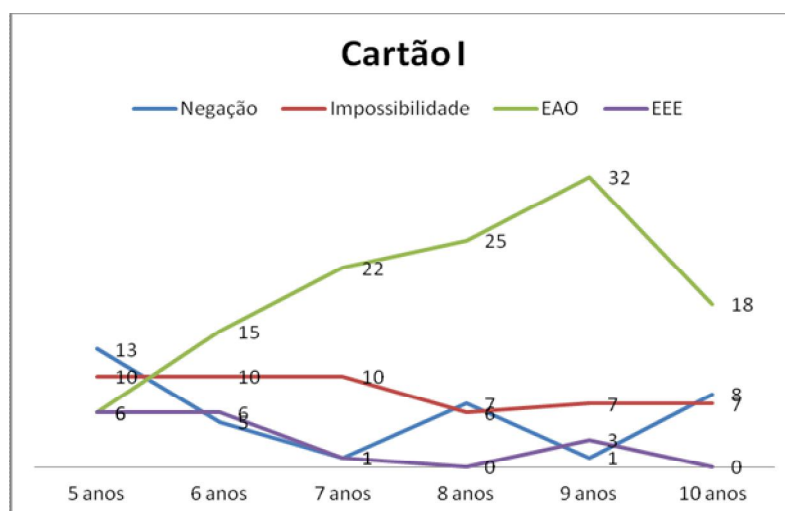


Figura 8. Evolução das estratégias do Cartão I (passeio com a mãe), em termos de idades (N=219)

Para o Cartão I, analisando a Figura 8, verifica-se claramente um aumento progressivo com a idade da utilização da EAO, que é a estratégia mais utilizada em todas as idades, excepto aos 5 anos em que há maior escolha da Negação e Impossibilidade. Com a idade, para lidar com este episódio de perda da mãe, ocorre uma descida do uso da EEE, praticamente inexistente nas crianças mais velhas, e também da Impossibilidade e da Negação. Estes dados são, de modo geral, consistentes com os resultados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012).

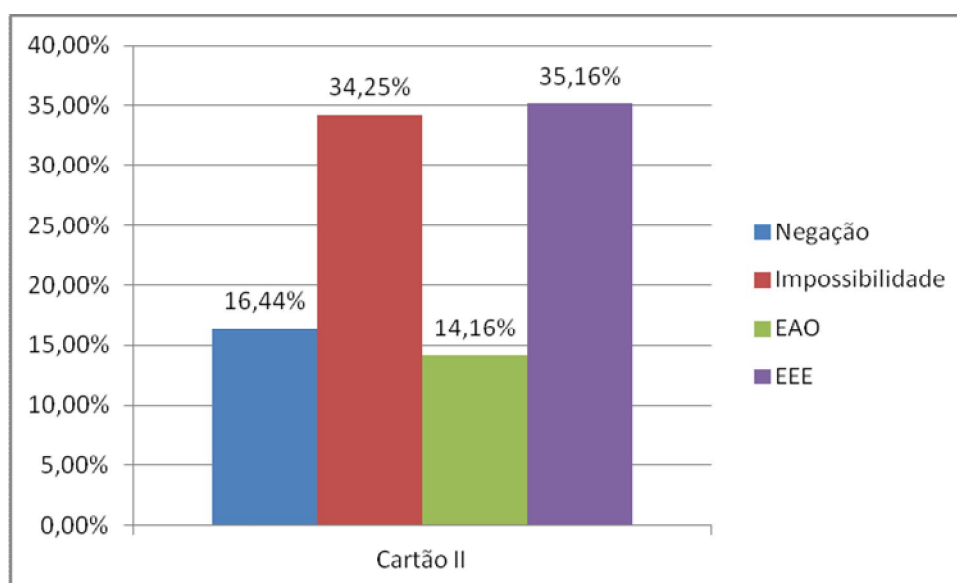


Figura 9. Percentagem de cada estratégia para o Cartão II (doença) (N=219)

Analisando a Figura 9, verifica-se uma maioria das respostas com recurso à EEE e à Impossibilidade. A EAO e a Negação são as estratégias menos utilizadas. Estes dados vão ao encontro dos dados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012) para o Cartão II.

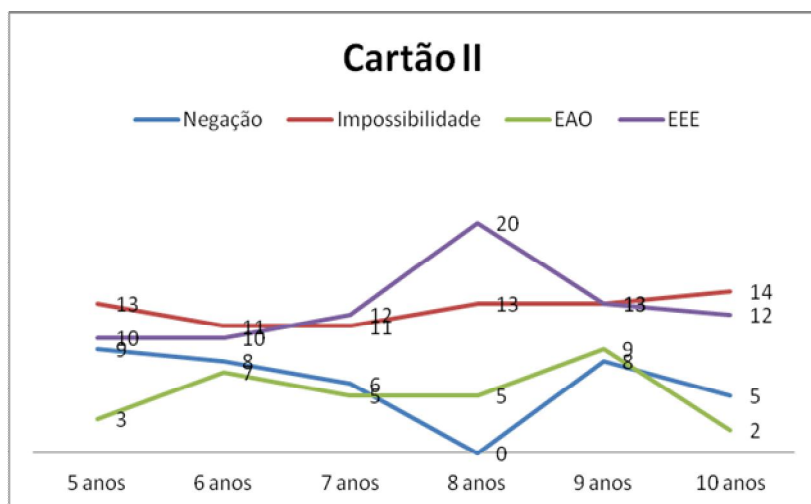


Figura 10. Evolução das estratégias do Cartão II (doença), em termos de idades (N=219)

No Cartão II, analisando a Figura 10, observa-se que a utilização da EEE é mais elevada na faixa etária entre os 7 e os 9 anos e que a Impossibilidade se mantém idêntica nas diversas idades. A utilização da EAO está mais presente entre os 6 e os 9 anos de idade, mas é sempre bastante escassa. A utilização da Negação mantém-se idêntica nas diversas idades, apesar de sempre baixa e quase nula aos 8 anos.

Estes dados, apesar de diferentes dos obtidos por Pires em 2001 e por Capinha em 2012, são expectáveis num Cartão que remete para uma situação ansiogénica cuja resolução não está sob o controlo da criança (situação de doença) e reflectem a dificuldade encontrada por grande parte das crianças, em todas as idades, de gerirem esta situação, mas também a capacidade de muitas crianças, sobretudo mais velhas, de aceitarem a realidade dolorosa associada ao estado de doença e a cooperação com o tratamento, lidando com a situação de forma mais adaptativa.

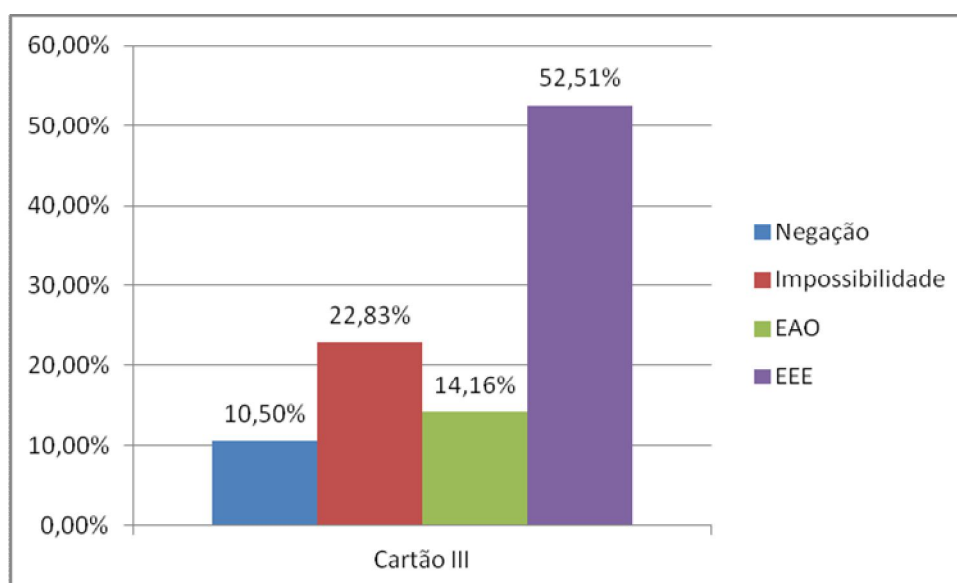


Figura 11. Percentagem de cada estratégia para o Cartão III (ida à praia) (N=219)

Analisando a Figura 11, observa-se claramente neste Cartão III o uso maioritário da EEE. Segue-se a Impossibilidade, depois a EAO e por fim a Negação. Tendo em conta que o Cartão III representa um acontecimento agradável para a maioria das crianças (ida à praia e convívio com outras crianças), estes resultados vão ao encontro das expectativas. Em 2001 os resultados obtidos por Pires foram bastante semelhantes, apesar de ter sido observada uma maior percentagem da Impossibilidade e da percentagem da EAO ter sido inferior à da Negação. O mesmo sucedeu no estudo de Capinha (2012).

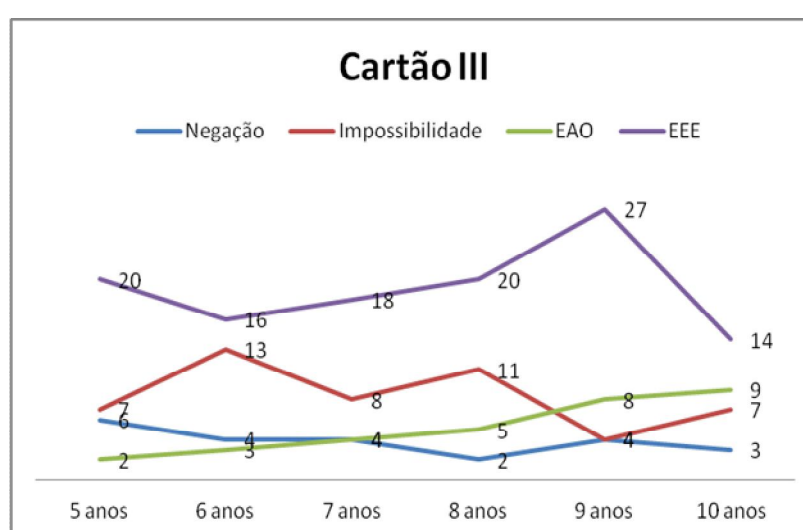


Figura 12. Evolução das estratégias do Cartão III (ida à praia), em termos de idades (N=219)

No Cartão III e de acordo com a Figura 12, a utilização da EEE é sempre a mais elevada, atingindo o seu pico aos 9 anos de idade. A utilização da Impossibilidade surge em segundo lugar, sendo mais elevada aos 6 anos e tendendo a diminuir com a idade. Por volta dos 9 anos é ultrapassada pela EAO. A utilização da EAO aumenta com a idade e a utilização da Negação é sempre muito baixa.

Assim, o aspecto crítico do convívio com os pares, que alguns estudos da prova confirmam (Capinha, 2012; Fagulha, 1992, 1997a; Pires, 2001), surge sobretudo nas crianças mais jovens, tendendo a tornar-se menos ameaçador com a maturidade e consequente aumento das experiências de relação com outras crianças.

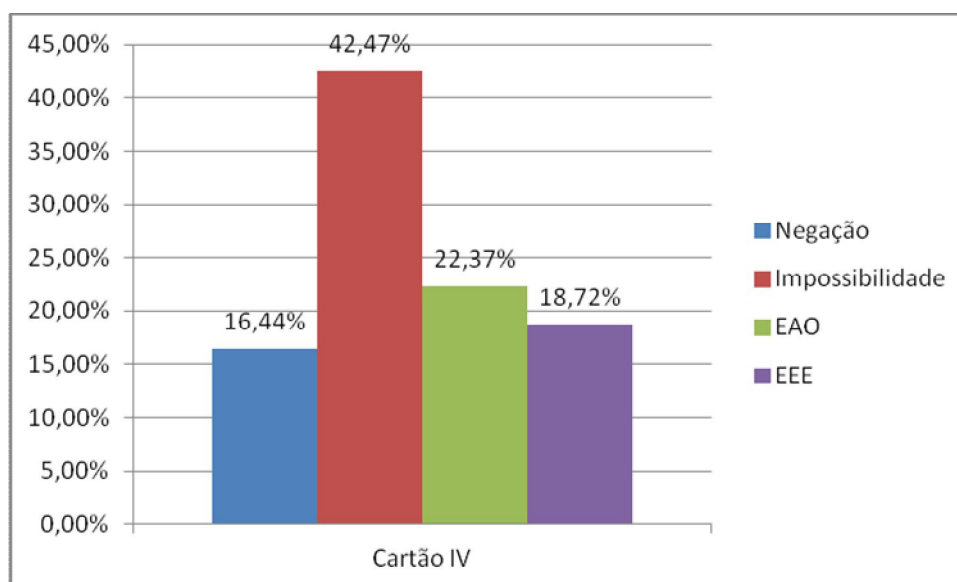


Figura 13. Percentagem de cada estratégia para o Cartão IV (pesadelo) (N=219)

Relativamente ao Cartão IV e analisando a Figura 13, observa-se claramente a utilização maioritária da Impossibilidade. Segue-se a EAO, depois a EEE e por fim a Negação.

Estes dados não estão de acordo com os dados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012), mas é necessário considerar as profundas alterações que foram introduzidas neste Cartão. Sendo este um Cartão que representa uma situação ansiogénea (pesadelo), os resultados agora obtidos parecem ir ao encontro do esperado e do que outros Cartões com características ansiogéneas revelam.

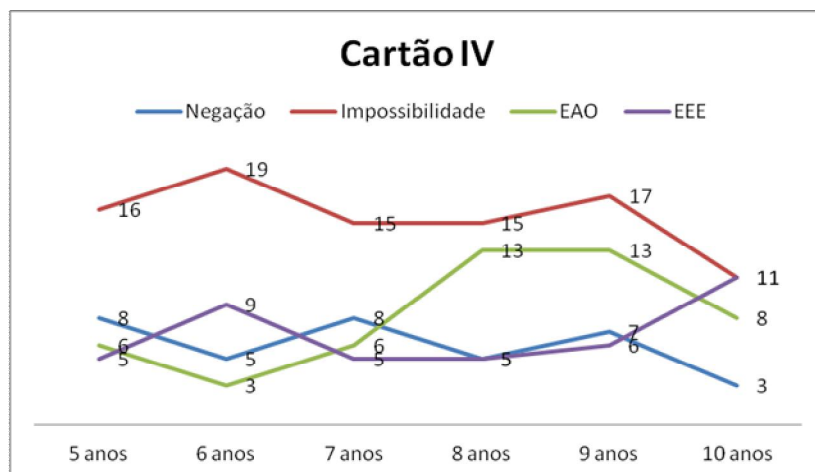


Figura 14. Evolução das estratégias do Cartão IV (pesadelo), em termos de idades (N=219)

Ao observar a Figura 14, constata-se que no Cartão IV a utilização da Impossibilidade é sempre a mais elevada, apesar de reduzir ligeiramente com a idade. A utilização da EAO aumenta com a idade, apesar de reduzir novamente aos 10 anos. A utilização da EEE tende a ser idêntica nas diversas idades, apesar de um pouco mais elevada aos 6 e 10 anos. A utilização da Negação mantém-se também idêntica nas diversas idades, reduzindo bastante aos 10 anos. Mais do que noutros Cartões com características semelhantes, encontramos neste Cartão uma maior permanência ao longo das diversas faixas etárias da dificuldade em gerir a situação apresentada. No entanto, as crianças mais velhas fazem-no claramente de forma mais eficaz (aumento da EAO e da EEE).

Tal como já referido, estes dados não vão ao encontro dos obtidos anteriormente por Pires (2001) e por Capinha (2012), o que é explicável pelas profundas alterações sofridas por este Cartão IV no presente estudo.



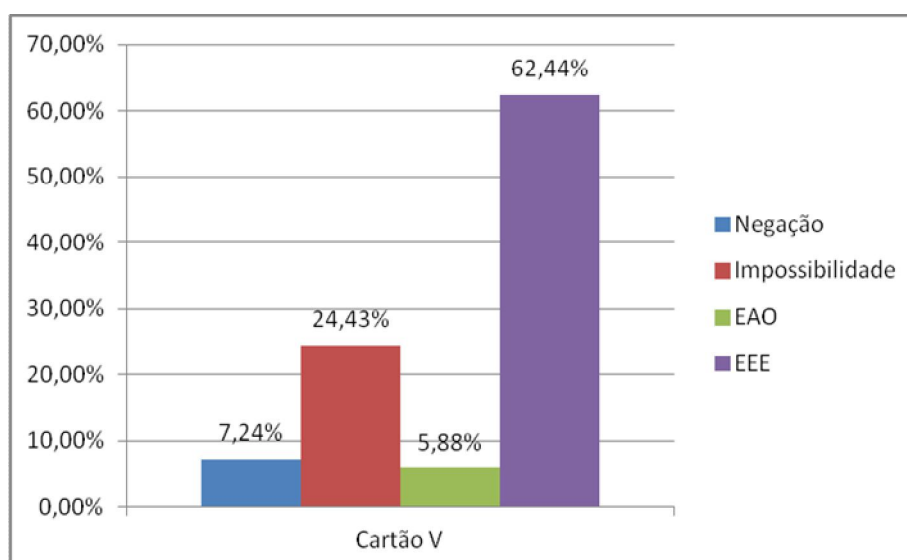


Figura 15. Percentagem de cada estratégia para o Cartão V (dia de aniversário) (N=219)

Analisando a Figura 15, observa-se que no Cartão V existe um claro uso maioritário da EEE. Sendo as características deste Cartão semelhantes às do Cartão III, seria de esperar que os resultados fossem concordantes, o que aconteceu. Segue-se a Impossibilidade, depois a Negação e a EAO com valores muito semelhantes e reduzidos. Tendo em conta que o Cartão V representa um acontecimento agradável para a maioria das crianças (dia de aniversário), estes resultados vão ao encontro das expectativas e também dos resultados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012). A modalidade da Impossibilidade poderá corresponder a uma presença intensa de culpabilidade, que impossibilita a vivência de prazer associada a este dia, simbolizando, inconscientemente, um castigo pelos impulsos libidinais e agressivos não controlados.

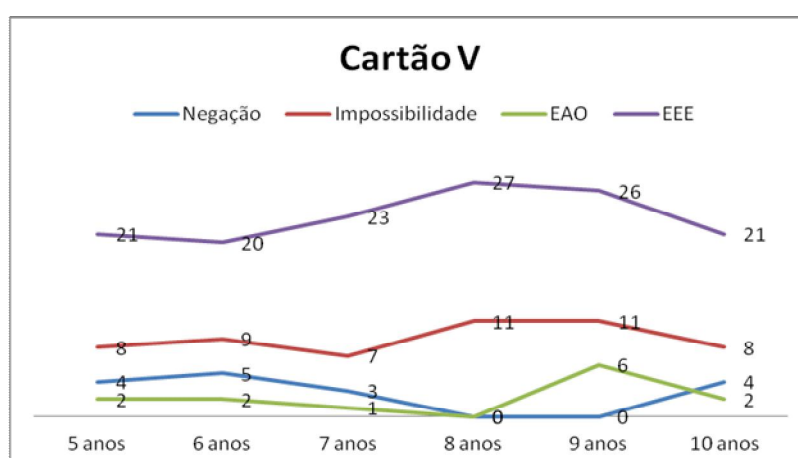


Figura 16. Evolução das estratégias do Cartão V (dia de aniversário), em termos de idades (N=219)

Verifica-se na Figura 16 que, no Cartão V, tal como no Cartão III, a utilização da EEE é sempre a mais elevada. Segue-se a Impossibilidade, que ocupa o segundo lugar em todas as idades e se mantém mais ou menos idêntica. A utilização da EAO é bastante reduzida, aumentando um pouco com a idade. A utilização da Negação é também sempre muito baixa, mantendo-se idêntica nas diversas idades. Estes resultados vão ao encontro dos resultados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012).

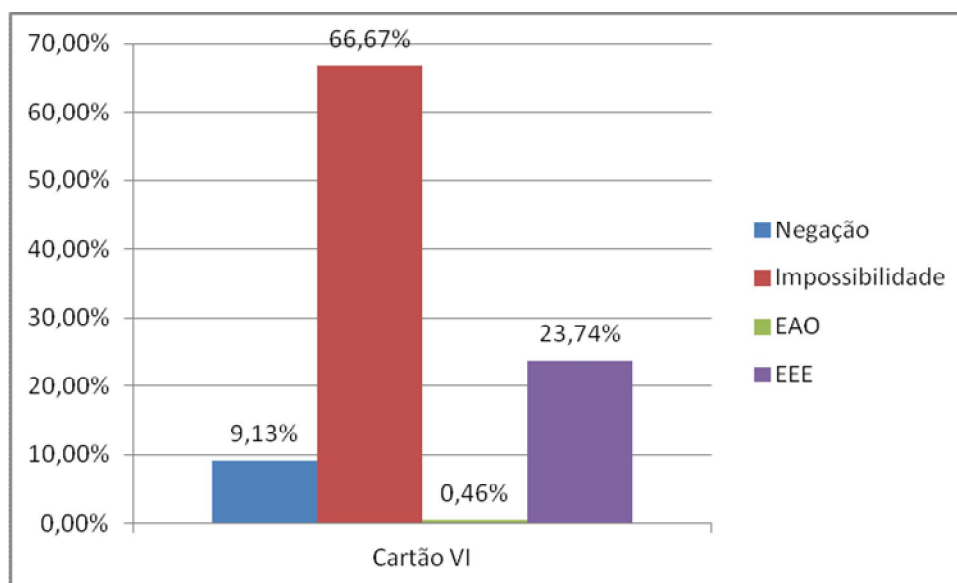


Figura 17. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VI (briga dos pais) (N=219)

Relativamente ao Cartão VI e analisando a Figura 17, verifica-se de forma muito clara a utilização maioritária da Impossibilidade. Segue-se a EEE, depois a Negação e por fim a EAO, esta praticamente inexistente.

Estes dados não estão de acordo com os dados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012), mas é necessário considerar as profundas alterações que, tal como no Cartão IV, foram introduzidas neste Cartão VI. Sendo este um Cartão que representa uma situação ansiogénea (briga dos pais), os resultados agora obtidos parecem também ir ao encontro do esperado e do que outros Cartões com características ansiogéneas revelam.

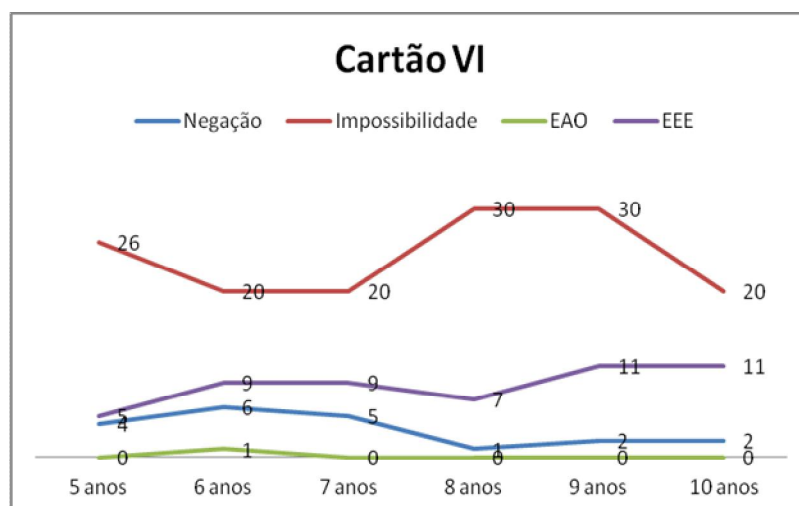


Figura 18. Evolução das estratégias do Cartão VI (briga dos pais), em termos de idades (N=219)

No Cartão VI, segundo a Figura 18, a utilização da Impossibilidade é sempre a mais elevada, aumentando ligeiramente aos 8/9 anos. A utilização da EAO é praticamente nula em todas as idades. A utilização da EEE aumenta ligeiramente com a idade e ocupa sempre o segundo lugar. A utilização da Negação diminui ligeiramente com a idade, sendo sempre bastante reduzida.

Assim, a Impossibilidade e a EEE são as estratégias mais utilizadas em todas as idades, o que já havia ocorrido em 2001, no estudo de Pires. A diferença encontrada agora é que a Impossibilidade de resolver a situação é mais elevada nas crianças mais velhas (8 e 9 anos) e não nas crianças mais novas, como ocorrera em 2001. Coloca-se a hipótese de que uma maior consciência do perigo efectivo da separação dos pais, obtida com a maior maturidade, esteja na origem destes resultados. Também no estudo de Capinha (2012), os resultados obtidos são diferentes dos aqui apresentados, visto que no seu estudo a Negação era bastante utilizada nas crianças até aos 7 anos e a EAO era bastante utilizada nas crianças a partir dos 8 anos.

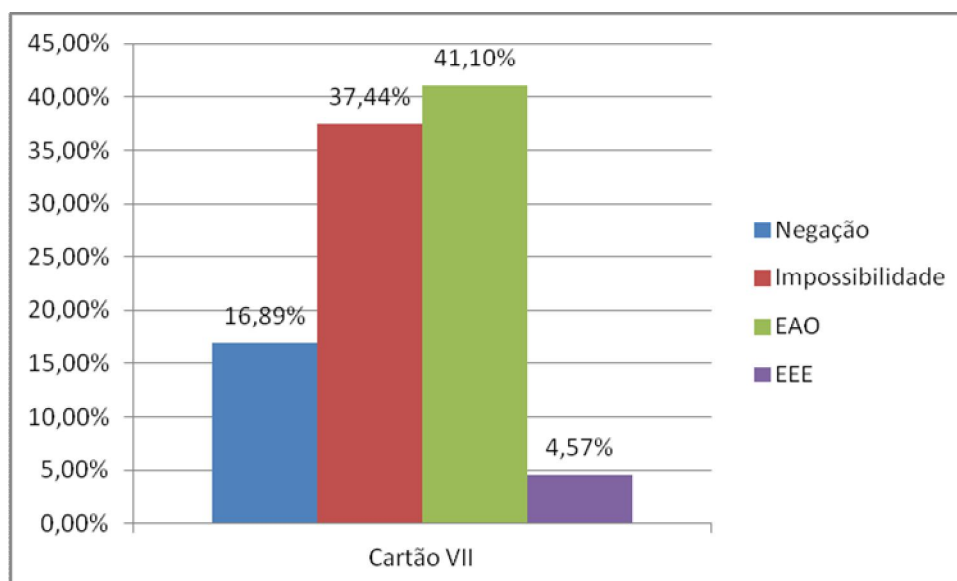


Figura 19. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VII (escola) (N=219)

Relativamente ao Cartão VII e analisando a Figura 19, observa-se que a Impossibilidade e a EAO são as estratégias maioritariamente utilizadas, apresentando percentagens bastante semelhantes. A Negação e por fim a EEE apresentam percentagens baixas.

Também no estudo de Pires (2001) e no estudo de Capinha (2012), tinha ocorrido uma maior prevalência das estratégias Impossibilidade e EAO, apesar dos resultados não serem tão expressivos, uma vez que também a Negação ocupava um lugar de destaque. Este Cartão apresenta uma temática escolar em que a criança se vê confrontada com dificuldades na aprendizagem frente aos colegas. Pode, deste modo, suscitar sentimentos de incapacidade e desvalorização, conduzindo a uma Impossibilidade de resolução da situação. No entanto, muitas crianças revelam conseguir resolver adequadamente o episódio, com recurso à EAO.

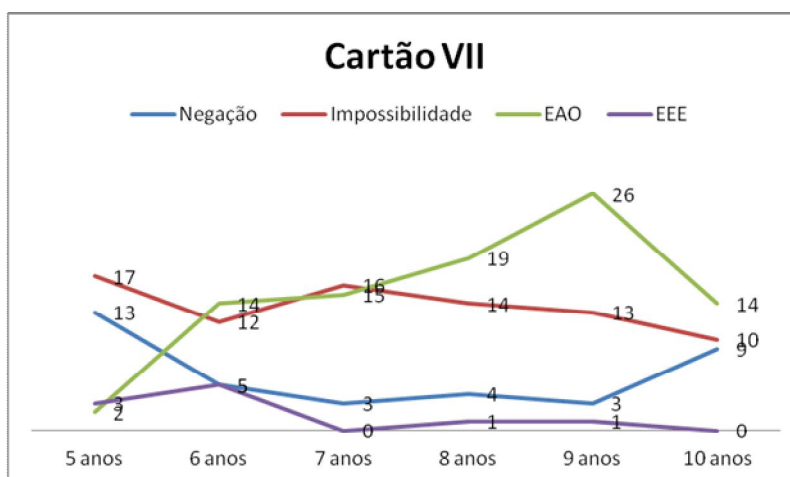


Figura 20. Evolução das estratégias do Cartão VII (escola), em termos de idades (N=219)

No Cartão VII, de acordo com os dados constantes da Figura 20, a utilização da EAO e da Impossibilidade estão em primeiro lugar na maioria das idades (excepto aos 5 anos em que a Negação domina a EAO). Se a EAO aumenta com a idade, apesar de descrescer novamente aos 10 anos, já a utilização da Impossibilidade mantém-se constante ao longo das diversas idades. A utilização da EEE é muito reduzida e diminui com a idade. A utilização da Negação é também bastante reduzida, mas mais elevada aos 5 e aos 10 anos de idade.

Assim, de acordo também com os resultados obtidos por Pires (2001) e por Capinha (2012), a Impossibilidade e a Negação caracterizam as respostas das crianças mais pequenas (5 anos), verificando-se depois uma redução drástica da Negação, dando lugar à Impossibilidade e sobretudo à EAO, que ocupa lugar de destaque nas crianças mais velhas, a partir dos 8 anos. Assim, a EAO vai sendo progressivamente adoptada pelas crianças à medida que vão crescendo, uma vez que vão desenvolvendo os seus recursos emocionais para lidar com situações de frustração.

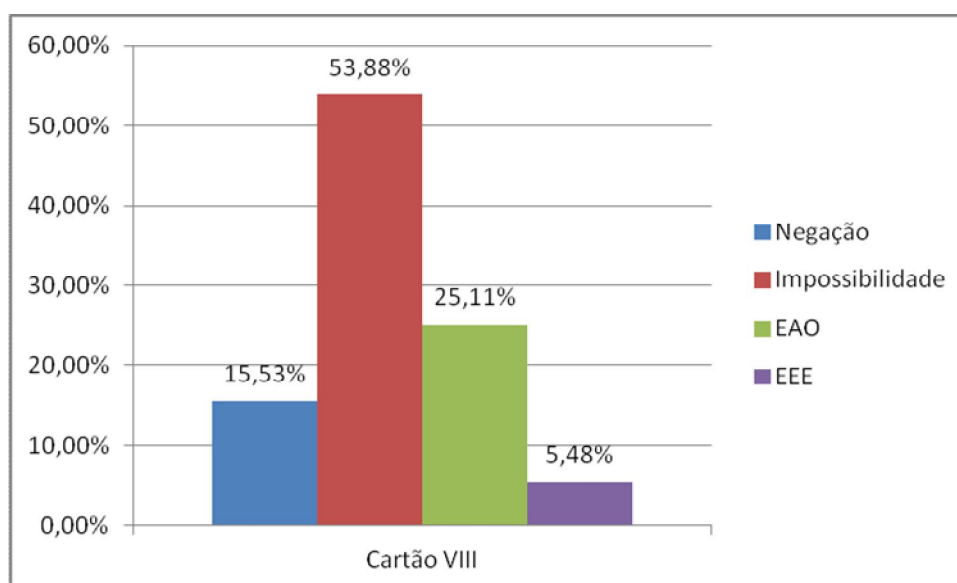


Figura 21. Percentagem de cada estratégia para o Cartão VIII (quebra da jarra) (N=219)

Relativamente ao novo Cartão VIII e analisando a Figura 21, observa-se que a Impossibilidade ocupa um lugar de destaque, sendo a estratégia mais utilizada. Segue-se a EAO, depois a Negação e por fim a EEE, que apresenta uma percentagem bastante baixa.

Este Cartão apresenta uma situação de quebra de normas parentais e respectivas consequências, podendo, deste modo, suscitar sentimentos de culpabilidade intensa, conduzindo a uma impossibilidade de resolução da situação. No entanto, muitas crianças revelam conseguir resolver adequadamente o episódio, com recurso à EAO.

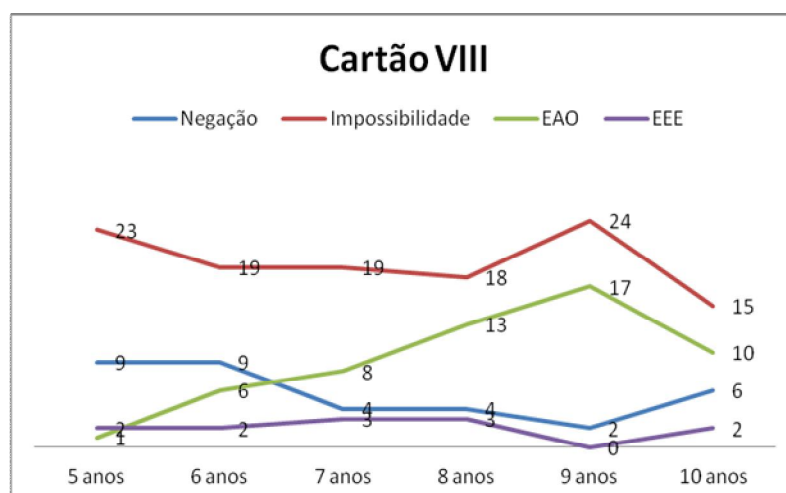


Figura 22. Evolução das estratégias do Cartão VIII (quebra da jarra), em termos de idades (N=219)

No Cartão VIII a utilização da Impossibilidade é sempre a mais elevada, sobretudo aos 5 e 9 anos. A utilização da EAO aumenta progressivamente com a idade, mas decresce novamente aos 10 anos. A utilização da EEE é bastante reduzida. A utilização da Negação reduz ligeiramente com a idade, mas aumenta novamente aos 10 anos. Deste modo, face à situação apresentada, apesar de muitas crianças demonstrarem impossibilidade de resolução do episódio, as crianças mais velhas terão maior facilidade em resolver a mesma de forma adequada, com recurso à EAO.

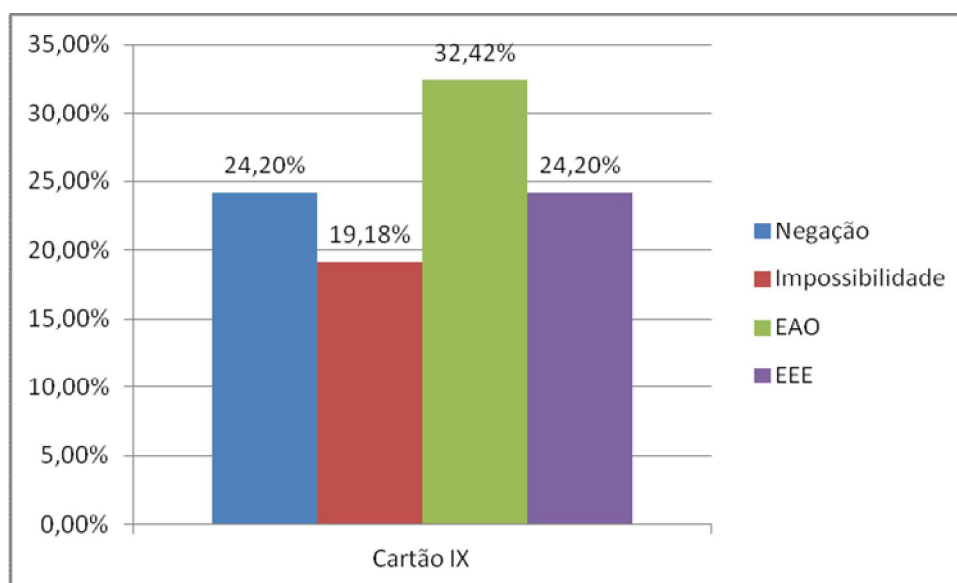


Figura 23. Percentagem de cada estratégia para o Cartão IX (nascimento de um irmão) (N=219)

Relativamente ao novo Cartão IX e analisando a Figura 23, observa-se que todas as estratégias foram bastante utilizadas. No entanto, a EAO ocupa um lugar de destaque, sendo a estratégia mais utilizada. Segue-se a Negação e a EEE, exactamente com a mesma percentagem de escolhas, e por fim a Impossibilidade.

Este Cartão apresenta uma situação de rivalidade fraterna, que pode suscitar emoções ambivalentes na criança. No entanto, são mais as crianças que revelam conseguir resolver adequadamente o episódio, com recurso à EAO ou à EEE, do que as crianças que se revelam incapazes de resolver a situação, quer com recurso à Impossibilidade, quer com recurso à Negação.

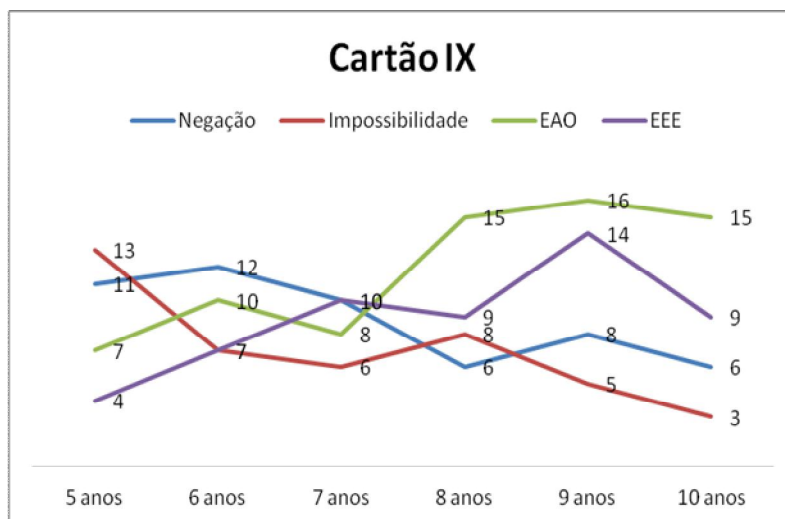


Figura 24. Evolução das estratégias do Cartão IX (nascimento de um irmão), em termos de idades (N=219)

No Cartão IX, de acordo com a Figura 24, a utilização da EAO e da EEE aumenta com a idade, apesar da última decrescer novamente aos 10 anos. A utilização da Impossibilidade e da Negação diminui com a idade. Verifica-se assim que as crianças mais velhas terão maior facilidade em gerir os sentimentos despoletados pela rivalidade fraterna do que as crianças mais novas.

Concluindo, quer Pires (2001), quer Capinha (2012), verificaram que nos Cartões II (doença), III (ida à praia), IV (pesadelo), V (dia de aniversário) e VI (briga dos pais) havia um predomínio do uso da EEE e da Impossibilidade, enquanto nos Cartões I (passeio com a mãe) e VII (escola) predominava a EAO e no Cartão IV (pesadelo) predominavam a EAO e a EEE. Os resultados do presente estudo vão ao encontro daqueles no que se refere aos Cartões I, II, III e V, mas no Cartão IV são a Impossibilidade e a EAO que predominam, no Cartão VI é a Impossibilidade a estratégia mais utilizada e no Cartão VII são a EAO e a Impossibilidade as mais utilizadas. Tendo os Cartões IV e VI sido alvo de intensas alterações, estas diferenças de resultados são expectáveis e tornam-se semelhantes aos resultados encontrados nos restantes Cartões que remetem para situações ansiogéneas. Pires (2001), e também Capinha (2012), tinham de facto encontrado para o Cartão IV um padrão de respostas atípico, que poderia reflectir algumas incoerências que as Cenas agora corrigidas apresentavam. No Cartão VII a diferença agora encontrada não se prende com alterações, uma vez que este Cartão não sofreu nenhuma alteração, mas também não



contradiz o carácter ansiogéneo do episódio nem o que é esperado face à situação apresentada.

No novo Cartão VIII (quebra da jarra), a Impossibilidade e a Estratégia Adaptativa Operacional predominam, sobretudo nas crianças mais velhas, e no novo Cartão IX (nascimento de um irmão) são a EAO e a EEE as mais utilizadas, sobretudo nas crianças mais velhas.

Também, tal como referido anteriormente, a análise realizada permite identificar, na maioria dos Cartões, uma diminuição do uso da Negação e da Impossibilidade com a maturidade, ao mesmo tempo que aumenta a utilização da EAO e da EEE. Esta constatação está de acordo com as conclusões apresentadas por Pires (2001) e também por Capinha (2012).

Importa ainda reflectir sobre as possíveis razões para que nos Cartões IV (pesadelo) e VII (escola) sejam a Impossibilidade e a EAO que predominam, e para que no Cartão VI (briga dos pais) seja a Impossibilidade a estratégia mais utilizada, ao contrário dos restantes Cartões, em que predominam a EAO e a EEE, bem como a Impossibilidade. Sendo a EAO uma modalidade de elaboração da ansiedade baseada sobretudo numa estratégia de acção que visa a resolução eficaz da situação, a criança conceberá esta estratégia recorrendo a meios factuais e não criativos (Pires, 2001). Pelo contrário, a EEE é uma modalidade flexível e criativa de confronto e elaboração da ansiedade (Pires, 2001). Assim, é de esperar que esta seja a estratégia mais utilizada, quando a criança gere de forma adaptada a situação apresentada (contrariamente à Impossibilidade). Nos Cartões IV (pesadelo) e VII (escola), parece ser mais usual recorrer a uma estratégia de acção realista, e menos usual a possibilidade de equilibrar o sentimento ansioso com uma fantasia criativa. O Cartão VI (briga dos pais) reflecte a situação que foi mais difícil de gerir adequadamente pela maioria das crianças da amostra deste estudo. Os restantes Cartões parecem retratar vivências cuja solução exige menos da capacidade pessoal e autonomia da criança. Em alguns deles, a solução da situação não depende directamente da criança, o que pode gerar um sentimento de impotência, mas também sentimentos de expectativa relativamente aos adultos, caso estes sejam sentidos como protectores.

### III.7.1.5.6. Análise dos Cartões de que as crianças gostaram mais e menos

Foram analisadas as diferenças estatisticamente significativas entre as crianças de diferentes idades relativamente aos Cartões de que gostaram mais e menos, através do teste Qui-quadrado. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes faixas etárias. O Quadro 92 mostra a frequência com que as crianças das diferentes idades escolheram cada Cartão como sendo o de que mais gostaram ou o de que menos gostaram.

Quadro 92. Cartões de que as crianças gostaram mais e gostaram menos (N=219)

	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10 anos	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Gostou												
mais												
E	1	2.9	2	5.6	1	2.9	2	5.3	6	14.0	5	15.2
I	1	2.9	3	8.3			4	10.5	5	11.6	2	6.1
II	2	5.7	1	2.8	1	2.9	1	2.6	1	2.3		
III	5	14.3	3	8.3	3	8.8	4	10.5	3	7.0	3	9.1
IV	1	2.9	1	2.8					3	7.0	3	9.1
V	14	40.0	5	13.9	6	17.6	6	15.8	8	18.6	5	15.2
VI							1	2.6				
VII	1	2.9	1	2.8	2	5.9	2	5.3	2	4.7		
VIII	2	5.7	3	8.3	4	11.8	2	5.3	3	7.0	1	3.0
IX	8	22.9	17	47.2	17	50.0	16	42.1	12	27.9	14	42.4
Gostou												
menos												
Sem			1	2.8								
resposta												
E	3	8.6	2	5.6	3	8.8	3	7.9	6	14.0	3	9.1
I	1	2.9	3	8.3	3	8.8	4	10.5	6	14.0	7	21.2
II	1	2.9	2	5.6	2	5.9	2	5.3	2	4.7		
III	2	5.7	4	11.1	2	5.9	1	2.6	3	7.0	1	3.0
IV	4	11.4	2	5.6	4	11.8	3	7.9	2	4.7	3	9.1

V	2	5.7	3	8.3	1	2.9	3	7.9	1	2.3		
VI	4	11.4	7	19.4	5	14.7	8	21.1	12	27.9	6	18.2
VII	1	2.9	1	2.8	1	2.9			1	2.3		
VIII	8	22.9	8	22.2	10	29.4	7	18.4	8	18.6	8	24.2
IX	9	25.7	3	8.3	3	8.8	7	18.4	2	4.7	5	15.2

Pode observar-se que, relativamente aos Cartões de que mais gostaram, o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em todas as idades, excepto pelas crianças de 5 anos, que evidenciaram maior preferência pelo Cartão V (dia de aniversário), seguido pelos Cartões IX e III (ida à praia). O Cartão V ocupa o segundo lugar nas escolhas das restantes idades, apesar de, aos 10 anos, estar em igualdade com o Cartão-Exemplo.

Relativamente aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verifica-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) é o mais escolhido pelas crianças de 6, 7 e 10 anos. O Cartão IX é o mais escolhido pelas crianças de 5 anos e para as de 8 anos ocupa também o primeiro lugar, em conjunto com o VIII. Aos 9 anos o Cartão VI (briga dos pais) é o mais escolhido.

#### **III.7.1.5.7. Análise das respostas dos meninos e das meninas**

Tal como apresentado anteriormente no Quadro 42, a amostra é constituída por 108 crianças do sexo feminino (49,3%) e por 111 crianças do sexo masculino (50,7%). De modo a estudar as respostas das crianças do sexo feminino e do sexo masculino, foram formados dois grupos: Grupo 1, constituído pelas crianças do sexo feminino (N=108) e Grupo 2, constituído pelas crianças do sexo masculino (N=111).

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado.

O Quadro 93 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 93. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças do sexo feminino e no grupo de crianças do sexo masculino (N = 219)

	Sexo Feminino		Sexo Masculino		$\chi^2$	p
	(N=108)		(N=111)			
	N	%	N	%		
Cartão I Cena 2					6.291*	.012
Não	65	60.2	48	43.2		
Sim	43	39.8	63	56.8		
Cartão I Cena 8					6.954**	.008
Não	53	49.1	74	66.7		
Sim	55	50.9	37	33.3		
Cartão II Cena 2					6.475*	.011
Não	60	55.6	80	72.1		
Sim	48	44.4	31	27.9		
Cartão IV Cena 3					4.775*	.029
Não	100	92.6	92	88.9		
Sim	8	7.4	19	17.1		
Cartão IV Cena 5					4.290*	.038
Não	92	85.2	82	73.9		
Sim	16	14.8	29	26.1		
Cartão IV Cena 8					7.869**	.005
Não	57	52.8	79	71.2		
Sim	51	47.2	32	28.8		
Cartão V Cena 6					8.674**	.003
Não	85	78.7	67	60.4		
Sim	23	21.3	44	39.6		
Cartão VI Cena 1					5.556*	.018
Não	57	52.8	41	36.9		

Sim	51	47.2	70	63.1		
Cartão VI Cena 7					10.639***	.001
Não	105	97.2	94	84.7		
Sim	3	2.8	17	15.3		
Cartão VII Cena 3					4.455*	.035
Não	43	39.8	60	54.1		
Sim	65	60.2	51	45.9		
Cartão VII Cena 4					6.379*	.012
Não	98	90.7	87	78.4		
Sim	10	9.3	24	21.6		
Cartão VII Cena 6					7.134**	.008
Não	100	92.6	89	80.2		
Sim	8	7.4	22	19.8		
Cartão VII Cena 7					5.355*	.021
Não	27	25.0	44	39.6		
Sim	81	75.0	67	60.4		
Cartão VIII Cena 4					7.484**	.006
Não	75	69.4	57	51.4		
Sim	33	30.6	54	48.6		
Cartão VIII Cena 7					5.918*	.015
Não	101	93.5	92	82.9		
Sim	7	6.5	19	17.1		
Cartão IX Cena 2					4.754*	.029
Não	102	94.4	95	85.6		
Sim	6	5.6	16	14.4		
Cartão IX Cena 6					6.379*	.012
Não	98	90.7	87	78.4		
Sim	10	9.3	24	21.6		
Cartão IX Cena 7					6.899**	.009
Não	25	23.1	44	39.6		
Sim	83	76.9	67	60.4		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Cena 8 — as meninas apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que os meninos. Esta é uma Cena de Realidade, em que a personagem está a utilizar um telemóvel.

— Cena 2 — os meninos apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as meninas. Esta é uma Cena de Aflição, em que a personagem está a chamar (a mãe).

Ambas as Cenas traduzem um comportamento activo de procura, na Cena 8 mediado pelo telemóvel, na Cena 2 com mais sinais de ansiedade.

Cartão II (doença)

— Cena 2 — as meninas apresentaram maior frequência de escolha desta Cena, que representa uma recusa ao tratamento dado pela mãe, do que os meninos.

Cartão IV (pesadelo)

— Cena 3 e Cena 5 — os meninos apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as meninas. Parece que a vivência de “herói” será mais marcada no sexo masculino, daí a escolha superior, para os meninos, destas Cenas de Fantasia, que representam a personagem a defender os pais e a matar o monstro.

— Cena 8 — as meninas apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que os meninos. Esta é uma Cena de Realidade, que representa a personagem a beber um copo de água, e demonstra um recurso adaptativo, mais utilizado pelas crianças do sexo feminino.

Cartão V (dia de aniversário)

— Cena 6 — os meninos apresentaram maior frequência de escolha desta Cena, que representa a personagem a abrir um presente, do que as meninas. Não se encontra nenhuma razão explicativa desta diferença.

Cartão VI (briga dos pais)

— Cena 1 e Cena 7 — estas Cenas são mais escolhidas pelos meninos do que pelas meninas. A Cena 1 é uma Cena de Realidade, que mostra a personagem a observar os pais a discutirem. Não foi encontrada nenhuma razão explicativa desta diferença. A Cena 7 ilustra a personagem a conduzir um carro, sendo uma Cena de Fantasia que remete para a fuga da situação. Talvez por o carro ser, geralmente, algo mais associado ao sexo masculino, sobretudo na infância, esta seja uma Cena mais escolhida pelos meninos.

Cartão VII (escola)

— Cena 3 e Cena 7 — as meninas apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que os meninos. A Cena 3 representa a personagem a sair da escola num balão. A Cena 7 representa a personagem a fazer uma careta.

— Cena 4 e Cena 6 — os meninos apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as meninas. A Cena 4 representa a personagem com uma expressão envergonhada a ser observada pelos colegas. A Cena 6 representa a personagem, com expressão constrangida, de pé de braços abertos.

Não esquecendo a influência do desenvolvimento na evolução das respostas, pode, deste modo, assinalar-se nas meninas uma tendência para escolher Cenas de Fantasia (fuga da situação — Cena 3 e atitude de oposição — Cena 7) *versus*, nos meninos, uma maior capacidade de enfrentar a dificuldade da situação (Cenas 4 e 6, bastante semelhantes, mas com diferentes graus de desconforto).

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Cena 4 e Cena 7 — estas Cenas são mais escolhidas pelos meninos do que pelas meninas. A Cena 4 é uma Cena de Aflição, que representa os pais a chorarem enquanto apanham os cacos. Remete para um sentimento de culpabilidade e de sofrimento infligido aos pais. Os meninos poderão viver mais intensamente esta culpabilidade do que as meninas. Já a Cena 7 é uma Cena de Fantasia, que representa os pais a rirem a apontarem para os cacos, remetendo somente de forma indirecta para a culpabilidade e usando a fuga pela Fantasia. Esta parece ser outra estratégia para lidar com a ansiedade suscitada pela situação representada, mais utilizada pelos meninos do que pelas meninas.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Cena 2 e Cena 6 — os meninos apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as meninas. A Cena 2 é uma Cena de Aflição, que representa a personagem a morder o pé do bebê enquanto a mãe lhe dá leite, remetendo para uma representação da rivalidade fraterna de forma agida directamente sobre o irmão e na presença do adulto. Tal poderá apontar para a existência de maior dificuldade, por parte dos meninos, em conterem ou deslocarem a sua agressividade relativamente ao bebê e à atenção que o adulto lhe dá. A Cena 6 representa a família toda junta, com o pai a ler uma história à personagem e a mãe com o bebê a dormir ao colo, sendo uma Cena de Realidade. Não se encontra nenhuma razão explicativa desta diferença.

— Cena 7 — as meninas apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que os meninos. Esta é uma Cena de Fantasia que representa a personagem a cortar um *poster* do bebê, o que remete para uma representação da agressividade não agida directamente, mas exteriorizada de forma indirecta. As meninas desta amostra mostraram ter maior tendência para utilizar este mecanismo do que os meninos.

Foram, deste modo, encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para Cenas de todos os Cartões, excepto do Cartão III (ida à praia).

O Quadro 94 mostra as Categorias de Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, tendo em conta a posição das Cenas.

Quadro 94. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças do sexo feminino e no grupo de crianças do sexo masculino (N = 219)

Posição/Categoria	Sexo Feminino		Sexo Masculino		$\chi^2$	p
	(N=108)		(N=111)			
	N	%	N	%		
3ª Cena Fantasia Mágica no Cartão II					4.755*	.029
Não	100	92.6	92	82.9		



Sim	8	7.4	19	17.1		
2ª Cena Fantasia Viável no Cartão III					4.076*	.043
Não	76	70.4	91	82.0		
Sim	32	29.6	20	18.0		
2ª Cena Realidade no Cartão IV					5.053*	.025
Não	59	54.6	77	69.4		
Sim	49	45.4	34	30.6		
3ª Cena Fantasia Viável no Cartão IV					3.988*	.046
Não	87	80.6	100	90.1		
Sim	21	19.4	11	9.9		
3ª Cena Fantasia Mágica no Cartão IV					6.529*	.011
Não	96	88.9	84	75.7		
Sim	12	11.1	27	24.3		
2ª Cena Aflição (A+MA) no Cartão V					4.403*	.036
Não	103	95.4	97	87.4		
Sim	5	4.6	14	12.6		
2ª Cena Realidade no Cartão V					4.933*	.026
Não	50	46.3	68	61.3		
Sim	58	53.7	43	38.7		
2ª Cena Fantasia Mágica no Cartão V					7.818**	.005
Não	103	95.6	93	83.8		
Sim	5	4.6	18	16.2		
1ª Cena Realidade no Cartão VI					3.842*	.050
Não	50	46.3	37	33.3		
Sim	58	53.7	74	66.7		

1ª Cena Aflição (A+MA)					6.289*	.012
no Cartão VI						
Não	68	63.0	87	78.4		
Sim	40	37.0	24	21.6		
1ª Cena Aflição					7.045**	.008
no Cartão VI						
Não	74	68.5	93	83.8		
Sim	34	31.5	18	16.2		
3ª Cena Fantasia Mágica					6.366*	.012
no Cartão VI						
Não	106	98.1	100	90.1		
Sim	2	1.9	11	9.9		
2ª Cena Fantasia (M+V)					5.130*	.024
no Cartão VII						
Não	101	93.5	93	83.8		
Sim	7	6.5	18	16.2		
3ª Cena Fantasia (M+V)					6.832**	.009
no Cartão VII						
Não	97	89.8	85	76.6		
Sim	11	10.2	26	23.4		
3ª Cena Fantasia Viável					4.491*	.034
no Cartão VII						
Não	106	98.1	102	91.9		
Sim	2	1.9	9	8.1		
1ª Cena Realidade					6.645**	.010
no Cartão VIII						
Não	35	32.4	55	49.5		
Sim	73	67.6	56	50.5		
1ª Cena Aflição (A+MA)					4.560*	
no Cartão VIII						.033
Não	85	78.7	73	65.8		
Sim	23	21.3	38	34.2		

1ª Cena Aflição					5.073*	.024
no Cartão VIII						
Não	89	82.4	77	69.4		
Sim	19	17.6	34	30.6		
3ª Cena Fantasia Viável					3.999*	.046
no Cartão VIII						
Não	102	94.4	96	86.5		
Sim	6	5.6	15	13.5		
2ª Cena Aflição (A+MA)					3.892*	.049
no Cartão IX						
Não	84	77.8	73	65.8		
Sim	24	22.2	38	34.2		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

#### Cartão II (doença)

— 3ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelos meninos do que pelas meninas.

A situação apresentada parece ser mais tendencialmente concluída com recurso a uma fantasia impossível pelos meninos do que pelas meninas, o que poderá representar uma tendência para a fuga.

#### Cartão III (ida à praia)

— 2ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhida pelas meninas do que pelos meninos.

O Cartão III apresenta uma situação prazerosa, de ida à praia com os pais e contacto com outras crianças, sendo que as crianças do sexo feminino parecem recorrer mais à Fantasia Viável (adequada) na elaboração desta temática, do que as crianças do sexo masculino.

Cartão IV (pesadelo)

— 2ª Cena Realidade e 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhidas pelas meninas do que pelos meninos.

— 3ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelos meninos do que pelas meninas.

Deste modo, as crianças do sexo masculino tenderão a utilizar mais mecanismos de fuga do que as crianças do sexo feminino, para concluir as histórias neste Cartão. As meninas tenderão a ter uma segunda abordagem mais realista da situação do que os meninos.

Cartão V (dia de aniversário)

— 2ª Cena Aflição (A+MA) e 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelos meninos do que pelas meninas.

— 2ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas meninas do que pelos meninos.

Sendo este um Cartão prazeroso, que representa a situação de aniversário, podemos pensar que as meninas tenderão a elaborar esta situação de uma forma realista e que os meninos tenderão a fazê-lo com maior presença de aflição. Os meninos recorrem mais à fantasia impossível para elaborar as histórias do que as meninas, o que poderá apontar para uma maior tendência para a fuga por parte dos meninos.

Cartão VI (briga dos pais)

— 1ª Cena Aflição (A+MA) e 1ª Cena Aflição — mais escolhidas pelas meninas do que pelos meninos.

— 1ª Cena Realidade e 3ª Cena Fantasia Mágica — mais escolhidas pelos meninos do que pelas meninas.

Assim, os resultados mostraram que os meninos parecem lidar com a situação de briga dos pais representada neste Cartão de uma forma mais realista e as meninas parecem reconhecer mais a emoção ansiosa que a mesma desperta. Os meninos terão também uma maior tendência para a utilização de mecanismos de fuga para darem conclusão à história neste Cartão.

Cartão VII (escola)

— 2ª Cena Fantasia (V+M), 3ª Cena Fantasia (V+M) e 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhidas pelos meninos do que pelas meninas.

Deste modo, os meninos parecem elaborar esta temática de dificuldade na situação escolar com maior recurso à Fantasia do que as meninas.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— 1ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas meninas do que pelos meninos.

— 1ª Cena Aflição (A+MA), 1ª Cena Aflição e 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhidas pelos meninos do que pelas meninas.

Assim, as crianças do sexo feminino parecem lidar com a situação de quebra de normas representada neste Cartão de uma forma mais realista e as crianças do sexo masculino parecem reconhecer mais a emoção ansiosa que a mesma desperta, concluindo a mesma com recurso à fantasia (adequada).

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— 2ª Cena Aflição (A+MA) — mais frequentemente escolhidas pelos meninos do que pelas meninas.

Parece existir maior tendência à permanência da emoção ansiosa suscitada pela situação de rivalidade fraterna nas crianças do sexo masculino do que nas crianças do sexo feminino.

Os resultados relativos às diferenças significativas encontradas entre os grupos relativamente à utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão, são apresentados no Quadro 95.

Quadro 95. Diferenças estatisticamente significativas entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade das respostas do grupo de crianças do sexo feminino e do grupo de crianças do sexo masculino, em cada Cartão (N = 219)

	Sexo Feminino		Sexo Masculino		$\chi^2$	p
	(N=108)		(N=111)			
	N	%	N	%		
Cartão III					10.622*	.014
Negação	11	10.2	12	10.8		
Impossibilidade	19	17.6	31	27.9		
EEE	10	9.3	21	18.9		
EAO	68	63.0	47	42.3		
Cartão VI					13.558**	.044
Negação	3	2.8	17	15.3		
Impossibilidade	72	66.7	74	66.7		
EEE	1	.9				
EAO	32	29.6	20	18.0		
Cartão VII					10.237*	.017
Negação	11	10.2	26	23.4		
Impossibilidade	39	36.1	43	38.7		
EEE	54	50.0	36	32.4		
EAO	4	3.7	6	5.4		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão III (ida à praia) — as estratégias Impossibilidade e EEE foram mais frequentes nos meninos do que nas meninas e a EAO foi mais frequente nas meninas do que nos meninos. O maior uso da Impossibilidade poderá indicar uma maior dificuldade na gestão da situação apresentada de uma forma positiva por parte dos meninos do que por parte das meninas, as quais utilizam mais frequentemente estratégias realisticamente adequadas (EAO).

Cartão VI (briga dos pais) — a estratégia Negação foi mais frequentemente utilizada pelos meninos do que pelas meninas e a EAO foi mais frequentemente utilizada pelas meninas do que pelos meninos também neste Cartão. Tal poderá indicar uma maior dificuldade por parte das crianças do sexo masculino em gerir a situação de briga dos pais apresentada no Cartão e uma maior capacidade das meninas em usar estratégias realisticamente adequadas (EAO), aliás as mais raras neste Cartão.

Cartão VII (escola) — a estratégia Negação foi mais frequentemente utilizada pelos meninos do que pelas meninas e a EEE foi mais frequentemente utilizada pelas meninas do que pelos meninos. Uma vez mais, tal poderá indicar uma maior dificuldade por parte das crianças do sexo masculino em gerir a situação de dificuldade no contexto escolar apresentada no Cartão, distinguindo-se das meninas, que têm maior frequência de estratégias adaptadas e criativas.

O Quadro 96 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise das Respostas. Foram analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 96. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças do sexo feminino e do grupo de crianças do sexo masculino relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219)

	Sexo Feminino		Sexo Masculino		$\chi^2$	p
	(N=108)		(N=111)			
	N	%	N	%		
Cartão I Item 8					8.085**	.004
Não	90	83.3	74	66.7		
Sim	18	16.7	37	33.3		

Cartão IV Item 8					4.458*	.035
Não	93	86.1	83	74.8		
Sim	15	13.9	28	25.2		
Cartão VI Item 8					4.402*	.036
Não	96	88.9	87	78.4		
Sim	12	11.1	24	21.6		
Cartão VIII Item 1					5.584*	.018
Não	82	85.2	80	72.1		
Sim	16	14.8	31	27.9		
Cartão II Item 50					4.083*	.043
Não	104	96.3	99	89.2		
Sim	4	3.7	12	10.8		
Cartão III Item 46					4.083*	.043
Não	4	3.7	12	10.8		
Sim	104	96.3	99	89.2		
Cartão III Item 61					4.323*	.038
Não	20	18.5	34	30.6		
Sim	88	81.5	77	69.4		
Cartão IV Item 50					4.502*	.034
Não	107	99.1	104	93.7		
Sim	1	.9	7	6.3		
Cartão V Item 60					5.704*	.017
Não	41	38.0	60	54.1		
Sim	67	62.0	51	45.9		
Cartão V Item 61					7.631**	.006
Não	85	78.7	102	91.9		
Sim	23	21.3	9	8.1		
Cartão V Item 78					5.259*	.022
Não	103	95.4	111	100.0		
Sim	5	4.6				
Cartão VI Item 69					18.006***	< .001
Não	104	96.3	85	76.6		
Sim	4	3.7	26	23.4		



Cartão VI Item 70					32.290***	< .001
Não	74	68.5	108	97.3		
Sim	34	31.5	3	2.7		
Cartão VII Item 56					5.259*	.022
Não	103	95.4	111	100.0		
Sim	5	4.6				
Cartão VII Item 59					5.259*	.022
Não	103	95.4	111	100.0		
Sim	5	4.6				
Cartão VII Item 94					8.305**	.004
Não	14	13.0	32	28.8		
Sim	94	87.0	79	71.2		
Cartão VII Item 95					7.683**	.006
Não	56	51.9	37	33.3		
Sim	52	48.1	74	66.7		
Cartão VIII Item 51					4.091*	.043
Não	86	79.6	75	67.6		
Sim	22	20.4	36	32.4		
Cartão VIII Item 56					4.188*	.041
Não	104	96.3	111	100.0		
Sim	4	3.7				
Cartão VIII Item 88					5.804*	.016
Não	23	21.3	40	36.0		
Sim	85	78.7	71	64.0		
Cartão VIII Item 94					7.215**	.007
Não	37	34.3	58	52.3		
Sim	71	65.7	53	47.7		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

Itens da Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

— Item 1 — “Aumenta o tempo de latência” — Cartão VIII (quebra da jarra).

Os meninos apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as meninas, o que poderá indicar maior intensidade da emoção ansiosa suscitada pela temática nele abordada nas crianças do sexo masculino.

— Item 8 — “Hesita na escolha das Cenas” — Cartões I (passeio com a mãe), IV (pesadelo) e VI (briga dos pais).

Os meninos apresentaram maior hesitação na escolhas das Cenas para dar continuidade ao episódio do que as meninas, o que poderá, uma vez mais, revelar um maior grau de ansiedade face às temáticas destes Cartões.

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão II (doença)

— Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”

Os meninos apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as meninas. Só analisando a distorção caso a caso poderia avançar-se com hipóteses explicativas.

Cartão III (ida à praia)

— Item 46 — “Elabora um enredo”

— Item 61 — “Personagem quer conviver com outros meninos”

As meninas apresentaram maior frequência destes itens neste Cartão do que os meninos. Tal indica que as meninas elaboram uma história com sentido, em que a abordagem do convívio com os pares é integrada.

Cartão IV (pesadelo)

— Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”

Os meninos apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as meninas. Uma vez mais, só analisando a distorção caso a caso seria possível avançar com hipóteses explicativas.

Cartão V (dia de aniversário)

— Item 60 — “Faz referência a outros meninos”

- Item 61 — “Personagem quer conviver com outros meninos”
- Item 78 — “Adulto feminino indica normas”

As meninas apresentaram maior frequência destes itens do que os meninos. Tal indica que as crianças do sexo feminino integram o convívio com os pares nas suas histórias neste Cartão, mas também a imposição de limites por parte do adulto feminino (tendencialmente a mãe).

#### Cartão VI (briga dos pais)

- Item 69 — “Personagem apoiada por adulto masculino”
- Item 70 — “Personagem apoiada por adulto feminino”

Os meninos apresentaram maior frequência do Item 69 neste Cartão do que as meninas e as meninas apresentaram maior frequência do Item 70 neste Cartão do que os meninos. Deste modo, e tal como a nova Cena 5 deste Cartão representa, face à situação de briga dos pais as meninas serão mais apoiadas pela mãe e os meninos pelo pai. Esta diferença é provocada pela própria construção da Cena em causa.

#### Cartão VII (escola)

- Item 56 — “Transforma o desfecho, melhorando-o”
- Item 59 — “Personagem tenta obter ajuda e não consegue”
- Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”
- Item 95 — “Mostra-se incapaz de resolver a situação”

As meninas apresentaram maior frequência destes itens neste Cartão do que os meninos. Os itens em questão não apontam todos no mesmo sentido, representando assim uma grande variabilidade de respostas possíveis, umas mais adequadas e outras menos adequadas. Só a análise caso a caso poderia ser mais esclarecedora.

#### Cartão VIII (quebra da jarra)

- Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”
- Item 56 — “Transforma o desfecho, melhorando-o”
- Item 88 — “Faz referência a culpabilidade (ou infere-se)”
- Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”

As meninas apresentaram maior frequência dos itens 56, 88 e 94 neste Cartão do que os meninos. Tal aponta para uma tentativa de gerir a situação de quebra de limites de forma adequada e para o reconhecimento da culpabilidade suscitada pela mesma. Os

meninos apresentaram maior frequência do item 51 neste Cartão do que as meninas. Tal representa um mecanismo de fuga, mas só a análise caso a caso permitiria avançar com hipóteses explicativas.

#### **III.7.1.5.8. Estudo das respostas nos subgrupos da amostra**

Foram apresentados os resultados obtidos no que se refere à frequência de escolha das Cenas de cada Cartão por idade, à frequência de escolha das Cenas em cada Cartão de acordo com a sua categoria (Aflição e Muita Aflição, Fantasia Viável e Fantasia Mágica e Realidade) por idade e a sua ordem de colocação nas sequências, às respostas aos itens da Grelha de Análise de Respostas, às Estratégias de Elaboração da Ansiedade e ainda às diferenças encontradas nestas respostas entre o grupo de crianças do sexo feminino e do sexo masculino.

São agora analisadas as respostas em diferentes subgrupos da amostra: crianças com e sem dificuldades de aprendizagem (de acordo com a informação dos professores); crianças com e sem perturbação emocional (de acordo com os resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores - Rutter, 1967); crianças com valores altos e baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto (de acordo com os resultados do Inventário de Relações Fraternas e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos). A análise dos subgrupos é realizada no que respeita à existência de diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida”, entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência”, entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade e ainda relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas.

Nos resultados apresentados, fica clara a existência de um padrão evolutivo, com diferenças nas respostas de acordo com as idades. No entanto, se os subgrupos abordados a seguir fossem tratados em cada um dos níveis etários, os efectivos seriam demasiado pequenos, pelo que se optou por considerar o todo da amostra. Considera-se pois, que esta análise se limitará a revelar tendências de resposta, que poderão ser objecto de estudos posteriores.

### III.7.1.5.8.1. Estudo das respostas das crianças com e sem dificuldades de aprendizagem

No que se refere à opinião dos professores relativamente à existência de dificuldades de aprendizagem, recolhida através do item 27 (O aluno tem dificuldades de aprendizagem), acrescentado ao Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967), os resultados são apresentados no Quadro 97.

Quadro 97. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com e sem dificuldades de aprendizagem, segundo o item 27 (O aluno tem dificuldades de aprendizagem) acrescentado ao Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (N = 219)

	N	%	Média	DP	Mínimo	Máximo
Sem dificuldade	125	57.1	7,3	1,8	5	10
Com alguma dificuldade	74	33.8	7,9	1,5	5	10
Com muita dificuldade	20	9.1	7,8	1,5	5	10

Verificou-se que 94 crianças (42.92%) apresentam dificuldades de aprendizagem e 125 crianças (57,1%) não apresentam dificuldades de aprendizagem. A média de idades nas três situações ronda os 7 anos e meio, com um desvio-padrão entre 1,5 e 1,8.

Para analisar as diferenças entre as crianças com e sem dificuldades de aprendizagem foram formados dois grupos: Grupo 1, constituído pelas crianças sem dificuldades (N=125) e Grupo 2, constituído pelas crianças com alguma ou muita dificuldade (N=94).

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão, dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas e dos Cartões de que gostaram mais e menos, através do teste Qui-

quadrado. Sublinha-se que os resultados referentes ao Cartão VII, referindo-se a uma situação de dificuldade no contexto escolar, eram de particular interesse nestes grupos.

O Quadro 98 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 98. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e no grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem (N = 219)

	Com dificuldades (N=94)		Sem dificuldades (N=125)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão I Cena 1					8.750**	.003
Não	24	25.53	13	10.40		
Sim	70	74.47	112	89.60		
Cartão I Cena 4					7.680**	.006
Não	27	28.72	9	47.20		
Sim	67	71.28	66	52.80		
Cartão VI Cena 9					6.712**	.010
Não	70	74.47	110	88.00		
Sim	24	25.53	15	12.00		
Cartão IX Cena 2					15.103***	< .001
Não	76	80.85	121	96.80		
Sim	18	19.15	4	3.20		
Cartão IX Cena 4					3.923*	.048
Não	65	69.15	70	56.00		
Sim	29	30.85	55	44.00		
Cartão IX Cena 5					9.228**	.002
Não	63	67.02	58	46.40		
Sim	31	32.98	67	53.60		
Cartão IX Cena 6					15.390***	< .001
Não	69	73.40	116	92.80		
Sim	25	26.60	9	7.20		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, é de assinalar que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para o Cartão VII

(escola). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com mãe)

— Cena 1 — as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha desta Cena de Realidade, que representa a criança a pedir ajuda, do que as crianças com dificuldades de aprendizagem, o que pode ser encarado como uma maior capacidade de tomar iniciativa para resolver a situação e para lidar com a ansiedade ligada à temática de separação.

— Cena 4 — as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha desta Cena de Aflição, que representa a criança sentada no chão a chorar, do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem, o que pode ser encarado como uma menor capacidade de encarar a ansiedade ligada a esta temática de separação.

Cartão VI (briga dos pais)

— Cena 9 — as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Esta é uma Cena de Muita Aflição que representa a criança agarrada à barriga, enquanto os pais discutem. É, pois, uma Cena que representa grande ansiedade no contexto relacional de insegurança face à discussão entre os pais. Deste modo, as crianças com dificuldades de aprendizagem escolhem mais Cenas que representam uma aflição intensa num contexto de manifestação somática da ansiedade.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Cena 2 e Cena 6 — as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as crianças sem dificuldades. A maior frequência de escolha da Cena 2, Cena de Aflição que representa a personagem a morder o pé do irmão enquanto a mãe lhe está a dar biberão, nas crianças com dificuldades de aprendizagem, aponta para uma representação da rivalidade fraterna de forma agida directamente sobre o irmão, na presença do adulto. Poderá revelar maior dificuldade por parte destas crianças em conterem ou deslocarem a sua agressividade face a esta situação. A maior frequência de escolha da Cena 6, Cena de Realidade que representa o pai a ler uma história à personagem enquanto o bebé dorme no colo da mãe, por si só, não nos parece fácil de interpretar.

— Cena 4 e Cena 5 — as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. A maior frequência de escolha da Cena 4, Cena de Aflição que representa a mãe com o bebê ao colo a mandar a personagem embora sob o olhar reprovador do pai, nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, aponta para uma maior culpabilidade associada às vivências de rivalidade fraterna por parte destas crianças. A maior frequência de escolha da Cena 5, Cena de Fantasia Viável que representa a personagem a olhar para uma fotografia de quando ela era bebê com os pais, por parte destas crianças, aponta também para uma representação da rivalidade mais controlada e menos agida.

O Quadro 99 mostra as Categorias de Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, tendo em conta a posição das Cenas.

Quadro 99. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e no grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem (N = 219)

	Com dificuldades		Sem dificuldades		$\chi^2$	p
	(N=94)		(N=125)			
	N	%	N	%		
1ª Cena Aflição					4.497*	.034
no Cartão I						
Não	72	76.6	79	63.2		
Sim	22	23.4	46	36.8		
2ª Cena Aflição (A+MA)					10.177***	.001
no Cartão I						
Não	39	41.5	79	63.2		
Sim	55	58.5	46	36.8		
2ª Cena Aflição					13.122***	<.001
no Cartão I						
Não	72	76.6	117	93.6		
Sim	22	23.4	8	6.4		



2ª Cena Realidade no Cartão I					4.782*	.029
Não	62	66.0	64	51.2		
Sim	32	34.0	61	48.8		
3ª Cena Muita Aflição no Cartão I					4.990*	.025
Não	71	75.5	109	87.2		
Sim	23	24.5	16	12.8		
2ª Cena Muita Aflição no Cartão II					6.923**	.009
Não	81	86.2	89	71.2		
Sim	13	13.8	36	28.8		
3ª Cena Aflição (A+MA) no Cartão VI					7.107**	.008
Não	48	51.	86	68.8		
Sim	46	48.9	39	31.2		
1ª Cena Fantasia Mágica no Cartão VII					6.735**	.009
Não	87	92.6	124	99.2		
Sim	7	7.4	1	.8		
2ª Cena Fantasia Mágica no Cartão VII					6.200*	.013
Não	93	98.9	114	91.2		
Sim	1	1.1	11	8.8		
2ª Cena Aflição (A+MA) no Cartão VIII					5.314*	.021
Não	57	60.6	94	75.2		
Sim	37	39.4	31	24.8		
2ª Cena Aflição no Cartão VIII					4.311*	.038
Não	61	64.9	97	77.6		
Sim	33	35.1	28	22.4		

1ª Cena Aflição (A+MA)					4.289*	.038
no Cartão IX						
Não	70	74.5	107	85.6		
Sim	24	25.5	18	14.4		
1ª Cena Fantasia Mágica					3.848*	.050
no Cartão IX						
Não	94	100.0	120	96.0		
Sim			5	4.0		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— 1ª Cena Aflição e 2ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhidas pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem.

— 2ª Cena Aflição (A+MA), 2ª Cena Aflição e 3ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

Estes resultados poderão indicar que as crianças sem dificuldades de aprendizagem terão maior facilidade em reconhecer e elaborar a ansiedade provocada pela situação de separação. Por outro lado, as crianças com dificuldades de aprendizagem terão maior dificuldade na elaboração dessa ansiedade, que tende a persistir durante mais tempo na história.

Cartão II (doença)

— 2ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem, o que, por si só, não parece fácil de interpretar.

Cartão VI (briga dos pais)

— 3ª Cena Aflição (A+MA) — mais frequentemente escolhida pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem. Estes resultados sugerem que a permanência da ansiedade despoletada pela situação de discussão entre os pais é mais patente nas crianças com dificuldades de aprendizagem, que na 3ª posição da sequência escolhem mais vezes Cenas de Aflição e Muita Aflição.

Cartão VII (escola)

— 1ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

— 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Tal como referido anteriormente, as diferenças encontradas neste Cartão para estes grupos eram de especial interesse. Estes resultados sugerem que as crianças com dificuldades de aprendizagem, face à situação de dificuldade escolar, tendem a evadir-se da ansiedade pelo recurso imediato a uma Cena de fantasia onipotente (Fantasia Mágica), ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem apenas utilizam esse recurso numa segunda abordagem. Confrontando estes resultados com os que foram obtidos por Fagulha e Duarte Silva (1996), que, num estudo longitudinal com a duração de três anos, compararam a evolução das respostas ao Cartão VII entre um grupo de 40 crianças com dificuldades de aprendizagem e um grupo de 41 crianças sem dificuldades de aprendizagem (grupos constituídos a partir de informação dos professores), verifica-se que os resultados do presente estudo não vão ao encontro dos resultados desse estudo anterior (já referido no ponto I.3.4.). As autoras verificaram que as crianças com dificuldades de aprendizagem escolar apresentavam uma reacção predominantemente ansiosa e alguma inibição da fantasia como reacção imediata à situação apresentada, e que as crianças sem dificuldades de aprendizagem organizavam histórias em que estava patente o reconhecimento dos aspectos críticos e ansiogéneos do estímulo, mas em que era possível um maior recurso à capacidade lúdica para os enfrentar. No entanto, estas diferenças sofreram um esbatimento ao longo dos três anos de estudo, o que levou as autoras a considerarem a possibilidade de ter existido algum

efeito “terapêutico” na forma como o estudo foi conduzido, envolvendo os pais e os professores das crianças, podendo este ser responsável, em parte, pela aproximação dos dois grupos no que se refere aos resultados neste Cartão da prova, ao mesmo tempo que o percurso normal de desenvolvimento conduziria a uma maior aceitação e adaptação à realidade. Também é de ter em conta a diferença de características das duas amostras (nomeadamente a sua dimensão e as idades das crianças).

Cartão VIII (quebra da jarra)

— 2ª Cena Aflição (A+MA) e 2ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

A ansiedade que a situação de quebra de normas gera parece permanecer por mais tempo e ser mais difícil de gerir pelas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— 1ª Cena Aflição (A+MA) — mais frequentemente escolhida pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

— 1ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Esta situação de rivalidade fraterna parece despoletar um movimento inicial de maior ansiedade nas crianças com dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem recorrer mais ao mecanismo de Fantasia (Mágica) como primeira abordagem à situação de rivalidade fraterna, fazendo face à possível ansiedade que a mesma despoletará.

Para avaliar as diferenças entre as crianças com e sem dificuldades de aprendizagem em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão foi utilizado o teste Qui-quadrado. Verificou-se que não houve diferenças significativas entre os dois grupos para nenhuma das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade, em nenhum dos 9 Cartões.

O Quadro 100 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 100. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem e do grupo de crianças sem dificuldades de aprendizagem relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219)

	Com dificuldades		Sem dificuldades		$\chi^2$	P
	(N=94)		(N=125)			
	N	%	N	%		
Cartão I Item 3					6.804**	.009
Não	89	94.7	125	100.0		
Sim	5	5.3				
Cartão II Item 3					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão III Item 3					5.418	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão IV Item 3					6.804**	.009
Não	89	94.7	125	100.0		
Sim	5	5.3				
Cartão V Item 3					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão VII Item 3					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão VIII Item 3					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão IX Item 3					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				

Cartão I Item 58					8.939**	.003
Não	36	38.3	25	20.0		
Sim	58	61.7	100	80.0		
Cartão I Item 67					9.644**	.002
Não	28	29.8	16	12.8		
Sim	66	70.2	109	87.2		
Cartão I Item 69					6.567**	.010
Não	83	88.3	93	74.4		
Sim	11	11.7	32	25.6		
Cartão I Item 81					6.804**	.009
Não	89	94.7	125	100.0		
Sim	5	5.3				
Cartão III Item 91					4.045*	.044
Não	91	96.8	125	100.0		
Sim	3	3.2				
Cartão IV Item 46					3.904*	.048
Não	9	9.6	4	3.2		
Sim	85	90.4	121	96.8		
Cartão IV Item 70					4.755*	.029
Não	73	77.7	80	64.0		
Sim	21	22.3	45	36.0		
Cartão IV Item 75					9.806**	.002
Não	83	88.3	123	98.4		
Sim	11	11.7	2	1.6		
Cartão IV Item 76					9.806**	.002
Não	83	88.3	123	98.4		
Sim	11	11.7	2	1.6		
Cartão VI Item 87					4.117*	.042
Não	91	96.8	112	89.6		
Sim	3	3.2	13	10.4		
Cartão VI Item 95					4.698*	.030
Não	41	43.6	73	58.4		
Sim	53	56.4	52	41.6		
Cartão VII Item 60					6.210*	.013
Não	76	80.9	82	65.6		
Sim	18	19.1	43	34.4		
Cartão VII Item 72					4.045*	.044
Não	91	96.8	125	100.0		
Sim	3	3.2				
Cartão VIII Item 52					5.418*	.020
Não	90	95.7	125	100.0		
Sim	4	4.3				
Cartão VIII Item 94					3.960	.047
Não	48	51.1	47	37.6		
Sim	46	48.9	78	62.4		
Cartão IX Item 45					7.152**	.007
Não	85	90.4	123	98.4		
Sim	9	9.6	2	1.6		

Cartão IX Item 46					5.521*	.019
Não	13	13.8	6	4.8		
Sim	81	86.2	119	95.2		
Cartão IX Item 50					4.214*	.040
Não	80	85.1	92	73.6		
Sim	14	14.9	33	26.4		
Cartão IX Item 61					3.877*	.049
Não	93	98.9	117	93.6		
Sim	1	1.1	8	6.4		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

Itens da Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

— Item 3 (“Identifica-se com a personagem”) — Cartões I (passeio com a mãe), II (doença), III (ida à praia), IV (pesadelo), V (dia de aniversário), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão).

Os resultados mostraram que as crianças com dificuldades de aprendizagem se identificaram mais com a personagem (em todos os Cartões excepto no Cartão VI — briga dos pais) do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Tal poderá revelar uma maior fragilidade identitária por parte das crianças com dificuldades de aprendizagem.

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Item 58 — “Personagem tenta obter ajuda”

— Item 67 — “Personagem procura adulto masculino”

— Item 69 — “Personagem apoiada por adulto masculino”

— Item 81 — “Após referência a aflição surge onipotência”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 81 do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Este mecanismo de defesa para fazer face à ansiedade despoletada pela situação, é, assim, mais comum nas crianças com dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência dos Itens 58, 67 e 69 do que as crianças

com dificuldades de aprendizagem. Deste modo, as crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem optar mais facilmente pela procura de ajuda, tendo esta sucesso na maioria das situações.

Cartão III (ida à praia)

— Item 91 — “Expressão de aflição somática”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Este resultado poderá apontar para a expressão de uma ansiedade mais intensa por parte das crianças com dificuldades de aprendizagem.

Cartão IV (pesadelo)

— Item 46 — “Elabora um enredo”

— Item 70 — “Personagem apoiada por adulto feminino”

— Item 75 — “Adulto masculino desvalorizado”

— Item 76 — “Adulto feminino desvalorizado”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência dos Itens 75 e 76 do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Deste modo, as crianças com dificuldades de aprendizagem tenderão mais a desvalorizar o adulto e a sua capacidade de as apoiar. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência dos itens 46 e 70 do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças sem dificuldades de aprendizagem tenderão a elaborar histórias em que integram o apoio da figura adulta feminina (tendencialmente a mãe).

Cartão VI (briga dos pais)

— Item 87 — “Faz referência a perigos ou à ideia de fuga”

— Item 95 — “Mostra-se incapaz de resolver a situação”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 95 que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Deste modo, esta poderá ser uma situação de mais difícil resolução para as crianças com dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 87 do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Tal revela um reconhecimento mais fácil, por parte das crianças sem dificuldades de aprendizagem,



da temática aflitiva e duma solução, através da fuga, para a situação representada neste Cartão.

Cartão VII (escola)

- Item 60 — “Faz referência a outros meninos”
- Item 72 — “Personagem rejeitada por adulto feminino”

Uma vez mais, os resultados deste Cartão são de grande interesse. Verificou-se que as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 72 do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Assim, as respostas das crianças com dificuldades de aprendizagem tenderão a reflectir mais o sentimento de incompreensão do adulto feminino, neste caso a professora, face à dificuldade sentida. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 60 do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de aprendizagem integrarão mais a presença dos pares nas suas histórias do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Talvez estas estejam mais centradas na dificuldade abstraindo-se da observação dos pares.

Cartão VIII (quebra da jarra)

- Item 52 — “Faz referência a Cenas que não escolheu”
- Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 52 do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Para tal não se encontra, por si só, nenhuma hipótese interpretativa. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 94 do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Deste modo, a situação de quebra de normas representada parece ser mais facilmente resolvida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

- Item 45 — “Descreve as Cenas sem explicitar um enredo”
- Item 46 — “Elabora um enredo”
- Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”
- Item 61 — “Personagem quer conviver com outros meninos”

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência do Item 45 do que as crianças sem dificuldades. Tal poderá revelar algum bloqueio na elaboração desta temática por parte das crianças com dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência dos Itens 46, 50 e 61 do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças sem dificuldades de aprendizagem terão maior facilidade na elaboração desta temática, podendo, no entanto, tender a distorcer o significado de algumas Cenas. No geral, as suas histórias reflectem a procura do convívio com o novo bebé da família.

Relativamente aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verificou-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) são os mais escolhidos por ambos os grupos, seguidos pelo Cartão IX (nascimento de um irmão). As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam também uma elevada escolha dos Cartões Exemplo e I (passeio com a mãe) como Cartões de que gostaram menos.

#### **III.7.1.5.8.2. Estudo das respostas das crianças com e sem perturbação emocional**

Através da análise dos resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores, verificou-se que 42 crianças (19.2%) obtiveram uma pontuação total igual ou superior a 9, indicando a possibilidade de existência de perturbação emocional. Entre estas, distinguem-se as que têm pontuação mais alta nos itens referentes a comportamentos ansiosos e nos itens referentes a comportamentos agressivos. O Quadro 101 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 101. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com preponderância de comportamentos ansiosos, com preponderância de comportamentos agressivos e sem perturbação (N = 42)

	N	%	Média	DP	Min	Max
Preponderância de comportamentos ansiosos	9	21.4	6.6	1.7	5	9
Preponderância de comportamentos agressivos	28	66.7	7.2	1.8	5	10

Comportamentos ansiosos =	5	11.9	8.0	2.4	5	10
Comportamentos agressivos						
Sem perturbação	177		7.6	1.7	5	10

Verifica-se que os grupos formados abrangem todas as idades da amostra, à excepção do grupo de crianças com preponderância de comportamentos ansiosos, que não inclui crianças de 10 anos. A média de idades é neste caso de 6,6 e o desvio-padrão 1,7 e no grupo de crianças com preponderância de comportamentos agressivos a média de idades é de 7,2 e o desvio-padrão é 1,8. O grupo de crianças sem perturbação tem uma média de idades de 7,6 e um desvio-padrão de 1,7.

Para analisar as diferenças entre as crianças com e sem perturbação foram formados dois grupos: Grupo 1, constituído pelas crianças sem perturbação (N=177) e Grupo 2, constituído pelas crianças com perturbação (N=42).

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado.

O Quadro 102 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 102. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com perturbação emocional e no grupo de crianças sem perturbação identificada (N = 219)

	Sem perturbação		Com perturbação		$\chi^2$	p
	(N=177)		(N=42)			
	N	%	N	%		
Cartão I Cena 4					5.208*	.022
Não	76	42.9	10	23.8		

Sim	101	57.1	32	76.2		
Cartão II Cena 3					4.262*	.039
Não	91	51.4	29	69.0		
Sim	86	48.6	13	31.0		
Cartão IV Cena 9					4.108*	.043
Não	94	53.1	15	35.7		
Sim	83	46.9	27	64.3		
Cartão V Cena 5					8.830**	.033
Não	73	41.2	28	66.7		
Sim	104	58.8	14	33.3		
Cartão V Cena 6					7.094**	.088
Não	130	73.4	22	52.4		
Sim	47	26.6	20	47.6		
Cartão VI Cena 2					4.660*	.031
Não	81	45.8	27	64.3		
Sim	96	54.2	15	35.7		
Cartão VI Cena 4					4.301*	.038
Não	103	58.2	17	40.5		
Sim	74	41.8	25	59.5		
Cartão VII Cena 3					8.042**	.005
Não	75	42.4	28	66.7		
Sim	102	57.6	14	33.3		
Cartão VIII Cena 4					3.976*	.046
Não	101	57.1	31	73.8		
Sim	76	42.9	11	26.2		
Cartão VIII Cena 9					4.033*	.045
Não	153	86.4	31	73.8		
Sim	24	13.6	11	26.2		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Cena 4 — as crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças sem perturbação.

Sendo esta uma Cena de Aflição, que representa a personagem sentada no chão a chorar, as crianças com perturbação evidenciam mais a emoção ansiosa através desta Cena do que as crianças sem perturbação.

Cartão II (doença)

— Cena 3 — as crianças sem perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com perturbação.

Sendo esta uma Cena de Fantasia, que representa a personagem, deitada na cama, a receber um presente duma figura masculina, remetendo para um benefício secundário da doença, em que é natural esperar maior atenção e afecto, esta expectativa parece existir com mais frequência nas crianças sem perturbação emocional.

Cartão IV (pesadelo)

— Cena 9 — as crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças sem perturbação.

A Cena 9 é uma Cena de Muita Aflição, que remete para a continuidade da experiência do pesadelo, dependendo o seu significado, em muito, da posição em que é colocada na sequência elaborada pela criança. De modo geral, as crianças com perturbação parecem ter maior dificuldade na resolução da situação de pesadelo.

Cartão V (dia de aniversário)

— Cena 5 — as crianças sem perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com perturbação. Uma vez que esta é uma Cena de Fantasia, em que a personagem recebe uma enorme quantidade de presentes, as crianças sem perturbação revelam, portanto, maior expectativa de poder receber afecto e compensações (tal como na Cena 3 do Cartão II) no seu dia de aniversário, do que as crianças com perturbação. Sendo este um Cartão que remete para uma situação prazerosa, é de esperar que as crianças sem perturbação utilizem a Fantasia para aproveitar a situação agradável que se lhes apresenta.

— Cena 6 — as crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças sem perturbação. Esta é uma Cena de Realidade, em que a personagem abre um presente. Deste modo, as crianças com perturbação parecem revelar expectativas menos intensas de poderem obter a gratificação que todas certamente desejam. Terão, assim, maior tendência a abordar esta situação prazerosa de forma realista.

Cartão VI (briga dos pais)

— Cena 2 — as crianças sem perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com perturbação. Esta Cena de Aflição representa a personagem a imaginar os pais a irem cada um para seu lado com malas, remetendo para a possibilidade de separação dos pais, o que se poderá entender como a capacidade de expressão do medo das consequências dessa discussão, aspecto aflitivo da realidade mais abordado pelas crianças sem perturbação.

— Cena 4 — as crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças sem perturbação. Esta Cena de Aflição representa a personagem a chorar assistindo à briga dos pais, o que revela menos capacidade de elaboração e mais impotência perante a situação, por parte das crianças com perturbação.

Cartão VII (escola)

— Cena 3 — as crianças sem perturbação apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com perturbação.

Esta Cena de Fantasia Mágica representa a personagem a sair da escola num balão, remetendo para uma situação de fuga, o que, por si só, não parece fácil de interpretar, pois não representa uma forma adequada de resolver o problema de dificuldade escolar.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Cena 4 e Cena 9 — as crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as crianças sem perturbação.

A Cena 4 é uma Cena de Aflição que representa os pais a chorarem enquanto apanham os cacos da jarra e a Cena 9 é uma Cena de Muita Aflição que representa a criança a ser expulsa de casa pelos pais. Remetem para a culpabilidade gerada pela situação e para a punição exagerada (saída de casa). Assim, as crianças com perturbação terão maior dificuldade em lidar com essa mesma culpabilidade, tendendo a reflectir nas suas histórias uma punição radical.

O Quadro 103 mostra as Categorias de Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, tendo em conta a posição das Cenas.

Quadro 103. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com perturbação emocional e no grupo de crianças sem perturbação identificada (N = 219)

	Sem perturbação		Com perturbação		$\chi^2$	p
	(N=177)		(N=42)			
	N	%	N	%		
1ª Cena Realidade					4.595*	.017
no Cartão I						
Não	112	63.3	19	45.2		
Sim	65	36.7	23	54.8		
2ª Cena Fantasia (V+M)					5.664*	.017
no Cartão IV						
Não	159	89.8	32	76.2		
Sim	18	10.2	10	23.8		
2ª Cena Fantasia Viável					12.812***	< .001
no Cartão IV						
Não	177	100.0	39	92.9		
Sim			3	7.1		
3ª Cena Muita Aflição					5.838*	.016
no Cartão IV						
Não	162	91.5	33	78.6		
Sim	15	8.5	9	21.4		
3ª Cena Fantasia Mágica					4.113*	.043
no Cartão IV						
Não	150	84.7	30	71.4		
Sim	27	15.3	12	28.6		
2ª Cena Fantasia (V+M)					4.301*	.038
no Cartão V						
Não	103	58.2	17	40.5		
Sim	74	41.8	25	59.5		

2ª Cena Fantasia Mágica					4.037*	.045
no Cartão V						
Não	162	91.5	34	81.0		
Sim	15	8.5	8	19.0		
2ª Cena Fantasia Mágica					4.234*	.040
no Cartão VI						
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
2ª Cena Fantasia (V+M)					7.894**	.005
no Cartão VII						
Não	162	91.5	32	76.2		
Sim	15	8.5	10	23.8		
2ª Cena Fantasia Mágica					4.142*	.021
no Cartão VII						
Não	170	96.0	37	88.1		
Sim	7	4.0	5	11.9		
1ª Cena Muita Aflição					5.363*	.042
no Cartão VII						
Não	164	92.7	34	81.0		
Sim	13	7.3	8	19.0		
1ª Cena Fantasia Viável					6.724**	.010
no Cartão VIII						
Não	168	94.9	35	83.3		
Sim	9	5.1	7	16.7		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— 1ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação, revelando uma abordagem realista da situação.



Cartão IV (pesadelo)

— 2ª Cena Fantasia (FV+FM), 2ª Cena Fantasia Viável, 3ª Cena Muita Aflição e 3ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação.

Deste modo, as crianças com perturbação mantêm o recurso à Fantasia até ao final da elaboração da história mais frequentemente do que as crianças sem perturbação, sendo que a Aflição suscitada pela situação apresentada parece também permanecer e ser intensa até ao final da história.

Cartão V (dia de aniversário)

— 2ª Cena Fantasia (FV+FM) e 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação.

Este resultado é difícil de interpretar sem que se tenha em conta a sequência. A Fantasia Mágica pode, na situação de aniversário, corresponder a uma “saudável” expectativa de gratificações especiais. A melhor compreensão remete, uma vez mais, para a sequência organizada.

Cartão VI (briga dos pais)

— 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação.

Ao contrário do que se espera no Cartão V, anteriormente referido, a Fantasia Mágica aponta aqui para um maior recurso à fuga por parte das crianças com perturbação para lidar com a situação de discussão entre os pais.

Cartão VII (escola)

— 2ª Cena Fantasia (FV+FM), 1ª Cena Muita Aflição e 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação.

Tal poderá indicar uma angústia mais intensa face à situação de dificuldade na aprendizagem por parte das crianças com perturbação e também uma maior tendência a recorrer à fuga como forma de lidar com ela.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— 1ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação do que pelas crianças sem perturbação.

Estes resultados parecem indicar uma maior tendência por parte das crianças com perturbação para abordarem inicialmente a situação de quebra de normas através da Fantasia, negando até certo ponto a ansiedade suscitada.

No geral, os resultados obtidos relativamente às diferenças significativas entre os dois grupos nas Categorias de Cenas não são de fácil interpretação. De facto, é impossível, sem acesso à sequência de Cenas, entender bem o significado destas diferenças. Por exemplo, relativamente à escolha da 1ª Cena Realidade para o Cartão I, se ela for seguida por Cenas de aflição, ou de fantasia, revelará a incapacidade para resolver a situação, ou seja, desmentirá a possibilidade de resolução inicialmente escolhida. Lembra-se ainda que o reconhecimento da ansiedade (correspondente neste Cartão a uma escolha de Cena de Aflição), constitui o caminho mais adequado para a possibilidade da sua elaboração.

Para avaliar as diferenças entre as crianças com e sem perturbação em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão foi utilizado o teste Qui-quadrado. Verificou-se que não houve diferenças significativas entre os dois grupos para nenhuma das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade, em nenhum dos 9 Cartões.

O Quadro 104 mostra as diferenças significativas encontradas entre os grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Uma vez mais foram analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 104. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com perturbação emocional e do grupo de crianças sem perturbação relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 219)

	Sem perturbação		Com perturbação		$\chi^2$	p
	(N=177)		(N=42)			
	N	%	N	%		
Cartão I Item 2					6.102*	.013
Não	128	72.3	38	90.5		
Sim	49	27.7	4	9.5		
Cartão I Item 3					5.501*	.019
Não	175	98.9	39	92.9		
Sim	2	1.1	3	7.1		
Cartão II Item 4					12.818***	< .001
Não	177	100.0	39	92.9		
Sim			3	7.1		
Cartão IV Item 3					5.501*	.019
Não	175	98.9	39	92.9		
Sim	2	1.1	3	7.1		
Cartão VIII Item 2					7.781**	.005
Não	171	96.6	36	85.7		
Sim	6	3.4	6	14.3		
Cartão IX Item 4					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão I Item 56					4.234*	0.40
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão I Item 81					5.501*	.019
Não	175	98.9	39	92.9		
Sim	2	1.1	3	7.1		
Cartão II Item 58					8.506**	.004
Não	177	100.0	40	95.2		
Sim			2	4.8		
Cartão II Item 76					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão II Item 91					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão III Item 47					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		

Cartão III Item 50					5.336*	.021
Não	149	84.2	41	97.6		
Sim	28	15.8	1	2.4		
Cartão III Item 62					4.654*	.031
Não	159	89.8	42	100.0		
Sim	18	10.2				
Cartão IV Item 44					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão IV Item 53					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão IV Item 75					6.488*	.011
Não	170	96.0	36	85.7		
Sim	7	4.0	6	14.3		
Cartão IV Item 76					6.488*	.011
Não	170	96.0	36	85.7		
Sim	7	4.0	6	14.3		
Cartão IV Item 88					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão V Item 50					5.159*	.023
Não	171	96.6	37	88.1		
Sim	6	3.4	5	11.9		
Cartão V Item 51					13.314***	<.001
Não	147	83.1	24	57.1		
Sim	30	16.9	18	42.9		
Cartão V Item 52					4.425*	.035
Não	176	99.4	40	95.2		
Sim	1	.6	2	4.8		
Cartão V Item 87					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão VI Item 51					6.744**	.009
Não	155	87.6	30	71.4		
Sim	22	12.4	12	28.6		
Cartão VI Item 70					5.448*	.020
Não	142	80.2	40	95.2		
Sim	35	19.8	2	4.8		
Cartão VI Item 76					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão VI Item 92					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		

Cartão VII Item 60					4.761*	.029
Não	122	68.9	36	85.7		
Sim	55	31.1	6	14.3		
Cartão VII Item 63					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão VII Item 64					7.308**	.007
Não	150	84.7	41	100.0		
Sim	27	15.3				
Cartão VIII Item 54					4.234*	.040
Não	177	100.0	41	97.6		
Sim			1	2.4		
Cartão VIII Item 71					7.969**	.005
Não	154	87.0	29	69.0		
Sim	23	13.0	13	31.0		
Cartão VIII Item 72					10.245***	.001
Não	157	88.7	29	69.0		
Sim	20	11.3	13	31.0		
Cartão VIII Item 94					5.515*	.019
Não	70	39.5	25	59.5		
Sim	107	60.5	17	40.5		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

Itens do grupo Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Item 2 — “Diminui o tempo de latência”

— Item 3 — “Identifica-se com a personagem”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência do Item 3 do que as crianças sem perturbação. Tal poderá revelar uma maior fragilidade identitária por parte das crianças com perturbação emocional. Este item tinha já sido identificado como discriminativo das crianças com dificuldades de aprendizagem (em comparação com as crianças sem dificuldades de aprendizagem), sublinhando-se o seu importante valor em termos de identificação de dificuldades. As crianças sem perturbação apresentaram maior frequência do Item 2 do que as crianças com perturbação, o que poderá estar associado a uma maior impulsividade para lidar com esta situação, pela ansiedade despoletada.

Cartão II (doença)

— Item 4 — “Aflige-se”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem perturbação. Tal poderá revelar uma vivência mais intensa da ansiedade suscitada pela temática de doença nas crianças com perturbação emocional.

Cartão IV (pesadelo)

— Item 3 — “Identifica-se com a personagem”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem perturbação. Uma vez mais, tal poderá revelar uma maior fragilidade identitária por parte das crianças com perturbação emocional.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Item 2 — “Diminui o tempo de latência”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem perturbação. Esta diminuição poderá estar associada a uma maior impulsividade para lidar com esta situação, pela ansiedade despoletada.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 4 — “Aflige-se”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem perturbação. Mais uma vez, tal poderá revelar uma vivência mais intensa da ansiedade suscitada pela temática deste Cartão nas crianças com perturbação identificada.

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Item 56 — “Transforma o desfecho, melhorando-o”

— Item 81 — “Após referência a aflição surge onipotência”

As crianças com perturbação identificada apresentaram maior frequência de escolha destes itens do que as crianças sem perturbação identificada, revelando maior

tendência a recorrer à onipotência para fazer face à ansiedade despoletada e a utilizar a negação ou a fantasia para resolver a mesma.

Cartão II (doença)

- Item 58 — “Personagem tenta obter ajuda”
- Item 76 — “Adulto feminino desvalorizado”
- Item 91 — “Expressão de aflição somática”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha destes itens do que as crianças sem perturbação. Estes resultados reflectem uma maior presença, nas histórias das crianças com perturbação identificada, da emoção ansiosa, bem como da procura de ajuda adulta, apesar de também estar presente a desvalorização do adulto feminino.

Cartão III (ida à praia)

- Item 47 — “Elabora um enredo mais rico”
- Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”
- Item 62 — “ Personagem procura convívio mas não resulta”

As crianças com perturbação identificada apresentaram maior frequência de escolha do Item 47 do que as crianças sem perturbação identificada. Por outro lado, as crianças sem perturbação identificada apresentaram maior frequência de escolha do Item 50 e do Item 62 do que as crianças com perturbação identificada. Não se encontra razão explicativa destes resultados, pois seria de esperar o contrário.

Cartão IV (pesadelo)

- Item 44 — “Não conta a história”
- Item 53 — “Introduz outros factos ou conteúdos”
- Item 75 — “Adulto masculino desvalorizado”
- Item 76 — “Adulto feminino desvalorizado”
- Item 88 — “Faz referência a culpabilidade (ou infere-se)”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha destes itens do que as crianças sem perturbação identificada. Os resultados referentes aos itens 75 e 76 apontam para uma tendência maior, na história das crianças com perturbação, para a desvalorização das figuras adultas, masculina e feminina, e do apoio que poderão dar face à temática de pesadelo apresentada neste Cartão.

Cartão V (dia de aniversário)

- Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”
- Item 51 — “Omite aspectos “críticos” de uma ou mais Cenas”
- Item 52 — “Faz referência a Cenas que não escolheu”
- Item 87 — “Faz referência a perigos ou à ideia de fuga”

As crianças com perturbação apresentaram maior frequência de escolha destes itens do que as crianças sem perturbação identificada. As crianças com perturbação tenderão a omitir aspectos críticos das Cenas e/ou a distorcer o significado das mesmas, provavelmente no sentido de anular a emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão. No entanto, só analisando a distorção/omissão caso a caso, poderiam ser avançadas hipóteses explicativas mais concretas.

Cartão VI (briga dos pais)

- Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”
- Item 70 — “Personagem apoiada por adulto feminino”
- Item 76 — “Adulto feminino desvalorizado”
- Item 92 — “Surge a vivência de um mundo estragado”

As crianças com perturbação identificada apresentaram maior frequência de escolha dos Itens 51, 76 e 92 do que as crianças sem perturbação identificada. As crianças com perturbação tenderão a omitir aspectos críticos das Cenas, provavelmente numa tentativa de anular a emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão. No entanto, só analisando a omissão caso a caso poderão ser avançadas hipóteses explicativas mais concretas. Por outro lado, as crianças sem perturbação identificada apresentaram maior frequência de escolha do Item 70 do que as crianças com perturbação emocional. Deste modo, as crianças sem perturbação identificada tenderão a contar histórias em que o apoio dado pelo adulto feminino estará mais presente, do que as crianças com perturbação emocional.

Cartão VII (escola)

- Item 60 — “Faz referência a outros meninos”
- Item 63 — “Personagem agride outros meninos”
- Item 64 — “Personagem agredida por outros meninos”

As crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha do Item 63 do que as crianças sem perturbação. Por outro lado, as crianças sem



perturbação apresentaram maior frequência de escolha do Item 60 e do Item 64 do que as crianças com perturbação emocional. Deste modo, as crianças sem perturbação tenderão a evidenciar mais, nas suas histórias, a agressão proveniente do olhar dos pares face à situação de dificuldade escolar apresentada no Cartão, do que as crianças com perturbação emocional.

Cartão VIII (quebra da jarra)

- Item 54 — “Faz referência a aspectos da sua vida pessoal”
- Item 71 — “Personagem rejeitada por adulto masculino”
- Item 72 — “Personagem rejeitada por adulto feminino”
- Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”

As crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha do Item 54, do Item 71 e do Item 72 do que as crianças sem perturbação. As crianças com perturbação emocional tenderão a reflectir mais nas suas histórias a rejeição do adulto, masculino e feminino, face à situação de quebra de normas apresentada neste Cartão. Por outro lado, as crianças sem perturbação apresentaram maior frequência de escolha do Item 94 do que as crianças com perturbação emocional. Deste modo, as crianças sem perturbação terão maior facilidade em gerir a situação de quebra de normas apresentada.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no Cartão IX (nascimento de um irmão).

Relativamente aos Cartões de que mais gostaram e de que menos gostaram, verificou-se que o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos como o preferido, seguido pelos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário). No que se refere aos Cartões de que as crianças gostaram menos, constatou-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) foram os mais escolhidos por ambos os grupos, seguidos pelo Cartão IX (nascimento de um irmão) e I (passeio com a mãe).

### **III.7.1.5.8.3. Estudo das respostas das crianças com comportamentos ansiosos e das crianças com comportamentos agressivos**

Tal como referido anteriormente e ilustrado no Quadro 101, entre as crianças com perturbação emocional identificada através do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores (Rutter, 1967), comparando o valor da pontuação para os itens referentes a comportamentos ansiosos e referentes a comportamentos agressivos, verificou-se que 9 crianças (21.4%) apresentavam um valor superior nos itens referentes a comportamentos ansiosos e 28 crianças (66.7%) apresentavam um valor superior nos itens correspondentes a comportamentos agressivos. Em 5 crianças os valores dos dois tipos de itens foram iguais, não sendo possível conhecer o tipo de perturbação através deste critério.

Deste modo, para analisar as diferenças entre as crianças com comportamentos ansiosos e com comportamentos agressivos foram formados dois grupos: Grupo 1, constituído pelas crianças com comportamentos ansiosos (N=9) e Grupo 2, constituído pelas crianças com comportamentos agressivos (N=28).

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado. Interessava, sobretudo, perceber a forma como as crianças com comportamentos agressivos elaboravam as histórias do Cartão VIII, cuja temática remete para a interiorização das normas parentais.

O Quadro 105 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 105. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com comportamentos ansiosos e no grupo de crianças com comportamentos agressivos (N = 37)

	Comportamentos ansiosos (N=9)		Comportamentos agressivos (N=28)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão V Cena 5					5.709*	.017
Não	9	100.0	16	57.1		
Sim			12	42.9		
Cartão VI Cena 8					8.081**	.004
Não	4	44.4	25	89.3		
Sim	5	55.6	3	10.7		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

Cartão V (dia de aniversário)

— Cena 5 — as crianças com comportamentos agressivos apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com comportamentos ansiosos.

Assim, as crianças com comportamentos ansiosos parecem revelar menor expectativa de receber gratificações, representadas pelo “monte de presentes” desta Cena de Fantasia.

Cartão VI (briga dos pais)

— Cena 8 — as crianças com comportamentos ansiosos apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com comportamentos agressivos.

Esta representa uma abordagem realista mas receosa da situação de briga dos pais, o que parece ser comum nas crianças com comportamentos ansiosos.

Sublinha-se que não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos para o Cartão VIII (quebra da jarra).

O Quadro 106 mostra os resultados obtidos em termos de diferenças significativas encontradas entre os dois grupos, no que se refere às Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão.

Quadro 106. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com comportamentos ansiosos e no grupo de crianças com comportamentos agressivos (N = 37)

	Comportamentos ansiosos (N=9)		Comportamentos agressivos (N=28)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
2ª Cena Fantasia (M+V) no Cartão III					9.475**	.002
Não	3	33.3	24	85.7		
Sim	6	66.7	4	14.3		
2ª Cena Fantasia Mágica no Cartão III					6.578**	.001
Não	7	77.8	28	100.0		
Sim	2	22.2				
2ª Cena Realidade no Cartão III					4.039*	.044
Não	7	78.8	11	39.3		
Sim	2	22.2	17	60.7		
2ª Cena Muita Aflição no Cartão IV					10.157***	.010
Não	5	66.7	28	100.0		
Sim	3	33.3				
2ª Cena Realidade no Cartão VI					4.852*	.028
Não	2	22.2	18	64.3		
Sim	7	77.8	10	35.7		

\*\* p ≤ .01.

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão III (ida à praia)

— 2ª Cena Fantasia (FV+FM) e a 2ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos.

— 2ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças com comportamentos agressivos do que pelas crianças com comportamentos ansiosos.

Se bem que reportada a uma posição específica da sequência, a diferença entre as Cenas de Realidade, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com comportamentos agressivos, e as Cenas de Fantasia, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com comportamentos ansiosos, faz sentido como tradução da facilidade (crianças com comportamentos agressivos)/dificuldade (crianças com comportamentos ansiosos) em abordar o grupo de pares. E, uma vez mais, sublinha-se a imprecisão que resulta da abordagem dum único aspecto da sequência.

Cartão IV (pesadelo)

— 2ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhida pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos.

Estes resultados indicam que as crianças com comportamentos ansiosos terão maior dificuldade em lidar com a aflição causada pela situação de pesadelo.

Cartão VI (briga dos pais)

— 2ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos.

A menor escolha de Cenas de Realidade, ou seja, das Cenas que correspondem a um esforço pessoal adequado para lidar com a situação de briga dos pais, por parte das crianças com comportamentos agressivos, poderá indiciar uma menor adaptação a estas situações por parte destas crianças, o que só o todo da sequência permitiria entender melhor.

Uma vez mais não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos para o Cartão VIII (quebra da jarra).

Tendo em conta os resultados obtidos por Fagulha (1992), ainda no seu trabalho de doutoramento, em que, a partir dos resultados do Questionário de Rutter para Professores (Rutter, 1967), foram formados quatro grupos de crianças com diferentes características de comportamento sócio-emocional: grupo de controlo, com ausência de perturbação emocional (N=81), crianças agressivas (N=21), crianças ansiosas (N=21) e crianças isoladas (N=12), verifica-se que os presentes resultados vão pouco ao encontro dos obtidos pela autora. Era objectivo do estudo verificar diferenças significativas entre os grupos, relativamente à frequência de escolha das Cenas ao longo dos sete Cartões da prova, através da análise das frequências de escolha de cada Cena, em cada Cartão, nos cinco grupos, independentemente do lugar ocupado na sequência. Este estudo já foi abordado no ponto I.3.4.

Foi verificado que, em geral, as escolhas das crianças agressivas recaíam menos em Cenas que exprimiam directamente Aflição e/ou interacção ou pedido de apoio a figuras parentais. Escolhiam preferencialmente Cenas que representam fuga ou afastamento das figuras adultas e convívio com os pares, ou que expressam recurso a fantasias de onnipotência. Verificou-se ainda que as crianças agressivas escolhiam menos Cenas que retratassem Aflição, menos Cenas em que a personagem surgia numa relação de proximidade com os pais e mais Cenas em que a personagem resolve sozinha a situação crítica. As crianças agressivas também tendiam a apresentar uma reacção intensa à temática do Cartão VII, em que escolhiam com frequência as Cenas 3 e 9, ambas representativas de um desejo de fuga à situação. O grupo de crianças ansiosas distinguiu-se num pequeno número de Cenas, o que não permitiu avançar com hipóteses interpretativas de especial relevância.

Para avaliar as diferenças entre as crianças com comportamentos ansiosos e com comportamentos agressivos em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão foi utilizado o teste Qui-quadrado. Verificou-se que não houve diferenças significativas entre os dois grupos para nenhuma das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade, em nenhum dos nove Cartões.

O Quadro 107 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram novamente analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 107. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com comportamentos ansiosos e do grupo de crianças com comportamentos agressivos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 37)

	Comportamentos ansiosos (N=9)		Comportamentos agressivos (N=28)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão II Item 1					3.997*	.046
Não	6	66.7	26	92.9		
Sim	3	33.3	2	7.1		
Cartão IX Item 8					3.997*	.046
Não	6	66.7	26	92.9		
Sim	3	33.3	2	7.1		
Cartão VI Item 51					9.475**	.002
Não	3	33.3	24	85.7		
Sim	6	66.7	4	14.3		
Cartão IX Item 94					4.405*	.036
Não	9	100.0	18	64.3		
Sim			10	35.7		

Itens da Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

Cartão II (doença)

— Item 1 — “Aumenta o tempo de latência”

As crianças com comportamentos ansiosos apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com comportamentos agressivos. Tal é de esperar, visto que corresponde a uma manifestação de ansiedade.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 8 — “Hesita na escolha das Cenas”

As crianças com comportamentos ansiosos apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com comportamentos agressivos. Novamente, esta diferença é de esperar, visto que corresponde a uma manifestação de ansiedade.

Não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos para o Cartão VIII (quebra da jarra).

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão VI (briga dos pais)

— Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”

As crianças com comportamentos ansiosos apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com comportamentos agressivos, o que poderá relacionar-se com a omissão de aspectos despoletadores de ansiedade que as crianças com comportamentos ansiosos procuram eliminar, mas tal só poderia ser analisado de forma mais profunda estudando caso a caso.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”

As crianças com comportamentos agressivos apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com comportamentos ansiosos, correspondendo a uma tomada de iniciativa para resolver a situação.

No que se refere aos Cartões que as crianças escolheram como aqueles de que gostaram mais, verificou-se que a história preferida das crianças com comportamentos ansiosos é a do Cartão III (ida à praia) e a história preferida das crianças com comportamentos agressivos é a do Cartão IX (nascimento de um irmão), nunca escolhida pelas crianças com comportamentos ansiosos.

Relativamente às histórias de que gostaram menos, constatou-se que as crianças com comportamentos agressivos escolheram sobretudo o Cartão VI (briga dos pais),



seguido dos Cartões VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). As crianças com comportamentos ansiosos escolheram sobretudo os Cartões VI e IX.

Salienta-se, uma vez mais, que, ao contrário das expectativas do presente estudo, não foram encontradas quaisquer diferenças entre os grupos relativamente ao Cartão VIII.

#### III.7.1.5.8.4. Estudo das respostas das crianças de acordo com os resultados do IRF

No Quadro 108 caracteriza-se a amostra relativamente à fratria, nomeadamente no que se refere à posição da criança na mesma, sexo dos irmãos, identificação do irmão-alvo (sobre o qual foi realizado o IRF) e caracterização da situação da fratria relativamente à parentalidade (se os irmãos são filhos dos mesmos pais ou se pertencem a outros progenitores).

Quadro 108. Descrição da amostra em termos de fratria (N = 219)

	N	%
Posição na fratria		
Filho único	50	22.8
Filho mais velho	68	31.1
2º filho	16	7.3
3 º filho	2	.9
4 º filho	1	.5
Filho mais novo	77	35.2
Gémeo (gémeos mais velhos)	5	2.3
Sexo irmão 1		
Feminino	82	48.2
Masculino	88	51.8
Irmão-alvo		
Irmão 1	166	75.8
Irmão 2	1	.5
Sem irmãos/não foi realizado o IRF	52	23.7

Parentalidade do irmão-alvo

Mesmos pais	152	69.4
Pai diferente	5	2.3
Mãe diferente	10	4.6

Na sua maioria, as crianças eram filhos únicos ou os filhos mais velhos (53.9%). O irmão-alvo foi em 75,8% dos casos o Irmão 1 e somente num caso o Irmão 2. Apesar de 170 crianças terem irmãos, em três casos não foi possível aplicar o IRF e a Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, uma vez que os irmãos eram bastante mais velhos e não conviviam com a criança. Deste modo, a 23.7% das crianças e encarregados de educação não foi aplicado o IRF e a Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (52 crianças) e a 167 crianças e respectivos encarregados de educação foram aplicados quer o IRF quer o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (Partes I e II). Em 76% dos casos os pais da criança e do irmão-alvo eram os mesmos.

No Quadro 109 descreve-se a amostra relativamente ao número médio de irmãos e média de idades dos irmãos. No referido quadro consta também a diferença média de idade entre a criança e o irmão-alvo.

Quadro 109. Idade da criança, número médio de irmãos, média de idades dos irmãos e diferença média de idades entre a criança e o irmão-alvo (N = 167)

	Min	Max	M	DP
Idade	5	10	7.53	1.69
Número de irmãos	0	5	1.09	.87
Idade do irmão 1	0	22	7.86	5.53
Idade do irmão 2	0	26	10.78	6.60
Diferença entre a idade da criança e do irmão-alvo	-13.0	10.0	-.11	5.41

A diferença de idades entre a criança e o irmão-alvo varia entre menos treze anos e mais dez anos.

No que concerne às crianças com irmãos (N=167), decidiu-se analisar as diferenças entre as respostas das crianças que obtiveram resultados mais altos e mais baixos nas dimensões do Inventário. Dados os resultados obtidos na análise factorial feita anteriormente ao IRF e ao Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, optou-se por considerar duas dimensões: Rivalidade/Hostilidade e Afecto. Para formar os grupos foram tidas em conta as medianas das duas dimensões. O principal objectivo na análise das respostas ao IRF prende-se com a sua relação com as respostas ao Cartão IX (nascimento de um irmão), que aborda a temática da relação fraterna.

Deste modo, foram formados dois grupos, tendo sido divididos em função do valor da mediana (Me = 19.00): Grupo 1, constituído pelas crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade (N=91) e Grupo 2, constituído pelas crianças com valores mais elevados de Rivalidade/Hostilidade (N=76).

No Quadro 110 apresentam-se as frequências, percentagens e média de idades, bem como o desvio-padrão e os valores mínimo e máximo das idades das crianças com valores mais baixos e mais elevados de Rivalidade/Hostilidade.

Quadro 110. Frequências, percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com valores mais baixos e mais elevados de Rivalidade/Hostilidade (N=167).

	N	%	Média	DP	Min	Max
Crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade	91	54,5	7,7	1,6	5	10
Crianças com valores mais elevados de Rivalidade/Hostilidade	76	45,5	7,7	1,8	5	10

Verifica-se que os dois grupos formados abrangem todas as idades da amostra, sendo a média de idades de 7,7 em ambos os grupos e o desvio-padrão 1,6 no grupo das crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e 1,8 no grupo de crianças com valores mais elevados de Rivalidade/Hostilidade.

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado.

O Quadro 111 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 111. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e no grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade no IRF (N = 167)

	Baixa (N=91)		Elevada (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão IV Cena 5					3.881*	.049
Não	80	87.9	58	76.3		
Sim	11	12.1	18	23.7		
Cartão VII Cena 8					5.515*	.019
Não	67	73.6	67	88.2		
Sim	24	26.4	9	11.8		
Cartão VII Cena 9					5.515*	.019
Não	67	73.6	67	88.2		
Sim	24	26.4	9	11.8		
Cartão VIII Cena 4					5.001*	.025
Não	48	52.7	53	69.7		
Sim	43	47.3	23	30.3		
Cartão VIII Cena 7					3.854*	.050
Não	86	94.5	65	85.5		
Sim	5	5.5	11	14.5		

\*  $p \leq .05$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, é de assinalar que não foram encontradas diferenças significativas no Cartão IX (nascimento de um irmão). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

Cartão IV (pesadelo)

— Cena 5 — as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados apresentaram maior frequência de escolha desta Cena de Fantasia, em que há presença de onnipotência (personagem mata o monstro), do que as crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade.

Cartão VII (escola)

— Cena 8 e Cena 9 — as crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade. A Cena 8 é uma Cena de Realidade, que representa uma tentativa adequada de resolução da situação (personagem lê um livro), pelo que os resultados vão ao encontro do esperado. Já a Cena 9 representa uma Cena de Muita Aflição, com sinais de somatização (personagem sai a correr da sala “aflitinha”), por vezes associados a castigo da professora, o que poderá eventualmente relacionar-se, neste caso, com maior ansiedade sentida pelas crianças com valores mais baixos de Rivalidade /Hostilidade.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Cena 4 — as crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados.

— Cena 7 — as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade.

Estes resultados poderão indiciar um maior reconhecimento dos aspectos ansiogêneos associados à situação de quebra de normas por parte das crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade. Indiciam também uma maior tendência à elaboração desta situação através da fuga pela Fantasia, por parte das crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade.

O Quadro 112 mostra as Categorias de Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, tendo em conta a posição das Cenas.

Quadro 112. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e no grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade no IRF (N = 167)

	Baixa (N=91)		Elevada (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
1ª Cena Aflição (A+MA)					5.461*	.019
no Cartão I						
Não	35	38.5	43	56.6		
Sim	56	61.5	33	43.4		
1ª Cena Muita Aflição					4.138*	.042
no Cartão I						
Não	66	72.5	65	85.5		
Sim	25	27.5	11	14.5		
1ª Cena Fantasia					3.994*	.046
no Cartão I						
Não	89	97.8	69	90.8		
Sim	2	2.2	7	9.2		
1ª Cena Realidade					3.854*	.050
no Cartão III						
Não	23	25.3	30	39.5		
Sim	68	74.7	46	60.5		
2ª Cena Muita Aflição					5.303*	.021
no Cartão IV						
Não	74	81.3	71	93.4		
Sim	17	18.7	5	6.6		

1ª Cena Muita Aflição					6.260*	.012
no Cartão IX						
Não	89	97.8	67	88.2		
Sim	2	2.2	9	11.8		
3ª Cena Muita Aflição					3.994*	.046
no Cartão IX						
Não	89	97.8	69	90.8		
Sim	2	2.2	7	9.2		

\*  $p \leq .05$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— 1ª Cena Aflição (A+MA) e 1ª Cena Muita Aflição — mais escolhidas pelas crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade.

— 1ª Cena Fantasia — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados do que pelas crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais baixos.

Estes resultados fazem sentido na medida em que a chegada dum irmão pode trazer alguma ansiedade de separação, sendo que as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais baixos reconhecem mais a emoção ansiosa suscitada pela separação da mãe, enquanto as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados tendem a escolher mais frequentemente Cenas em que há recurso a fantasias de onipotência, o que revela a sua dificuldade em enfrentar a situação, com inevitáveis reflexos na sua relação com a mãe.

Cartão III (ida à praia)

— 1ª Cena Realidade — mais escolhida pelas crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados.

Deste modo, as crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade abordam a situação de encontro e convívio com os pares de uma forma mais adaptada.

Cartão IV (pesadelo)

— 2ª Cena Muita Aflição — mais escolhida pelas crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados.

Assim, as crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais baixos permanecem mais tempo ligadas à aflição suscitada pela temática deste Cartão.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— 1ª Cena Muita Aflição e 3ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com valores de Rivalidade/Hostilidade mais elevados.

Remetendo este Cartão para a temática da rivalidade fraterna, como era de esperar, estas crianças tendem a abordar esta situação com maior aflição e a terminar a história com alto nível de emoção ansiosa.

Para avaliar as diferenças entre as respostas das crianças com valores mais baixos e altos de Rivalidade/Hostilidade no IRF, em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão, foi utilizado o teste Qui-quadrado. Verificou-se que não houve diferenças significativas entre os dois grupos para nenhuma das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade, em nenhum dos nove Cartões.

O Quadro 113 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram novamente analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.



Quadro 113. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade e do grupo de crianças com valores mais altos de Rivalidade/Hostilidade relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 167)

	Baixa (N=91)		Elevada (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão IV Item 8					4.461*	.035
Não	67	73.6	66	86.8		
Sim	24	26.4	10	13.2		
Cartão V Item 8					4.290*	.038
Não	72	79.1	69	90.8		
Sim	19	20.9	7	9.2		
Cartão III Item 45					5.103*	.024
Não	89	97.8	68	89.5		
Sim	2	2.2	8	10.5		
Cartão III Item 51					4.761*	.029
Não	64	70.3	41	53.9		
Sim	27	29.7	35	46.1		
Cartão IV Item 45					4.763*	.029
Não	90	98.9	70	92.1		
Sim	1	1.1	6	7.9		
Cartão IV Item 46					5.974*	.015
Não	1	1.1	7	9.2		
Sim	90	98.9	69	90.8		
Cartão V Item 50					5.974*	.015
Não	90	98.9	69	90.8		
Sim	1	1.1	7	9.2		
Cartão VI Item 51					4.057*	.044
Não	74	81.3	70	92.1		
Sim	17	18.7	6	7.9		
Cartão VII Item 87					6.077*	.014
Não	73	80.2	71	93.4		
Sim	18	19.8	5	6.6		
Cartão IX Item 50					8.922**	.003
Não	61	67.0	66	86.8		
Sim	30	33.0	10	13.2		

\*  $p \leq .05$ .

Itens da Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

Item 8 — “Hesita na escolha das Cenas” — Cartão IV (pesadelo) e Cartão V (dia de aniversário).

As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no IRF, apresentaram maior frequência deste item nestes Cartões do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. À partida, não foi possível encontrar razão explicativa para este resultado.

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão III (ida à praia)

- Item 45 — “Descreve as Cenas sem explicitar um enredo”
- Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”

As crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência destes itens do que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão. Sendo também este Cartão representativo de uma situação de convívio com os pares, poderá ser um acontecimento semelhante ao do convívio com irmãos, o que poderá explicar a dificuldade em elaborar um enredo coerente face a esta temática.

Cartão IV (pesadelo)

- Item 45 — “Descreve as Cenas sem explicitar um enredo”
- Item 46 — “Elabora um enredo”

As crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência do Item 45 do que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão. As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência do Item 46 do que as crianças com valores mais altos nesta dimensão. Encontra-se assim maior dificuldade em elaborar um enredo coerente face à temática do Cartão por parte das crianças com valores mais elevados nesta dimensão.

Cartão V (dia de aniversário)

- Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”

As crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as crianças com valores

mais baixos nesta dimensão. Seria necessário analisar as distorções caso a caso para avançar com hipóteses explicativas.

Cartão VI (briga dos pais)

— Item 51 — “Omite aspectos criticos de uma ou mais Cenas”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Seria, uma vez mais, necessário analisar as omissões caso a caso para avançar com hipóteses explicativas relativamente a esta diferença.

Cartão VII (escola)

— Item 87 — “Faz referência a perigos ou à ideia de fuga”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Tal parece apontar para um maior reconhecimento dos aspectos ansiogêneos deste Cartão pelas crianças com valores mais baixos nesta dimensão. No entanto, por si só, este aspecto não nos parece fácil de interpretar.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência deste item neste Cartão do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Uma vez mais, seria necessário analisar as distorções caso a caso para avançar com hipóteses explicativas deste resultado.

Relativamente aos Cartões de que mais gostaram e de que menos gostaram, verificou-se que o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos como sendo o preferido, seguido pelo Cartão V (dia de aniversário). No que se refere aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verificou-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) foram os mais escolhidos por ambos os grupos, seguidos pelo Cartão IX (nascimento de um irmão).

Ainda no que respeita às crianças com irmãos (N=167), para analisar as diferenças entre as crianças com valores mais baixos e altos de Afecto no IRF foram

formados dois grupos, tendo sido divididos em função do valor da mediana ( $Me = 28.00$ ): Grupo 1, constituído pelas crianças com valores mais baixos de Afecto ( $N=89$ ) e Grupo 2, constituído pelas crianças com valores mais elevados de Afecto ( $N=78$ ).

Quadro 114. Frequências e percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças com valores mais baixos e mais elevados de Afecto ( $N=167$ )

	N	%	Média	DP	Min	Max
Crianças com mais baixo Afecto	89	53,3	7,7	1,7	5	10
Crianças com mais elevado Afecto	78	46,7	7,7	1,7	5	10

Verifica-se que os dois grupos formados abrangem todas as idades da amostra, sendo a média de idades de 7,7 e o desvio-padrão de 1,7 em ambos os grupos.

Foram analisadas as diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado.

O Quadro 115 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 115. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” no grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e no grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N = 167)

	Baixo (N=89)		Elevado (N=78)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
CartãoII Cena 7					5.155*	.023
Não	80	89.9	60	76.9		
Sim	9	10.1	18	23.1		
CartãoVIII Cena 3					5.349*	.021
Não	75	84.3	54	69.2		
Sim	14	15.7	24	30.8		
CartãoIX Cena 5					6.408*	.011
Não	42	47.2	52	66.7		
Sim	47	52.8	26	33.3		

\*  $p \leq .05$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

#### Cartão II (doença)

— Cena 7 — as crianças com valores mais elevados de Afecto apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com valores de Afecto mais baixos.

Esta é uma Cena de Fantasia que representa a personagem a imaginar que é um super-herói, remetendo para a onipotência. As crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto recorrem mais a este mecanismo como forma de lidarem com a ansiedade suscitada pela temática deste Cartão.

#### Cartão VIII (quebra da jarra)

— Cena 3 — as crianças com valores mais elevados de Afecto apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com valores de Afecto mais baixos.

Esta é uma Cena de Fantasia, em que a culpa pela interiorização de normas é posta no exterior — imputada ao gato. Assim, as crianças com valores mais elevados de Afecto recorrem mais a este mecanismo de gestão da ansiedade.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Cena 5 — as crianças com valores menores de Afecto apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças com valores mais elevados de Afecto.

Esta é uma Cena de Fantasia, em que há uma representação dos pais com a personagem quando era bebé. Estes resultados, dada a temática de rivalidade fraterna do Cartão, estão de acordo com o esperado, visto que as crianças com valores mais baixos de Afecto poderão revelar mais manifestações de rivalidade e de procura da atenção anterior ao nascimento do irmão.

O Quadro 116 mostra as Categorias de Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, tendo em conta a posição das Cenas.

Quadro 116. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” no grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e no grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N = 167)

	Baixo (N=89)		Alto (N=78)		$\chi^2$	P
	N	%	N	%		
1ª Cena Realidade					4.551*	.033
no Cartão I						
Não	59	66.3	39	50.0		
Sim	30	33.7	39	50.0		
1ª Cena Fantasia (FV+FM)					6.800**	.009
no Cartão IV						
Não	88	98.9	70	89.7		
Sim	1	1.1	8	10.3		

1ª Cena Fantasia Mágica					4.676*	.031
no Cartão IV						
Não	89	100.0	74	94.9		
Sim			4	5.1		
2ª Cena Fantasia (FV+FM)					3.880*	.049
no Cartão V						
Não	59	66.3	40	51.3		
Sim	30	33.7	38	48.7		
2ª Cena Realidade					7.395**	.007
no Cartão V						
Não	36	40.4	48	61.5		
Sim	53	59.6	30	38.5		
2ª Cena Fantasia Mágica					6.421*	.011
no Cartão VII						
Não	75	84.3	75	96.2		
Sim	14	15.7	3	3.8		
1ª Cena Fantasia Mágica					4.737*	.030
no Cartão VIII						
Não	87	97.8	70	89.7		
Sim	2	2.2	8	10.3		
3ª Cena Fantasia Viável					5.851*	.016
no Cartão IX						
Não	64	71.9	68	87.2		
Sim	25	28.1	10	12.8		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— 1ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais elevados de Afecto do que pelas crianças com valores mais baixos de Afecto.

Deste modo, as crianças com valores mais altos de Afecto demonstram maior segurança nos seus recursos e estratégias adequadas para abordar a ansiedade de separação.

Cartão IV (pesadelo)

— 1ª Cena Fantasia (FV+FM) e 1ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhidas pelas crianças com valores mais elevados de Afecto do que pelas crianças com valores mais baixos de Afecto.

A abordagem inicial da ansiedade suscitada pela temática dos sonhos maus poderá, assim, corresponder a uma tentativa de resolução através de uma fantasia boa (um sonho bom...) para as crianças com valores maiores de Afecto.

Cartão V (dia de aniversário)

— 2ª Cena Fantasia (FV+FM) — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais elevados de Afecto do que pelas crianças com valores mais baixos de Afecto.

— 2ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais baixos de Afecto do que pelas crianças com valores mais elevados de Afecto.

Como já foi referido anteriormente, as crianças com valores maiores de Afecto terão eventualmente expectativas mais positivas e intensas face às compensações que o dia de aniversário lhes permitirá realizar.

Cartão VII (escola)

— 2ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais baixos de Afecto do que pelas crianças com valores mais elevados de Afecto.

Assim, as crianças com valores menores de Afecto terão maior dificuldade em lidar com a emoção ansiosa desencadeada pela temática de dificuldade na aprendizagem escolar, que surge com a apresentação deste Cartão.



Cartão VIII (quebra da jarra)

— 1ª Cena Fantasia Mágica — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais elevados de Afecto do que pelas crianças com valores mais baixos de Afecto.

Tal como no Cartão IV, este resultado remete para uma primeira abordagem da situação apresentada neste Cartão através do recurso à Fantasia Mágica, nas crianças com valores maiores de Afecto. Poderá colocar-se a hipótese das crianças com valores mais elevados nesta dimensão reflectirem nas suas histórias uma maior necessidade de fuga às consequências; no entanto, só a análise das sequências permitiria clarificar esta possibilidade.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais baixos de Afecto do que pelas crianças com valores mais elevados de Afecto.

Sendo o Cartão IX aquele que aborda a temática da rivalidade fraterna, é de esperar que as crianças com valores menores de Afecto tenham maior tendência a terminar a história em Fantasia Viável, sendo que a Cena representativa desta situação será a Cena 5, em que a personagem olha uma fotografia sua e dos pais quando era bebé, recordando o tempo em que era única.

Os resultados relativos às diferenças significativas encontradas entre os dois grupos em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão são apresentados no Quadro 117.

Quadro 117. Diferenças estatisticamente significativas entre as Estratégias de Elaboração da Ansiedade do grupo de crianças com valores baixos de Afecto e do grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF (N=167)

	Baixo		Alto		$\chi^2$	p
	(N=89)		(N=78)			
	N	%	N	%		
Cartão V					8.353*	.039

Negação	1	1.1	8	10.3
Impossibilidade	2	27.0	18	23.1
EEE	8	9.0	3	3.8
EAO	56	62.9	49	62.8

\*  $p \leq .05$ .

No que concerne à frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos somente no Cartão V.

Cartão V (dia de aniversário) — apesar das estratégias mais frequentes em ambos os grupos serem EAO e Impossibilidade, a Impossibilidade e a EEE foram mais frequentemente escolhidas pelas crianças com valores menores de Afecto do que pelas crianças com valores maiores de Afecto e a Negação foi mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores maiores de Afecto do que pelas crianças com valores menores de Afecto. Estes resultados não parecem de fácil interpretação.

O Quadro 118 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram novamente analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 118. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas do grupo de crianças com valores mais baixos de Afecto e do grupo de crianças com valores mais altos de Afecto no IRF relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N = 167)

	Baixo		Elevado		$\chi^2$	p
	(N=89)		(N=78)			
	N	%	N	%		
Cartão I Item 51					3.950*	.047
Não	82	92.1	77	98.7		
Sim	7	7.9	1	1.3		

Cartão I Item 68					6.606**	.010
Não	26	29.2	10	12.8		
Sim	63	70.8	68	87.2		
Cartão I Item 69					10.118***	.001
Não	62	69.7	70	89.7		
Sim	27	30.3	8	10.3		
Cartão II Item 53					5.454*	.020
Não	83	93.3	78	100.0		
Sim	6	6.7				
Cartão IV Item 79					4.676*	.031
Não	89	100.0	74	94.9		
Sim			4	5.1		
Cartão V Item 66					4.517*	.034
Não	84	94.4	78	100.0		
Sim	5	5.6				
Cartão VI Item 57					7.101**	.008
Não	89	100.0	72	92.3		
Sim			6	7.7		
Cartão VI Item 71					4.061*	.044
Não	83	93.3	65	83.3		
Sim	6	6.7	13	16.7		
Cartão VII Item 51					4.092*	.043
Não	48	53.9	54	69.2		
Sim	41	46.1	24	30.8		
Cartão IX Item 68					4.133*	.042
Não	71	79.8	71	91.0		
Sim	18	20.2	7	9.0		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ ; \*\*\*  $p \leq .001$ .

No que respeita à frequência de escolha dos Itens da Atitude em cada Cartão, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ( $p > .05$ ).

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão I (passeio com a mãe)

- Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”
- Item 68 — “Personagem procura adulto feminino”
- Item 69 — “Personagem apoiada por adulto masculino”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência dos itens 51 e 69 do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão, revelando um mecanismo de fuga à ansiedade suscitada pela temática, mas também o apoio face à mesma por parte da figura masculina. Os resultados mostraram ainda que as crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência do item 68 do que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão, revelando nas suas respostas uma maior procura da figura feminina por parte destas crianças.

#### Cartão II (doença)

— Item 53 — “Introduz outros factos ou conteúdos”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Este resultado não parece de fácil interpretação, sendo necessária uma análise caso a caso para melhor o compreender.

#### Cartão IV (pesadelo)

— Item 79 — “Na história há referência a onnipotência”

As crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão, o que reflecte um maior recurso ao mecanismo onnipotente para gerir a ansiedade despoletada pela situação apresentada no Cartão por parte destas crianças.

#### Cartão V (dia de aniversário)

— Item 66 — “Personagem apoia outros meninos”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. A existência de menos Afecto poderá levar a uma maior procura do outro nas histórias elaboradas por estas crianças.

#### Cartão VI (briga dos pais)

— Item 57 — “Transforma o desfecho, piorando-o”

— Item 71 — “Personagem rejeitada por adulto masculino”

As crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência destes itens do que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão, reflectindo uma maior sensibilidade a esta temática por parte destas crianças, com maior dificuldade na sua elaboração.

Cartão VII (escola)

— Item 51 — “Omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Não parece um resultado de fácil interpretação, sendo necessária uma análise de cada caso para melhor o compreender.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 68 — “Personagem procura adulto feminino”

As crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Sendo este o Cartão que remete para a rivalidade fraterna, poderá compreender-se que nas respostas das crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto surja uma maior tendência à procura do adulto feminino, face à situação apresentada.

Relativamente aos Cartões de que mais gostaram e de que menos gostaram, verificou-se que, no que diz respeito aos Cartões de que mais gostaram, o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos, seguido pelo Cartão V (dia de aniversário).

No que concerne aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verificou-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) foram os mais escolhidos por ambos os grupos.

### III.7.1.5.8.5. Estudo das respostas das crianças de acordo com os resultados do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos

As características da amostra são descritas no Quadro 119, no que se refere ao estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

Quadro 119. Descrição da amostra por estado civil dos pais, escolaridade e profissão do pai e da mãe e quem preencheu o Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N = 219)

	N	%
Estado civil dos pais		
Casados	142	64.8
União de facto	26	11.9
Separados	25	11.4
Divorciados	19	8.7
Não refere	2	.9
Pai ou mãe falecidos		
Mãe falecida	2	8.7
Pai falecido	3	1.4
Escolaridade do pai		
1º ciclo	15	6.8
2º ciclo	35	16.0
3º ciclo	51	23.3
Secundário	41	18.7
Ensino Superior	57	26.1
Não refere	17	7.8
Escolaridade da mãe		
Nenhuma	1	.5
1º ciclo	4	1.8
2º ciclo	23	10.5
3º ciclo	59	26.9

Secundário	53	24.2
Ensino Superior	75	34.3
Não refere	4	1.8
Profissão do pai		
Trabalhadores indiferenciados	85	38.8
Trabalhadores especializados	87	39.7
Trabalhadores altamente especializados	33	15.1
Estudantes	1	.5
Outros inativos	3	1.4
Não refere	10	4.6
Profissão da mãe		
Trabalhadores indiferenciados	75	34.2
Trabalhadores especializados	62	28.3
Trabalhadores altamente especializados	52	23.7
Estudantes	4	1.8
Outros inativos	18	8.2
Não refere	8	3.7
Quem respondeu ao questionário		
Mãe	171	78.1
Pai	21	9.6
Outros	1	.5
Indeterminado	26	11.9

Na maioria dos casos, os pais são casados (64.8%). A maior parte dos pais tem escolaridade entre o terceiro ciclo e bacharelato/licenciatura (65.7%) e são trabalhadores indiferenciados (38.8%) ou especializados (39.7%). Na maioria das situações, as mães têm escolaridade entre o terceiro ciclo e o ensino superior (85.4%) e profissões entre trabalhadores indiferenciados, especializados ou muito especializados (87.2%). A maioria dos questionários foi preenchida pelas mães (78.1%).

Tal como referido anteriormente, dados os resultados obtidos na análise factorial feita anteriormente ao IRF e ao Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, optou-se por considerar duas dimensões:

Rivalidade/Hostilidade e Afecto. Para formar os grupos foram tidas em conta as medianas das duas dimensões.

Analisa-se somente a Parte II do Questionário, correspondente às percepções dos pais relativamente à relação entre os filhos. A Parte I, referente ao ideal dos pais relativamente à relação entre irmãos, não se revela pertinente para o estudo actual. Uma vez mais, o principal objectivo na análise dos resultados referentes ao Questionário, prende-se com a sua relação com as respostas ao Cartão IX (nascimento de um irmão).

Relembra-se que a Parte II se refere à percepção que os encarregados de educação têm da relação real entre os irmãos. Deste modo, para analisar as diferenças entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Rivalidade/Hostilidade na Parte II do Questionário foram formados dois grupos, tendo sido divididos em função do valor da mediana ( $Me = 27.00$ ): Grupo 1, constituído pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade ( $N=86$ ) e Grupo 2, constituído pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade ( $N=81$ ).

As frequências, percentagens e média, bem como o desvio-padrão e valores mínimo e máximo referentes às idades das crianças cujos encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos podem ser consultados no Quadro 120.

Quadro 120. Frequências, percentagens e média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos ( $N=167$ ).

	N	%	Média	DP	Min	Max
Crianças percebidas como tendo mais baixa Rivalidade/Hostilidade	86	51,5	7,6	1,7	5	10



Crianças percebidas como tendo 81 48,5 7,7 1,7 5 10  
mais elevada Rivalidade/Hostilidade

Verifica-se que os grupos formados abrangem todas as idades da amostra. A média de idades no grupo de crianças percebidas como tendo valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade é de 7,6 e o desvio-padrão 1,7 e no grupo de crianças percebidas como tendo valores mais elevados de Rivalidade/Hostilidade a média de idades é de 7,7 e o desvio-padrão é 1,7.

Foram analisadas as diferenças entre as respostas das crianças do Grupo 1 e do Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões (não se encontraram diferenças estatisticamente significativas), da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão (também não se encontraram diferenças estatisticamente significativas) e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado. Os resultados são apresentados nos Quadros 121 e 122.

Quadro 121. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167)

	Baixa		Elevada		$\chi^2$	p
	(N=86)		(N=81)			
	N	%	N	%		
1ª Cena Fantasia (V+M) no Cartão I					6.212*	.013
Não	85	98.8	73	90.1		
Sim	1	1.2	8	9.9		

3ª Cena Aflição (A+MA)					5.778*	.016
no Cartão III						
Não	64	74.4	72	88.9		
Sim	22	25.6	9	11.1		
3ª Cena Muita Aflição					6.199*	.013
no Cartão III						
Não	68	79.1	75	92.6		
Sim	18	20.9	6	7.4		
2ª Cena Muita Aflição					4.572*	.032
no Cartão IV						
Não	70	81.4	75	92.6		
Sim	16	18.6	6	7.4		
3ª Cena Aflição (A+MA)					8.187**	.004
no Cartão IV						
Não	63	73.3	42	51.9		
Sim	23	26.7	39	48.1		
3ª Cena Aflição					5.374*	.020
no Cartão IV						
Não	69	80.2	52	64.2		
Sim	17	19.8	29	35.8		
3ª Cena Fantasia Viável					4.196*	.041
no Cartão IV						
Não	69	96.5	74	91.4		
Sim	17	19.8	7	8.6		
3ª Cena Muita Aflição					4.559*	.033
no Cartão VI						
Não	83	96.5	71	87.7		
Sim	3	3.5	10	12.3		
1ª Cena Aflição (A+MA)					5.478*	.019
no Cartão VIII						
Não	70	81.4	53	65.4		
Sim	16	18.6	28	34.6		

1ª Cena Aflição				10.015**	.002
no Cartão VIII					
Não	75	87.2	54	66.7	
Sim	11	12.8	27	33.3	

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças correspondentes aos dois grupos para:

Cartão I (passeio com a mãe)

— 1ª Cena Fantasia (V+M) — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, do que pelas crianças percebidas pelos encarregados de educação com valores mais baixos nesta dimensão.

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, tendem a abordar esta temática de perda da mãe com recurso à Fantasia, quer Viável, quer Mágica, não enfrentando no primeiro momento a emoção ansiosa, o que corresponde a uma forma de negação inicial.

Cartão III (ida à praia)

— 3ª Cena Aflição (A+MA) e 3ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Sendo este um Cartão que remete para a relação com os pares, seria de esperar que ocorresse o contrário.

Cartão IV (pesadelo)

— 3ª Cena Aflição (A+MA) e 3ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

— 2ª Cena Muita Aflição e 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Assim, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade terão maior dificuldade em elaborar esta temática de pesadelo, terminando as histórias em Aflição ou Muita Aflição, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão, reconhecem a emoção ansiosa associada, mas têm maior facilidade em elaborar a mesma com recurso à Fantasia.

#### Cartão VI (briga dos pais)

— 3ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Há, portanto, maior dificuldade em elaborar a temática de briga dos pais por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, que tendem a terminar a história com elevada Aflição.

#### Cartão VIII (quebra da jarra)

— 1ª Cena Aflição (A+MA) e 1ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Portanto, a temática de quebra de normas desperta maior emoção ansiosa nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade.

O Quadro 122 mostra as diferenças significativas encontradas entre os dois grupos no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram novamente analisados somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens

referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 122. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percepcionam com valores baixos e altos de Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N=167)

	Baixa (N=86)		Elevada (N=81)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão I Item 67					4.646*	.031
Não	11	12.8	21	25.9		
Sim	75	87.2	60	74.1		
Cartão I Item 70					7.214**	.007
Não	72	83.7	78	96.3		
Sim	14	16.3	3	3.7		
Cartão III Item 60					4.068*	.044
Não	4	4.7	11	13.6		
Sim	82	95.3	70	86.4		
Cartão V Item 60					4.270*	.039
Não	33	38.4	44	54.3		
Sim	53	61.6	37	45.7		
Cartão V Item 94					4.351*	.037
Não	86	100.0	77	95.1		
Sim			4	4.9		
Cartão VIII Item 73					5.596*	.018
Não	71	82.6	54	66.7		
Sim	15	17.4	27	33.3		
Cartão VIII Item 74					4.642*	.031
Não	69	80.2	53	65.4		
Sim	17	19.8	25	34.6		

Cartão VIII Item 77					5.051*	.025
Não	36	41.9	48	59.3		
Sim	50	58.1	33	40.7		
Cartão VIII Item 95					4.253*	.039
Não	25	29.1	36	44.4		
Sim	61	70.9	45	55.6		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que respeita à frequência de escolha dos Itens da Atitude em cada Cartão, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ( $p > .05$ ). Novamente, não foram encontradas diferenças significativas no Cartão IX (nascimento de um irmão).

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão I (passeio com a mãe)

— Item 67 — “Personagem procura adulto masculino”

— Item 70 — “Personagem apoiada por adulto feminino”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência destes Itens do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. Assim, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade parecem procurar mais o apoio do adulto no sentido de lidar com a situação de separação apresentada neste Cartão.

Cartão III (ida à praia)

— Item 60 — “Faz referência a outros meninos”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência deste item do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. Este resultado não é por si só significativo, apesar de poder revelar que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores

mais baixos nesta dimensão terão maior facilidade em abordar a temática da relação com os pares.

Cartão V (dia de aniversário)

— Item 60 — “Faz referência a outros meninos”

— Item 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência do Item 60 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. Uma vez mais, este resultado não é por si só significativo, apesar de poder revelar que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade terão maior facilidade em abordar a temática da relação com os pares. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão apresentaram maior frequência do Item 94 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão. Este resultado não nos parece de fácil interpretação.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Item 73 — “Personagem magoa adulto masculino”

— Item 74 — “Personagem magoa adulto feminino”

— Item 77 — “Adulto masculino indica normas”

— Item 95 — “Mostra-se incapaz de resolver a situação”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência do Item 77 e do Item 95 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentaram maior frequência do Item 73 e do Item 74 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão. Deste modo, os resultados parecem indicar que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade terão uma maior facilidade na procura da resolução das consequências associadas à situação de quebra de normas apresentada neste Cartão, ao passo que as crianças que os

encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão terão, face à situação apresentada, uma vivência da culpabilidade mais intensa.

Relativamente aos Cartões escolhidos como aqueles de que mais gostaram, foi possível observar que o Cartão IX (nascimentos de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos, seguido pelo Cartão V (dia de aniversário). Quanto aos Cartões de que as crianças gostaram menos, o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) foram os mais escolhidos por ambos os grupos.

Após a análise da dimensão Rivalidade/Hostilidade, passou-se a analisar a dimensão Afecto. Deste modo, para analisar as diferenças entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Afecto foram formados dois grupos, tendo sido divididos em função do valor da mediana ( $Me = 48.00$ ): Grupo 1, constituído pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto ( $N=91$ ) e Grupo 2, constituído pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto ( $N=76$ ).

As frequências, percentagens, média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças cujos encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos podem ser consultadas no Quadro 123.

Quadro 123. Frequências, percentagens, média, desvio-padrão e valores mínimo e máximo das idades das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e valores mais altos na dimensão Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos ( $N=167$ )

	N	%	Média	DP	Min	Max
Crianças percebidas como tendo mais baixo Afecto	91	54,5	7,7	1,8	5	10
Crianças percebidas como tendo mais elevado Afecto	76	45,5	7,7	1,6	5	10



Verifica-se que os grupos formados abrangem todas as idades da amostra, sendo a média de idades de 7,7 em ambos os grupos e o desvio-padrão de 1,8 no grupo das crianças percebidas como tendo mais baixo Afecto, e de 1,6 no grupo de crianças percebidas como tendo mais elevado Afecto.

Foram analisadas as diferenças entre as respostas das crianças correspondentes ao Grupo 1 e ao Grupo 2 ao nível da frequência de escolha de Cenas para cada um dos Cartões, da frequência de escolha de categorias de Cenas (Aflição, Fantasia e Realidade) nas três posições em cada Cartão, da frequência de utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão e dos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas, através do teste Qui-quadrado.

O Quadro 124 mostra as Cenas em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” das crianças correspondentes aos dois grupos ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões.

Quadro 124. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Cena escolhida” das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167)

	Baixo (N=91)		Elevado (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
CartãoIII Cena 8					5.546*	.019
Não	80	87.9	56	73.7		
Sim	11	12.1	20	26.3		
CartãoIII Cena 9					5.546*	.019
Não	80	87.9	56	73.7		
Sim	11	12.1	20	26.3		
Cartão VIII Cena 7					4.324*	.038
Não	79	86.8	73	96.1		
Sim	12	13.2	3	3.9		

\*  $p \leq .05$ .

No que respeita à frequência de escolha de Cenas em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças correspondentes aos dois grupos para:

Cartão III (ida à praia)

— Cenas 8 e 9 — as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência de escolha destas Cenas do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Sendo este um Cartão que remete para a relação com as outras crianças, parece que, por um lado, um elevado desejo de sucesso nessa relação (Cena de Realidade 8, que representa a personagem a brincar com outras crianças) e, por outro lado, uma ansiedade elevada associada ao receio dessa relação (Cena de Aflição 9, que representa a personagem agarrada aos pais com receio) são mais frequentes nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Cartão VIII (quebra da jarra)

— Cena 7 — as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto, apresentaram maior frequência de escolha desta Cena do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Assim, estas crianças tenderão mais a ironizar a situação de quebra de normas, como forma de alívio da ansiedade despoletada.

Uma vez mais, não foram encontradas diferenças significativas no Cartão IX (nascimento de um irmão).

Para avaliar as diferenças entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores baixos e altos de Afecto na Parte II do Questionário, em termos da frequência de escolha de categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foi realizada uma análise através do teste Qui-quadrado. O Quadro 125 mostra as categorias em que foram identificadas diferenças significativas.

Quadro 125. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas “Categorias de Cena”/“Posição na Sequência” das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos (N=167)

	Baixo (N=91)		Elevado (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
3ª Cena Aflição no Cartão II					6.260*	.012
Não	89	97.8	67	88.2		
Sim	2	2.2	9	11.8		
3ª Cena Realidade no Cartão III					7.945**	.005
Não	40	44.0	50	65.8		
Sim	51	56.0	26	34.2		
3ª Cena Aflição (A+MA) no Cartão III					8.622**	.003
Não	81	89.0	54	71.1		
Sim	10	11.0	22	28.9		
3ª Cena Muita Aflição no Cartão III					8.320**	.004
Não	84	92.3	58	76.3		
Sim	7	7.7	18	23.7		
3ª Cena Aflição (A+MA) no Cartão IV					6.272*	.012
Não	50	54.9	56	73.7		
Sim	41	45.1	20	26.3		
3ª Cena Aflição no Cartão IV					4.260*	.039
Não	60	65.9	61	88.2		
Sim	31	34.1	15	19.7		

3ª Cena Fantasia (FV+FM)					4.520*	.030
no Cartão IV						
Não	69	75.8	46	60.5		
Sim	22	24.2	30	39.5		
3ª Cena Fantasia Viável					5.252*	.022
no Cartão VI						
Não	57	62.6	60	78.9		
Sim	34	37.4	16	21.1		
1ª Cena Realidade					4.337*	.037
no Cartão VII						
Não	31	34.1	38	50.0		
Sim	60	65.9	38	50.0		
1ª Cena Aflição (A+MA)					6.160**	.013
no Cartão VII						
Não	67	73.6	42	55.3		
Sim	24	26.4	34	44.7		
1ª Cena Aflição					4.444*	.035
no Cartão VII						
Não	74	81.3	51	67.1		
Sim	17	18.7	25	32.9		

\*  $p \leq .05$ ; \*\*  $p \leq .01$ .

No que concerne à frequência de escolha de Categorias de Cenas nas três posições em cada Cartão, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as respostas dos dois grupos para:

#### Cartão II (doença)

— 3ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Assim, as crianças com valores mais elevados nesta dimensão terão maior dificuldade em elaborar a situação de doença, tendendo a terminar as histórias com presença de emoção ansiosa.

Cartão III (ida à praia)

— 3ª Cena Aflição (A+MA) e 3ª Cena Muita Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

— 3ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Deste modo, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto tendem a terminar as histórias neste Cartão com elevada presença de emoção ansiosa, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão tendem a terminar a história de forma adaptada.

Cartão IV (pesadelo)

— 3ª Cena Aflição (A+MA) e 3ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

— 3ª Cena Fantasia (FV+FM) — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Estes resultados vão ao encontro do esperado, revelando maior dificuldade por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão, na gestão da emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão. Os resultados anteriormente obtidos relativamente à dimensão Rivalidade/Hostilidade, pareciam indicar que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade têm maior dificuldade na gestão da ansiedade despoletada por este Cartão. Os resultados agora obtidos para a dimensão Afecto vão ao encontro do esperado.

Cartão VI (briga dos pais)

— 3ª Cena Fantasia Viável — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Deste modo, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão terão, face à temática de briga dos pais, maior tendência à fuga pela fantasia, apesar de viável.

Cartão VII (escola)

— 1ª Cena Aflição (A+MA) e 1ª Cena Aflição — mais frequentemente escolhidas pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

— 1ª Cena Realidade — mais frequentemente escolhida pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Tal revela um maior reconhecimento da emoção ansiosa associada a este Cartão por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto e uma abordagem mais adaptada por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão.

Para avaliar as diferenças entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto em termos da frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade (Negação, Impossibilidade, EEE e EAO) em cada Cartão, foi utilizado o teste Qui-quadrado. Verificou-se que não houve diferenças significativas entre as respostas das crianças correspondentes aos dois grupos para nenhuma das quatro Estratégias de Elaboração da Ansiedade, em nenhum dos nove Cartões.

O Quadro 126 mostra as diferenças significativas encontradas no que se refere aos itens assinalados na Grelha de Análise de Respostas. Foram novamente analisados

somente os itens referentes à Atitude (itens 1 a 8) e os itens referentes aos Aspectos Formais e de Conteúdo (itens 44 a 95), uma vez que os itens referentes à Sequência das Cenas (itens 9 a 29) foram analisados ao nível da frequência de escolha das Cenas para cada um dos Cartões. Os itens referentes à Sequência da História (itens 30 a 43) não se revelam pertinentes para a análise agora pretendida.

Quadro 126. Diferenças estatisticamente significativas entre as respostas das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos e altos de Afecto no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos itens da Atitude e dos Aspectos Formais e de Conteúdo da Grelha de Análise de Respostas (N=167)

	Baixo (N=91)		Elevado (N=76)		$\chi^2$	p
	N	%	N	%		
Cartão V Item 1	6				3.854*	.050
Não	75	83.5	71	93.4		
Sim	15	16.5	5	6.6		
Cartão III Item 64					5.316*	.021
Não	77	84.6	53	69.7		
Sim	14	15.4	23	30.3		
Cartão III Item 79					6.298*	.012
Não	81	89.0	75	98.7		
Sim	10	11.0	1	1.3		
Cartão III Item 87					7.316**	.007
Não	87	95.6	63	82.9		
Sim	4	4.4	13	17.1		
Cartão VII Item 70					4.324*	.038
Não	79	86.8	73	96.1		
Sim	12	13.2	3	3.9		
Cartão IX Item 71					4.534*	.033
Não	88	96.7	67	88.2		
Sim	3	3.3	9	11.8		
Cartão IX Item 72					6.736**	.009
Não	88	96.7	65	85.5		
Sim	3	3.3	11	14.5		

\*  $p \leq .05$ .

Itens da Atitude — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para:

Cartão V (dia de aniversário)

— Item 1 — “Aumenta o tempo de latência”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. Tal poderá revelar uma maior ansiedade face à temática deste Cartão nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto.

Itens do grupo Aspectos Formais e de Conteúdo — foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para os seguintes Cartões:

Cartão III (ida à praia)

— Item 64 — “Personagem agredida por outros meninos”

— Item 79 — “Na história há referência a onipotência”

— Item 87 — “Faz referência a perigos ou à ideia de fuga”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência do Item 79 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência do Item 64 e do Item 87 do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão. Estes resultados reflectem a presença de maior tensão na relação com os pares por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto e maior recurso à onipotência por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Cartão VII (escola)

— Item 70 — “Personagem apoiada por adulto feminino”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentaram maior frequência deste item do que as crianças



que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão. Não nos parece, por si só, um resultado de fácil explicação, apontando para maior necessidade de apoio por parte do adulto (neste caso a professora) para lidar com a situação de dificuldade no contexto escolar por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto.

Cartão IX (nascimento de um irmão)

— Item 71 — “Personagem rejeitada por adulto masculino”

— Item 72 — “Personagem rejeitada por adulto feminino”

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentaram maior frequência destes itens do que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão. Uma vez mais, estes resultados não vão ao encontro do esperado, sendo de difícil interpretação, pois indicam que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto sentirão mais intensamente a possibilidade de rejeição por parte dos adultos perante a situação de nascimento de um irmão.

Relativamente aos Cartões que as crianças escolheram como tendo gostado mais ou menos, é possível observar que, no que respeita àqueles de que mais gostaram, o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos, seguido pelo Cartão V (dia de aniversário).

Quanto aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verificou-se que o Cartão VIII (quebra da jarra) e o Cartão VI (briga dos pais) foram os mais escolhidos por ambos os grupos.



**Capítulo IV**  
*Discussão dos Resultados*

No capítulo anterior foram apresentados os resultados relativos ao todo da prova “Era uma vez...”, com as alterações decorrentes do trabalho realizado — os dois novos Cartões VIII e IX e as modificações introduzidas em algumas Cenas de alguns dos Cartões existentes. Este estudo foi feito no contexto da aplicação da prova na sua totalidade, na nova versão.

O presente capítulo centra-se, primeiramente e de acordo com o objectivo deste trabalho, na análise das respostas aos dois novos Cartões VIII e IX e aos Cartões IV e VI que tiveram várias Cenas alteradas. A análise referente a estes Cartões incidiu sobre os elementos das respostas que se referem às Cenas mais e menos escolhidas, às Estratégias de Elaboração da Ansiedade utilizadas nas respostas, à evolução das respostas com a idade e às diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino. Diferenciam-se estes aspectos, na medida em que são específicos de cada Cartão.

As Categorias de Cena, sua escolha e colocação em sequência, são aspectos comuns a todos os Cartões, pelo que a sua análise é efectuada comparativamente aos restantes Cartões. Sistematiza-se essa comparação em função da idade, evolução que tem sido analisada desde o início da prova e que é da maior utilidade na prática clínica, por permitir a comparação das respostas com dados normativos por nível etário, e em função das diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino.

São discutidos em seguida os resultados referentes aos itens “nunca assinalados” e “mais frequentemente assinalados” da Grelha de Análise de Respostas. Este aspecto das respostas não foi sistematicamente abordado em nenhum dos estudos anteriores, pelo que a sua análise se torna particularmente importante.

São então discutidos os resultados referentes à utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade e aos Cartões de que as crianças gostaram mais e menos, também numa perspectiva evolutiva.

No ponto seguinte procede-se à discussão dos resultados referentes aos subgrupos da amostra: crianças com e sem dificuldades de aprendizagem (de acordo

com a informação dos professores); crianças com e sem perturbação emocional (de acordo com os resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores - Rutter, 1967); crianças com valores altos e baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto (de acordo com os resultados do Inventário de Relações Fraternas e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos).

#### **IV.1. O novo material**

A análise dos significados atribuídos às nove Cenas dos dois novos Cartões revela que a descrição feita pelas crianças, no contexto das histórias que verbalizam a partir dessas Cenas, é consonante com o significado que se pretendia exprimir aquando da concepção das mesmas. No Cartão IX, na Cena 5 o bebé da fotografia foi por vezes percebido como sendo o novo bebé e outras vezes percebido como sendo a própria criança. Como referido anteriormente, em qualquer dos casos é posta em acção uma fantasia, sendo esta uma fantasia de exclusão, por imaginar os pais sozinhos com o bebé, ou uma fantasia de regressão, pela nostalgia de quando era o único filho. Deste modo, o objectivo subjacente à concepção/alteração das Cenas foi conseguido.

Pretendia-se perceber se as Cenas escolhidas pelas crianças manifestavam variedade ou se, pelo contrário, surgia uma tendência de resposta óbvia, tendo-se verificado que todas as Cenas foram escolhidas. De modo geral, obteve-se uma grande variedade de respostas na forma como as crianças organizaram a história, com uma ampla diversidade de soluções, evidenciando formas diversas de elaboração das situações, nas diferentes idades.

A análise realizada permitiu também confirmar que se mantêm as características ansiogéneas dos Cartões IV e VI e agora também dos dois novos Cartões, VIII e IX, pela maior frequência de escolha de Cenas de Aflição e de Muita Aflição nestes Cartões.

#### **IV.1.1. Discussão dos resultados referentes aos dois novos Cartões VIII e IX**

Cartão VIII (quebra da jarra):

— Cenas mais e menos escolhidas — as Cenas de Realidade (1, 6 e 8) são as mais escolhidas pela maioria das crianças das diversas idades. As Cenas menos escolhidas são as Cenas de Fantasia 5 e 7 e a Cena de Aflição 9, sendo que a sua escolha decresce com a idade. A situação de quebra das normas e sua consequência é, assim, considerada como um fenómeno da realidade que causa alguma aflição, mas que se poderá gerir realisticamente.

— Estratégias de Elaboração da Ansiedade — a Impossibilidade é a estratégia mais utilizada neste Cartão em todas as idades. Segue-se a EAO, que aumenta progressivamente com a idade, depois a Negação, que diminui com a idade e por fim a EEE, que apresenta uma percentagem bastante baixa em todas as faixas etárias. Este Cartão apresenta uma situação de quebra de normas parentais e respectiva consequência, podendo, deste modo, suscitar sentimentos de culpabilidade intensa, conduzindo a uma Impossibilidade de resolução da situação. No entanto, muitas crianças revelam conseguir resolver adequadamente o episódio, com recurso à EAO.

— Evolução com a idade — como já atrás foi dito, há diferenças nas respostas das crianças mais novas e mais velhas às temáticas apresentadas. Assim, no Cartão VIII, apesar de muitas crianças demonstrarem impossibilidade de resolução do episódio, as crianças mais velhas demonstraram ter maior facilidade em resolver o mesmo de forma adequada. Nas crianças mais jovens surge por vezes a fuga pela Fantasia, mecanismo também muito presente nas crianças de 10 anos e que nesta idade poderá ajudar a distinguir as crianças que aceitam que infringiram regras e podem lidar com a situação, das crianças que tentam iludir a sua responsabilidade e culpa, possuindo assim um valor diagnóstico importante.

— Diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino — os meninos vivem mais intensamente a culpabilidade associada à quebra das normas do que as meninas, reconhecendo mais a emoção ansiosa que a mesma desperta, e optando mais vezes pela fuga pela Fantasia para lidar com a

ansiedade. As meninas lidam com a situação de quebra de normas de uma forma mais realista. Este Cartão foi o mais escolhido pelas crianças de 6, 7, 8 e 10 anos, quer rapazes, quer raparigas, como aquele de que gostaram menos, o que indica tratar-se de uma temática difícil.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

— Cenas mais e menos escolhidas — para a maioria das idades, as Cenas mais escolhidas foram a 8 e a 1 (Cenas de Realidade) e as Cenas menos escolhidas são a 3 e a 7 (Cenas de Fantasia), sendo que a escolha das últimas vai decrescendo com a idade. A situação de nascimento de um irmão e possível realidade fraterna é, deste modo, também considerada como um fenómeno da realidade que causa aflição. A maioria das soluções é realista e adaptativa.

— Estratégias de Elaboração da Ansiedade — todas as estratégias foram bastante utilizadas. No entanto, a EAO ocupa um lugar de destaque, sendo a estratégia mais utilizada e aumentando com a idade. Segue-se a Negação, que diminui com a idade, e a EEE, que aumenta com a idade, e por fim a Impossibilidade, que, tal como a Negação, diminui com a idade. A maioria das crianças revela, assim, conseguir resolver adequadamente o episódio, sobretudo as crianças mais velhas.

— Evolução com a idade — apesar da maioria das crianças ter revelado ser capaz de resolver adequadamente a situação de rivalidade fraterna, as crianças de 5 anos apresentaram maior dificuldade na gestão adequada da mesma, com maior recurso à Fantasia. Foi também possível verificar que, relativamente aos Cartões de que mais gostaram, este Cartão foi o mais escolhido em todas as idades, excepto pelas crianças de 5 anos, em que é o mais escolhido como sendo aquele de que gostaram menos.

— Diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino — as histórias das meninas tendem a reflectir uma agressividade não agida directamente, mas exteriorizada de forma indirecta, ao passo que nas histórias dos meninos a agressividade é agida de forma directa e na presença do adulto. Tal remete para uma maior dificuldade por parte dos meninos em gerir a situação de rivalidade fraterna apresentada. Encontra-se também uma maior tendência à permanência da

emoção ansiosa suscitada pela situação de nascimento de um irmão, nos meninos do que nas meninas. Este Cartão foi o escolhido como preferido quer pelos meninos, quer pelas meninas, embora se tenha verificado que a percentagem de meninas que preferiu estas histórias foi significativamente superior à dos meninos, o que vai ao encontro dos restantes resultados.

#### **IV.1.2. Discussão dos resultados referentes aos Cartões IV e VI com as alterações realizadas**

Cartão IV (pesadelo):

— Cenas mais e menos escolhidas — as Cenas 9 e 2 (Cenas de Aflição) foram as mais escolhidas na maioria das idades. As Cena de Fantasia (3, 5 e 7) foram as menos escolhidas. Verifica-se, tal como no Cartão I, que a resposta mais frequente à situação de pesadelo corresponde a uma primeira reacção de Aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, sendo mais usual o recurso a uma estratégia de acção realista e menos usual a possibilidade de equilibrar o sentimento ansioso com uma fantasia criativa. Estes resultados espelham a dificuldade natural da criança em se situar entre a fantasia e a realidade, perante uma experiência onírica angustiante. Este Cartão foi o que sofreu mais alterações, modificando, em alguns casos, o significado das Cenas (1, 4, 6 e 7), pelo que as comparações com estudos anteriores foram muito limitadas. A comparação relativamente às Cenas menos escolhidas foi possível somente no que se refere à Cena 3, que contrariamente aos resultados de 1992, foi a menos escolhida no presente estudo e que não sofreu alterações. Tal como já foi referido, esta era na versão anterior da prova a única em que surgiam os pais com a criança (numa solução de fantasia). A actual possibilidade de Cenas alternativas às anteriores, e nomeadamente da Cena 6, que representa os pais com a criança, justifica este resultado.

— Estratégias de Elaboração da Ansiedade — verifica-se a utilização maioritária da Impossibilidade em todas as idades, apesar de diminuir com a idade. Segue-se a EAO, cuja utilização aumenta com a idade, depois a EEE e por fim a Negação, que se manifestam de forma idêntica em todas as idades. Neste Cartão parece, assim, ser mais usual recorrer a uma estratégia de acção realista e menos usual a possibilidade de



equilibrar o sentimento ansioso com uma fantasia criativa. Neste Cartão, no Cartão VI (briga dos pais) e no Cartão VII (escola), ao contrário dos restantes, os resultados do presente estudo foram diferentes dos resultados obtidos em estudos anteriores, que indicavam predomínio do uso da EEE e da Impossibilidade no Cartão IV (Capinha, 2012; Pires, 2001). Tendo este Cartão sido alvo de intensas alterações, estas diferenças de resultados são expectáveis e tornam-se semelhantes aos resultados encontrados nos restantes Cartões que remetem para situações ansiogéneas.

— Evolução com a idade — nas crianças mais novas a elaboração passa mais pelo recurso à Fantasia, tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista à medida que a idade vai aumentando. Há também neste Cartão uma maior permanência, ao longo das diversas faixas etárias, da dificuldade em gerir a situação apresentada. No entanto, as crianças mais velhas fazem-no claramente de forma mais eficaz.

— Diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino — as crianças do sexo masculino tendem a utilizar mais mecanismos de fuga para concluir as histórias neste Cartão do que as crianças do sexo feminino, o que poderá revelar maior grau de ansiedade face à temática de pesadelo por parte dos meninos. Este Cartão é pouco escolhido por todas as crianças quer como sendo aquele de que mais gostaram quer como sendo aquele de que menos gostaram.

Cartão VI (briga dos pais):

— Cenas mais e menos escolhidas — as Cenas mais escolhidas na maioria das idades foram as Cenas de Realidade 1 e 6 e a Cena de Aflição 2 e as Cenas menos escolhidas foram sobretudo as Cenas de Fantasia 3 e 7. A situação de discussão dos pais é considerada como um fenómeno da realidade que despoleta uma reacção de aflição na criança, cuja resolução, dependendo essencialmente dos pais, tende a ser realista. Tendo este Cartão sofrido diversas alterações, as comparações com estudos anteriores, tal como se verificou para o Cartão IV, foram limitadas. Os resultados são discrepantes relativamente aos estudos anteriores (Fagulha, 1992) no que se refere à Cena 6, que foi a menos escolhida (Cena esta que sofreu profundas alterações no presente estudo). Já no que respeita à Cena 1, esta continua, tal como em estudos anteriores, a ser das mais escolhidas (não tendo sofrido alterações no presente estudo). A Cena 3 não sofreu

alterações no estudo actual, mas não foi uma das mais escolhidas, contrariamente aos resultados do segundo estudo de 1992. Uma vez mais, pode considerar-se que a possibilidade de novas alternativas de escolha explica esta diferença.

— Estratégias de Elaboração da Ansiedade — há utilização maioritária de Impossibilidade em todas as idades. Este Cartão reflecte, assim, a situação que foi mais difícil de gerir adequadamente pela maioria das crianças da amostra analisada. Segue-se a EEE, que aumenta ligeiramente com a idade, depois a Negação, bastante reduzida e diminuindo com a idade, e por fim a EAO, praticamente inexistente em todas as faixas etárias. Sendo este um Cartão que representa uma situação ansiogénea, os resultados vão ao encontro do que outros Cartões com características ansiogéneas revelam. No entanto, a Impossibilidade de resolver a situação é mais elevada nas crianças mais velhas (8 e 9 anos) e não nas crianças mais novas, o que poderá relacionar-se com uma maior consciência do perigo efectivo da separação dos pais, obtida com a maior maturidade. Neste Cartão, tal como nos Cartões IV (pesadelo) e VII (escola) e ao contrário dos restantes, os resultados deste estudo foram diferentes dos resultados obtidos em estudos anteriores, que indicavam predomínio do uso da EEE e da Impossibilidade no Cartão VI (Capinha, 2012; Pires, 2001). Tendo este Cartão sido alvo de intensas alterações, tal como o Cartão IV, estas diferenças de resultados são expectáveis e tornam-se semelhantes aos resultados encontrados nos restantes Cartões que remetem para situações ansiogéneas.

— Evolução com a idade — a dificuldade de resolver a situação é mais elevada nas crianças mais velhas do que nas crianças mais novas, o que, tal como referido anteriormente, se poderá relacionar com uma maior consciência do perigo efectivo da separação dos pais, obtida com a maior maturidade. Estas crianças tendem a escolher este Cartão como aquele de que gostaram menos.

— Diferenças entre as respostas das crianças do sexo feminino e das crianças do sexo masculino — os meninos parecem lidar com a situação de briga dos pais representada neste Cartão de uma forma mais realista e as meninas parecem reconhecer mais a emoção ansiosa que a mesma desperta, tendo maior capacidade de gestão da situação apresentada. Há, no entanto, maior tendência à utilização de mecanismos de fuga por parte dos meninos para darem conclusão à história. Este Cartão foi bastante

escolhido, quer por rapazes, quer por raparigas, como sendo aquele de que gostaram menos, o que dá maior ênfase ao facto desta ser uma temática difícil de elaborar pela maioria das crianças.

#### **IV.2. Discussão dos resultados referentes à globalidade dos Cartões em função da idade no que respeita às respostas “Categoria de Cena”/“Posição na sequência”**

Procede-se agora a uma discussão sintética dos resultados referentes às respostas “Categoria de Cena”/“Posição na Sequência” em função da idade na globalidade dos Cartões.

— 5 anos:

Estas crianças tendem a reagir com maior aflição face às situações de pesadelo (Cartão IV), de dificuldades no contexto escolar (Cartão VII) e também de perda da mãe (Cartão I), apesar de depois tentarem elaborar estas temáticas de forma adaptada, recorrendo a Cenas de Realidade ou de Fantasia. No entanto, quer na situação de pesadelo, quer na situação da escola, grande parte das vezes, a tentativa de resolução não tem sucesso, acabando por surgir uma finalização com recurso a Cenas de Muita Aflição. Também na situação de pesadelo, mas sobretudo na situação de perda da mãe, a Fantasia Mágica é muitas vezes utilizada na última posição, provavelmente como uma tentativa de fuga à ansiedade despoletada.

Por outro lado, as situações de doença (Cartão II) e briga dos pais (Cartão VI), apesar de não serem de imediato abordadas com Aflição pelas crianças de 5 anos, acabam por, num segundo momento, despertar a emoção ansiosa. Apesar da situação de doença ser a que desperta uma ansiedade mais intensa, é a situação de briga dos pais aquela em que a emoção ansiosa prevalece na maioria das vezes, não sendo possível a resolução adaptada da mesma. Na situação de doença, o recurso à Fantasia na última posição, talvez como tentativa de fuga à ansiedade despoletada, surge muitas vezes.

Para os novos Cartões VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão), tal como referido anteriormente, apesar de uma primeira tentativa de gestão da situação com recurso à Fantasia por parte das crianças de 5 anos, a Aflição surge muitas vezes no

final da história. Estas são, assim, duas temáticas de maior dificuldade para as crianças mais novas.

Relativamente às situações prazerosas, as crianças de 5 anos tendem a uma primeira abordagem de Fantasia face aos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), com desfecho das histórias em Realidade.

— 6 anos:

Nesta idade parece existir maior possibilidade de haver uma abordagem inicial mais realista, na maioria das situações apresentadas, à excepção do Cartão IV (pesadelo), em que as Cenas escolhidas são sobretudo de Muita Aflição. No entanto, a emoção ansiosa surge num segundo momento na maioria dos restantes Cartões, nomeadamente nos Cartões I (passeio com a mãe), II (doença), VI (briga dos pais), VIII (quebra da jarra) e também no Cartão IV. Tal como aos 5 anos, nos Cartões IV e VI a emoção ansiosa tende a prevalecer até ao término da história, ao passo que as outras histórias são maioritariamente concluídas de forma adaptada. Também da mesma forma que aos 5 anos, na situação de doença surge muitas vezes o recurso à Fantasia na última posição, talvez como tentativa de fuga à ansiedade despoletada. Aos 6 anos, este recurso surge também frequentemente na situação de briga dos pais.

As Cenas de Fantasia na 1ª posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões pelas crianças de 6 anos, sendo, tal como aos 5 anos, mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário). No entanto, aos 6 anos, a Fantasia nestes Cartões tende a prevalecer também nas 2ª e 3ª posições.

Assim, verifica-se uma evolução nas respostas dos 5 para os 6 anos, em que as mesmas se vão tornando mais adaptadas, à excepção das temáticas de pesadelo (IV) e briga dos pais (VI), que continuam a ser as mais difíceis de gerir. Por outro lado, as crianças de 6 anos evidenciam, face às crianças de 5 anos, uma maior utilização da Fantasia nas situações prazerosas de ida à praia (III) e aniversário (V).

— 7 anos:

Mantém-se a abordagem inicial com emoção ansiosa no Cartão IV (pesadelo), mas surge também tendencialmente no Cartão I (passeio com a mãe). Na situação de pesadelo, apesar de uma tentativa de elaboração da situação com recurso à Fantasia (fuga à ansiedade despoletada), a Aflição volta muitas vezes a surgir no final, o que dá conta da dificuldade, também das crianças de 7 anos, em gerir esta situação. No Cartão VI (briga dos pais) a emoção ansiosa acaba por surgir num segundo momento, sendo a escolha da Fantasia para finalizar a história muito evidente, remetendo para a impossibilidade de encontrar outros recursos, procurando a evasão. O mesmo ocorre no Cartão II (doença), onde a primeira abordagem realista não permanece durante o resto da história. No entanto, apesar do recurso à Fantasia ser necessário em algumas situações para gerir a ansiedade despoletada, há uma maior ligação à realidade, e menor recurso à onnipotência nesta idade do que nas idades anteriores.

As Cenas de Fantasia na 1ª posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo no entanto mais escolhidas nos Cartões III (ida à praia) e IX (nascimento de um irmão). O Cartão III remete para uma situação prazerosa e no Cartão IX as Cenas de Fantasia remetem sobretudo para formas de eliminação do irmão, portanto formas de fuga à situação apresentada. No entanto, estas histórias acabam muitas vezes de forma adaptada. No Cartão V (dia de aniversário) a Fantasia tende a surgir num segundo momento, após uma abordagem inicial mais realista e a permanecer no final da história.

Verifica-se assim que aos 7 anos as temáticas do pesadelo (IV) e da briga dos pais (VI) continuam a ser as de maior dificuldade. Surgem ainda as situações de passeio com a mãe (I) e de doença (II) como gerando maior ansiedade, por vezes difícil de gerir. A utilização da Fantasia está, nesta idade, intensamente patente não apenas nas situações prazerosas de ida à praia (III) e de dia de aniversário (V), mas também na situação de nascimento de um irmão (IX).

— 8 anos:

Os Cartões I (passeio com a mãe) e IV (pesadelo) são os que despoletam na primeira abordagem uma emoção ansiosa, tal como ocorrido aos 7 anos. No entanto, aos

8 anos a Aflição tende a persistir nestes dois Cartões na 2ª posição da sequência organizada, apesar das histórias terminarem, na sua maioria, em Realidade. No Cartão VI (briga dos pais), a emoção ansiosa acaba por surgir não na 2ª posição como aos 7 anos, mas na finalização das histórias, o que revela uma maior dificuldade na elaboração desta temática aos 8 anos. Também no Cartão II (doença), somente na 3ª posição se revela a necessidade de evasão através da Fantasia.

As Cenas de Fantasia na 1ª posição são pouco escolhidas na generalidade dos Cartões, sendo no entanto mais escolhidas no Cartão V (dia de aniversário). Nos Cartões III (ida à praia) e IX (nascimento de um irmão) a Fantasia surge num segundo momento, sendo as histórias tendencialmente terminadas em Realidade no Cartão IX e em Realidade ou Fantasia no Cartão III.

Deste modo, aos 8 anos a temática da briga dos pais (VI) é aquela em que há maior dificuldade de resolução adaptada. Surgem ainda as situações de passeio com a mãe (I), de pesadelo (IV) e de doença (II) como gerando maior ansiedade, por vezes difícil de gerir. Estes aspectos são, assim, semelhantes aos 7 e aos 8 anos. A utilização da Fantasia nas situações de dia de aniversário (V), ida à praia (III) e nascimento de um irmão (IX) continua também bastante presente, mas com ligação à realidade (Fantasia Viável).

— 9 anos:

Tal como aos 7 e 8 anos, as situações de passeio com a mãe (Cartão I) e de pesadelo (Cartão IV) são as que mais despoletam uma emoção ansiosa na primeira abordagem. Esta emoção ansiosa tende aos 9 anos, tal como aos 8, a permanecer na 2ª posição da sequência organizada e, no Cartão IV, também na finalização da sequência. No Cartão II (doença), após uma primeira abordagem realista, surge a emoção ansiosa tendencialmente na 2ª posição da sequência. Deste modo, a emoção ansiosa suscitada por estas temáticas parece ser intensa também nesta faixa etária. No Cartão VI (briga dos pais), a escolha de Cenas de Aflição surge sobretudo na 3ª posição da sequência, o que revela uma maior dificuldade na elaboração desta temática, tal como já ocorrido aos 8 anos. Neste Cartão VI e também no II surge muitas vezes o recurso à Fantasia como forma de resolução da situação através da fuga. É de sublinhar que, nesta idade, há

pouca escolha de Cenas de Muita Aflição, sendo a emoção ansiosa manifestada através, sobretudo, de Cenas de Aflição. Assim, parece haver menos intensidade, nessa mesma ansiedade, do que nas idades anteriores.

As Cenas de Fantasia são muito pouco escolhidas na 1ª posição, à exceção do Cartão V (dia de aniversário), em que a Fantasia permanece também na 2ª posição. No Cartão III (ida à praia), após uma abordagem mais realista, surge também a Fantasia na 2ª posição da sequência, tal como ocorrido aos 8 anos de idade. Ambos os Cartões que representam situações prazerosas têm uma escolha elevada de Cenas de Fantasia na 3ª posição da sequência organizada.

Deste modo, aos 9 anos, as temáticas de briga dos pais (VI), pesadelo (IV) e doença (II) são as que despoletam maior dificuldade de resolução adaptativa da situação. Também a temática de passeio com a mãe (I) suscita uma abordagem com maior presença de emoção ansiosa. Estes aspectos são, assim, semelhantes aos 7 e aos 8 anos, apesar da emoção ansiosa ser agora menos intensa. A utilização da Fantasia nas situações de dia de aniversário (V) e de ida à praia (III) continua também presente, mas a situação de nascimento de um irmão (IX) já não é tão elaborada com recurso à mesma. De sublinhar ainda que, nesta idade, nos restantes Cartões, a escolha de Realidade na última posição é muito elevada, o que remete para uma resolução adaptada da maioria das situações.

— 10 anos:

Os Cartões I (passeio com a mãe) e VIII (quebra da jarra) são aqueles em que são escolhidas mais Cenas de Aflição na 1ª posição. No Cartão I esta escolha permanece e agudiza-se (Muita Aflição) na 2ª posição e depois a finalização é adaptada, ao passo que no Cartão VIII a elaboração da situação é sobretudo feita através da escolha de Cenas de Realidade ou de Fantasia (sobretudo Fantasia Mágica, que surge como uma tentativa de camuflar a situação, de modo a evitar o confronto com as consequências da mesma). No entanto, a finalização neste Cartão é também maioritariamente adaptativa. Nas situações de pesadelo (Cartão IV) e de briga dos pais (Cartão VI), a emoção ansiosa surge sobretudo na segunda abordagem, havendo depois uma finalização

maioritariamente através da Fantasia. Esta tendência de utilização da Fantasia na 3ª posição, como forma de fuga à situação, surge também no Cartão II (doença).

Nos Cartões III (ida à praia) e V (dia de aniversário), a escolha de Realidade na última posição é mais elevada, ao contrário das idades anteriores, o que remete para uma resolução menos fantasiosa destas situações.

Assim, aos 10 anos, em nenhum Cartão são escolhidas maioritariamente Cenas de Aflição na 3ª posição das sequências organizadas, indicando uma evolução relativamente às outras idades, no que se refere à resolução adequada dos diferentes episódios apresentados. No entanto, há nesta idade, relativamente aos 8 e 9 anos, maior utilização da Fantasia como forma de finalização, nomeadamente nos Cartões II, IV, VI e VIII, o que pode indicar uma maior dificuldade na elaboração realista destas temáticas, com maior tendência à fuga pela Fantasia.

É também de sublinhar que os resultados deste estudo (tendo em conta somente as idades de 6 a 8 anos) foram ao encontro dos resultados obtidos em 1992 por Fagulha, sobretudo no que se refere aos Cartões II e IV (geradores de maior ansiedade e de uma ansiedade mais difícil de gerir) e ao Cartão I (gerador de aflição num primeiro momento, com posterior resolução de modo adequado). Também no presente estudo os Cartões III e V são aqueles em que há maior escolha de Cenas de Fantasia. Como já foi referido anteriormente, as crianças destas idades apresentaram uma maior facilidade na gestão da situação apresentada no Cartão VII, do que no estudo de 1992.

Já no que se refere aos resultados obtidos em 1997 para os 5 anos e aos resultados obtidos no presente estudo, os mesmos divergem em diversos aspectos. No entanto, as alterações efectuadas em várias Cenas dos Cartões IV e VI impedem uma comparação rigorosa. Outro factor a ter em consideração é a diferença de tamanho das amostras utilizadas no estudo anterior (N=70 crianças de 5 anos) e neste estudo. De forma geral, verificou-se concordância entre os dados obtidos em 1997 para os 9 e 10/11 anos e o estudo agora realizado.

Também o estudo de Capinha (2012) suporta os resultados já obtidos anteriormente.



### IV.3. Discussão dos resultados referentes às respostas dos meninos e das meninas

Abordam-se em seguida as principais diferenças significativas encontradas entre as respostas dos meninos e das meninas nos Cartões ainda não referidos, uma vez que os resultados relativos aos Cartões IV, VI, VIII e IX já foram discutidos no ponto I.V.1..

Cartão I (passeio com a mãe):

As meninas apresentaram maior frequência de escolha da Cena 8 (Cena de Realidade, em que a personagem está a utilizar um telemóvel) do que os meninos e os meninos apresentaram maior frequência de escolha da Cena 2 (Cena de Aflição, em que a personagem está a chamar a mãe) do que as meninas. Deste modo, as meninas tomam mais facilmente a iniciativa de resolução activa da situação, ao passo que os meninos tendem a adoptar soluções representativas da ansiedade que a situação despoleta. Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 8 — “Hesita na escolha das Cenas” (Atitude), sendo que os meninos apresentaram maior frequência deste item do que as meninas, o que poderá também revelar um maior grau de ansiedade face à temática de separação da mãe por parte dos meninos.

Cartão II (doença):

As meninas apresentaram maior frequência de escolha da Cena 2 (Cena de Aflição que representa uma recusa ao tratamento dado pela mãe) do que os meninos. Este resultado não nos parece de fácil explicação. Por outro lado, neste Cartão foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 3ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhida pelos meninos do que pelas meninas, indicando que a situação apresentada parece ser mais finalizada com recurso a uma fantasia impossível pelos meninos do que pelas meninas, o que poderá representar uma tendência à fuga.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 50 — “Distorce o significado de uma ou mais Cenas” (Aspectos Formais e de Conteúdo), sendo que os meninos apresentaram maior frequência deste item do que as meninas. No entanto,

relativamente a este Item, só analisando a distorção caso a caso se poderia avançar com hipóteses explicativas, o que foge ao âmbito do presente trabalho.

Cartão III (ida à praia):

Este Cartão apresenta uma situação prazerosa de contacto com outras crianças, sendo que as crianças do sexo feminino parecem recorrer mais à Fantasia Viável (adequada) na elaboração desta temática, do que as crianças do sexo masculino.

No que se refere às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, os resultados mostraram que as estratégias Impossibilidade e EEE foram mais frequentes nos meninos do que nas meninas e a EAO foi mais frequente nas meninas do que nos meninos, o que está de acordo com a maior utilização da Fantasia Viável por parte das meninas. O maior uso da Impossibilidade poderá indicar uma maior dificuldade na gestão da situação apresentada de uma forma positiva por parte dos meninos do que por parte das meninas.

Também foram encontradas diferenças no que se refere aos Itens 46 — “Elabora um enredo” e 61 — “Personagem quer conviver com outros meninos” (Aspectos Formais e de Conteúdo), sendo que as meninas apresentaram maior frequência destes itens do que os meninos. Tal indicará que as meninas elaboram uma história com sentido em que a abordagem do convívio com os pares é integrada.

Cartão V (dia de aniversário):

Os meninos apresentaram maior frequência de escolha da Cena 6 (Cena de Realidade que representa a personagem a abrir um presente) do que as meninas. Este resultado não é por si só fácil de explicar. Por outro lado, neste Cartão foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Aflição, mais frequentemente escolhida pelos meninos do que pelas meninas, e para a 2ª Cena Realidade, mais frequentemente escolhida pelas meninas do que pelos meninos. Assim, as meninas tenderão a elaborar esta situação de uma forma realista e os meninos tenderão a fazê-lo mais com maior presença de Aflição. Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª

Cena Fantasia Mágica, indicando que os meninos recorrem mais à Fantasia impossível para elaborar as histórias, neste Cartão, do que as meninas.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nos Itens 60 — “Faz referência a outros meninos”, 61 — “Personagem quer conviver com outros meninos” e 78 — “Adulto feminino indica normas” (Aspectos Formais e de Conteúdo), sendo que as meninas apresentaram maior frequência destes itens do que os meninos, o que poderá indicar que as crianças do sexo feminino integram o convívio com os pares nas suas histórias neste Cartão, mas também a imposição de limites por parte do adulto feminino (tendencialmente a mãe).

Este Cartão foi o escolhido como preferido quer pelos meninos, quer pelas meninas, o que seria de esperar, dado ser um Cartão que aborda uma situação prazerosa para a maioria das crianças, mas foi verificado que a percentagem de meninas que preferiu estas histórias foi significativamente superior à dos meninos.

Cartão VII (escola):

As meninas apresentaram maior frequência de escolha das Cenas 3 (Cena de Fantasia que ilustra a personagem a sair da escola num balão de ar) e 7 (Cena de Fantasia que ilustra a personagem a fazer uma careta) do que os meninos. Os resultados mostraram também que os meninos apresentaram maior frequência de escolha das Cenas 4 (Cena de Aflição que ilustra a personagem a ser observada pelos colegas) e 6 (Cena de Realidade que ilustra a personagem em pé no seu lugar, de braços abertos) do que as meninas. Não esquecendo a influência do desenvolvimento na evolução das respostas, podemos, deste modo, assinalar nas meninas uma tendência para escolher Cenas de Fantasia (fuga da situação — Cena 3 e atitude de oposição — Cena 7) *versus*, nos meninos, uma maior capacidade de enfrentar a dificuldade da situação (Cenas 4 e 6, bastante semelhantes, mas com diferentes graus de desconforto). No entanto, neste Cartão foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Fantasia e para a 3ª Cena Fantasia, sendo que os meninos escolhem mais estas Cenas do que as meninas, o que contradiz o resultado anterior. Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 3ª Cena Fantasia Viável, indicando que esta posição foi mais frequentemente escolhida

pelos meninos do que pelas meninas neste Cartão. Assim, os meninos terminarão mais a história em Fantasia (adequada) do que as meninas.

Por outro lado, relativamente às Estratégias de Elaboração da Ansiedade, verificou-se que a estratégia Negação foi mais frequentemente utilizada pelos meninos do que pelas meninas e a EEE foi mais frequentemente utilizada pelas meninas do que pelos meninos. Uma vez mais, tal poderá indicar uma maior dificuldade por parte das crianças do sexo masculino em gerir a situação apresentada neste Cartão.

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos relativamente aos Itens 56 — “Transforma o desfecho, melhorando-o”, 59 — “Personagem tenta obter ajuda e não consegue”, 94 — “Toma iniciativa para resolver a situação” e 95 — “Mostra-se incapaz de resolver a situação” (Aspectos Formais e de Conteúdo), sendo que as meninas apresentaram maior frequência destes itens neste Cartão do que os meninos. Os itens em questão não apontam todos no mesmo sentido, representando assim uma grande variabilidade de respostas possíveis, umas mais adequadas e outras menos adequadas, só sendo possível a sua análise caso a caso.

Em suma, relativamente aos Cartões ansiogéneos, a maioria das temáticas são mais frequentemente elaboradas com recurso a uma fantasia impossível pelos meninos do que pelas meninas, o que aponta para uma maior tendência à fuga por parte dos meninos face à ansiedade despoletada pelas situações apresentadas, o que poderá também revelar um maior grau de ansiedade face às mesmas. As meninas procuram soluções mais realistas para estas situações e tomam mais facilmente a iniciativa de resolução activa da situação, ao passo que os meninos tendem a adoptar soluções mais representativas da ansiedade que a situação despoleta.

No Cartões prazerosos, as meninas tendem a uma abordagem do convívio com os pares integrando-os na história elaborada, ao passo que os meninos apresentam maior dificuldade na gestão da situação apresentada de uma forma positiva, com maior presença de aflição.

#### **IV.4. Discussão dos resultados referentes aos itens “nunca assinalados” e itens “mais frequentemente assinalados” da Grelha de Análise de Respostas**

No Capítulo anterior foram também analisados os itens “nunca assinalados” e os itens “mais frequentemente assinalados” da Grelha de Análise de Respostas, relativos à Atitude face à prova (itens 1 a 8), à Sequência da História (itens 30 a 43), aos Aspectos Formais e de Conteúdo da História (itens 44 a 95) e ainda aos itens 24 a 29, correspondentes à Sequência de Cenas. Este aspecto das respostas não foi sistematicamente abordado em nenhum dos estudos anteriores. São agora aqui discutidos estes resultados.

##### **Itens do grupo “Atitude Face à Prova”**

Só foram “nunca assinalados” (em alguns ou em todos os Cartões) os Itens 4 — “Aflige-se”, 5 — “Precisa de muito incentivo” e 7 — “Procura emparelhar as Cenas, como num lote”. Assim, as crianças desta amostra colaboraram espontaneamente, e as suas respostas terão sido elaboradas adequadamente, de acordo com as instruções da prova. Poderemos assim colocar a hipótese de eles constituírem, enquanto itens raros, um sinal de particular atenção para o avaliador. Neste primeiro grupo não houve itens “mais frequentemente assinalados”.

##### **Itens do grupo “Sequência de Cenas”**

Foi “mais frequentemente assinalado” o Item 24 — “Não escolhe Cenas de Aflição”, nos Cartões V (dia de aniversário) e IX (nascimento de um irmão), o que faz todo o sentido no Cartão prazeroso V e indica que a temática abordada no Cartão IX, tal como referido anteriormente, não parece despertar uma ansiedade especialmente intensa na maioria das crianças desta amostra.

Foram “nunca assinalados” os seguintes itens:

— Item 25 — “Só escolhe Cenas de Aflição” — no Cartão V (dia de aniversário) e no Cartão VIII (quebra da jarra).

— Item 26 — “Só escolhe Cenas de Fantasia” — nos Cartões I (passeio com a mãe), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão).

— Item 28 — “Sequência Cena "muito boa"/Cena "muito má"” — no Cartão VI (briga dos pais).

— Item 29 — “Sequência Cena "muito má"/Cena "muito boa"” — no Cartão VIII (quebra da jarra).

No Cartão V é esperado que não sejam escolhidas apenas Cenas de Aflição. Nos Cartões que representam situações angustiantes, este resultado é expectável, uma vez que se verifica que a resposta mais frequente às situações representadas nestes Cartões corresponde a uma primeira reacção de aflição, que pode permanecer por mais ou menos tempo, consoante a maturidade da criança, dando depois lugar à elaboração que pode passar pelo recurso à fantasia (sobretudo nas crianças mais novas) e tendendo a uma resolução pela busca de uma solução realista. Não é de esperar uma resposta totalmente fantasiosa ou totalmente aflitiva. Os Itens 28 e 29 possuem um carácter diagnóstico importante, devendo ser analisados caso a caso quando assinalados.

#### Itens do grupo “Sequência da História”

Na maioria das crianças, as histórias elaboradas são muito semelhantes às que as Cenas escolhidas representam, o que conduz a uma correspondência quase absoluta entre as Categorias das Cenas escolhidas nas 1ª, 2ª e 3ª posições (Sequência de Cenas) e nas 1ª, 2ª e 3ª verbalizações (Sequência da História). Torna-se mais produtivo discutir os resultados deste grupo Cartão a Cartão.

— Cartão I (passeio com a mãe) — os Itens 30 (primeira verbalização: aflição) e 39 (termina a história em realidade) foram dos mais frequentemente assinalados, o que seria de esperar visto que as situações apresentadas tendem a ser geridas pela criança de forma realista, após um primeiro contacto com a aflição que suscitam.

— Cartão II (doença) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade) e 37 (termina a história em fantasia) foram dos mais escolhidos. É de realçar que neste Cartão as Cenas de Realidade representam situações de mal-estar (a realidade da doença), e as cenas de Fantasia Viável correspondem à representação de benefícios secundários (receber atenção e ter espaço lúdico).

— Cartão III (ida à praia) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade), 35 (segunda verbalização: realidade), 39 (termina a história em realidade) e 40 (nunca verbaliza aflição) foram dos mais frequentemente assinalados, sendo de esperar que surjam naturalmente mais verbalizações correspondentes a Realidade e Fantasia e menos de Aflição. Neste Cartão o Item 42 (só verbaliza fantasia) nunca foi assinalado, o que aponta para a utilização adequada e não exclusiva deste mecanismo.

— Cartão IV (pesadelo) — os Itens 30 (primeira verbalização: aflição) e 33 (segunda verbalização: aflição) são dos mais escolhidos, o que aponta para uma permanência maior da Aflição neste Cartão. Verifica-se que o Item 38 (termina em fantasia mágica, mas com "crítica") nunca foi escolhido, indicando que quando a história é terminada em Fantasia, claramente desligada da realidade — Fantasia Mágica, as crianças nunca reconhecem verbal e explicitamente que se trata de fantasia, de sonho ou de um “faz de conta”.

— V (dia de aniversário) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade), 35 (segunda verbalização: realidade) e 40 (nunca verbaliza aflição) foram dos mais frequentemente assinalados, sendo de esperar que surjam naturalmente mais verbalizações correspondentes a Realidade e menos de Aflição. Verifica-se que o Item 38 (termina em fantasia mágica, mas com "crítica") nunca foi escolhido, o que terá o mesmo significado que no Cartão anterior.

— Cartão VI (briga dos pais) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade) e 33 (segunda verbalização: aflição) foram dos mais escolhidos, indicando que neste Cartão a abordagem inicial tende a ser realista, surgindo num segundo momento o reconhecimento da emoção ansiosa. Também neste Cartão o Item 38 (termina em fantasia mágica, mas com "crítica") nunca foi escolhido, o que terá o mesmo significado que nos Cartões anteriores.

— Cartão VII (escola) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade), 35 (segunda verbalização: realidade) e 39 (termina a história em realidade) foram dos mais escolhidos, indicando que, para a maioria das crianças, a abordagem e elaboração deste Cartão tende a ser realista, sugerindo que possuem recursos adequados para lidar com a temática apresentada. Também neste Cartão o Item 38 (termina em fantasia mágica, mas

com "crítica") nunca foi escolhido, o que terá o mesmo significado que nos Cartões anteriores.

— Cartão VIII (quebra da jarra) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade), 35 (segunda verbalização: realidade) e 39 (termina a história em realidade) foram dos mais escolhidos, indicando que, para a maioria das crianças a abordagem e elaboração deste Cartão tende a ser realista, o que sugere que possuem recursos adequados para lidar com a temática apresentada. Os Itens 41 (só verbaliza aflição) e 42 (só verbaliza fantasia) nunca foram assinalados, indicando uma vez mais que esta temática é maioritariamente abordada de forma realista e adaptativa.

— Cartão IX (nascimento de um irmão) — os Itens 32 (primeira verbalização: realidade), 35 (segunda verbalização: realidade), 39 (termina a história em realidade) e 40 (nunca verbaliza aflição) foram dos mais escolhidos, indicando que, para a maioria das crianças a abordagem e elaboração deste Cartão tende a ser realista. Possuem, portanto, recursos adequados para lidar com a temática apresentada. O Item 42 (só verbaliza fantasia) nunca foi assinalado, indicando que a maioria das soluções são realistas e adaptativas, não sendo de esperar uma resposta totalmente fantasiosa.

#### Itens do grupo “Aspectos Formais e de Conteúdo”

O Item 46 (elabora um enredo) é assinalado em todos os Cartões, correspondendo às respostas da maioria das crianças. Assim, a maioria das histórias não se limitam à descrição dos acontecimentos desenhados nas Cenas, surgindo uma pequena ligação entre os factos, através da referência a antecedentes, causas ou consequências, o que demonstra a adequação da maioria das respostas elaboradas, apesar de não serem construídos enredos muito ricos. Por outro lado, os Itens 44 (não conta a história), 48 (a história é bizarra ou sem sentido), 49 (a história não dá seguimento ao tema do Cartão), 54 (faz referência a aspectos da sua vida pessoal) e 55 (faz referência a Cartões anteriores) não foram assinalados na maioria dos Cartões, o que também remete para uma elaboração adequada da maioria das respostas, bem como para a ausência de possíveis indícios de perturbação (Itens 44, 48 e 49).



Os Itens 58 e 59, bem como os Itens 67 a 70, remetem para a procura de ajuda, com ou sem sucesso. Dada a necessidade de obter ajuda estar presente na maioria das situações apresentadas, estes são dos itens mais assinalados na maioria dos Cartões, sobretudo nos que abordam de forma directa ou indirecta a relação com os adultos — I (passeio com a mãe), II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais), VII (escola), VIII (quebra da jarra) e IX (nascimento de um irmão). Paralelamente, representando a maioria destes Cartões situações de fragilidade e, em muitos casos, de dependência dos adultos no sentido de as resolver, os Itens 71 a 76, que remetem para aspectos negativos da relação com as figuras adultas, nunca foram assinalados na maioria destes Cartões, o que corresponde ao esperado.

Ainda no que se refere aos itens que assinalam aspectos relacionais, importa considerar que os que abordam a relação da personagem com os pares (Itens 60 a 66), podendo revestir a história de aspectos negativos ou positivos, são dos mais escolhidos nos Cartões que remetem para a relação com os pares — III (ida à praia), V (dia de aniversário), VII (escola) e IX (nascimento de um irmão).

No Cartão IV (pesadelo), dada a natureza da situação apresentada, é naturalmente esperado que o Item 87 (faz referência a perigos ou à ideia de fuga) tenha sido muito assinalado.

No Cartão VIII (quebra da jarra) os Itens 86 (faz referência a castigo ou ameaça de castigo) e 88 (faz referência a culpabilidade ou infere-se) foram dos itens mais assinalados, dada a temática de quebra de normas e suas consequências.

Os dois últimos Itens (94 e 95) foram muito assinalados na maioria dos Cartões, indicando que, nas histórias da maioria das crianças, a personagem toma a iniciativa para resolver as situações (Item 94), apesar de muitas também se mostrarem incapazes de resolver as mesmas (Item 95).

Os restantes itens que constituem a Grelha de Análise foram, no geral, pouco assinalados. De sublinhar que os Itens 92 (surge a vivência de um mundo estragado) e 93 (faz referência a desejo de reparação) têm um importante papel diagnóstico relativamente a perturbação, não estando presentes na amostra deste estudo.

#### **IV.5. Discussão dos resultados referentes às Estratégias de Elaboração da Ansiedade**

No Capítulo anterior foram ainda analisadas as respostas das crianças de acordo com os estudos de Pires (2001), pela identificação de quatro modalidades de Estratégias de Elaboração da Ansiedade reflectidas nas respostas “sequência de Cenas”: Negação, Impossibilidade, Estratégia Adaptativa Operacional (EAO) e Estratégia com Equilíbrio Emocional (EEE). São agora aqui discutidos esses resultados.

Na globalidade da amostra deste estudo a Impossibilidade foi a estratégia mais utilizada, seguida pela EEE e pela EAO, sendo a Negação a estratégia menos utilizada. Estes resultados são ligeiramente diferentes dos encontrados em estudos anteriores (Capinha, 2012; Pires, 2001), em que as estratégias mais utilizadas tinham sido a EEE e a Impossibilidade, sendo as estratégias menos utilizadas a EAO e a Negação. É, no entanto, necessário ter em conta as alterações introduzidas nos Cartões IV (pesadelo) e VI (briga dos pais), a integração dos dois novos Cartões (VIII e IX) e as diferenças quer no tamanho, quer nas faixas etárias das amostras.

No presente estudo verificou-se também um aumento progressivo do uso das estratégias adaptativas (EEE e EAO) e uma diminuição progressiva com a idade do uso das modalidades menos eficazes para lidar com as emoções (Impossibilidade e Negação), tal como ocorrido em estudos anteriores (Capinha, 2012; Pires, 2001). Assim, à medida que a criança se desenvolve, vai-se tornando mais capaz de reconhecer e de elaborar de forma mais adaptativa as experiências emocionais com que se confronta. Tal como no estudo de Pires (2001) e no estudo de Capinha (2012), identificou-se com clareza o momento de viragem na evolução das Estratégias de Elaboração da Ansiedade aos 8 anos de idade. A partir desta idade verifica-se um aumento acentuado da utilização das EEE e EAO, que ocorre paralelamente a uma diminuição da escolha da Impossibilidade. A Negação, apesar de um aumento ligeiro, permanece como a estratégia menos utilizada. Assim, aos:

— 5 anos — a Impossibilidade é a estratégia mais utilizada na maioria dos Cartões ansiogéneos, à excepção do Cartão I (passeio com a mãe), em que é a Negação a estratégia mais utilizada. Nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de

aniversário) é a EEE a estratégia mais utilizada, o que, aliás, se verifica em todas as idades, tal como seria de esperar dada a utilização elevada da Fantasia nestes Cartões. Nesta idade, a EAO tem uma representação pouco expressiva em todos os Cartões.

— 6 anos — a Impossibilidade continua a ser a estratégia mais utilizada em grande parte dos Cartões que representam situações ansiogêneas, à excepção do Cartão IX (nascimento de um irmão), em que é a Negação a estratégia mais utilizada e dos Cartões I (passeio com a mãe) e VII (escola), em que é a EAO a estratégia mais utilizada. A EEE é, uma vez mais, a estratégia mais utilizada nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

— 7 anos — a utilização da Impossibilidade continua predominante em grande parte dos Cartões ansiogêneos, exceptuando o Cartão I (passeio com a mãe), em que predomina a EAO, tal como aos 6 anos, e os Cartões II (doença) e IX (nascimento de um irmão), em que a EEE é a estratégia mais utilizada. A Negação predomina em conjunto com a EEE no Cartão IX, tendo também sido a estratégia mais utilizada neste Cartão aos 6 anos. A EEE é também, uma vez mais, a estratégia mais utilizada nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

— 8 anos — tal como referido anteriormente, a tendência inverte-se. Nos Cartões ansiogêneos I (passeio com a mãe), VII (escola) e IX (nascimento de um irmão) há predomínio da EAO e no Cartão II (doença) da EEE, estratégias estas mais adaptadas do que as utilizadas nas idades anteriores. Somente nos Cartões VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra) continua a predominar a utilização da Impossibilidade, que no Cartão IV (pesadelo) tem o mesmo peso da EAO. A EEE continua a ser a estratégia mais utilizada nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de aniversário). De maneira geral, a Negação é muito pouco utilizada nesta idade.

— 9 anos — continua a verificar-se uma descida na utilização da Negação. No entanto, a Impossibilidade é ainda a estratégia mais utilizada nos Cartões ansiogêneos II (doença), IV (pesadelo), VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra). A EAO é a estratégia mais utilizada nos Cartões I (passeio com a mãe), VII (escola) e IX (nascimento de um irmão), tal como ocorrido aos 8 anos. A EEE continua a ser a estratégia mais utilizada nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

— 10 anos — no Cartão I (passeio com a mãe) a estratégia mais utilizada é a EAO, tal como aos 9 anos. Nos Cartões II (doença) e IV (pesadelo) a Impossibilidade ainda é muito utilizada, mas equiparada com a EEE. Nos Cartões VI (briga dos pais) e VIII (quebra da jarra) a estratégia mais utilizada continua a ser a Impossibilidade. A EAO é a estratégia mais utilizada no Cartão IX (nascimento de um irmão), tal como já ocorria aos 8 e 9 anos. A EEE continua a ser a estratégia mais utilizada nos Cartões prazerosos III (ida à praia) e V (dia de aniversário).

As crianças mais novas apresentam, portanto, maiores dificuldades na elaboração das situações críticas propostas nos Cartões, organizando respostas que reflectem essa incapacidade de resolução da situação. Com a maturidade há um aumento do recurso a estratégias adaptativas de resolução de problemas, o que traduz possibilidades de elaboração mais eficazes da ansiedade suscitada pelos episódios apresentados nos Cartões.

Verifica-se também que a Negação se correlaciona de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EEE. A Impossibilidade correlaciona-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EAO e com a EEE, A EAO correlaciona-se de forma negativa, moderada e estatisticamente significativa com a EEE. Estes resultados são, na sua generalidade (e apesar das alterações introduzidas), consistentes com o estudo de Pires (2001), embora a correlação negativa entre a EAO e a EEE não tenha sido encontrada no estudo anterior.

#### **IV.6. Discussão dos resultados referentes aos Cartões de que as crianças gostaram mais e menos**

No que se refere aos Cartões de que as crianças mais gostaram e de que menos gostaram, foi possível verificar que, relativamente aos Cartões de que mais gostaram, o Cartão IX (nascimento de um irmão) foi o Cartão mais escolhido em todas as idades, excepto pelas crianças de 5 anos, que evidenciaram maior preferência pelo Cartão V (dia de aniversário), seguido pelos Cartões IX e III (ida à praia). O Cartão V ocupa o segundo lugar nas escolhas das restantes idades, apesar de, aos 10 anos, estar em igualdade com o Cartão-Exemplo. Estes resultados vão ao encontro do que foi atrás referido, relativamente ao facto do Cartão IX representar uma situação que a maioria

das crianças revela conseguir resolver adequadamente. Por outro lado, revela interesse/curiosidade pelo acontecimento “ter um irmão”. Já o Cartão V, sendo um Cartão prazeroso e que aborda a temática do dia de aniversário, é naturalmente um Cartão preferido pela maioria das crianças.

Relativamente aos Cartões de que as crianças gostaram menos, verificamos que o Cartão VIII (quebra da jarra) é o mais escolhido pelas crianças de 6, 7 e 10 anos. O Cartão IX (nascimento de um irmão) é o mais escolhido pelas crianças de 5 anos e para as de 8 anos ocupa também o primeiro lugar em conjunto com o VIII. Aos 9 anos o Cartão VI (briga dos pais) é o mais escolhido. Estes resultados estão de acordo com o que foi referido anteriormente, uma vez que muitas crianças demonstraram dificuldade de resolução do episódio de quebra das normas apresentado no Cartão VIII. Para as crianças de 5 anos a situação de nascimento de um irmão e possível rivalidade apresentada no Cartão IX revela-se de maior dificuldade. Também o resultado relativo ao Cartão VI vai ao encontro do já exposto, visto que as crianças mais velhas (8 e 9 anos) apresentam maior dificuldade em lidar com a situação de briga dos pais, o que poderá relacionar-se com uma maior consciência do perigo efectivo de separação dos pais, obtida com a maior maturidade.

#### **IV.7. Discussão dos resultados referentes ao estudo das respostas nos subgrupos da amostra**

No Capítulo anterior foram apresentadas as respostas em diferentes subgrupos da amostra: crianças com e sem dificuldades de aprendizagem (de acordo com a informação dos professores); crianças com e sem perturbação emocional (de acordo com os resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores — Rutter, 1967); crianças com valores altos e baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto (de acordo com os resultados do Inventário de Relações Fraternas e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos).

Procurou-se encontrar diferenças significativas entre os grupos no que se refere às respostas “Cena escolhida”, às respostas “Categorias de Cenas”/“Posição na Sequência”, às Estratégias de Elaboração da Ansiedade e aos itens assinalados da

Grelha de Análise de Respostas. Discutem-se agora os resultados apresentados, que revelaram tendências de resposta, a serem objecto de estudos posteriores.

#### **IV.7.1. Crianças com e sem dificuldades de aprendizagem**

De modo geral, as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam maior capacidade para lidar com a ansiedade despoletada pelas temáticas apresentadas nos Cartões ansiogéneos, reconhecendo e elaborando as histórias de forma mais adequada. As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam maior dificuldade na elaboração dessa ansiedade, que é também mais intensa, tendendo a persistir durante mais tempo nas histórias criadas.

Paralelamente, o mecanismo de onnipotência é mais utilizado pelas crianças com dificuldades de aprendizagem, cujas histórias tendem a desvalorizar o adulto e a ajuda que lhes pode prestar, sendo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem optar mais facilmente pela procura de ajuda, tendo esta sucesso na maioria das situações. As crianças sem dificuldades de aprendizagem integram mais a presença dos pares nas suas histórias do que as crianças com dificuldades de aprendizagem.

A discussão dos resultados é seguidamente realizada Cartão a Cartão, sendo de realçar que, no que concerne à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos. Também não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos para o Cartão V (dia de aniversário).

##### **Cartão I (passeio com a mãe):**

As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha da Cena 1 (Cena de Realidade que representa a personagem a pedir ajuda) do que as crianças com dificuldades de aprendizagem que, por sua vez, apresentaram maior frequência de escolha da Cena 4 (Cena de Aflição que representa a personagem sentada no chão a chorar). Deste modo, as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam maior capacidade para lidar com a ansiedade ligada à temática de separação.

A 1ª Cena Aflição e a 2ª Cena Realidade foram mais frequentemente escolhidas pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem. Estas escolhem mais a 2ª Cena Aflição (A+MA), a 2ª Cena Aflição e a 3ª Cena Muita Aflição do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças sem dificuldades de aprendizagem têm maior facilidade em reconhecer e elaborar a ansiedade provocada pela situação de separação, ao passo que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm maior dificuldade na elaboração dessa ansiedade, que tende a persistir durante mais tempo na história.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 81 (após referência a aflição surge onipotência), mais frequente nas crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem. Já no que se refere aos Itens 58 (personagem tenta obter ajuda), 67 (personagem procura adulto masculino) e 69 (personagem apoiada por adulto masculino), as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência destes Itens do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. O mecanismo de onipotência é, portanto, mais utilizado pelas crianças com dificuldades de aprendizagem para fazer face à ansiedade despoletada pela situação, ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem optar mais facilmente pela procura de ajuda, tendo esta sucesso na maioria das situações.

As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam uma elevada escolha deste Cartão como sendo aquele de que gostaram menos.

#### Cartão II (doença):

Foram encontradas poucas diferenças significativas entre os grupos neste Cartão. As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam maior frequência de escolha da 2ª Cena Muita Aflição do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem, o que indica que as crianças com dificuldades de aprendizagem tenderão a elaborar esta temática com maior alusão à ansiedade por ela despoletada.

Cartão III (ida à praia):

Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos neste Cartão somente no que se refere ao Item 91 (expressão de aflição somática), mais assinalado no caso das crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, o que aponta para a expressão de uma ansiedade mais intensa relativamente a esta temática por parte das crianças com dificuldades de aprendizagem.

Cartão IV (pesadelo):

Foram encontradas diferenças apenas para os Itens 75 (adulto masculino desvalorizado), 76 (adulto feminino desvalorizado), mais assinalados no caso das crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, e para os Itens 46 (elabora um enredo) e 70 (personagem apoiada por adulto feminino), mais assinalados no caso das crianças sem dificuldades de aprendizagem do que nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças com dificuldades de aprendizagem tenderão nas suas histórias a desvalorizar mais o adulto e a sua capacidade de as apoiar, ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem tenderão a elaborar histórias em que integram o apoio da figura adulta feminina (tendencialmente a mãe).

Cartão VI (briga dos pais):

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha da Cena 9 (Cena de Muita Aflição que representa a personagem agarrada à barriga, enquanto os pais discutem) do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem, o que revela grande ansiedade no contexto relacional de insegurança face à discussão entre os pais.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 3ª Cena Aflição (A+MA), mais frequentemente escolhidas pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de



aprendizagem, sugerindo que a permanência da ansiedade despoletada pela situação de discussão entre os pais é mais intensa nas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 95 (mostra-se incapaz de resolver a situação), mais assinalado nas crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, e ao Item 87 (faz referência a perigos ou à ideia de fuga), mais assinalado nas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Deste modo, esta poderá ser uma situação de mais difícil resolução para as crianças com dificuldades de aprendizagem do que para as crianças sem dificuldades de aprendizagem, que revelam um reconhecimento da temática aflitiva e duma solução, através da fuga, da situação representada neste Cartão.

Este Cartão é um dos escolhidos pela maioria das crianças como sendo aquele de que gostaram menos.

#### Cartão VII (escola):

Os resultados deste Cartão, dada a sua temática, são de especial relevo relativamente a estes grupos. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 1ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhida pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem e para a 2ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças com dificuldades de aprendizagem, tendem a evadir-se da ansiedade face à situação de dificuldade escolar pelo recurso imediato a uma Cena de Fantasia onipotente (Fantasia Mágica), ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem apenas utilizam esse recurso numa 2ª abordagem.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 72 (personagem rejeitada por adulto feminino), mais assinalado nas crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, e ao Item 60 (faz referência a outros meninos), mais assinalado nas crianças sem dificuldades de

aprendizagem do que nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Verifica-se que as crianças com dificuldades de aprendizagem tenderão a reflectir mais nas suas histórias o sentimento de incompreensão do adulto feminino, neste caso a professora, face à dificuldade da situação, e as crianças sem dificuldades de aprendizagem integrarão mais a presença dos pares nas suas histórias do que as crianças com dificuldades de aprendizagem.

Cartão VIII (quebra da jarra):

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Aflição (A+MA) e 2ª Cena Aflição, que foram mais frequentemente escolhidas pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem, revelando que a ansiedade despoletada pela temática permanece por mais tempo e é mais difícil de gerir nas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 52 (faz referência a Cenas que não escolheu), mais assinalado nas crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, e ao Item 94 (toma iniciativa para resolver a situação), mais assinalado nas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Deste modo, a situação de quebra de normas representada parece ser mais facilmente resolvida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.

Este Cartão é escolhido pela maioria das crianças como sendo aquele de que gostaram menos.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

As crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha das Cenas 2 (Cena de Aflição que representa a personagem a morder o pé do bebé enquanto a mãe lhe dá biberão) e 6 (Cena de Realidade que representa o pai a ler uma história com a personagem ao colo, enquanto a mãe tem o bebé ao colo a dormir) do que as crianças sem dificuldades de aprendizagem. As crianças sem dificuldades de

aprendizagem apresentaram maior frequência de escolha das Cenas 4 (Cena de Aflição que representa a mãe a repreender a criança apontando enquanto o pai assiste zangado) e 5 (Cena de Fantasia Viável que representa a criança a olhar para uma fotografia em que ela era bebê abraçada pelos pais) do que as crianças com dificuldades de aprendizagem. Deste modo, as crianças com dificuldades de aprendizagem terão uma maior tendência a representar nas suas histórias o agir da rivalidade fraterna directamente em relação ao irmão, enquanto as histórias das crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam uma maior culpabilidade associada às vivências de rivalidade fraterna, sendo esta mais controlada.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 1ª Cena Aflição (A+MA), mais frequentemente escolhida pelas crianças com dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem e para a 1ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que pelas crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, esta situação de rivalidade fraterna parece despoletar um movimento inicial de maior ansiedade nas crianças com dificuldades de aprendizagem, ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem recorrer mais ao mecanismo de Fantasia (Mágica) como primeira abordagem à situação de rivalidade fraterna.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 45 (descreve as Cenas sem explicitar um enredo), mais assinalado nas crianças com dificuldades de aprendizagem do que nas crianças sem dificuldades de aprendizagem, e aos Itens 46 (elabora um enredo), 50 (distorce o significado de uma ou mais Cenas) e 61 (personagem quer conviver com outros meninos), mais assinalados nas crianças sem dificuldades de aprendizagem do que nas crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, as crianças sem dificuldades de aprendizagem terão maior facilidade na elaboração desta temática, podendo, no entanto, tender a distorcer o significado de algumas Cenas. No geral, procurarão abordar nas suas histórias o convívio com o novo bebé da família. As crianças com dificuldades de aprendizagem revelam maior dificuldade na elaboração desta temática.

#### **IV.7.2. Crianças com e sem perturbação emocional**

Relativamente a estes grupos importava sobretudo compreender as respostas ao Cartão VIII, que aborda a temática da interiorização das normas, apesar do todo da prova ser sem dúvida importante na compreensão dos mesmos. Na generalidade das situações, verifica-se que as crianças com perturbação emocional têm uma vivência mais intensa da emoção ansiosa despoletada pelas temáticas ansiogéneas apresentadas, mantendo também mais frequentemente o recurso à Fantasia até ao final da elaboração da história, e mesmo o recurso à onnipotência, bem como à omissão de aspectos críticos das Cenas e/ou à distorção do significado das mesmas, no sentido de anular a emoção ansiosa suscitada.

Parece haver maior tendência das crianças com perturbação emocional a desvalorizar as figuras adultas, masculina e feminina. Parece também existir maior fragilidade identitária nestas crianças. As crianças sem perturbação emocional contam histórias em que o apoio dado pelo adulto feminino está mais presente e apresentam maior expectativa de atenção e afecto e compensações associadas às situações prazerosas.

Os resultados são em seguida discutidos Cartão a Cartão, sendo de realçar que, no que concerne à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos.

Cartão I (passeio com a mãe):

As crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 4 (Cena de Aflição que representa a personagem sentada no chão a chorar) do que as crianças sem perturbação. Deste modo, as crianças com perturbação emocional evidenciam mais a emoção ansiosa através desta Cena do que as crianças sem perturbação.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 1ª Cena Realidade, mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação, revelando uma abordagem realista da situação.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere aos Itens 2 (diminui o tempo de latência), mais assinalado no caso das crianças sem perturbação emocional, e 3 (identifica-se com a personagem), mais assinalado no caso das crianças com perturbação emocional. Tal pode revelar uma maior fragilidade identitária por parte das crianças com perturbação emocional. Este item tinha já sido identificado como discriminativo das crianças com dificuldades de aprendizagem (em comparação com as crianças sem dificuldades de aprendizagem), sublinhando-se o seu importante valor em termos de identificação de dificuldades. Foram também encontradas diferenças significativas relativamente aos Itens 56 (transforma o desfecho, melhorando-o) e 81 (após referência a aflição surge onipotência), mais assinalados no caso das crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, revelando maior tendência a recorrer à onipotência para fazer face à ansiedade despoletada e a utilizar a negação ou a fantasia para resolver a mesma por parte das crianças com perturbação emocional.

Este Cartão foi dos mais escolhidos em ambos os grupos como aquele de que gostaram menos.

#### Cartão II (doença):

As crianças sem perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 3 (Cena de Fantasia que representa a personagem, deitada na cama, a receber um presente duma figura masculina) do que as crianças com perturbação emocional. Assim, a expectativa de maior atenção e afecto, como benefício secundário da doença, existe com mais frequência nas crianças sem perturbação emocional.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 4 (aflige-se), mais assinalado nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, revelando uma vivência mais intensa da ansiedade suscitada pela temática de doença. Foram também encontradas diferenças significativas relativamente aos Itens 58 (personagem tenta obter ajuda), 76 (adulto feminino desvalorizado) e 91 (expressão de aflição somática), mais assinalados nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, reflectindo uma maior tendência das crianças com perturbação emocional a manifestarem a emoção ansiosa, bem como a procurarem nas

suas histórias ajuda adulta face à temática apresentada, apesar de também surgir a desvalorização do adulto feminino.

Cartão III (ida à praia):

Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos somente no que se refere ao Item 47 (elabora um enredo mais rico), mais assinalado nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, e aos Itens 50 (distorce o significado de uma ou mais Cenas) e 62 (personagem procura convívio mas não resulta), mais assinalados nas crianças sem perturbação emocional do que nas crianças com perturbação emocional. Não encontramos razão explicativa destes resultados, pois seria de esperar o contrário.

Este Cartão foi dos mais escolhidos em ambos os grupos como o preferido.

Cartão IV (pesadelo):

As crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 9 (Cena de Muita Aflição que representa a personagem a continuar a pensar no pesadelo) do que as crianças sem perturbação, o que indica que as crianças com perturbação emocional parecem ter maior dificuldade na resolução da situação de pesadelo.

Neste Cartão foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Fantasia (FV+FM), 2ª Cena Fantasia Viável, 3ª Cena Muita Aflição e 3ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação. Assim, nas crianças com perturbação emocional a Aflição suscitada pela situação apresentada parece permanecer e ser intensa até ao final da história, mantendo também mais frequentemente o recurso à Fantasia até ao final da elaboração da história.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 3 (identifica-se com a personagem), sendo que as crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças sem perturbação, o que poderá revelar

uma maior fragilidade identitária por parte das crianças com perturbação emocional. Os Itens 44 (não conta a história), 53 (introduz outros factos ou conteúdos), 75 (adulto masculino desvalorizado), 76 (adulto feminino desvalorizado) e 88 (faz referência a culpabilidade ou infere-se) são mais assinalados nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, apontando para uma tendência maior das crianças com perturbação emocional a desvalorizar nas suas histórias as figuras adultas, masculina e feminina, e o apoio que poderão dar face à situação de pesadelo apresentada neste Cartão.

Cartão V (dia de aniversário):

As crianças sem perturbação emocional apresentam maior frequência de escolha da Cena 5 (Cena de Fantasia Viável em que a personagem recebe uma enorme quantidade de presentes) do que as crianças com perturbação emocional. Estas apresentaram maior frequência de escolha da Cena 6 (Cena de Realidade que representa a personagem abrindo um presente) do que as crianças sem perturbação. Deste modo, reflecte-se nas histórias das crianças sem perturbação emocional maior expectativa de poder receber afecto e compensações no dia de aniversário do que nas histórias das crianças com perturbação, que revelam expectativas menos intensas de poderem obter a gratificação associada a esta data. Terão, assim, maior tendência a abordar esta situação prazerosa de forma realista.

Neste Cartão foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Fantasia (FV+FM) e 2ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação. Este resultado é difícil de interpretar sem que se tenha em conta a sequência. A Fantasia Mágica pode, na situação de dia de aniversário, corresponder a uma “saudável” expectativa de gratificações especiais. A melhor compreensão remete para a sequência organizada.

Foram também encontradas diferenças significativas relativamente aos Itens 50 (distorce o significado de uma ou mais Cenas), 51 (omite aspectos “críticos” de uma ou mais Cenas), 52 (faz referência a Cenas que não escolheu) e 87 (faz referência a perigos ou à ideia de fuga), mais assinalados nas crianças com perturbação emocional do que

nas crianças sem perturbação, apontando para uma maior tendência por parte das crianças com perturbação emocional a omitir aspectos críticos das Cenas e/ou a distorcer o significado das mesmas, provavelmente no sentido de anular a emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão.

Este Cartão foi dos mais escolhidos em ambos os grupos como o preferido.

Cartão VI (briga dos pais):

As crianças sem perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 2 (Cena de Aflição que representa a possibilidade de separação dos pais) do que as crianças com perturbação emocional. As crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 4 (Cena de Aflição que representa a personagem a chorar assistindo à briga dos pais). Assim, a capacidade de expressão do medo das consequências da discussão dos pais é mais facilmente abordada pelas crianças sem perturbação e as crianças com perturbação emocional revelam menor capacidade de elaboração e mais impotência perante a situação apresentada.

Neste Cartão foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Fantasia Mágica, mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação, revelando maior recurso à fuga por parte das crianças com perturbação para lidar com a situação de discussão entre os pais.

Foram também encontradas diferenças significativas relativamente aos Itens 51 (omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas), 76 (adulto feminino desvalorizado) e 92 (surge a vivência de um mundo estragado), mais assinalados nas crianças com perturbação emocional do que as crianças sem perturbação, e ao Item 70 (personagem apoiada por adulto feminino), mais assinalado nas crianças sem perturbação. Assim, as crianças com perturbação emocional tenderão a omitir aspectos críticos das Cenas, provavelmente numa tentativa de anular a emoção ansiosa suscitada pela temática do Cartão, e as crianças sem perturbação tenderão a contar histórias em que o apoio dado pelo adulto feminino estará mais presente.



Este Cartão foi dos mais escolhidos em ambos os grupos como aquele de que gostaram menos.

Cartão VII (escola):

As crianças sem perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha da Cena 3 (Cena de Fantasia Mágica que representa a personagem a sair da escola em balão). Esta Cena representa uma situação de fuga, o que, por si só, não parece fácil de interpretar, pois não representa uma forma adequada de resolver o problema de dificuldade escolar.

Neste Cartão foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Fantasia (FV+FM), a 2ª Cena Fantasia Mágica e a 1ª Cena Muita Aflição, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação, indicando uma angústia mais intensa face à situação de dificuldade na aprendizagem por parte das crianças com perturbação e também uma maior tendência a recorrer à fuga como forma de lidar com ela.

Foram também encontradas diferenças significativas relativamente ao Item 63 (personagem agride outros meninos), mais assinalado nas crianças com perturbação emocional do que as crianças sem perturbação, e aos Itens 60 (faz referência a outros meninos) e 64 (personagem agredida por outros meninos), mais assinalados nas crianças sem perturbação. Assim, as crianças sem perturbação emocional tenderão a reflectir mais nas suas histórias a agressão proveniente do olhar dos pares face à situação de dificuldade escolar do que as crianças com perturbação emocional.

Cartão VIII (quebra da jarra):

Os resultados deste Cartão eram particularmente relevantes no caso destes grupos. Verificou-se que as crianças com perturbação emocional apresentaram maior frequência de escolha das Cena 4 (Cena de Aflição que representa os pais a chorarem enquanto apanham os cacos) e 9 (Cena de Muita Aflição que representa a personagem a ser expulsa de casa pelos pais) do que as crianças sem perturbação. Deste modo, as

crianças com perturbação emocional terão maior dificuldade em elaborar a culpabilidade despoletada pela situação de quebra das normas, recorrendo mais nas suas histórias à punição como forma de lidar com a ansiedade face à mesma.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 1ª Cena Fantasia Viável, mais frequentemente escolhida pelas crianças com perturbação emocional do que pelas crianças sem perturbação, negando até certo ponto a ansiedade suscitada pela situação apresentada.

Foram ainda encontradas diferenças no que se refere ao Item 2 (diminui o tempo de latência), mais assinalado nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, havendo assim maior impulsividade para lidar com esta situação. Foram também encontradas diferenças significativas relativamente aos Itens 54 (faz referência a aspectos da sua vida pessoal), 71 (personagem rejeitada por adulto masculino) e 72 (personagem rejeitada por adulto feminino), mais assinalados nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, e ao Item 94 (toma iniciativa para resolver a situação), mais assinalado nas crianças sem perturbação. Deste modo, as crianças com perturbação emocional abordam mais a rejeição do adulto, masculino e feminino, face à situação de quebra de normas apresentada neste Cartão.

Este Cartão foi dos mais escolhidos em ambos os grupos como aquele de que gostaram menos.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

Foram encontradas diferenças significativas somente no que respeita ao Item 4 (aflige-se), mais assinalado nas crianças com perturbação emocional do que nas crianças sem perturbação, revelando uma vivência mais intensa da ansiedade suscitada pela temática nas crianças com perturbação emocional.

Este Cartão foi o mais escolhido em ambos os grupos como o preferido, mas também foi muitas vezes escolhido como aquele de que gostaram menos.

#### **IV.7.3. Crianças com comportamentos agressivos e crianças com comportamentos ansiosos**

Relativamente a estes grupos importava sobretudo compreender as respostas do grupo com comportamentos agressivos ao Cartão VIII, que aborda a temática da interiorização das normas. No entanto, no geral, para estes grupos, foram encontradas poucas diferenças significativas. Não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os dois grupos nas respostas aos Cartões I (passeio com a mãe), VII (escola) e, surpreendentemente, nas respostas ao Cartão VIII (quebra da jarra).

Foi possível, no entanto, perceber que as situações de doença (Cartão II), pesadelo (Cartão IV), briga dos pais (Cartão VI) e nascimento de um irmão (Cartão IX) são encaradas com maior ansiedade por parte das crianças com comportamentos ansiosos, que procuram, por vezes, omitir aspectos despoletadores de ansiedade numa tentativa de a eliminar. Foi ainda possível perceber que as crianças com comportamentos ansiosos parecem revelar menor expectativa de receber gratificações e que há maior facilidade (crianças com comportamentos agressivos) / dificuldade (crianças com comportamentos ansiosos) em abordar o grupo de pares.

Uma vez mais, optou-se pela discussão dos resultados Cartão a Cartão, sendo de realçar que não houve diferenças significativas relativamente à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão entre os dois grupos.

##### **Cartão II (doença):**

Foram encontradas diferenças significativas entre os grupos somente para o Item 1 (aumenta o tempo de latência), sendo que as crianças com comportamentos ansiosos apresentaram maior frequência deste Item do que as crianças com comportamentos agressivos, o que corresponde a uma manifestação de ansiedade.

##### **Cartão III (ida à praia):**

A 2ª Cena Fantasia (FV+FM) e a 2ª Cena Fantasia Mágica foram mais frequentemente escolhidas pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas

crianças com comportamentos agressivos. A 2ª Cena Realidade foi mais frequentemente escolhida pelas crianças com comportamentos agressivos. Estes resultados podem ser traduzidos em facilidade (crianças com comportamentos agressivos) / dificuldade (crianças com comportamentos ansiosos) em abordar o grupo de pares.

Este Cartão é o mais escolhido como preferido pelas crianças com comportamentos ansiosos.

Cartão IV (pesadelo):

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos somente para a 2ª Cena Muita Aflição, mais frequentemente escolhida pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos, indicando que as crianças com comportamentos ansiosos terão maior dificuldade em lidar com a aflição causada pela situação de pesadelo.

Cartão V (dia de aniversário):

Foram encontradas diferenças significativas somente para a Cena 5 (Cena de Fantasia que representa a personagem perante um monte de presentes), mais escolhida pelas crianças com comportamentos agressivos do que pelas crianças com comportamentos ansiosos. As crianças com comportamentos ansiosos revelam nas suas histórias menor expectativa de receber gratificações (representadas pelo “monte de presentes”).

Cartão VI (briga dos pais):

A Cena 8 foi mais escolhida pelas crianças com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos, representando uma abordagem receosa da situação de briga dos pais, o que parece ser comum nas crianças com comportamentos ansiosos.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 2ª Cena Realidade, mais frequentemente escolhida pelas crianças

com comportamentos ansiosos do que pelas crianças com comportamentos agressivos, o que poderá indiciar uma menor adaptação a estas situações por parte das crianças com comportamentos agressivos.

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para o Item 51 (omite aspectos críticos de uma ou mais Cenas), mais assinalado no caso das crianças com comportamentos ansiosos do que das crianças com comportamentos agressivos, indiciando a omissão de aspectos despoletadores de ansiedade que as crianças procuram eliminar.

Este Cartão é dos mais escolhidos como aquele de que menos gostaram por ambos os grupos.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

Foram encontradas diferenças significativas somente no que respeita aos Itens 8 (hesita na escolha das Cenas), mais assinalado no caso das crianças com comportamentos ansiosos do que nas crianças com comportamento agressivos, e 94 (toma iniciativa para resolver a situação), mais assinalado nas crianças com comportamentos agressivos do que nas crianças com comportamentos ansiosos. Assim, as crianças com comportamentos agressivos tomam mais a iniciativa para resolver a situação, que é vivida com maior ansiedade por parte das crianças com comportamentos ansiosos.

Este Cartão é o mais escolhido como preferido pelas crianças com comportamentos agressivos. No entanto, é também dos mais escolhidos como aquele de que menos gostaram por ambos os grupos.

Em suma, apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os dois grupos nas respostas ao Cartão VIII, foram encontradas bastantes diferenças nos restantes Cartões (nomeadamente nos Cartões II, III, IV, V, VI e IX), o que é compreensível num funcionamento emocional global.

#### **IV.7.4. Crianças com valores mais elevados e com valores mais baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto do IRF**

Relativamente a estes grupos, tem-se como principal objectivo permitir a comparação entre os resultados obtidos através deste instrumento (que permitem estudar as dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto da relação fraterna do ponto de vista da criança) e as respostas das crianças ao Cartão IX (nascimento de um irmão). Dada a especial relevância deste Cartão, começam por discutir-se os resultados do mesmo.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

Relativamente às crianças com valores mais altos e mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no IRF, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para a 1ª Cena Muita Aflição e para a 3ª Cena Muita Aflição, mais frequentemente escolhidas pelas crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que pelas crianças com valores mais baixos nesta dimensão. Como era esperado, as crianças com maior Rivalidade/Hostilidade tendem a abordar esta situação com maior aflição e a terminar a história com alto nível de emoção ansiosa.

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para o Item 50 (distorce o significado de uma ou mais Cenas), mais assinalado nas crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade do que nas crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Muito embora seja necessário analisar as distorções caso a caso para avançar com hipóteses explicativas, este resultado indica que as crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade tendem a distorcer o significado das Cenas escolhidas, talvez numa tentativa de fazer face à ansiedade por elas despoletada.

Este Cartão foi o mais escolhido em ambos os grupos como sendo o preferido, apesar de ser também, diversas vezes, escolhido com aquele de que gostaram menos.

Relativamente às crianças com valores mais altos e mais baixos na dimensão Afecto no IRF foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos para a

Cena 5 (Cena de Fantasia Viável que representa a criança a recordar quando era bebé, sozinha com os pais), mais escolhida pelas crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças com valores mais altos nesta dimensão. Estes resultados, estão de acordo com o esperado, visto que as crianças com valores mais baixos de Afecto poderão ser mais sensíveis à temática da rivalidade, evidenciando nas suas histórias maior procura da atenção anterior ao nascimento do irmão.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos para a 3ª Cena Fantasia Viável, mais frequentemente escolhida pelas crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto do que pelas crianças com valores mais elevados nesta dimensão. Este resultado era também expectável, sendo que a Cena representativa desta situação será a Cena 5 (que, tal como referido, representa a criança a recordar quando era bebé, sozinha com os pais).

Foram ainda encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos para o Item 68 (personagem procura adulto feminino), mais assinalado nas crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto do que nas crianças com valores mais elevados nesta dimensão, remetendo para uma maior tendência por parte das crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto para abordar nas suas histórias a procura do adulto feminino, face à situação de nascimento de um irmão.

Este Cartão foi o mais escolhido, em ambos os grupos, como o preferido.

Em suma, tal como esperado, as crianças com maior Rivalidade/Hostilidade tendem a abordar esta situação com maior aflição e a terminar a história com alto nível de emoção ansiosa. No entanto, as crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade tendem a distorcer o significado das Cenas escolhidas, talvez numa tentativa de fazer face à ansiedade por elas despertada. Paralelamente, as crianças com menor Afecto poderão revelar nas suas histórias mais manifestações de rivalidade e de procura da atenção anterior ao nascimento do irmão, bem como maior procura do adulto feminino.

Procede-se seguidamente à discussão dos resultados obtidos para os restantes Cartões, para os grupos formados com base nas dimensões do IRF, sendo de realçar que,

no que diz respeito à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão só foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos da dimensão Afecto no Cartão V. Não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos da dimensão Rivalidade/Hostilidade nas respostas aos Cartões I (passeio com a mãe) e II (doença) e não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos da dimensão Afecto nas respostas ao Cartão III (ida à praia).

Cartão I (passeio com a mãe):

As respostas das crianças com maior Afecto revelam maior segurança nos seus recursos para abordar a ansiedade de separação, tendendo a procurar directamente a ajuda do adulto feminino (a mãe), ao passo que as respostas das crianças com valores mais baixos nesta dimensão reflectem a procura da ajuda do adulto masculino (polícia) e omitem aspectos críticos das Cenas, talvez numa tentativa de evitar a ansiedade por elas despoletada.

Cartão II (doença):

As crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto tendem a uma maior utilização do recurso onnipotência na elaboração desta temática, ao passo que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão têm maior necessidade de introduzir outros aspectos, não patentes nas Cenas disponíveis, para elaborar as suas histórias.

Cartão III (ida à praia):

Há uma abordagem da situação de encontro e convívio com os pares mais adaptada por parte das crianças com baixa Rivalidade/Hostilidade. Sendo o convívio com os pares um acontecimento que é possível equiparar ao convívio com irmãos, é de esperar maior dificuldade em elaborar um enredo coerente face a esta temática por parte destas crianças.



Cartão IV (pesadelo):

Há maior recurso à onnipotência por parte das crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, que apresentam maior dificuldade na elaboração de um enredo para esta temática. No entanto, nas crianças com Rivalidade/Hostilidade mais baixa a aflição suscitada pela temática deste Cartão permanece mais tempo. Paralelamente, as crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto apresentam uma tentativa de resolução através de uma fantasia boa e também, por vezes, através de uma fantasia impossível, o que poderá indicar uma tendência à fuga, ou mesmo à onnipotência.

Cartão V (dia de aniversário):

Há maior dificuldade na elaboração da temática deste Cartão nas crianças com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, podendo, tal como no Cartão III, equiparar-se a relação com os pares à relação fraterna. As crianças com maior Afecto apresentam nas suas histórias expectativas mais positivas e intensas face às compensações que o dia de aniversário permitirá realizar, ao passo que as crianças com menor Afecto tendem a uma abordagem mais realista da situação, também utilizando a Fantasia de modo a equilibrar a experiência de ansiedade. Este Cartão é dos mais escolhidos como sendo aquele de que mais gostaram quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

Cartão VI (briga dos pais):

Há maior dificuldade na elaboração desta temática nas crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade, mas as crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto têm uma visão mais negativa da mesma. Este Cartão é dos mais escolhidos como sendo aquele de que menos gostaram quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

Cartão VII (escola):

As crianças com valores mais baixos de Rivalidade/Hostilidade apresentam maior ansiedade face à situação de dificuldade escolar, mas também capacidade de elaboração adaptada da mesma. As crianças com valores mais baixos nesta dimensão apresentam maior reconhecimento dos aspectos ansiogéneos deste Cartão. Paralelamente, as crianças com valores mais baixos na dimensão Afecto apresentam maior dificuldade em lidar com a emoção ansiosa desencadeada pela situação escolar apresentada, ao passo que as crianças com valores mais baixos nesta dimensão têm maior tendência à omissão de aspectos, numa tentativa de reduzir a ansiedade despoletada pelos mesmos.

Cartão VIII (quebra da jarra):

As crianças com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentam maior reconhecimento dos aspectos ansiogéneos desta temática, ao passo que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão apresentam maior tendência à elaboração através da fuga pela Fantasia. Estes resultados são de certo modo contraditórios relativamente aos resultados da dimensão Afecto, uma vez que as crianças com valores mais elevados nesta dimensão parecem ter maior necessidade de fuga às consequências que a quebra de normas despoleta, nomeadamente colocando a culpa no exterior para lidar com a ansiedade. Este Cartão é dos mais escolhidos como sendo aquele de que menos gostaram, quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

**IV.7.5. Crianças percebidas pelos encarregados de educação como tendo valores mais elevados e valores mais baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto da Parte II do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos**

Tal como no ponto anterior, no que diz respeito aos resultados destes grupos tem-se como principal objectivo permitir a comparação entre os resultados obtidos com este instrumento (que permitem estudar as dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto

da relação fraterna do ponto de vista dos pais/encarregados de educação) e as respostas das crianças ao Cartão IX (nascimento de um irmão).

Dada a especial relevância deste Cartão, discutem-se em primeiro lugar os resultados do mesmo. No entanto, e contrariamente ao esperado, relativamente às crianças percebidas como tendo valores mais altos e mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos nas respostas ao Cartão IX. Este foi, no entanto, o Cartão mais escolhido como aquele de que mais gostaram, em ambos os grupos formados com base nesta dimensão. Também nos grupos formados com base na dimensão Afecto foram encontradas poucas diferenças significativas, ao contrário do esperado.

Cartão IX (nascimento de um irmão):

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos formados com base na dimensão Afecto apenas para os Itens 71 (personagem rejeitada por adulto masculino) e 72 (personagem rejeitada por adulto feminino), mais assinalados nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão do que nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão, indicando que estas crianças evidenciam nas suas histórias, de forma mais intensa, a possibilidade de rejeição por parte dos adultos perante a situação de nascimento de um irmão. Este resultado poderá estar associado a um maior vínculo emocional, o que também pode significar mais receio de perda do “lugar especial” relacionado com o ser filho único.

Este foi o Cartão mais escolhido em ambos os grupos como o preferido.

Segue-se agora a discussão dos resultados para os restantes Cartões, obtidos para os grupos formados com base nas dimensões do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, sendo de realçar que não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade nas respostas “Cena escolhida” e não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos formados com base em ambas as dimensões

relativamente à frequência da utilização das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão. Também se sublinha que não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos da dimensão Rivalidade/Hostilidade nas respostas aos Cartões II (doença) e VII (escola) e não foram encontradas quaisquer diferenças significativas entre os grupos da dimensão Afecto nas respostas ao Cartão I (passeio com a mãe).

Cartão I (passeio com a mãe):

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, tendem a abordar esta temática de perda da mãe com recurso à Fantasia, quer Viável, quer Mágica, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão parecem procurar nas suas histórias mais o apoio do adulto no sentido de lidar com a situação de separação apresentada.

Cartão II (doença):

As crianças com valores mais elevados na dimensão Afecto terão maior dificuldade em elaborar a situação de doença, tendendo a terminar as histórias com presença de emoção ansiosa.

Cartão III (ida à praia):

Ao contrário do esperado, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade apresentam maior dificuldade em terminar as histórias de forma adaptada, havendo presença intensa de emoção ansiosa no final das mesmas. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto revelam um elevado desejo de sucesso na relação com os pares e, por outro lado, uma ansiedade elevada associada ao receio dessa relação, tendendo a terminar as histórias neste Cartão com presença intensa de emoção ansiosa. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto conseguem elaborar estas histórias de forma adaptada. Sendo este um Cartão que remete para a relação com os

pares (próxima da relação fraterna) estes resultados não seriam os esperados. No entanto, percebe-se também que existe maior tensão na relação com os pares por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto e maior recurso à onipotência por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão.

Cartão IV (pesadelo):

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, apresentam maior dificuldade em elaborar esta temática de pesadelo, havendo presença intensa de emoção ansiosa no final das histórias, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão, reconhecem a emoção ansiosa associada, mas têm maior facilidade em elaborar a mesma com recurso à Fantasia. Há também maior dificuldade por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto na gestão da emoção ansiosa suscitada por esta temática, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão utilizam mais a fantasia, seja ela viável ou mágica, na elaboração desta temática.

Cartão V (dia de aniversário):

As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Rivalidade/Hostilidade, apresentam maior facilidade em abordar a temática da relação com os pares. No entanto, as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados nesta dimensão tomam iniciativa na gestão da situação. Parece, portanto, ser uma temática facilmente elaborada por ambos os grupos. Percebe-se também que existe maior ansiedade face à temática deste Cartão nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto. Este Cartão foi dos mais escolhidos como aquele de que mais gostaram, quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

Cartão VI (briga dos pais):

Surge maior dificuldade na elaboração desta temática pelas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, que tendem a terminar a história com elevada Aflição. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto utilizam mais a fuga pela fantasia, apesar de viável, para gerir a temática de briga dos pais. Este Cartão foi dos mais escolhidos como aquele de que menos gostaram, quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

Cartão VII (escola):

Há maior reconhecimento da emoção ansiosa associada a este Cartão por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Afecto. Há, no entanto, uma abordagem mais adaptada desta temática por parte destas crianças. As crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão apresentam nas suas histórias maior necessidade de apoio por parte do adulto (neste caso a professora) para lidar com a situação de dificuldade no contexto escolar.

Cartão VIII (quebra da jarra):

A temática de quebra de normas desperta maior emoção ansiosa nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade. Há também maior recurso à fuga pela fantasia por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto, como forma de alívio da ansiedade despoletada. Este Cartão foi dos mais escolhidos como aquele de que menos gostaram, quer nos grupos formados com base na dimensão Rivalidade/Hostilidade quer nos grupos formados com base na dimensão Afecto.

Em suma, apesar de não terem sido encontradas muitas diferenças significativas entre os grupos criados com base nas dimensões deste questionário nas respostas ao

Cartão IX, foram encontradas bastantes diferenças nos restantes Cartões (nomeadamente nos Cartões I, VI e VIII), o que é compreensível num funcionamento emocional global.





## **Capítulo V**

### *Conclusões*

Finalizada a apresentação e discussão dos resultados deste trabalho, procede-se agora à reflexão final acerca das conclusões a dele extrair.

1. Em primeiro lugar, importa referir o trabalho prévio de adaptação e estudo dos instrumentos *Sibling Relationship Inventory* – SRI (Stocker & McHale, 1992) e *Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire* – PEPC-SRQ (Kramer, 1995), do qual resultaram as versões portuguesas Inventário de Relações Fraternas – IRF e Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos.

Estes Questionários foram estudados numa amostra de 258 crianças, 133 do sexo feminino e 125 do sexo masculino, com idades compreendidas entre 5 e 10 anos (amostra utilizada no caso do IRF) e respectivos encarregados de educação (amostra utilizada no caso do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos).

Ambos os instrumentos são, neste estudo, compostos por duas dimensões: Afecto e Rivalidade/Hostilidade, o que constitui uma diferença face aos estudos anteriores realizados com os mesmos. Tal como já referido, as diferenças encontradas no Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos relativamente aos estudos originais, especificamente a não diferenciação entre as dimensões Rivalidade e Hostilidade, poderão ser entendidas como devidas a características culturais: para os americanos a rivalidade terá um valor diferente e mais positivo do que a hostilidade, enquanto que para os portugueses serão duas dimensões equiparáveis. A mesma situação foi assumida para o IRF, de modo a possibilitar a comparação entre os dois instrumentos. Foi possível verificar as boas qualidades psicométricas dos questionários. Estes instrumentos poderão agora ser utilizados na população portuguesa e vir a ser alvo de mais estudos.

2. A presente investigação teve como objectivo principal o desenvolvimento da prova “Era uma vez...”, no sentido de englobar duas novas temáticas, abrangendo aspectos relacionados com a rivalidade fraterna e com o confronto com normas parentais e sua interiorização, alargando a compreensão do funcionamento emocional infantil ao modo como as crianças lidam com estas experiências no caminho do

desenvolvimento. Simultaneamente foram feitas algumas alterações de Cenas propostas pela autora da prova e nas quais a autora deste trabalho participou activamente.

Foi criado o novo material:

- Cartões e Cenas,
- Ampliação da Grelha de Análise de Respostas,
- Actualização do respectivo programa informático,
- Classificação das Estratégias de Elaboração da Ansiedade para os dois novos Cartões, e para os Cartões IV e VI, em que houve alterações de Cenas relativas à representação de algumas categorias.

3. A prova com todas as alterações introduzidas foi estudada numa amostra constituída por 219 crianças, 111 do sexo masculino e 108 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos de idade.

O estudo das respostas permitiu:

- Confirmar a possibilidade de utilização dos dois novos Cartões e sua caracterização no todo da prova.
- Confirmar a viabilidade das alterações introduzidas em Cenas de Cartões já existentes, actualizando e melhorando as características do material da prova.
- Criar uma base de dados normativos por nível etário que engloba:
  - a) A frequência de escolha das 9 Cenas em cada cartão e identificação das mais e menos escolhidas.
  - b) A percentagem de escolha das 3 Categorias de Cenas — Aflição, Fantasia e Realidade — em cada uma das 3 posições das sequências, em cada Cartão.
  - c) A identificação dos Itens da Grelha de Análise de Respostas (Atitude, Sequência das Cenas, Sequência da História, Aspectos Formais e de Conteúdo) mais e menos assinalados em cada Cartão; de salientar que este é o primeiro estudo que analisa estes aspectos, facilitado pela conclusão e actualização do programa informático que vinha a ser criado há já alguns anos.

- d) A frequência e percentagem das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão.
- e) A identificação dos Cartões de que as crianças gostam mais e menos.
- f) A identificação das diferenças destes elementos das respostas no subgrupo do sexo masculino e no subgrupo do sexo feminino.

• Contribuir para os estudos de validade da prova “Era uma vez...”, através da identificação de diferenças com valor estatístico nas respostas de diferentes subgrupos. Foram comparadas as respostas das crianças: com e sem dificuldades de aprendizagem (de acordo com a informação dos professores); com e sem perturbação emocional (de acordo com os resultados do Questionário de Comportamentos de Crianças a ser preenchido pelos Professores — Rutter, 1967); com valores altos e baixos nas dimensões Rivalidade/Hostilidade e Afecto (de acordo com os resultados do IRF e do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos). As respostas dos diferentes subgrupos foram comparadas relativamente aos seguintes elementos:

- a) Frequência e percentagem de escolha das nove Cenas em cada cartão, e identificação das mais e menos escolhidas.
- b) Frequência e percentagem de escolha das três Categorias de Cenas — Aflição, Fantasia e Realidade — em cada uma das três posições das sequências, em cada Cartão.
- c) Frequência e percentagem das Estratégias de Elaboração da Ansiedade em cada Cartão.
- d) Frequência e percentagem dos Itens da Grelha de Análise de Respostas mais e menos assinalados em cada Cartão.

As diferenças encontradas nas respostas dos diversos subgrupos correspondem, de modo geral, a aspectos expectáveis, de acordo com as características psicológicas desses mesmos subgrupos. No entanto, é de realçar que os subgrupos formados a partir dos resultados do IRF, e sobretudo do Questionário de Expectativas e Percepções Parentais das Relações Fraternas dos Filhos, não têm uma tradução tão visível quanto seria desejável ter encontrado nas respostas ao Cartão IX (nascimento de um irmão), apesar de terem uma tradução manifesta em respostas de outros Cartões. Por exemplo:

— no Cartão I (passeio com a mãe) as crianças que os encarregados de educação percebiam com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade, tendem

a abordar esta temática de perda da mãe com recurso à Fantasia, quer Viável, quer Mágica, ao passo que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos nesta dimensão parecem procurar nas suas histórias mais o apoio do adulto no sentido de lidar com a situação de separação apresentada;

— no Cartão VI (briga dos pais) verifica-se que as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade tendem a terminar a história com elevada Aflição e as crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto utilizam mais a fuga pela fantasia, apesar de viável, para gerir esta temática;

— no Cartão VIII a temática de quebra de normas desperta maior emoção ansiosa nas crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais elevados na dimensão Rivalidade/Hostilidade e há maior recurso à fuga pela fantasia por parte das crianças que os encarregados de educação percebem com valores mais baixos na dimensão Afecto.

Tal não é completamente inesperado, pois trata-se de recolher informação em contextos muito diferentes — um mais “objectivo”, que leva à inclusão da criança em determinado grupo, e outro mais criativo, onde a fantasia tem um papel que permite uma expressão emocional mais livre.

- Contribuir para a identificação de padrões de resposta através da análise das características das respostas relativas aos diferentes subgrupos, podendo auxiliar o intérprete na tarefa de análise e interpretação dos protocolos. Este é um aspecto importante, na medida em que, se a tarefa de aplicação da prova “Era uma vez...” é de muito fácil aprendizagem e a cotação é facilitada por aspectos objectivos e pré-estabelecidos das respostas (números das Cenas seleccionadas, sua Categoria, posição na sequência, Estratégias de Elaboração da Ansiedade), a interpretação é mais exigente, pois requer uma síntese compreensiva que muito pode beneficiar da informação decorrente deste tipo de dados. A título de exemplo, enumeram-se alguns desses dados relativamente às crianças com e sem dificuldades de aprendizagem:

- a) O Cartão VII (escola) é aquele que se revela de maior pertinência em termos de abordagem desta temática. Os resultados permitem concluir que as crianças com dificuldades de aprendizagem, face à situação de dificuldade escolar, tendem a evadir-se da ansiedade pelo recurso imediato a uma Cena de fantasia onipotente (Fantasia Mágica), ao passo que as crianças sem dificuldades de

aprendizagem apenas utilizam esse recurso numa segunda abordagem. Conclui-se também que as crianças apresentam um maior sentimento de incompreensão relativamente ao adulto feminino (neste caso a professora) face à sua dificuldade, ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam maior integração da presença dos pares nas suas histórias.

- b) No Cartão VIII (quebra da jarra), central no estudo efectuado, é possível concluir que a ansiedade despoletada pela temática de quebra de normas permanece por mais tempo e é mais difícil de gerir pelas crianças com dificuldades de aprendizagem. A situação parece ser mais facilmente resolvida pelas crianças sem dificuldades de aprendizagem.
- c) No Cartão IX (nascimento de um irmão), igualmente central no estudo efectuado, concluiu-se que as crianças com dificuldades de aprendizagem terão uma maior tendência a representar nas suas histórias a rivalidade fraterna agida directamente em relação ao irmão, enquanto as histórias das crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam uma maior culpabilidade associada às vivências de rivalidade fraterna, sendo esta concebida como mais controlada e menos agida. A situação de nascimento de um irmão parece despoletar um movimento inicial de maior ansiedade nas crianças com dificuldades de aprendizagem, ao passo que as crianças sem dificuldades de aprendizagem parecem recorrer mais ao mecanismo de Fantasia (Mágica), como primeira abordagem à situação de aparecimento de um rival. As crianças sem dificuldades de aprendizagem apresentam maior facilidade na elaboração desta temática, podendo, no entanto, tender a distorcer o significado de algumas Cenas. No geral, procuram integrar nas suas histórias o convívio com o novo bebé da família. As crianças com dificuldades de aprendizagem revelam maior dificuldade na elaboração desta temática.

- Confirmar um padrão evolutivo nas respostas, tendo em conta a prova na sua globalidade, com as alterações introduzidas, que se traduz em respostas com características diferentes ao longo das idades estudadas, já verificado desde o início com os sete Cartões (Fagulha, 1992, 1997a) e atestado em estudos mais recentes (Capinha, 2012; Pires, 2001). Este é um aspecto relevante, pois se é certo que todos os instrumentos de avaliação psicológica utilizados com crianças nas diversas áreas

(cognitiva, prática, etc.) se organizam de acordo com um pressuposto desenvolvimental, já na área das provas projectivas esta abordagem é, geralmente, menos focada.

4. A principal limitação deste estudo diz respeito à dimensão da amostra no que se refere a cada nível de idade, ligando-se essa limitação à proposta de estudos futuros. É certo que a amostra não tem uma dimensão muito reduzida, mas o número de efectivos por nível etário é relativamente baixo. Assim, ao formar os subgrupos de acordo com os resultados dos questionários aplicados, a influência determinante da variável nível etário não pôde ser controlada, como seria desejável de acordo com todos os estudos da prova “Era uma vez...”.

5. Por fim, é importante deixar algumas propostas de desenvolvimento para estudos futuros. Por um lado, parece fundamental a continuação do estudo da prova com o alargamento da amostra com vista ao estabelecimento de normas. Por outro lado, a continuação do estudo da prova em amostras clínicas de crianças com diversas características de perturbação psicológica, a partir de um diagnóstico prévio, procurando padrões de resposta, poderá permitir o esclarecimento do significado das respostas encontradas nos diversos subgrupos da amostra deste estudo, ao mesmo tempo que dará continuidade aos estudos de validade da prova.

Alguma informação recolhida no estudo realizado não foi trabalhada, nomeadamente, no que se refere à prova “Era uma vez...”, os tempos de latência e o nome que a criança atribui à personagem. Futuramente poderá ser interessante analisar estes dados, embora os mesmos ganhem maior significado no estudo de casos individuais. Relativamente aos instrumentos agora traduzidos e adaptados, para além da continuidade do estudo global dos mesmos, seria importante no IRF estudar os resultados na sua relação com as perguntas associadas (referentes ao desejo ou não de ter um irmão e à preferência por menino ou menina).

Em suma, acreditamos que o estudo aqui apresentado abre um novo caminho que, em continuidade com a anterior versão da prova “Era uma vez...” e com os estudos até hoje realizados referentes à mesma, a enriquece como instrumento de avaliação psicológica da criança, corrigindo aspectos sentidos como limitativos e ampliando o acesso à informação sobre a forma como a criança lida com as emoções e a ansiedade.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adler, A. (1931/2009). *What life should mean to you*. London: Oneworld Publications.
- Anastasi, A. (1968). *Psychological Testing*. London: The MacMillan Company.
- Aron, B. (1949). *A Manual for Analysis of the Thematic Apperception Test*. Berkeley: Willis E. Berg.
- Bandura (1986). *Social Foundations of Thought and Action. A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Barrio, V. (2002). *Evaluación Psicológica en la Infancia y la Adolescencia*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Bar-Tal, D. (1982). Sequential development of helping behavior. A cognitive learning approach. *Developmental Review*, 2, 101-124.
- Batista, T.J. (2002). *O sistema de análise de respostas da prova “Era uma vez...” – características específicas encontradas em crianças com sentimentos de solidão*. Trabalho de investigação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Bellak, L. (1947a). *A Guide to the Interpretation of the Thematic Apperception Test*. New York: The Psychological Corporation.
- Bellak, L. (1947b). *Bellak TAT Blank: for Recording and Analyzing Thematic Apperception Test Stories*. New York: The Psychological Corporation.
- Bellak, L. & Bellak, S. S. (1949). *A Manual for The Children’s Apperception Test*. New York: CPS.
- Bellak, L. & Bellak, S. S. (1965). *Teste de apercepção infantil com figuras humanas*. São Paulo (SP): Mestre Jou.
- Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Boer, F., Westenberg, M., McHale, S. M., Updegraff, K. A. & Stocker, C. M. (1997). The factorial structure of the Sibling Relationship Inventory (SRI) in American and Dutch samples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14 (6), 851-859.

- Bourguignon, O. (2000). Le complexe fraternel. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 27, 63-81.
- Brito, C. S. M. (2000). *Um buraco onde me enfiar. O sentimento de vergonha em crianças*. Monografia de licenciatura. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Britto, N. (2002). Rivalidade fraterna: O ódio e o ciúme entre irmãos. São Paulo: Ágora Editora.
- Capinha, I. (2012). *Evolução das respostas à prova "Era uma vez..."*, em função da idade. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Chandler, L. (1990). The Projective Hypothesis and the Development of Projective Techniques for Children. In Reynolds, C. & Kamphaus, R., *Handbook of Psychological and Educational Assessment of Children – Personality, Behavior, and Context* (pp. 55-69). London: The Guilford Press.
- Coles, P. (2003). *The importance of sibling relationships in psychoanalysis*. London: Karnac.
- Corman, L. (1961). *Le test PN: Manuel 1*. Paris: PUF.
- Corman, L. (1967). *Test du dessin de famille dans la pratique medico-pedagogique*. Paris : P.U.F..
- Corman, L. (1970). *Psycho-pathologie de la rivalité fraterne*. Bruxelles: Charles Dessart.
- Corman, L. (1981). *Test PN: manuel 2 – le complexe d'oedipe*. Paris : P.U.F..
- Cunha, J. (1993). *Psicodiagnóstico-R*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cunha, J. & Nunes, M. (1993). *Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Damon, W. (1981). The development of justice and self-interest during childhood. In M. Lerner & S. Lerner (Eds.), *The justice motive in social behavior* (pp. 57-72). New York: Plenum Press.

- Dunn, J., Slomkowski, C. & Beardsall, L. (1994). Sibling relationships from the preschool period through middle childhood and early adolescence. *Developmental Psychology*, 30 (3), 315-324.
- Düss, L. (1950/1971). *La Méthode des Fables en Psychanalyse Infantile*. L'Arche, Paris (Publicação original 1950).
- Eisenberg, N. (1982). The development of reasoning regarding prosocial behavior. In N. Eisenberg (Ed.), *The development of prosocial behavior* (pp. 219-249). New York: Academic Press.
- Eisenberg, N. & Murphy, B. (1995). Parenting and Children's Moral Development. In Eisenberg, N., *Handbook of Parenting – applied and practical parenting, Vol. IV* (pp.227-257). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fagulha, T. (1985). *Estudo-piloto de um Material Semi-projectivo: “Era uma vez...”*. Trabalho de Síntese. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentado à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (policopiado).
- Fagulha, T. (1992). *A prova “Era uma vez...”*. Uma prova projectiva para crianças. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Fagulha, T. (1993). *“Era uma vez...”*. Prova Projectiva para Crianças. Manual e Material do Teste. Lisboa: edição do autor.
- Fagulha, T. (1994a). A prova “Era uma vez...”. Uma nova prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4, 511-528.
- Fagulha, T. (1994b). Características do funcionamento emocional de crianças com paralisia cerebral avaliadas através da prova “Era uma vez...”. Comunicação apresentada no *I Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*, Lisboa: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Fagulha, T., Amaral, F. & Gama, O. (1994). Contributions to the use of “Once upon a time...” projective technique with deaf children. Comunicação apresentada na *52<sup>nd</sup> Annual Convention of the Internacional Council of Psychologists*, Lisboa: Universidade de Lisboa.

- Fagulha, T. (1995). "Era uma vez...". Uma prova projectiva para crianças. In Almeida, L.S., Gonçalves, M.M. & Simões, M. (eds.), *Provas psicológicas em Portugal, Vol. I* (pp. 223-237). Braga: Apport.
- Fagulha, T. (1996). A prova "Era uma vez...": apresentação de alguns resultados e ilustrações da sua aplicação clínica. *Psychologica*, 15, 107-112.
- Fagulha, T. & Duarte Silva, M. E. (1996). Estudo longitudinal das respostas ao cartão VII do teste "Era uma vez..." em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. In Almeida, L.S., Araújo, S., Gonçalves, M.M., Machado, C. & Simões, M. (eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos, Vol. IV* (pp.119-129). Braga: Apport.
- Fagulha, T. (1997a). "Era uma vez...". *Prova Projectiva para Crianças. Manual e Material do Teste*. Lisboa: CEGOC /TEA (2ª edição em 2003).
- Fagulha, T. (1997b). Competence and acceptance in 10 year old children. A validation model for the "Once upon a time..." technique. Comunicação apresentada no *Meedwinter Meeting da Society for Personality Assessment*, San Diego.
- Fagulha, T. (1997c). Using the "Once upon a time..." technique with mentally retarded young adults. A pilot study. Comunicação apresentada no *5<sup>th</sup> European Congress of Psychology*, Dublin.
- Fagulha, T. (1999). Era uma vez... um menino com medo de morrer. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(1), 89-100.
- Fagulha, T. (2004). "Era uma vez...". Prova projectiva para crianças. In Leandro S. Almeida, Mário R. Simões, Carla Machado & Miguel M. Gonçalves (Coords.), *Avaliação Psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa, Vol. II* (pp.101-112). Coimbra: Quarteto.
- Feldman, H. & Morris, D. (1972). The Validity of the Rutter Scale for the Identification of Disturbed Primary School Children in Jamaica. *West Indian Medical Journal*, 21, 114-118.
- Fernandes, O. (2005). *Ser Único ou Ser Irmão: as relações entre os irmãos nas famílias actuais*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Férrnandez-Ballesteros, R. (1980). *Psicodiagnóstico: Concepto y metodología*. Madrid: Cincel-Kapelusz.

- Fernández-Ballesteros, R. (1992). *Introducción a la Evaluación Psicológica I*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Fernández-Ballesteros, R. (2006). *Evaluación psicológica. Conceptos, métodos y estudios de casos*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Ferrari, P. (2000). Le fraternel psychanalytique. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 27, 47-62.
- Ferreira-Marques, J. (1970). *Manual da Escala de Inteligência de Weschler para Crianças (WISC). Adaptação e Aferição para Portugal*. Lisboa : Instituto de Alta Cultura.
- Finzi, R., Har-Even, D., Weizman, A., Tyano, S., & Shnit, D. (1996). The adaptation of the attachment styles questionnaire for latency-aged children. *Psychologia: Israel Journal of Psychology*, 5(2), 167-177.
- Fonseca, C. (1987). Um estudo sobre o desenvolvimento moral da criança. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 2, 503-522.
- Freeman, F. (1976). *Teoria e Prática dos Testes Psicológicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Freud, A. (1926/1971). *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/1974). Duas histórias: o Pequeno Hans e o Homem dos Ratos. In *Obras Completas de Freud*, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras Completas de Freud*, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917/1974). Luto e melancolia. In *Obras Completas de Freud*, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1989). Para além do princípio do prazer. In *Textos Essenciais de Psicanálise – A estrutura da personalidade psíquica e a psicopatologia*, Vol.III. Lisboa: Publicações Europa América.
- Freud, S. (1923/1974). O Ego e o Id. In *Obras Completas de Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.

- Furman, W. (2002). Parenting Siblings. In Bornstein, M. (2002), *Handbook of Parenting: Children and Parenting, Vol. I*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Furman, W. & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, 56, 448-461.
- Gayet, D. (1993). *Les relations fraternelles : approches psychologiques et anthropologiques des fratries*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Gleitman, H. (1986). *Psicologia*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, B. (1996). O teste e a teoria de Szondi: enquadramento histórico e exemplo de investigação com adolescentes surdos. *Psychologica*, 15, 101-106.
- Gonçalves, B. (1997). Using the Szondi test with children. Comunicação apresentada à 4<sup>th</sup> European Conference of Psychological Assessment, Lisboa.
- Henry, W. (1947). The thematic apperception technique in the study of culture-personality relations. *Genetic Psychology Monographs*, 35, 3-315.
- Howe, N., Karos, L. & Aquan-Assee, J. (2010). Sibling Relationship Quality in Early Adolescence : Child and Maternal Perceptions and Daily Interactions. *Infant and Child Development*, 2010, New York: Wiley Interscience.
- Kehl, M. R. (2000). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumara.
- Klein, G. (1972). Vital Pleasures. *Psychoanalysis and Contemporary Science*, Annual, 181-205.
- Klein, M. (1927/1996). Tendências Criminosas em Crianças Normais. In *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos 1921 – 1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M (1926/1996). Princípios Psicológicos da Análise de Crianças Pequenas. In *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos, 1921 – 1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1932/1996). *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago.

- Klein, M. (1933/1996). O desenvolvimento inicial da consciência na criança. In *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos, 1921 – 1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kohlberg, L. (1984). *The psychology of moral development: moral stages, their nature and validation*. New York: Harper & Row.
- Koppitz, E. (1982). Personality Assessment in the schools. In Reynolds & Gutkin (Eds.), *The Handbook of school psychology* (pp. 273-295). New York: Wiley.
- Kramer, L. (1995). Parental Expectations and Perceptions of Children's Sibling Relationships Questionnaire – PEPC-SRQ. In Kramer, L. & Baron, L.A. (1995). Parental perceptions of children's sibling relationships. *Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies*, 44 (1), 95-103.
- Kramer, L. & Baron, L.A. (1995). Parental perceptions of children's sibling relationships. *Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies*, 44 (1), 95-103.
- Kreppner, K., Paulsen, S., & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: from triads to tetrads. *Human Development*, 25, 373-391.
- Kurtines, W. & Pimm, J. (1983). The moral development scale: A Piagetian measure of moral judgement. *Educational and Psychological Measurement*, 43, 89-105.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Diccionario de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Leal, M. R. M. (1983/1987). *Projecto de estudo e de intervenção psico-educacional "Habitação-Reabilitação"*. Relatórios não publicados (estudo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian).
- Lecce, S., Primi, C., Pinto, G. & Bernart, D. (2005). Adattamento e validazione della versione italiana del Sibling Relationship Inventory di Stocker e McHale (1992). *Giornale Italiano di Psicologia*, XXXII (1), 181-195.
- Lourenço, O. (1990). From cost-perception to gain-construction: Toward a Piagetian explanation of the development of altruism in children. *International Journal of Behavior Development*, 13, 119-132.



- Lourenço, O. (1997). Children's attributions of moral emotions to victimizers: Some data, doubts and suggestions. *British Journal of Developmental Psychology*, 15, 425-438.
- Lourenço, O. (2002). *Desenvolvimento Sócio-moral*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lourenço, O. (2006). *Psicologia de Desenvolvimento Moral - teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Lowenfeld, M. (1939). The world pictures of children. *British Journal of Medical Psychology*, 18, 65-101.
- Lüscher, M. (1969). *The Lüscher Color Test: the remarkable test that reveals personality through color*. New York: Random House.
- Marcelli, D. (1993). Oedipe fils unique ou le lien fraternel comme tache aveugle de la théorie. *Adolescence*, 11, 2, 229-248.
- McHale, S. M. & Gamble, W. (1989). Sibling Relationships of Children with Disabled and Nondisabled Brothers and Sisters, *Developmental Psychology* 25 (3), 421-429.
- Mills, E. (1953). The Madeleine Thomas Completion Stories Test. *Journal of Consulting Psychology*, 17, 139-141.
- Miranda, M. (1983). *Manual da Escala Colectiva de Nível Intelectual (E.C.N.I.) – aferição para Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Moreno, F. (2003). *Evaluación psicológica en niños y adolescentes*. Madrid: Síntesis.
- Murray, H.(1943). *Thematic Apperception Test manual*. Cambridge: Harvard University Press.
- Neubauer, P. (1983). The Importance of the Sibling Experience. *Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 325-336.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Partidário, A. (1996). *Sequelas psicológicas em crianças vítimas de queimaduras*. Monografia de licenciatura. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

- Piaget, J. (1932/1994). *O Juízo Moral na Criança*. São Paulo: Summus.
- Pires, R. (2001). *Estratégias de elaboração da ansiedade nas respostas sequências de cenas à prova “Era uma vez...”*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Rabain, J.-F. (1995). La rivalité fraternelle. In Lebovici, S., Soulé, M., Datkine, R. *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescen, Vol. III*. (pp. 2549-2576). Paris: P.U.F..
- Rabin, A. (1981). *Assessment with Projective Techniques: A Concise Introduction*. New York: Springer Publishing Company.
- Rapaport, D. (1976). *Tests de Diagnostico Psicologico*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Raven, J. C. (1947). *Coloured Progressive Matrices Sets A, Ab, B*. Oxford: Oxford Psychologists Press Ltd.
- Rogério, A., Raposo, A. & Carvalho, M. (1999). *Estudo da ansiedade de separação nas respostas à prova “Era uma vez...”*. Trabalho de investigação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Rorschach (1921/1974). *Psicodiagnóstico*. São Paulo: Mestre Jou.
- Rosset, C. (2003). Concepto y Definición de Evaluación Psicológica. In Rosset (Ed.) *Evaluación Psicológica. Concepto, proceso y aplicación en las áreas del desarrollo y de la inteligencia* (pp. 3-35). Madrid: Sanz y Torres.
- Rutter, M. (1967). A Children's Behaviour Questionnaire For Completion By Teachers: Preliminary Findings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 8, 1-11.
- Sandler, j. (1989). *From Safety to Superego*. London: Karnac Books.
- Santacana, M. (1993). *Evaluación psicológica infantil*. Barcelona: Barcanova.
- Santos, M. (2006). *O sentir e o significar para uma leitura do papel das narrativas no desenvolvimento emocional da criança*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança, apresentada à Universidade do Minho.

- Schachar, R., Rutter, M. & Smith (1981). The characteristics of situationally and pervasively hyperactive children: implications for syndrome definition. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 22, 375-392.
- Shentoub, V. (1999). *Manual de utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi.
- Simões, A. (1998). *Ideias de morte em crianças entre os cinco e os nove anos infectadas pelo vírus da Sida: Estudo exploratório através da prova "Era uma vez..."*. Monografia de licenciatura apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa.
- Simões, M. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Stein, M. (1948). *The Thematic Apperception Test: an introductory manual for its clinical use with adult males*. Cambridge: Addison-Wesley Press.
- Stocker, C. M. & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179-185.
- Szondi, L. (1972). *Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik* (3ª edição). Bern: Hans Huber.
- Tavares, R. (2001). *O medo da morte em crianças com doença oncológica*. Monografia de licenciatura. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Tomkins, S. (1947). *The Thematic Apperception Test*. New York : Grune and Stratton.
- Tuma, J. M. & Elbert, J.C. (1990). Critical issues and current practice in personality assessment of children. In C.R. Reynolds & R.W. Kamphaus (Eds.), *Handbook of psychological and educational assessment of children: Personality, behavior, and context* (pp. 3-29). New York: Guilford.
- Vrebos, D. (1998). *Étude d'une nouvelle épreuve thématique pour enfants: "Il était une fois..."*. Tese de licenciatura apresentada à Universidade de Liège, Bélgica.
- Winnicott, D. (1969). Objects Transicionnels et Phénomènes Transicionnels. In *De la Pédiatrie à la Psychanalyse* (pp. 109-125). Paris : Petite Bibliothèque Payot (Publicação original 1953).

Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. London: Tavistock.

Worchel, F. & Dupree, J. (1990). Projective Storytelling Techniques. In Reynolds, C. & Kamphaus, R., *Handbook of Psychological and Educational Assessment of Children – Personality, Behavior, and Context* (pp. 70-88). London: The Guilford Press.

Wyatt, F. (1947). The scoring and analysis of The Thematic Apperception Test. *Journal Psychology*, 24, 319-330.

Zimmerman-Tansell, C., Minchetti, T., Tacconi, A. & Tansell, M. (1978). The Children's Behaviour Questionnaire for Completion by Teachers in an Italian Sample. Preliminary Results. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 19, 167-178.

Zazzo, R. (1968). *Manual para o Exame Psicológico da Criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou.